

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM BOTÂNICA
CPG-BOTÂNICA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PLANTAS MEDICINAIS
NA REGIÃO DO ALTO URUGUAI-RS:
CONHECIMENTOS DE JOÃO MARTINS FIÚZA,
“SARAMPIÃO”.

Universidade Federal do R.G.S.
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
Departamento de Botânica
BIBLIOTECA

RODRIGO GASTAL DE MAGALHÃES

Universidade Federal do R.G.S.
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
Departamento de Botânica
BIBLIOTECA

Universidade Federal do R.G.S.
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
Departamento de Botânica
BIBLIOTECA

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do grau de
Mestre em Botânica - UFRGS

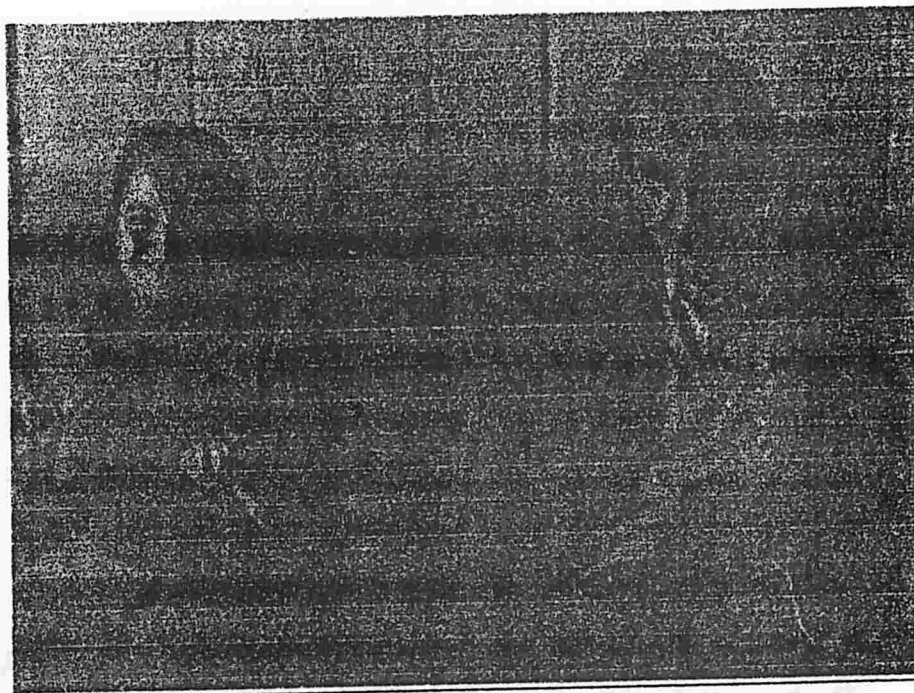
ORIENTADOR: BRUNO E. IRGANG

Porto Alegre

1997

“Não vejo porque a sabedoria, que é o precipitado das experiências comuns da vida, deva ser excluída das aquisições da ciência. O caráter essencial do trabalho científico não decorre da natureza especial de seus objetos de estudo, mas de seu método mais rigoroso de verificação e de sua busca de correlações extensas.”

Freud, S. “A Psicopatologia da vida cotidiana”
p.145, 1901.



Dedicado a Sarampião e Genair

AGRADECIMENTOS:

Em especial para Bruno Irgang, Rumi Kubo e Gabriela P. Coelho de Souza

Aos meus pais por minha formação e pelo apoio
A minha mãe pelas revisões, meu pai e minha irmã pela ajuda na impressão, e meu irmão nas figuras

Em Coronel Bicaco:

A Prefeitura na gestão 1992-1996
A Secretaria de Saúde do município na pessoa do Secretário Joaquim Goulart

Aos funcionários da Secretaria na pessoa de Dona Nelci

Pela amizade e acolhida:
Joaquim Goulart e Família
Luis Emílio e Família
Antônio Carlos e Família
Lelo, Miraci e filhos
Solange, César e filhos
Nélson Kerpel e esposa
Basílio Souza

Aos funcionários da EMATER
na pessoa de Érica

Aos amigos, professores, funcionários e colegas:

João Larocca, Dilton e Marilene, Eduardo Moreira, Nice,
Rodney Schmidt, Geraldo Coelho, Maurício de Souza, Shirley da Rosa, Norberto Jaeger

Cláudio Mondin, Prof. Rogério Bueno (*in Memoriam*), Prof. Nélson Matzenbacher,

Profa. Lilian Mentz, Profa. Elaine Elisabetsky, Profa. Maria Luiza Rodrigo Balbuena, Gabriela Petit, Chico Noelli, Marcos Sobral, Ricardo Mello, Leonardo Mendonça, Maria Aparecida dos Santos, Marcelo Maisonette, Dilma Nascimento, Ardiê, Alcides Moraes

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	vi
LISTA DE FIGURAS.....	vii
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
<u>1.INTRODUÇÃO</u>	1
1.1. BIODIVERSIDADE.....	1
1.2. SÓCIO-DIVERSIDADE.....	3
1.3.ETNOBIOLOGIA, ETNOBOTÂNICA, ETNOECOLOGIA.....	5
1.4.ETNOBOTÂNICA, ETNOFARMACOLOGIA, CONHECIMENTO POPULAR E A BUSCA DE NOVAS DROGAS.....	9
1.5.PESQUISAS EM PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL.....	14
1.6. CONTEXTO DA PESQUISA.....	16
<u>2.OBJETIVOS</u>	17
2.1.OBJETIVOS GERAIS.....	17
2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
<u>3.MATERIAL</u>	18
3.1.REGIÃO DE ESTUDO.....	18
3.2.OCUPAÇÃO HUMANA.....	19
3.3.FLORESTA ESTACIONAL DECIDUAL E SEMIDECIDUAL.....	21
3.4.PARQUE ESTADUAL DO TURVO.....	23
3.5.SARAMPIÃO.....	25

<u>4.MÉTODOS</u>	31
<u>5.RESULTADOS</u>	33
5.1 O INFORMANTE.....	33
5.1.1 A Colonização da região.....	33
5.1.2 As Profissões.....	34
5.1.3 O Aprendizado.....	38
5.1.4 A Cultura Guarani.....	42
5.2 A SAÚDE E DOENÇA.....	43
5.2.1 Concepção de Saúde e Doença.....	43
5.2.2 As Doenças.....	44
5.2.3 Consulta e Diagnóstico.....	49
5.2.4 Orações e Benzimentos.....	51
5.3. AS PLANTAS.....	51
5.3.1 Ambientes manejados.....	52
5.3.2 Coleta das Plantas.....	59
5.3.3 Espécies Cultivadas.....	60
5.3.4 Identificação Popular.....	61
5.4. O USO MEDICINAL.....	62
5.4.1 Os Remédios.....	62
5.4.2 Preparo dos Xaropes.....	63
5.4.3 Composição de Remédios.....	64
5.4.4 Uso de animais e outros ingredientes.....	64
5.4.5 Fichas das Plantas Mediciniais.....	72

<u>6.DISSCUSSÃO</u>	105
6.1 O APRENDIZADO E AS PRÁTICAS MÉDICAS.....	105
6.2 DOENÇAS.....	108
6.3 PLANTAS MEDICINAIS.....	110
6.4 HABITATS MANEJADOS.....	115
6.5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS ESPÉCIES UTILIZADAS.....	116
<u>7.CONCLUSÕES e CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	119
<u>8.BIBLIOGRAFIA</u>	121
<u>9.APÊNDICE</u>	151
9.1 FICHAS DAS EXSICATAS DEPOSITADAS NO HERBÁRIO ICN.....	151
9.2 TRANSCRIÇÕES DAS FITAS	156
<u>10. INDÍCE REMISSIVO</u>	170

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Plantas nativas do RS utilizadas medicinalmente por João M. Fiúza, Sarampião.....	53
TABELA 2: Plantas exóticas no RS utilizadas medicinalmente por João M. Fiúza, Sarampião.....	55
TABELA 3: Utilização medicinal de espécies nativas do RGS por João M. Fiúza, Sarampião.....	65
TABELA 4: Utilização medicinal de espécies exóticas no RGS por João M. Fiúza, Sarampião.....	70
TABELA 5. Referências bibliográficas das espécies nativas do RGS utilizadas por Sarampião.....	99
TABELA 6. Referências bibliográficas das espécies exóticas no RGS utilizadas por Sarampião.....	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sarampião.....	29
Figura 2: Mapa da Região.....	30
Figura 3: Famílias Utilizadas.....	56
Figura 4: Hábitos Espécies Nativas.....	57
Figura 5: Habitats das Medicinais.....	58
Figura 6: Parte Usada da Planta.....	71
Figura 7: N° de Espécies p/ Doença.....	72
Figura 8: <i>Herreria montevidensis</i>	98
Figura 9: <i>Gochnatia ramboi</i>	98
Figura 10: <i>Cyphomandra corymbiflora</i>	98
Figura 11: <i>Trimezia sp.</i>	98
Figura 12: Rizoma de <i>Maytenus ilicifolia</i>	104
Figura 13: Caule de <i>Anchietea parvifolia</i>	104

RESUMO

No Noroeste do Rio Grande do Sul, a região do Alto Uruguai é caracterizada por duas formações vegetais, Floresta Subtropical da Bacia Paraná-Uruguai e os Campos do Planalto. Esta Floresta, entrada dos Guarani no estado há 2500 anos, foi colonizada por imigrantes europeus a partir do final da década de 1910 e posteriormente, na década de 60, teve um incremento na sua derrubada com a “Revolução Verde” que ali implantou grandes monoculturas de soja e trigo. Única área protegida desta formação florestal, o Parque Estadual do Turvo possui 17.491 hectares. Antigo guarda-florestal, João Martins Fiúza ou Sarampião é um “curandor” descendente de Guarani e europeus, reconhecido na região.

Durante dois anos (1993-1995) foram coletadas, herborizadas e identificadas espécies utilizadas por Sarampião no preparo dos seus remédios. O material botânico foi depositado no herbário ICN-UFRGS. Foram feitas entrevistas livres e gravações para obtenção de informações relativas a nome popular da planta, doença em que é empregada, parte utilizada, forma de preparo e administração. Através da observação-participante acompanhou-se as consultas, o preparo dos remédios e a coleta das plantas medicinais. Resgatou-se a história do Sr. Sarampião, procurando identificar as fontes do seu conhecimento.

A diversidade do hábito (ervas, arbustos, arvoretas, árvores e cipós) e habitats das 86 espécies identificadas demonstra a riqueza do conhecimento do informante acerca da região e de seus recursos medicinais. A preparação dos xaropes, técnica mais utilizada, envolvia a decocção das plantas em água e álcool (vinho), e a adição de “temperos”, cravo, canela e açúcar. O levantamento de referências bibliográficas das plantas utilizadas visou esclarecer o grau de estudo das mesmas em relação a sua fitoquímica e farmacologia, bem como sua utilização nos países vizinhos e no Brasil, por populações indígenas e caboclas. Este levantamento é o primeiro passo para futuras análises das plantas endêmicas e nativas da região com potencial medicinal e um resgate da cultura Guarani no estado.

ABSTRACT

In north Western Rio Grande do Sul, the region known as Alto Uruguai is distinguished by two kinds of vegetation formations, Paraná-Uruguai Basin Subtropical Forest and Plateau Meadows. This forest, entry door for the Guarani Indians 2500 years ago, was colonized by european imigrants in a process which started in the decade of 1910 and, subsequently brought the consequences of the “Green Revolution” of the sixties, which devastated great areas of forest with soy and wheat belts. The only area which remains protected is the Turvo State Park, with an area of 17.491 hectares. A former forest ranger, João Martins Fiúza or Sarampião is a well known medicine man descending from Guarani Indians and European Colonizers.

During the years of 1993-1995 the species used by Sarampião in the making of his medicines were collected, herborized and identified. The voucher specimens were deposited at the ICN herbarium of Universidade Federal do Rio Grande do Sul. There were interviews and recordings to obtain information concerning the popular name of the plants, diseases applied to, the usable parts of the plants, methods of preparation and application. Through active observation, the appointments with the medicine man, the making of the medicines and the collection of the medicinal plants were observed. A research was conducted to rescue the history of Sarampião, trying to identify the sources of his knowledge.

The diversity of habits (weeds, shrubs, treelets, trees and tropical creepers/lianas) and habitats of the 86 species identified demonstrates the rich knowledge of the medicine man concerning the region and its medicinal resources. The decoction of plants in water and alcohol(wine) and the addiction of “seasoning”(carnation, cinnamon and sugar) took part in the preparation of the medicinal syrup, the most used technique. The bibliographic survey of the plants used had the objective of clarifying the degree of study in phytochemical and pharmacological information. It was also established relations with other sources of information about the use of these plants by other countries and groups of

indians, especially the Guarani. This survey is the first step for the future analysis of endemic and native plants of the region with medicinal potential and a rescue of the Guarani culture in the state of Rio Grande do Sul.



1.INTRODUÇÃO

1.1. BIODIVERSIDADE

Desde o ponto de vista biológico, a região Neotropical (Caribe e América-latina) se faz notável por dois motivos: é a área com a fauna e flora com maior riqueza de espécies do planeta e, é a região onde os habitats naturais estão sendo destruídos em um ritmo mais intenso (Toledo, 1987). Dos 1,4 milhão de organismos do planeta, já descritos, em torno de 10% vivem em território brasileiro. Este importante acervo de recursos genéticos constitui-se um patrimônio único no mundo, colocando o Brasil no grupo dos países chamados megadiversos. A diversidade biológica é a variedade de organismos existentes no planeta e inclui além da diversidade de espécies, a diversidade genética e a diversidade de ecossistemas (Solbrig, 1991). No Brasil existem 22% das espécies de angiospermas, 12% das espécies de anfíbios e 26% das espécies de primatas existentes em todo o mundo. No caso específico das angiospermas, o Brasil apresenta 55.000 espécies já identificadas, espalhadas nas 7 ou 8 formações vegetais ocorrentes no país. No que se refere às taxas de destruição de habitats elas também são elevadas. Na Amazônia, somente em 1987 foram destruídos 8.000 hectares de matas primárias, sendo as principais causas o garimpo, empresas madeireiras e atividades agropecuárias. A Mata Atlântica, apontada como uma das duas florestas tropicais mais ameaçadas de extinção, à época do descobrimento representava 12% do território nacional e hoje restam menos de 5% da cobertura original (Consórcio Mata Atlântica, 1992). No Rio Grande do Sul, de uma área florestal original entre 36, 75% a 40% (Rambo, 1956; Bettiol & Maslak, 1973 *apud* Irgang, 1983) na atualidade estima-se que apenas 2% da área do estado é florestada. Os remanescentes das matas originais são cada vez mais raros e em piores condições de conservação; as próprias áreas de conservação correm os mais diversos riscos de destruição (Irgang, 1983), o que acarretaria uma perda de recursos genéticos inestimáveis para o estado. As conseqüências desta devastação florestal, previstas por botânicos e ecologistas como Schultz em 1947 (1968), são cada vez mais visíveis, como a erosão dos solos agriculturáveis, declínio da produção agrícola, assoreamento dos rios levando a enchentes, etc... Testemunhas destas mudanças e principais prejudicados são os

habitantes de regiões tão diretamente afetadas, como a do Alto Uruguai (com. pess. Sr. Basílio Souza, ver apêndice no final). O Brasil possui 104 áreas protegidas por legislação federal, o que representa 2% de sua extensão territorial. Pode-se adicionar a estas 210 unidades de conservação estaduais. No entanto, a fiscalização destas áreas deixa muito a desejar. Também estas áreas não estão isentas de problemas de falta de recursos e manutenção comuns em toda esfera pública (Irgang, 1983). Uma solução adequada para o problema da conservação da biodiversidade deve implicar esforços que levem à melhor distribuição de rendas e terras no país. Sem isso, continuarão a ser invadidas áreas destinadas à conservação, que são muito mais vulneráveis do que os latifúndios improdutivos. Devemos lembrar que as unidades de conservação do Brasil, embora representem uma fração mínima de seu território, desempenham um papel crucial na estratégia de conservação (Mittermeier *et al.*, 1992).

Há no entanto uma compreensão crescente de que o modelo de Parques e Reservas não é por si só uma garantia na preservação da biodiversidade de determinada região e de que é necessário envolver as populações diretamente influenciadas pelas unidades de conservação, que sobrevivem graças à exploração dos recursos naturais, para que auxiliem nas estratégias de conservação e manejo das mesmas (Mittermeier *et al.*, 1992; Diegues, 1994; Posey *et al.*, 1984; Caballero, 1987). Estas populações são as mais interessadas na preservação destas espécies e possivelmente as principais aliadas dos cientistas para a elaboração das estratégias de manejo.

Wilson (1994) elaborou um plano básico para a preservação da biodiversidade:

1. Recensear a fauna e a flora do mundo;
2. Criar riqueza biológica (Fármacos, alimentos, etc...);
3. Promover o Desenvolvimento Sustentável;
4. Proteger a Biodiversidade restante;
5. Recuperar as áreas degradadas.

Este plano põe em evidência a importância das culturas indígenas e populares que pelo seu conhecimento das utilidades das plantas e animais de determinada região podem acelerar o segundo item do plano e pelo seu convívio com o ambiente por gerações podem ter boas sugestões de como levar adiante o terceiro item. O conhecimento acerca da biodiversidade de determinada região é parte integrante da

cultura das sociedades que habitam este espaço por muitas gerações, sem este conhecimento estas sociedades estariam pondo em risco a diversidade biológica local e/ou sua própria sobrevivência (Noelli, 1993).

1.2. SÓCIO-DIVERSIDADE

É importante ver que, como a diversidade biológica, a diversidade cultural também é pouco valorizada e também vem sendo impactada pelo modelo de desenvolvimento em vigor. Um levantamento estatístico realizado pelo Centro Antropológico de Documentação de América Latina (CADAL) levantou um total de 409 grupos étnicos em 1981. Isso significa que a diversidade cultural, desde o contato, se viu reduzida a um terço do total. Isto é consequência dos diversos processos de aculturação e extermínio sofrido pelos diferentes grupos culturais da América-Latina durante quase 5 séculos. No Brasil se estima que, entre 1900 e 1957, pelo menos 20 grupos étnicos desapareceram na Amazônia (Ribeiro, 1957 *apud* Toledo, 1987). Apesar disto, o Brasil possui na região a maior diversidade cultural, com mais de 200 grupos étnicos, seguido por Colômbia, Peru e México (Toledo, 1987).

Além das populações indígenas, identificam-se atualmente outros grupos que, por seu estreito contato com os índios e com o meio, assimilaram conhecimentos das utilidades e recursos propiciados pela flora e fauna nativas, além de técnicas que lhes permitem um adequado manejo dos recursos naturais renováveis. Na Amazônia são chamados caboclos, na Mata Atlântica são os caiçaras, há em todo país isolados africanos, descendentes de quilombos, e no Norte os seringueiros, em grandes reservas extrativistas. A todos estes grupos e alguns mais se denominou “Populações Tradicionais” que Diegues (1994) procurou caracterizar e donde destacamos algumas características:

“-Dependência da natureza, dos ciclos naturais, e dos recursos renováveis a partir do que se constrói um modo de vida”;

“-Conhecimento aprofundado da natureza e dos seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais. Este conhecimento é transferido de geração em geração por via oral”;

“-Importância das atividades de subsistência”;

“-Autoidentificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras.”

Estes grupos, como as populações indígenas, sofrem uma forte pressão por parte da sociedade envolvente por ocuparem áreas consideradas de grande interesse turístico, de expansão agrícola, etc...

Se a listagem de países megadiversos já é bastante restrita o é ainda mais a lista de países que possuem também uma alta sócio-diversidade.

ALTA SÓCIO-DIVERSIDADE

PAPUA-NOVA GUINÉ
NIGÉRIA
CAMARÕES
SUDÃO

COLÔMBIA
INDONÉSIA
ÍNDIA
AUSTRÁLIA
MÉXICO
ZAIRE
BRASIL

ALTA BIODIVERSIDADE

CHILE
PERU
MADAGASCAR
EQUADOR
MALÁSIA

(Toledo, com. pess., 1996)

Encontra-se o Brasil, pelo apresentado acima em condições privilegiadas para a execução do plano proposto por Wilson, e para a pesquisa para conservação de recursos naturais renováveis, pois à sua imensa biodiversidade soma-se a grande diversidade cultural representada pelas mais de 200 etnias que em mais de 10.000 anos de contato com o meio, desenvolveram um conhecimento apurado sobre as virtudes e utilidades de nossa fauna e flora, bem como formas de manejo e sustentabilidade nos diversos ecótonos que habitam. E, apesar disto há uma década atrás muitos pesquisadores se surpreendiam de que não obstante esta imensa riqueza florística e cultural, no Brasil quase não existiam investigadores dedicados ao estudo do conhecimento indígena e caboclo sobre os recursos da flora (Toledo, 1987; Elisabetsky, 1987a). Passados dez anos desta assertiva verifica-se que as mudanças, apesar de ocorrerem lentamente, estão se efetuando. Um exemplo disto são os diversos inventários etnobotânicos já realizados na região Amazônica com diversos grupos indígenas (ex: Kayapó, Urubu-Ka'apor, Tembé) que encontraram uma alta taxa de espécies consideradas úteis por estas populações (Anderson & Posey 1985; Balée 1986; 1987). Haviam entre esses recursos, fibras vegetais, corantes, plantas medicinais,

alimentícias, e outros usos mais diretamente ligados às culturas estudadas. A alta utilização sustentável da floresta, por parte destas culturas, indica possíveis pistas para seu uso racional.

Foi só a partir da década de 60 que a manutenção da biodiversidade despontou como preocupação dos preservacionistas (Diegues, 1994), aparecendo nitidamente na Estratégia Mundial para Conservação, da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, 1980).

Em documentos mais recentes da IUCN, como o “From strategy to action” (1988), já há uma preocupação com a manutenção da diversidade biológica e da sociodiversidade, o que também aparece em documentos nacionais (Consórcio Mata Atlântica, 1992; Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 1992). Esta preocupação tem reforços em trabalhos (Posey, 1987; Balée, 1992; Gomez-Pompa *et al.*, 1972), que afirmam que a manutenção e mesmo o aumento da biodiversidade biológica nas florestas tropicais e outros ecossistemas está intimamente relacionada com práticas tradicionais de manejo agro-florestal dos povos que ali habitam.

A Convenção sobre Diversidade Biológica, no seu artigo primeiro, enfatiza, entre seus objetivos, a necessidade de conservação da diversidade biológica, do uso sustentável de seus componentes e de uma justa e igualitária divisão dos benefícios advindos da utilização de recursos genéticos, incluindo o acesso apropriado a estes recursos e a transferência apropriada de tecnologias relevantes. Esta convenção confere soberania sobre os recursos biológicos a seus países de origem, reconhecendo as comunidades locais, mulheres e populações autóctones como agentes importantes no manejo da biodiversidade, antes de governos, advogados ou cientistas.

Na origem deste novo conceito de valorização da biodiversidade e sócio-diversidade se encontra uma nova área de pesquisa interdisciplinar que vem reunindo cientistas das áreas humanas e exatas.

✱ 1.3. ETNOBIOLOGIA, ETNOBOTÂNICA, ETNOECOLOGIA

➔ A Etnobiologia pode ser definida como “o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia” (Posey

1987a). Conhecimentos esses que abrangem as mais diferentes áreas da botânica, zoologia, ecologia, etc..., mas que no saber indígena, estão integrados formando “um amálgama de plantas, animais, caçadas, horticultura, espíritos, mitos, cerimônias, ritos, reuniões, energias, cantos e danças”, não se enquadrando nas categorias e subdivisões precisamente definidas dentro das Ciências Biológicas (Posey 1987a).

A Etnobiologia localiza-se numa área de fronteira da Antropologia com as várias áreas da Biologia. Sua origem na antropologia é a etnociência que, a partir da lingüística, busca entender como o mundo é percebido, conhecido e classificado pelas culturas indígenas e populações tradicionais (ribeirinhos, caiçaras, caboclos, etc). Com o aprofundamento das pesquisas, ficou claro o grande interesse e conhecimento destas populações em relação ao seu meio natural. Faltava aos antropólogos conhecimentos para dialogar com este saber, pois como já em 1962 salientava Levi-Strauss (1989), “Perante tanta minúcia e precisão, chega-se a deplorar que todo etnólogo não seja também um mineralogista, um botânico, um zoólogo e mesmo um astrônomo”. Estava criada a necessidade, assim, de um trabalho interdisciplinar que unisse antropólogos e biólogos.

Porém como colocava Gómez-Pompa (1987) “Desafortunadamente este conhecimento não tem sido utilizado devido principalmente à arrogância das culturas dominantes que não ignorado por séculos os avanços das sociedades “primitivas”, e pela carência nestas culturas de sistemas formais de escrita...”

E isto apesar deste saber ter nas sociedades contemporâneas um impacto, apenas nas áreas médicas, de oito bilhões de dólares, que as indústrias farmacêuticas americanas alcançam com a venda de remédios que contêm compostos isolados a partir de plantas cujo uso e propriedades foram documentadas em sociedades aborígenes de todo o mundo (Farnsworth, 1980; Schultes, 1984). Sem falar em cosméticos, cultivares de plantas alimentícias, produtos madeireiro, etc...que vem sendo reconhecidos e selecionados há séculos pelas culturas indígenas e que despertam hoje interesse de grandes empresas do ramo.

Uma das áreas principais da etnobiologia é a etnobotânica. O termo etnobotânica foi proposto primeiramente em 1896, por Harsheberger nos seus trabalhos com tribos indígenas norte-americanas a respeito das plantas usadas como alimentos,

abrigo e roupas, que definiu-o como “ o estudo das plantas usadas por povos primitivos e aborígenes” (Harsheberger *apud* Ming, 1995).

No Brasil sua origem pode nos remeter as informações coletadas por cronistas, viajantes e naturalistas nos primeiros séculos após a chegada dos europeus a este continente. Listas e inventários de plantas medicinais, alimentícias, mágicas, etc... utilizadas pelos indígenas sul-americanos já faziam parte dos primeiros documentos relatando as maravilhas do “Novo Mundo” e se enquadrariam no que, tradicionalmente, se considerava etnobotânica (Martius, 1884).

Era, a princípio, a etnobotânica originada por duas vertentes; uma, a botânica econômica, fundamentalmente interessada na descoberta e exploração de novos recursos vegetais e outra, a etnociência, interessada no papel das plantas dentro da cultura material e não material dos grupos indígenas. Tanto uma vertente como outra não se interessavam em alçar os olhos ao contexto regional e nacional em que a destruição dos ecossistemas e das populações indígenas ocorria. A concomitância dessas destruições esclarece ainda mais sobre o forte vínculo entre estas populações e seu ambiente, vínculo este, pela primeira vez reconhecido em um documento, na Carta de Belém, em 1988, fruto do primeiro Congresso da Sociedade Internacional de Etnobiologia, em que se estabeleceu um conjunto de princípios para pesquisa e trabalho com povos indígenas (Sociedade Internacional de Etnobiologia, 1992).

Em 1986, em Medellín, durante o IV Congresso LatinoAmericano de Botânica, realizou-se o 1º Simpósio de Etnobotânica com o tema: Perspectivas da Etnobotânica em Latino-América. Uma tônica dos trabalhos apresentados era o fato de, naquele momento, apesar da enorme diversidade florística e cultural no continente, a etnobotânica ainda se achava em uma etapa incipiente (Toledo 1987) e que não se havia ainda chegado a idéias e conclusões que respondessem adequadamente aos problemas metodológicos desta nova disciplina disputada por antropólogos e biólogos (Arenas 1987). Ou seja a etnobotânica sofria de uma “crise de identidade”, dividida entre suas origens e uma nova postura de comprometimento com as populações estudadas e com a preservação do ambiente (Martin 1987).

Como resposta a esta crise veio toda uma mudança de abordagens, fazendo com que se colocasse que a etnobotânica é uma ciência em transformação, salientando-se pontos fundamentais na sua definição atual: 1º. Sua natureza interdisciplinar; 2º. Sua

aproximação à ecologia, necessária na avaliação dos sistemas de manejos tradicionais; 3°. A ampliação de sua área de estudo até as sociedades camponesas e rurais; 4°. A necessidade de se trabalhar com inventários quantitativos; 5°. Princípios éticos do comércio de produtos e medicamentos a partir de conhecimento indígena (Prance, 1991).

O desenvolvimento de pesquisas multidisciplinares, envolvendo etnobotânicos, cientistas sociais e pesquisadores de outros campos, tem criado novas perspectivas para a etnobotânica (Balick, 1990) e percebe-se uma maior ênfase em abordagens, como as culturais, éticas, ecológicas (Ming, 1995). Tanto que atualmente se considera que inventários de plantas úteis ou medicinais, desprovidos de seu marco cultural respectivo, não constituem um trabalho etnobotânico (Arenas 1987). Uma definição atualizada da etnobotânica postula que ela é “o estudo da classificação, uso e gestão que o ser humano faz do reino vegetal.”(InfoMAB 22, 1995).

Como fica claro, pôde-se observar uma evolução conceitual acerca da etnobotânica, à medida que trabalhos foram sendo realizados (Ming, 1995). Novas metodologias foram sendo desenvolvidas, o campo de trabalho foi sendo ampliado, e a relação com as culturas estudadas mudou, passando estas de objetos de estudo para parceiros de pesquisa. De grande importância nestes estudos é a Etnoecologia, onde trabalhos interdisciplinares entre os Kayapó (Posey *et al.*, 1984; Anderson & Posey, 1985) e com grupos camponeses indígenas no México (Toledo, 1989) avaliaram diversos aspectos ambientais observados pelas comunidades indígenas. Do estudo de aspectos etnoecológicos pode-se fazer observações de como estas populações manejam o uso de recursos (Ming, 1995), manejo este que não inviabiliza a diversidade biológica e, em alguns casos, até a incrementa (Balée, 1992). Assim a etnobotânica pode vir a ter um papel na conservação dos sistemas regionais de autosuficiência e subsistência, através do resgate, da documentação e da promoção tanto das culturas indígenas como dos ambientes em que elas vivem e manejam (Martin, 1987) auxiliando assim na busca de alternativas para a diminuição da devastação dos ecossistemas e na viabilização das culturas indígenas no seu meio.

1.4. ETNOBOTÂNICA, ETNOFARMACOLOGIA, CONHECIMENTO POPULAR E A BUSCA DE NOVAS DROGAS.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 80% das pessoas nos países em desenvolvimento utilizam-se da medicina tradicional para sua saúde básica e que 85% desta medicina popular envolve o uso de preparações a base de extratos de plantas. Isto significa que entre 3,5 e 4 bilhões de pessoas no mundo todo se utilizam de plantas como fonte primária de drogas (Farnsworth 1988). Contrastando com essa informação está a de que até hoje não existe a nível mundial um estudo sistemático das plantas como fonte de novas drogas. Existem estatísticas assegurando que só 6 a 7% das mais de 250.000 plantas superiores tenham sido estudadas em alguma extensão nos seus constituintes químicos e/ou atividade biológica (Samuelsson 1989; Svendsen & Scheffer, 1982).

A idéia de que a natureza é ainda uma grande e inexplorada reserva de drogas potenciais talvez dê motivo a uma extensiva pesquisa por novos agentes medicinais. Uma série de resultados promissores tem sido obtidos, demonstrando que compostos com diferentes estruturas químicas tem atividade: alcalóides, lignanos, terpenos, flavonóides e outros (Strauch & Miller *apud* Svendsen & Scheffer, 1982). No entanto, até a década passada, apenas Japão e China demonstravam interesse na exploração industrial de plantas medicinais (Farnsworth, 1985). Na China, as plantas medicinais estão integradas no Sistema Oficial de Saúde e são utilizadas nos hospitais, onde 40% dos casos de atendimento de saúde primária são tratados com plantas, que já há algumas décadas são cultivadas e estudadas nos laboratórios chineses (Akerle, 1988; Svendsen & Scheffer, 1982).

Segundo Akerle é inquestionável que, atualmente, a medicina herbalista mundial desempenha papel fundamental e vital nos cuidados de saúde primária para a maior parte da população mundial, especialmente nos países de terceiro mundo. Sendo assim a catalogação ordenada dos vegetais utilizados pelo população para combater as enfermidades em uma determinada região, é de grande interesse do ponto de vista médico, fitoquímico e farmacológico, além do folclórico e o da avaliação dos recursos naturais (Martínez-Crovetto, 1981) podendo servir para sua conservação.

A partir deste contexto, em 1976 a O.M.S. abre espaços nos seus programas, encorajando os países a identificarem e explorarem aspectos da medicina tradicional que permitam, de forma segura, o uso de remédios e práticas efetivas em programas de saúde primária. Em 1978, a Conferência Internacional de Cuidados Primários na Saúde, organizada pela OMS e UNICEF em Alma-Ata, URSS, determinou aos seus membros em todos os países que iniciassem programas para identificação, avaliação, preparação, cultivo e conservação de plantas medicinais usadas nas medicinas tradicionais. Em 1988 a OMS, em associação com a Internacional Union for the Conservation of Nature and Natural Resources (IUCN) e a World Wildlife Found (WWF) reunidas na China, lançaram na Declaração de Chiang Mai o programa "Save Plants that Save Lives". Esta Declaração coloca as plantas medicinais, seu uso racional e sustentável e sua conservação, fortemente, na arena das políticas de saúde pública e privada (Akerele, 1988).

✗ Na atualidade, aproximadamente 119 substâncias químicas puras, extraídas de plantas superiores, são usadas como medicamento em todo o mundo (Farnsworth *et al.*, 1985). Estas 119 substâncias foram obtidas de 90 espécies de plantas, como por exemplo, quinidina do gênero *Cinchona*, os alcalóides vincristina e vinblastina extraídos de *Catharantus roseus*, o esteróide diosgenina extraído de uma *Dioscorea* mexicana, o alcalóide pilocarpina extraído de 4 espécies sul-americanas de *Pilocarpus*. É de se perguntar o quanto ainda pode ser descoberto nas mais de 250.000 espécies de plantas existentes.

Existem três principais formas de pesquisa de novos princípios ativos em plantas superiores: Uma delas é coletar aleatoriamente qualquer planta, de preferência fértil, preparar os extratos e testá-los para uma ou mais formas de atividade farmacológica. Este é o processo randômico e tem sido utilizado, por exemplo, pelo Instituto Nacional do Câncer dos EUA, que testou 35.000 espécies de plantas superiores. Princípios ativos de plantas que apresentaram um efeito encorajador foram extraídos e as pesquisas continuam em andamento (Cragg *et al.*, 1995). A pesquisa randômica, que era extensivamente aplicada para "screening" de microorganismos para antibióticos e que ainda é aplicada na busca de compostos anti-tumor, tem, em alguma extensão, sido substituída pela pesquisa baseada em princípios etnofarmacológicos (Svendsen & Scheffer, 1982).

O segundo método se apóia na quimiotaxonomia e busca a coleta de espécies de certos gêneros e famílias conhecidas como ricas em compostos biologicamente ativos, ou de que já tenham sido isolados constituintes farmacêuticos e medicinais, como alcalóides, glicosídeos, esteróides ou flavonóides (Balick, 1990). Uma metodologia fitoquímica-quimiotaxonômica forma a base de séries de importantes investigações em andamento (Svendsen & Scheffer, 1982). Famílias, por exemplo, como Apocynaceae, Loganiaceae e Rubiaceae são caracterizadas pela presença de alcalóides indoliridoidais.

Uma das principais abordagens atuais no desenvolvimento de novas drogas a partir de plantas se apóia na Etnobotânica e explora os conhecimentos das populações locais (comunidades rurais, populações indígenas, etc...) sobre os usos medicinais das plantas, examinando as preparações tradicionais (Farnsworth *et al.*, 1985). Dentro desta nova perspectiva se enquadra esta dissertação. As pesquisas são realizadas sobre informações coletadas junto a informantes-chave (curandeiros, benzedeiros, parteiras, etc...), pessoas com reconhecido conhecimento sobre o assunto e que precisam ser convidadas a cooperar com o projeto (Balick, 1990). A abordagem etnobotânica reconhece este processo como envolvendo dois componentes: 1º. O “pré-screen” cultural feito pelos nativos das plantas do seu ambiente. 2º. O filtro etnobotânico, no qual a informação sobre o uso específico das plantas é adquirida e introduzida no corpo do conhecimento científico através da pesquisa etnobotânica (Balick, 1990).

A disciplina denominada etnofarmacologia, (que vem a ser um ramo da etnobotânica), pode ser definida como “a observação, identificação, descrição e investigação experimental dos ingredientes e efeitos das drogas indígenas” (Holmsted and Bruhn, 1983). Para a etnofarmacologia os medicamentos tradicionais já “não são produtos naturais e sim artefatos humanos”(Evans-Pritchard *apud* Elisabetsky, 1991). Assim, a partir da análise de dados etnográficos sobre o uso das plantas medicinais, estabelecem-se hipóteses de trabalho em laboratório. É fundamental, portanto, entender-se os próprios conceitos de saúde e doença da população na qual se levantam as informações, pois tais conceitos são variáveis em cada cultura (Elisabetsky, 1987a).

Pesquisas etnofarmacológicas podem levar a descoberta de drogas que revolucionam a medicina por serem totalmente diferentes, em termo de estrutura química e/ou mecanismo de ação farmacológica, das já disponíveis (drogas-protótipo:

exemplo, o curare e seu impacto na cirurgia médica), também ao reconhecimento de novas ações terapêuticas em compostos já em uso para outros fins e utilizações de planta *in natura* ou de suas preparações galênicas simples, para o desenvolvimento de medicamentos de baixo custo (Elisabetsky, 1987). Além disso a etnofarmacologia, através do somatório das informações tradicionais com as farmacológicas, consegue um resultado de produção consideravelmente mais eficaz do que a busca randomizada de novas drogas na flora mundial (Balick, 1990), a qual provê a entrada de um novo fármaco no mercado farmacêutico, a cada 10.000 plantas estudadas (Elisabetsky, 1991). Estratégias de pesquisa e desenvolvimento baseadas, explicitamente, em informações populares e tradicionais, são verificadas no New York Botanical Garden (Balick, 1990) e em empresas como a "Shaman Pharmaceutical, Inc." (Balick *et al.*, 1996).

Das 119 substâncias derivadas de plantas, que são utilizadas na medicina alopata, 88 delas (74%) são utilizadas para os mesmos fins que na medicina tradicional e são resultado de estudos químicos que isolaram as substâncias ativas que confirmam seu uso na medicina tradicional (Farnsworth *et al.*, 1985). Este fato parece justificar totalmente esta abordagem como mais segura e eficiente na busca de resultados de novas drogas e compostos, pois como assegurou Schultes (1988): "existe um grande corpo de conhecimento das propriedades das plantas, o qual é conservado e compartilhado pelas populações das tribos indígenas. Este conhecimento é baseado em centenas de anos de experiência e é de grande interesse etnofarmacológico para nós."

Cientes disto, a partir da década de 90, grandes indústrias farmacêuticas dos Estados Unidos começaram a entrar no ramo de pesquisa de novas drogas a partir de produtos naturais. Entre elas estão grandes multinacionais como a Smith Kline & Beecham and Glaxo e a Merck Sharp & Dohne (Farnsworth, 1990), que fechou um acordo com uma entidade privada da Costa Rica para, em dois anos, fazer extratos químicos de plantas, insetos e microorganismos do solo das áreas de conservação daquele país, para que fossem feitas pesquisas em novas drogas. Do Brasil 8 mil quilos de folhas secas de *Pilocarpus* e do próprio alcalóide pilocarpina eram remetidos pela fábrica da Merck em Salvador para os Estados Unidos, onde em 1986 a pilocarpina teve vendas de 28 milhões de dólares. O preço do quilograma de folhas secas aqui no Brasil, girou durante a década de 80 em 0,28 dólares (Elisabetsky, 1991). Vincristina e vinblastina, alcalóides extraídos de *Catharanthus roseus*, planta ornamental oriunda de

Madagascar, que são usados para leucemia infantil, têm vendas anuais de mais de 100 milhões de dólares (Principe, 1989). Verifica-se o aumento de trabalhos integrados e em colaboração entre grandes companhias farmacêuticas e centros de pesquisas acadêmicas. Paralelamente, companhias de biotecnologia têm buscado atuação na identificação de compostos ativos vindos de plantas. Muitas empresas têm programas ativos de pesquisa em fármacos provenientes de plantas (Davidson *et al.*, 1996). Frequentemente companhias farmacêuticas têm investigado atributos úteis de uma planta conhecida por uma comunidade tradicional e posteriormente isolado o princípio ativo, vindo a patentear-lo.

A partir, então, da confirmação que vem sendo dada, através de pesquisas, aos conhecimentos tradicionais e indígenas a respeito de plantas medicinais e seu uso, muitos etnobiólogos e antropólogos estão se preocupando com os aspectos éticos de suas pesquisas (Elisabetsky & Posey, 1994). A Declaração de Belém em 1988 ressalta: “Sejam elaborados procedimentos para compensar os povos indígenas pela utilização de seus conhecimentos e de seus recursos biológicos” (Sociedade Internacional de Etnobiologia, 1992), pois muitas das culturas das quais os conhecimentos estão sendo coletados estão tão ou mais em perigo do que os ecossistemas em que elas vivem.

Posey (1990, 1995) vem se dedicando profundamente a discussão da proteção ao Direito de Propriedade Intelectual das Populações Tradicionais, e por uma justa compensação por seus conhecimentos acerca da diversidade biológica e ecológica do planeta, enfatizando que etnobiólogos deveriam priorizar o desenvolvimento de políticas que garantissem estes direitos aos povos indígenas.

‡ Elisabetsky (1991), questiona o fato de que o conhecimento tradicional, apesar de ser uma chave para o desenvolvimento de novos produtos farmacêuticos, não reverte para as populações que o detém qualquer tipo de benefício. Alertou para o fato de que desta forma se estabelece um novo imperialismo científico, pois informações e plantas são retiradas de uma região ou país, são estudadas e processadas no exterior e podem vir a render milhões de dólares, sem que um centavo reverta para as populações detentoras deste conhecimento. Nesta mesma linha, Kloppenburg Jr. (1991 *apud* Ming, 1995) criticou o fato de que, se uma informação é coletada dos povos tradicionais é considerada “Patrimônio Comum da Humanidade” enquanto que essa informação

processada em uma Universidade ou Laboratório particular, vindo a resultar um novo produto, é usada para proveito privado. Ainda que não existam considerações definitivas sobre essa questão, dada sua natureza recente e complexa, vem ocorrendo uma tendência na elaboração de procedimentos que garantam o reconhecimento da Propriedade Intelectual dos conhecimentos das comunidades tradicionais e a busca de uma forma condizente de retorno ou benefício quando houver um aproveitamento comercial originado delas (Ming, 1994).

As plantas medicinais são uma importante parte da herança biológica do planeta. As sociedades tradicionais têm um valor destacado nesta herança, o qual eles expressam através de sua íntima relação com a natureza (Akerele, 1988). Somente intensivos trabalhos de campo irão salvar informações etnofarmacológicas do desaparecimento, pois a etnobotânica e botânica são os primeiros passos que precisam urgentemente serem dados para a preservação destas informações e seu posterior exame crítico (Schultes, 1988).

1.5. PESQUISA EM PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL

Figuram entre os primeiros documentos que contêm informações escritas sobre nossa vegetação e as plantas aqui cultivadas pelos indígenas, as cartas de Nóbrega e Anchieta em 1549 e 1553 respectivamente. Thevet em 1558 descreveu e ilustrou várias plantas medicinais, indicando seus usos. Gabriel Soares de Souza no seu "Tratado Descritivo do Brasil em 1587" comentava das qualidades medicinais do fumo. Guilherme Piso e Marcgrave, vindos com Maurício de Nassau ao Brasil, publicaram em 1648 suas observações, nas quais tratam entre outras coisas das propriedades medicinais de diversas plantas. A partir do século passado as plantas medicinais brasileiras começaram a ser documentadas cientificamente por Caminhoá e por Martius (1884) que escreveu sobre nossas plantas medicinais, questões etnográficas e costumes de nossos indígenas. Gaudichaud esteve no Brasil várias vezes, a primeira em 1817. Em 1832 deu-se sua terceira visita ao Rio de Janeiro, dedicando-se em especial as plantas medicinais. Peckolt, nascido na Silésia, veio para o Brasil em 1847. No Rio, obteve o título de Farmacêutico e em 1868 publicou "Análise da Matéria Médica Brasileira". É autor também da "História das Plantas Medicinais e úteis do

Brasil” (Ferri & Motoyama, 1980). Neste século seu filho Peckolt continuou seus trabalhos e Pio-Corrêa (1926-1975) escreveu, o que segundo Toledo (1987), é o compêndio clássico sobre a utilidade das espécies da flora Brasileira.

No Rio Grande do Sul, bem como na região sul, existe uma carência de estudos científicos sobre as plantas medicinais, pois estes concentram-se mais nas regiões norte e nordeste do país. Exceção foi Manuel Cypriano D’Avila que estudou medicina na Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre e se graduou Doutor em 1910 com a tese “Da Flora Medicinal do Rio Grande do Sul.” Este trabalho, posteriormente, foi revisado a nível nomenclatural e teve informações atualizadas sobre o conhecimento fitoquímico e farmacológico das espécies indicadas, no trabalho de Lutzenberger (1985):

Ainda em meados deste século (1939-1954) muitas publicações nacionais divulgavam e pesquisavam as plantas medicinais brasileiras. Revistas como a “Tribuna Farmacêutica” de Curitiba, e a “Revista da Flora Medicinal” do Rio de Janeiro e também o “Jornal dos Clínicos” apresentam relatos de experimentos pré-clínicos e clínicos com extratos simples de plantas medicinais, bem como discussões acerca de identificação e divulgação das espécies brasileiras. Como em todo o mundo, esta linha de pesquisa, antes disciplina importante (Farmacognosia) nos cursos de Farmácia, cedeu espaço para o estudo de produtos sintéticos e quase desapareceu (Elisabetsky, 1987b) devido a que, nas décadas de 50 e 60, assistiu-se à explosão da indústria petroquímica em todo o mundo e produtos sintéticos passaram a ser obrigatórios em todos os campos, sejam industriais ou farmacêuticos.

Na atualidade este processo é de reversão, e resultados de pesquisa com plantas medicinais têm sido apresentados em Congressos Nacionais, como o de Botânica, em encontros bianuais como os do Simpósio de Plantas Medicinais que está no seu décimo terceiro encontro e nos encontros científicos anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) desde sua fundação em 1949. Nos últimos 20 anos, o número de comunicações em plantas medicinais tem aumentado numa taxa anual de 8%. Apesar das dificuldades presentes, está existindo um crescente número de jovens cientistas interessados em plantas medicinais (Souza Brito & Brito, 1992).

Em 1981 o Ministério da Saúde brasileiro, através da portaria nº 212, definiu o estudo de plantas medicinais como uma das prioridades de investigação em saúde. Em 1982 foi criado o Programa de Plantas Mediciniais da CEME com o objetivo do “desenvolvimento de uma terapêutica alternativa, com embasamento científico, através do estabelecimento de medicamentos originados a partir de determinação do real valor farmacológico de preparações de uso popular à base de plantas ditas medicinais.” Encontros Brasileiros de Fitoterapia em Serviço Público vêm se realizando desde 1988 (Ming, 1994) e o uso desta no Serviço Oficial de Saúde está ocorrendo na prática, recentemente, nos estados de São Paulo, Paraná e Pernambuco (Souza Brito & Brito, 1992). No Estado, publicaram-se os livros “Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul” com a participação de professores do curso de Farmácia e do Departamento de Botânica da UFRGS, somando-se recentemente, a este, a publicação “Plantas Mediciniais de Uso Popular. Atlas Farmacognóstico” (1995), que contou com a execução e colaboração de professores e acadêmicos do curso de Farmácia, da disciplina de Farmacognosia, onde foram estudadas 50 espécies de uso medicinal no Rio Grande do Sul, vindo estas duas publicações a preencher uma lacuna na bibliografia científica na área de plantas medicinais no estado.

✱ 1.6 CONTEXTO DA PESQUISA

A partir destes novos conceitos e necessidades buscou-se através deste trabalho fazer um levantamento das espécies medicinais de uma região no estado onde outrora ocorria uma pujante floresta e onde se estabeleceu um grupo indígena, os Guarani, de rematado conhecimento etnobotânico. Esta região, do Alto Uruguai, é caracterizada por duas formações vegetais: os Campos do Planalto e a Floresta Subtropical da bacia Paraná- Uruguai, que a partir da década de 60 sofreram forte ação antrópica com a chamada “Revolução Verde” que implantou na região grandes monoculturas de soja e trigo. Única área protegida desta formação florestal, o Parque Estadual do Turvo possui uma área de 17.491 hectares.

Neste trabalho nos apoiaremos em um descendente de Guarani e estudioso das ervas medicinais, João M. Fiúza, "Sarampião", nascido em Cruz Alta em 20 de Dezembro de 1897. Profundo conhecedor da Floresta Subtropical do Alto Uruguai e do

Parque Estadual do Turvo, em cuja área morou antes da efetivação do mesmo, após sua criação ajudou a manter como um dos mais antigos guardas.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVOS GERAIS:

- Contribuição ao conhecimento medicinal da flora regional;
- Ampliar os espaços para a interação entre conhecimento popular, tradicional e a Universidade;
- Buscar argumentos de valorização das poucas áreas de Floresta existentes no Rio Grande do Sul e na região do Alto-Uruguai bem como dos outros habitats estudados;
- Propiciar informações para pesquisas posteriores na área de etnofarmacologia, na busca de novos compostos farmacologicamente ativos;

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Levantar junto ao Sr. João Martins Fiúza: "Sarampião" as plantas medicinais utilizadas por ele;
- Fazer a identificação das espécies nativas e exóticas utilizadas;
- Registrar a forma de coleta, preparo e utilização das espécies;
- Caracterizar ecologicamente as espécies utilizadas quanto ao hábito e aos habitat;
- Contextualizar sócio-culturalmente a formação do conhecimento de Sarampião;
- Pesquisar a influência Guarani e Européia nas percepções de saúde e doença de Sarampião;
- Buscar, na bibliografia, referências de estudos fitoquímicos e farmacológicos das plantas utilizadas;
- Pesquisar a utilização medicinal, das plantas usadas por Sarampião, nos países vizinhos e no Brasil.

3.MATERIAL

3.1. REGIÃO DE ESTUDO

O trabalho foi realizado na região do Alto Uruguai, situada no extremo norte do Rio Grande do Sul, acima do paralelo 28° S. Limita-se ao noroeste com a Província Argentina de Misiones, a nordeste com Santa Catarina e ao sul com as regiões fisiográficas Campos de Cima da Serra, Planalto Médio e Missões. A maior parte do território do Alto Uruguai apresenta tipo climático Cfa2, com pequenas áreas Cfa1 e Cfb a leste. A precipitação média anual é superior a 1750 mm em toda a região, com uma faixa ao norte, ultrapassando 2000mm anuais, não se registrando deficiência hídrica. As ocorrências de geada são baixas, em torno de quinze anuais. O Alto Uruguai está localizado na formação Serra Geral do domínio geológico bacia do Paraná e província geomorfológica Planalto Basáltico. Os solos predominantes são os com horizonte B latossólico, mas apresenta manchas consideráveis de solos litólicos cambissolos e pequenas manchas de solos com horizonte B textural (Fortes, 1959).

Segundo Cabrera & Willink (1973) a região de estudo encontra-se sob o Domínio Biogeográfico Amazônico, na chamada Província Paranaense que abarca o extremo sul do Brasil, o nordeste Argentino e o Leste do Paraguai. A vegetação dominante é a Floresta Subtropical, mas sobre o Planalto se acham bosques de Araucária e também áreas de campos e campos serranos. O Distrito das Florestas é caracterizado por um estrato superior de árvores de 20 a 30 metros de altura, com estratos de árvores menores e um sub-bosque de bambus e fetos arborescentes. Já o Distrito de campos se caracteriza por uma dominância de gramíneas, com arbustos e arvoretas. Estas savanas se fazem mais extensas no extremo sul, formando uma engrenagem com o Domínio Chaquenho.

A área clássica, para a observação da mata pluvial e campo, situa-se no noroeste rio-grandense entre a latitude de 27° e 28° e a oeste a 53° de longitude; locais como Palmeira, Ijuí, Cerro Largo, Caaró e Campinas, estão situados nesta região, das quais os 3 últimos completamente isentas de pinheiros.

A mata de araucária, como maciço, forma a bordadura da mata pluvial em toda a extensão, bem como de forma geral avança em direção ao campo do leste e acompanham o vale dos rios. Considera-se que a mata de araucária, inicialmente, sofre a invasão parcial pela mata pluvial, depois é dissolvida e finalmente dominada (Rambo, 1980).

3.2. OCUPAÇÃO HUMANA

Os primeiros habitantes da região foram os indígenas. As pesquisas arqueológicas realizadas no médio vale do rio Uruguai encontraram, através de datações radiocarbônicas, vestígios de presença humana há 12.000 anos atrás (Kern, 1981). Ao longo deste período a região foi continuamente ocupada por povos caçadores-coletores que possivelmente deveriam realizar manejo ambiental visando ao aproveitamento vegetal para diversos fins. Embora ainda não tenha sido realizada uma pesquisa específica para identificar micro-vestígios de restos botânicos arqueológicos no noroeste do Rio Grande do Sul, é possível que seus ocupantes pré-históricos tenham manejado intensamente a floresta, tendo como exemplo o comportamento de populações caçadoras-coletoras atuais no mundo inteiro (Lee, 1969). A partir de 2.500 anos atrás, outras populações começaram a ocupar o Rio Grande do Sul, originárias da Amazônia (Guarani) e do Brasil Central (Kaingang). A rota de expansão Guarani, da Amazônia em direção ao sul do Brasil, se deu pelos vales dos grandes rios, como o Paraguai, Paraná, e Uruguai e seus principais afluentes (Brochado, 1984 *apud* Noelli, 1993). A rota Kaingang foi cumprida pelo centro dos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, até espalharem-se pelo sul do Brasil (Brochado, 1984 *apud* Noelli, 1993). Ambas realizavam agricultura de derrubada e queima, causando um impacto ambiental maior do que as populações caçadoras-coletoras. Como se pode constatar historicamente entre seus descendentes, trouxeram a tradição etnobiológica milenar amazônica para o Rio Grande do Sul (Noelli, 1993). Os primeiros grupos Guarani e Kaingang culturalmente distintos, entraram pelo norte do Estado, atravessando o rio Uruguai. Posteriormente, os Kaingang ocuparam o topo do planalto sul rio-grandense e os Guarani os vales dos grandes rios, seus afluentes, a Planície costeira e parte da Campanha. Suas técnicas de ocupação eram de penetrar profundamente, em pequenos

grupos, no novo território. Uma vez encontradas as condições ótimas para a sua técnica de produção de alimentos, nas várzeas dos grandes rios, em solos férteis e leves, cobertos de florestas subtropicais, o pequeno grupo inicial ia conquistando paulatinamente o território, através de contínua expansão pela fragmentação dos grupos (Brochado, 1975). Os Guarani não abandonavam as áreas anteriormente ocupadas, onde iam introduzindo suas plantas tradicionais de agricultura, medicinais e para outros fins trazidas da Amazônia. Ao mesmo tempo, a partir do estudo dos novos territórios conquistados, iam ampliando seus estoques florísticos com as espécies locais úteis às suas necessidades práticas e simbólicas. Estas práticas resultavam num intenso manejo da floresta influenciando a composição florística de grandes áreas. Entretanto, considerando o acervo de plantas introduzidas, também é possível verificar que muitas espécies desapareceram sem o cuidado humano quando as populações indígenas passaram a ser dizimadas pelos europeus (Noelli, 1993). É digno de nota, para futuras análises fitogeográficas, a constatação de que esses grupos mantinham-se vários séculos nos mesmos territórios e isso deverá influenciar na mudança de concepção a respeito da noção de “mata virgem” (Noelli, no prelo).

Esta região, devido a ter a maior zona contínua de floresta do Estado (Rambo, 1994) e a sua maior distância do litoral, foi a mais tardiamente colonizada no Rio Grande do Sul. Ali vieram a se estabelecer colonos italianos, poloneses e alemães a partir de 1917 (fundação de Santa Rosa). Já moravam na região descendentes de tropeiros sorocabanos, mais os caboclos miscigenados com indígenas que viviam do extrativismo florestal e de pequenas roças. As populações indígenas foram tendo diminuídas paulatinamente suas áreas de ocupação devido ao avanço dos imigrantes, até serem aldeados em reservas de tamanho não conforme com seu *modus vivendi*. A floresta da qual tiravam sua subsistência foi sendo destruída, o que afetou negativamente sua cultura; grande parte dos Guarani migrou para regiões florestadas da Argentina e Paraguai.

A destruição florestal da região iniciou pela exploração de recursos madeireiros. Madeiras nobres como cedros, angicos, grápias, guatambus eram cortados e lançados nos rios, de onde, em grandes balsas, as toras eram conduzidas rio abaixo, até as madeireiras estrategicamente colocadas, como a de Catuípe (Sarampião, com. pes.; Rambo, 1994). Como não houve o planejamento de reposição das espécies

exploradas, a floresta deixou de representar fonte de lucro e, gradativamente foi sendo substituída por lavouras (Albuquerque, 1977; Albuquerque, 1990). Os colonos, estabelecendo-se a partir da década de 30 nas regiões florestais, já imprimiram ali sua forma de vida, com derrubada das florestas para o plantio de seus cultivos e pastagens para os animais domésticos, o que veio a impedir a regeneração florestal. A partir da década de 60 com a chamada “Revolução Verde”, grandes monoculturas de soja e trigo, voltadas para exportação, se estabeleceram na região, conhecida na atualidade como “Região Celeiro”(IBGE, 1990; Feldens, 1989). Estas culturas, dependentes de grandes extensões de terras, maquinários e insumos químicos vieram trazer à região graves problemas ambientais, como o aumento das derrubadas de mato e campo nativo e a poluição de rios e mananciais (Feldens, 1989).

Nesta região, a maior expressão da acidentalidade dos terrenos acentua a perspectiva de degeneração dos solos sob culturas cíclicas, especialmente através do excesso do adubo mineral, erosão e perda de solo (toneladas de terra/ano são carregadas para os rios) (IBGE, 1990; Albuquerque, 1990; Feldens, 1989).

3.3 FLORESTA ESTACIONAL DECÍDUAL E SEMIDECÍDUAL

O Rio Grande do Sul é o limite sul da Floresta Pluvial Subtropical. Ela apresenta uma ligação ampla com a região coberta com mata no oeste de Santa Catarina e Paraná, bem como Misiones (Argentina) e Paraguai (Fig. 2). Em toda metade leste do Planalto, a mata pluvial limita-se rigorosamente aos vales dos rios. Na metade oeste, onde a altitude é muito menor, a mata pluvial passa também para o próprio planalto. Acompanhando o rio Uruguai na direção sudoeste, a mata pluvial avança mais para o sul; nas suas últimas ramificações até a margem sul do La Plata (Punta Lara), os afluentes, geralmente perpendiculares ao rio Uruguai (Turvo, Comandá, Ijuí), formam o caminho para o avanço da mata para leste. De seus vales que se situam no terreno pouco recortado, com pouca altitude, de 300 a 400 metros, as orlas dos matos estendem-se para ambos os lados, de forma que se dá sua união, a 20-30Km antes do rio Uruguai (Rambo, 1980).

De composição consideravelmente mais homogênea do que as associações da mata pluvial da encosta Atlântica, seus agrupamentos são caracterizados fitofisionomicamente por um número relativamente reduzido de árvores dominantes do estrato superior (Klein, 1972).

A área em geral, é tipicamente umbrófila, sem período seco e com bastante intensidade e regularidade pluviométrica. Seus índices térmicos determinam dois períodos bem distintos: um, de 4 a 5 meses, centrado no verão, com médias compensadas iguais ou superiores a 20°C e outro de 2 a 3 meses, centrados no inverno, com médias iguais ou inferiores a 15°C (IBGE, 1990). Durante a época hibernal, quando a quase totalidade das árvores componentes do estrato superior se encontram destituídas de suas folhas a floresta apresenta aspecto de mata decidual. Porém, formada alguns metros abaixo das copas das árvores altas, emerge uma cobertura arbórea mais densa, formada por um número relativamente pequeno de árvores, dentre as quais se sobressaem de modo expressivo as lauráceas. Constata-se assim, fenologicamente, dois períodos vegetativos bem definidos e distintos: o hibernal e o estival (Klein, 1972).

Quanto à estrutura, se podem distinguir com relativa facilidade nesta floresta três estratos ou sinúsias arbóreas, além de um estrato arbustivo, bem como um herbáceo. Os três estratos arbóreos são os seguintes: a) estrato de árvores emergentes do estrato superior (30 a 40 m), formado por espécies na sua maioria caducifólias como grápia, cedro, canafístula, angico, sem contudo formarem uma cobertura superior contínua; b) estrato de árvores (20 a 25m) perenifólias, como por exemplo os gêneros *Ocotea* e *Nectandra*, da família das lauráceas, bem como mirtáceas e meliáceas; c) estrato de arvoretas (6 a 15m) com o *Actinostemon concolor* e *Sorocea bonplandii* (Klein, 1972).

O clima, apesar de quente-úmido durante boa parte do ano, conserva, por apreciável período, caráter frio, capaz de imprimir restrições à proliferação e ao desenvolvimento de grande número de espécies tipicamente tropicais, à medida em que as floresta avança para o sul (IBGE, 1990). Por esta razão, na região do Alto Uruguai a floresta já esta bem mais pobre em espécies do que aquela que se encontra ao longo do rio Paraná, no estado do Paraná, e na parte oriental do Paraguai, não obstante ainda, apresentar o fácies próprio daquelas florestas. Diversas espécies arbóreas do Rio Paraná

não chegam até o rio Uruguai, entre elas *Aspidosperma polyneuron*, *Euterpe edulis* e *Ferreira spectabilis* (Klein, 1972). A ausência destas e de outras espécies perenifoliadas põe em evidência o caráter estacional desta região, manifestado pela quase integral decidualidade da cobertura superior da floresta (IBGE, 1990).

Rambo, em 1956, (1980) comentava que o estudo botânico desta região ainda deixava muito a desejar e que, dos coletores antigos da Flora Brasiliensis, nenhum havia penetrado nesta região. Não havia aquela época uma coleção mais ampla ou um reconhecimento florístico mais completo da mata no lado brasileiro. No entanto, em 1985, um inventário bastante completo foi realizado na área do Parque Estadual do Turvo, indicando a presença de mais de 700 espécies florestais (Brack et al., 1985).

A região, atualmente, encontra-se quase completamente destituída de povoamentos florestais. Os poucos povoamentos residuais (cerca de 4,2% do total original) encontram-se alterados e parcialmente descaracterizados. Os restos de floresta e de formações secundárias (capoeiras) concentram-se em terrenos com alguma limitação ao uso, quando não são reservas legalmente estabelecidas (IBGE, 1990).

3.4 PARQUE ESTADUAL DO TURVO

Dentro do contexto de destruição da Floresta Subtropical na região do Alto-Uruguai, o Parque Estadual do Turvo (P.E.T.) constitui-se na atualidade, o único remanescente, representativo e preservado desta formação vegetal (Irgang, 1980), servindo como um derradeiro abrigo de diversas espécies da fauna da região (Albuquerque, 1977). O Parque foi criado em 1947 como reserva Florestal (Decreto Estadual nº 2312), passando a condição atual em 1954 (Lei Estadual nº 2440), sendo administrado pelo Departamento de Recursos Naturais Renováveis (D.R.N.R) da Secretaria Estadual de Agricultura. É uma das Áreas Núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no estado e está incluído no Tombamento da Mata Atlântica e Ecossistemas Associados, no RGS (Vasconcellos no prelo; Diário Oficial, 1992). O P.E.T. figura entre as mais importantes áreas protegidas de Floresta Subtropical no continente, sendo a maior área já estabelecida desta formação (Guadagnin, 1994).

O Parque, com uma área de 17. 449 hectares, representa 50% da área do município de Derrubadas, localizado no noroeste do Rio Grande do Sul, na divisa com

o Estado de Santa Catarina e a República Argentina, através do Rio Uruguai. Está compreendido entre as coordenadas 27° e 27° 20' de latitude sul e 53° 40' e 54° 10' de longitude oeste (Fig 2). Houve também, antes da efetivação do mesmo, exploração madeireira registrada em fotos e sobre a qual existem muitos relatos orais. Na área do Parque também foram encontrados registros de ocupação indígena, havendo um cemitério numa área de visitação, onde se construiu um banheiro, possivelmente tendo destruído material indígena. (Guadagnin, 1994). Na área do P.E. do Turvo ainda ocorre o Salto do Yucumã, onde o rio Uruguai apresenta uma fenda longitudinal de 1800m de extensão com quedas de até 12m de altura (Vasconcellos no prelo), local de intensa visitação durante o verão.

O Parque esta na isoietia que apresenta, em média, precipitação pluviométrica acima de 1900 milímetros anuais, sendo que o maior volume de chuvas ocorre nos meses mais quentes. Quanto à temperatura, está compreendido nas isotermas de valores mais altos para as máximas e mais baixos para as mínimas do Estado, sendo a amplitude anual acima de 19° C. Como é comum para todo o vale do Alto-Uruguai, a grande nebulosidade reduz os valores de insolação em até 50% do máximo possível. Assim, temos para a região, uma média de 2100 a 2200 horas anuais de insolação (Albuquerque, 1990). O solo é argiloso, pobre em quartzo, rico em ferro e manganês, cor vermelho-escuro, com pouca profundidade média, drenagem rápida e muito suscetível à erosão.

Quanto à preservação da biodiversidade, foram inventariadas no Parque 727 espécies de plantas vasculares (Brack *et al.*, 1985), 221 espécies de aves e 34 espécies de mamíferos de médio e grande porte. Ademais o P.E. do Turvo apresenta 32 espécies de plantas vasculares de ocorrência restringida no estado do Rio Grande do Sul, uma delas, *Dyckia brevifolia*, ameaçada a nível nacional e 26 enumeradas no apêndice II do Cites e entre as aves, dez (10) espécies ameaçadas a nível nacional e internacional. Estão presentes no P.E.T. 12 espécies de mamíferos ameaçados ao longo de toda sua área de distribuição (Guadagnin, 1994).

A vegetação é, na sua maioria (90%), de floresta Subtropical, ocorrendo também vegetação rupestre nos campestres (afloramentos rochosos); vegetação reófila nos lajedos sujeitos a inundações, à beira do rio Uruguai, e vegetação de banhado, além de formações antrópicas (Brack *et al.*, 1985). O Parque Est. do Turvo oferece condições

ótimas de cobertura vegetal em 81,78% de sua área, apresentando em 90,60 % de seu território formações primárias (Guadagnin, 1994).

Apesar de toda sua importância o Parque do Turvo vem, por muitos fatores, tendo posta em risco sua continuidade: desde por falta de infra-estrutura para a execução dos Programas de Manejo até pela falta de uma Zona Tampão que proteja as nascentes dos arroios que deságuam no seu interior e que levam agrotóxicos, detritos urbanos e agropastoris para dentro do Parque, bem como por elementos da fauna que, saindo dos limites deste, são freqüentemente abatidos, quando não são caçados dentro dos limites do Parque, de onde também é retirada madeira clandestinamente. Existe ainda, a ameaça, pela Eletrosul, da construção da Barragem do Roncador, no Rio Uruguai que, se concretizada, inundará 25% da região do Parque, afetando por completo a área de presença de *Dyckia brevifolia* nos lajedos à beira do Rio Uruguai, diminuindo em mais de mil hectares a área de floresta e ocasionando a perda de conexão com o Parque de Moconá na Argentina, o que inviabilizaria as populações de mamíferos de grande porte e de diversas espécies de aves que ocorrem no Turvo (Guadagnin, 1994; Vasconcellos, no prelo).

3.5 SARAMPIÃO

João Martins Fiúza, SARAMPIÃO, nascido em 20 de Dezembro de 1897 em Ibirubá, então distrito de Cruz Alta, filho de José da Silva Fiúza e Inocência Martins descendia, por parte de pai, de franceses e alemães e da mãe, de negros e paraguaios (indígenas).

Desde cedo acompanhou a mãe enfermeira pelas ruas de Cruz Alta, carregando a botica e auxiliando nos partos. Naquela época receitavam as homeopáticas Souza Soares, compostas de 36 remédios que vinham de São Paulo nas carretas de boi que levavam e traziam mercadorias entre os dois estados. Além da mãe, dois tios maternos também trabalhavam com remédios. Criado neste meio e desde cedo desenvolvendo um grande interesse pela cura e saúde das pessoas, Sarampião devorava toda literatura médica que chegasse ao seu alcance. Entre estes livros, lidos na juventude, estão os “autores” ainda hoje citados por ele, livros paraguaios de fitoterapia com ilustrações e receitas, utilizados por ele no seu dia-dia. Em 1914, ano do início da

Universidade Federal do R. G. S.
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
Departamento de Botânica
BIBLIOTECA

Universidade Federal do R. G. S.
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
Departamento de Botânica
BIBLIOTECA

1ª guerra, Sarampião serviu o exército no batalhão do Tiro Brasileiro, na cidade de Cruz Alta.

Em 1917, a família Martins Fiúza sai de Cruz Alta em direção ao noroeste do estado, em busca de um novo lugar para morar. Sarampião, seu pai e um alemão amigo da família vão na frente no lombo de burro, chegando à costa do Uruguai, nas fontes térmicas das Águas do Mel (atual Iraí) onde barcos atracavam para buscar o lodo, rico em enxofre. Pelo caminho haviam cruzado pelo lugarejo do Barril (atual Frederico Westphalen). Já com toda família reunida, incluindo avós, tios e tias, passam por Palmeira, pelo Passo Grande e indo além da Boca da Picada, se embrenham no sertão. Nesta viagem levam cabeças de gado, vara de porcos e 5 carretões com a mudança de toda família, sendo quase 20 pessoas a se deslocarem. Terminaram por se estabelecer em Herval Seco, onde moraram menos de um ano, pois a casa comprada pela família não era na verdade da pessoa que a vendera a eles e o verdadeiro dono aparecera, pedindo o imóvel de volta.

Em 1918 vão então morar no Braga e se estabelecem novamente no interior em área ainda pouco habitada. Lá, a mãe cura o irmão de Sarampião da gripe Espanhola, que grassou por todo o Brasil naquele ano. Ficam no Braga também o ano de 1919 mas já no ano seguinte, com o surgimento de boatos sobre a revolução, decidem se internalizar mais no sertão, adquirindo um lote na costa do Uruguai onde também comprara terras o Capitão Maragato, José Domingo, amigo da família Fiúza.

Em 1920 cruzam pelo vilarejo do Pari (atual Tenente Portela) e chegam nas corredeiras do Macaco Branco, se estabelecendo no Salto do Yucuman. O isolamento da nova morada acaba levando a que, em 1922, devido à impossibilidade de se adquirirem os remédios Souza Soares, seu Sarampião passe a se dedicar exclusivamente aos remédios das ervas. Isso é mais do que estimulado pelos recursos disponíveis ao seu redor. A verde mata os cerca por todos os lados, muitas das plantas são reconhecidas pela sua avó Paraguaia e também por sua mãe. Sarampião dedica-se ao novo estudo. Os remédios Souza Soares são substituídos por ervas com ação correspondente. Briônia passa a ser igual ao poejo. No lugar de beladona para dor de cabeça, melissa e assim por diante.

Em 1923 explode a revolução no Rio Grande do Sul. A suspeita de fraude na eleição de Dezembro de 22 faz com que se levantem Maragatos contra Chimangos.

A família Martins Fiúza, que pensara ter se livrado da disputa, é envolvida e obrigada a fugir pelo rio. Levam, de barco, tudo o que podem, animais, móveis, etc... mais uma vez perderam a casa em que moravam. A família vai temporariamente para a barra do Paraíso na Argentina, colônia perto de Monte Agudo, onde se estabelecem junto a outras pessoas também fugidas da revolução. A revolução rapidamente é abafada e muitos maragatos acabam por perder suas terras e propriedades.

Em 1924, Sarampião visitava parentes no interior de Ijuí, em Ajuricaba, quando, ao voltar para casa, é capturado pelos revoltosos da Coluna Prestes que passavam pela região, vindos de Santo Ângelo. A coluna se internava no sertão, procurando alcançar a fronteira no rio Uruguai. No caminho iam arregimentando quem encontrassem, pois a força governista estava no seu encalço. Seu Sarampião, capturado nos últimos dias de 1924, logo cedo passou pela prova de fogo que foi a batalha da Ramada, nos primeiros dias de 1925. Apesar do entrave a coluna continua a avançar mas, pelo caminho, os piquetes vão se separando. O grupo no qual Sarampião estava se separa do grosso da Coluna e, atravessando o rio Uruguai, chega na localidade de Monte Agudo, um pouco abaixo da barra do rio Turvo, na Argentina. Neste local já moravam muitos gaúchos imigrados durante a Revolução de 23, entre eles familiares de Sarampião. Lá, sob o comando do Capitão José Domingo, o piquete se reorganiza e alguns dias depois 100 homens partem tentando alcançar a Coluna Prestes. No caminho vão encontrando os batalhões de governistas sempre em maior número. Na 1ª batalha o Capitão se extraviou, morto ou ferido, mas o piquete prossegue. As derrotas se sucedem; ao cruzarem o Iguaçu, o grupo se acha reduzido a apenas 5 homens que acabam por entrar Paraguai adentro. Caminhando por dentro dos matos chegam até o povoado de Encarnación, onde se estabelecem.

Em Encarnación, Sarampião recomeça uma vida nova. Casa com Maria Gonçalves, filha de um amigo, e com ela tem seu primeiro filho, Joãozinho Fiúza. Em Encarnación, ele viveria até o ano de 1930 quando, ao ser testemunha num caso de adultério foi obrigado a fugir durante uma briga que, envolvendo as duas partes, quase lhe custou a vida. Ouvindo ainda os tiros a suas costas, Sarampião entrou mato adentro e partiu em direção a Puerto Rico, cidade Argentina à beira do Rio Paraná. À noite, no meio do mato, Sarampião ia se guiando pelo tronco liso das árvores que lhe indicavam o lado norte. Na barra do Piray cruza o Paraná; do outro lado encontra uns carreiros, o

que lhe mostra estar perto de algum porto mais habitado. Prossegue sua caminhada, mas pouco tempo depois começa a ouvir gritos no meio da mata e os índios caem em cima dele, capturando-o. Sarampião é desarmado, despido e seqüestrado, sendo levado pelos índios para o toldo (Fig.2). Conhecendo um pouco da língua Guarani, aprendida com seus avós, consegue se comunicar com os índios, que se autodenominam Sucurús. Vive em meio ao grupo durante quase um ano, aprendendo com eles mais sobre plantas medicinais do mato, preparo e manutenção de bebidas, alimentos, roupas, etc... Sarampião, no entanto, desejava fugir. Durante muito tempo foi planejando esta fuga, pois raramente ficava sozinho durante muito tempo. Com um machado de pedra foi construindo uma pequena balsa que escondia na margem do rio. Uma noite em que houvera uma comemoração, com o pretexto duma dor de barriga, entra no mato e começa a correr em direção à margem do rio. Pega a balsa escondida e se joga com ela dentro do rio Paraná. Durante o resto da noite vai controlando, com braços e pernas, o rumo da balsa que desce o rio. Seminu, barbudo e cabeludo chega enfim aos primeiros moradores que, apesar de assustados, ouvem ele contar sua história e lhe arranjam roupas e comida. Sarampião descobre estar perto de Puerto Dorado, 25 Km mais ao norte de Puerto Rico, seu destino original. Em Puerto Dorado fica durante seis meses, vindo nesta época até Cruz Alta para refazer seus documentos perdidos. Depois, acaba por se estabelecer na colônia Paraíso, na Argentina. No Paraíso, trabalhava como distribuidor de madeira, levando em balsas pelo rio Uruguai madeiras de lei de várias espécies para portos como o de Rio Branco-RS, onde seus irmãos tinham uma madeireira. Sarampião nesta época era "censador" em Monte Agudo, testemunha de todo os óbitos e casamentos ocorridos na colônia Paraíso. Em Monte Agudo viria a se casar novamente e teria mais muitos filhos. Também na Argentina trabalhou como contrabandista, trazendo e levando produtos como lenços de seda, remédios e especiarias entre os portos de Monte Agudo, costa do Uruguai e Puerto Dorado, costa do rio Paraná. No lombo de um cavalo, conduzindo de 4 a 5 burros com as mercadorias, Sarampião viajava 5 a 6 dias dentro do sertão. Andava por trilhas no meio da mata levando mais de dois dias para chegar em um vilarejo chamado Fracã na Argentina. Depois mais dois dias de caminhada até chegar na Várzea Grande, mais meio dia de cavalgada e chegava então no rio Piray-mini; atravessando-o estava no Puerto Dorado, onde existia o maior comércio da região, com grandes guindastes para o transporte das

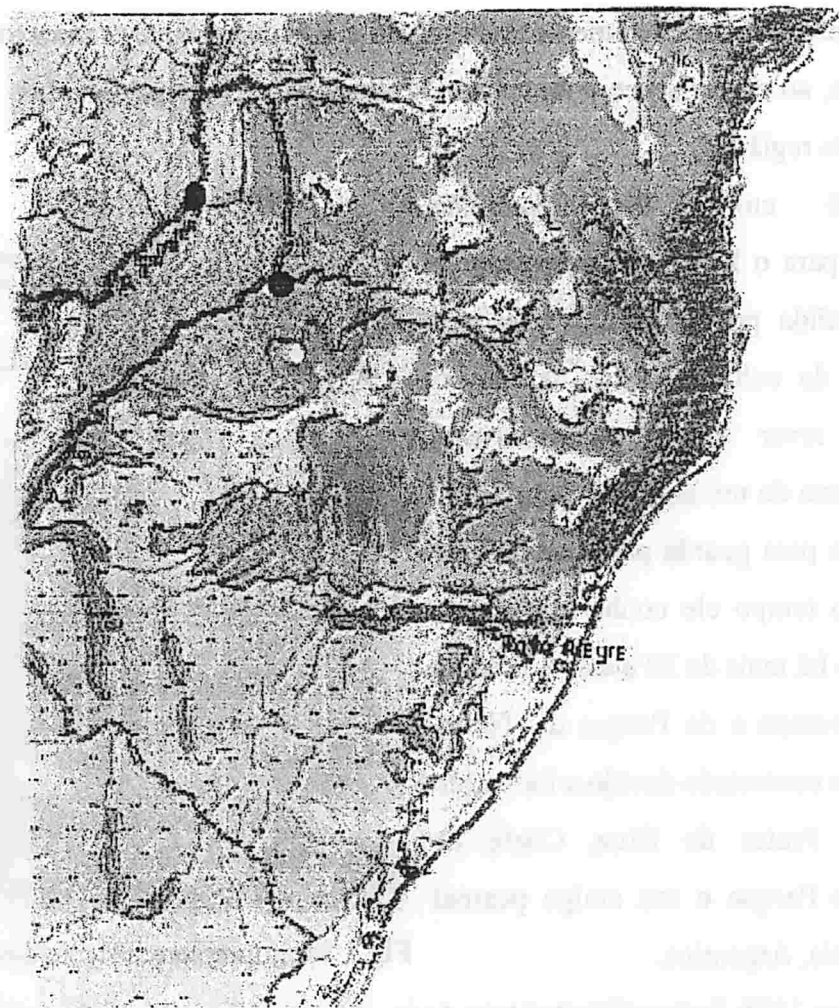
toras de madeira, principal produto comercial. Nestas viagens Sarampião acabou por adquirir um profundo conhecimento da região e sua fauna e flora, conhecimento que hoje ele passa, ao contar sobre noites dormidas no mato, seu contato com os “tigres” e outros seres da região.

Só em 1946 Sarampião desmigraria para o Brasil. Favorecido pela anistia concedida por Getúlio Vargas aos participantes da coluna Prestes, voltou ao Brasil para rever seus parentes. Neste mesmo ano, ano de um eclipse solar, viria a ser contratado para guarda parque da região que há muito tempo ele conhecia e aonde havia morado há mais de 20 anos, a área do Salto do Yucuman e do Parque do Turvo. Sarampião foi contratado devido a indicação de Rosalino Prates da Cruz, Chefe de Disciplina do Parque e seu amigo pessoal do Porto Garcia, Argentina.



Fig.1 Sarampião em Derrubadas, 1982

Em 1976 Sarampião se aposentaria, depois de prestar 30 anos de serviços como Guarda parque e guarda porto, tendo que, por muitas vezes, defender com o risco da própria vida o Parque de caçadores, contrabandistas e assassinos que buscavam refúgio nas matas do rio Uruguai. Residia nos últimos oito anos no município de Coronel Bicaco-RS, cidade onde também reside seu irmão Luis Fiúza. Em 1993 Sarampião seria agraciado com o título de cidadão Portelense, numa clara demonstração do reconhecimento da comunidade a uma vida inteira de serviços e conhecimentos em benefício de todos. Em outubro de 1995 Sarampião viria a falecer, junto à sua família, em Novo Hamburgo.



- Floresta Subtropical da Bacia do Paraná-Uruguai
- Parque Estadual do Turvo
- Município de Coronel Bicaco -RS
- Provável localização dos Guarani-Sucurú na Argentina

Figura 2: Mapa da Região.

Adaptado de Hueck (1972)

Escala: 1: 8.000.000

4. MÉTODOS

A pesquisa etnobotânica é composta por duas facetas principais: a coleta das plantas e a coleta das informações sobre os usos destas (Amorozo, 1996). As metodologias de coleta de informações utilizadas são oriundas da Antropologia, que, somando-se às metodologias clássicas de coleta e identificação do material botânico, conformam o trabalho etnobotânico. Ming (1995), em sua tese, realizou uma revisão dos métodos em Etnobotânica salientando como Prance (1991) a mudança de metodologias e de abordagens que esta disciplina vem experimentando.

Durante o período de junho de 1993 a julho de 1995, foram realizadas diversas idas (bimestrais ou trimestrais) ao Alto-Uruguai, mais especificamente ao município de Coronel Bicaco, onde residia o Sr. Sarampião. Nestas saídas estabeleceu-se um convívio com Sr. Sarampião, tanto nas viagens que ele realizava para busca das plantas medicinais, como no seu dia-a-dia de “curandor”, em sua casa. Este contato possibilitou uma confiança e a informalidade necessárias para a boa realização do trabalho (Forero-Pinto, 1980 *apud* Etkin, 1989; Amorozo, 1996). As estadias no município de Coronel Bicaco tiveram apoio da Prefeitura do município, em especial da Secretaria de Saúde. Isto permitiu trabalhos de campo mais longos, de até duas semanas.

Contatos dos professores do Departamento de Botânica com este senhor, nos trabalhos realizados no P.E. do Turvo, resultaram até em um levantamento preliminar, no ano de 1982, por professores do curso de Farmácia (Profª Lilian Mentz), das plantas utilizadas por ele. Espécies identificadas neste levantamento que não foram novamente citadas por Sarampião constarão na listagem destacadas em negrito.

O primeiro passo deste trabalho foi a identificação de João Martins Fiúza, Sarampião como o informante-chave (Lipp, 1989; Etkin, 1993), ou seja uma pessoa privilegiada nos seus conhecimentos sobre a flora medicinal da região de estudo. E a disposição de se trabalhar para documentar a *matéria medica* deste curandor (Balick, 1990).

Foram realizadas saídas a campo no município de Derrubadas, no Parque Estadual do Turvo e no sítio de seu Pedro, filho de Sarampião, bem como no município de Coronel Bicaco em locais que apresentavam fragmentos de Floresta e campo nativo.

Foram coletadas, herborizadas e identificadas as espécies vegetais nativas e exóticas utilizadas por Sarampião no preparo dos seus xaropes. Destas plantas foram feitas exsicatas e levantadas algumas informações preliminares referentes à forma de coleta e habitat.

Para coleta das informações foram utilizados um microgravador Sony M-405 e agenda de campo. Foram feitas entrevistas-livres e entrevistas não-estruturadas onde foram coletadas informações a respeito das plantas, dos remédios, etc... As entrevistas não estruturadas referem-se a questões abertas que permitem ao entrevistado elaborar e detalhar as respostas (Etkin, 1993).

Foram acompanhadas, dentro da metodologia de observação-participante, a coleta das plantas medicinais, as práticas médicas (consultas aos pacientes e procedimentos de diagnóstico), e o preparo dos remédios (Croom Jr., 1983). A observação-participante representa um envolvimento nas atividades cotidianas do informante e/ou da comunidade, com o objetivo de perceber os detalhes do dia-a-dia, num nível conceitual e experimental (Etkin, 1993; Amorozo, 1996). Este contato possibilitou caracterizar estas etapas mais detalhadamente.

Foram realizadas entrevistas com amostras de plantas, nos casos em que algum material era coletado sem a presença de Sarampião (Alexiades, 1993 *apud* Ming, 1995). Era apresentada a planta a ele e perguntado se a conhecia e sendo afirmativa a resposta, se ele a utilizava de alguma forma. Através de entrevistas livres resgatou-se a história de vida do Sr. Sarampião, procurando caracterizá-lo, identificando as origens do seu conhecimento ("background cultural"), e seu conhecimento a respeito da região (Croom, Jr., 1983). Especial atenção foi dada à forma como ele encarava o processo de doença e da saúde no ser humano.

As informações foram organizadas na forma de tabelas, uma relacionada às plantas e outra relacionada aos remédios. Na primeira consta: Identificação científica, família, nome popular, habitat e hábito. Na segunda tabela colocou-se, nome científico, parte utilizada, para qual doença, forma de preparo e administração. Levantamento bibliográfico das plantas foi feito em periódicos e teses na Biblioteca da Faculdade de Farmácia-UFRGS, buscando compilar dados sobre o seu uso medicinal no Brasil e nos países vizinhos, em populações caboclas e indígenas, além de referências sobre pesquisas da fitoquímica e farmacologia das mesmas. Fichas individuais para as

plantas serão apresentadas com dados de herbário, distribuição e outras informações a respeito das mesmas.

As plantas coletadas foram identificadas com auxílio de bibliografia especializada, comparação com exsicatas do herbário ICN da UFRGS e, quando necessário, consulta aos especialistas botânicos em determinadas famílias. As exsicatas foram depositadas no Herbário ICN do Departamento de Botânica-UFRGS.

5.RESULTADOS

5.1 O INFORMANTE

Como primeira parte dos resultados, se fará uma caracterização de João Martins Fiúza, procurando perceber em que contexto cultural e ambiental se deu sua infância e juventude, época importante no seu aprendizado na profissão de “curandor”.

5.1.1 A COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DA ALTO-URUGUAI

Nascido em Ibirubá, Cruz Alta, Sarapião viveria nesta cidade seus primeiros anos de vida. A partir de 1917 a família Martins Fiúza sai de Cruz Alta em direção ao noroeste do estado se embrenhando na Floresta Subtropical.

“O ano 14 quando eu servi no exército, o tempo da guerra na Alemanha, a 1ª guerra, eu servi no Tiro Brasileiro. Tava em Cruz Alta. E depois que eu servi, nós tratamo de vê se vinha prá cá, pro sertão, aí no ano 18 nós viemos. Não existia Iraí nem Frederico. Era tudo sertão. E nós fomos até o Pequiri. Chamava Água do Mel, cavocava o barranco, saia os barril de enxofre, prá remédio, tomava banho naquelas águas mornas, meio salobra, tinha enxofre. Esse é outro causo que dá prá conta e o povo pode duvidar, como os bugre.”

Sendo, com sua família, um dos primeiros colonos a chegar na região, Sarapião falava um pouco do que havia encontrado.

“... a boca da picada era no Jesus Castanho, prá lá da boca da picada era só mato, no cabo do facão, prá cá no lado de Palmeira só campo.”

“...no ano 20 chegamo no Salto, lá não tinha nada, lá não tinha nem morador.”

“...o mato que pertence a serra , o sertão, começava em Tenente Portela, tinha só duas estradas até o rio, a do Porto Garcia era uma delas.”

A família Fiúza se adapta à nova vida.

“Antes da revolução nós morava no Parque, nós vivia de fazer rapadura, plantava muita cana, então a vida era muito barata naquele tempo, né, peixe a vontade, carne a vontade, plantá que dava, tinha feijão, porco.”

A caça e a pesca abundantes complementavam a dieta familiar.

“ Então aquilo amarelava de peixe, assim como tem a galinhada no terreiro, as vezes quando dava o sol quente, aqueles peixe ficava tudo assim em cima da água, dourado, grumatã, o grumatã sempre no cardume, assim a parte, porque o dourado come muito grumatã, o dourado come eles mesmo, um come o outro. Eu peguei um dourado que tinha um douradinho, ele engoliu inteiro um peixinho que dava uns 2 kg, ele engoliu inteiro.”

Testemunha das intensas mudanças ocorridas na região, Sarampião demonstrava por vezes seu espanto.

“...é que nem Irai, Frederico, isso aí era tudo matão, sertão velho, acho que tinha até Kapora, e hoje é tudo cidade.”

Entremeado as suas atividades de subsistência, a família Fiúza ia se adequando aos ciclos econômicos da região. Era, naquela época, o principal produto econômico da Floresta a extração de madeiras de lei.

“Então uma vez eu tava monteando madeira, então diz o paraguaio, castelhano: “Campeá madeira”, então nós andava eu e finado meu pai, que nós fizemos uma balsa ali no Parque, debaixo do Salto, tava campeando e de repente pisamos na toca do tigre,(...)” tava o poquinho, tinha comido um pedaço da goela dele, no pescoço, mas tava fresquinho, aí eu disse pro finado meu pai: Vamô levar! -Capaz que vamô levar, vamos sair daqui de uma vez, que o tigre tá dentro do oco, nós mete a mão ali o tigre salta de lá!”

5.1.2 AS PROFISSÕES

a. Extração madeireira

O trabalho com corte de madeiras de lei foi aprendido, desde cedo, com seu pai e continuou durante muitos anos de sua vida.

As toras eram, depois de marcadas, cortadas e jogadas no rio, onde, unidas em balsas, eram levadas para as madeireiras rio abaixo.

“Agora o que eu trabalhei nesta Argentina, fui distribuidor de madeira, trabalhei mais de 30 anos com madeira. O que eu forcejei neste mato, não me machuquei, não me cortei, não fui pegado por nenhum bicho, nem cobra, vivia dormindo no mato.”

“Eu andava monteando madeira e cheguei já de noitezinha e aí tinha um angico grande, assim que aquele galho caía assim e outro assim, e aqui o corpo. Aqui tinha uma árvore. Aqui fiz o fogo, quando fui pega a erva, o grito, gritão, mas rasgada braba, porque o tigre vinha vindo, porque ele anda igual o cachorro. Anda de 3, 4 tigre quando a tigra tá prá fica grávida.(...) Fui prá casa, cheguei lá já tinha gente arrumado prá ir me campear, que eu dei 3 dias pra fazê o mato já tinha três dias e meio e nada de eu aparece achavam que eu tinha me perdido ou bicho tinha me pegado. Tinha um castelhano que dizia: “Sarampión és um hombre montaraz” Mateiro né?”

O trabalho com madeiras levava a que Sarampião ficasse grandes temporadas sozinho no mato, identificando as pintas de madeira, abrindo as trilhas e etc... Esta permanência contínua na floresta levava a um aprofundamento dos seus conhecimentos a respeito da fauna e flora, que complementavam sua subsistência na floresta.

“...um pouco sou eu o culpado, por que eu parava quase só no mato, e a mulher ficava em casa, pulava a cerca, mulher não pode passar fome que pula a cerca. Fiquei 63 dias no mato, monteando madeira.”

“...eu ia naquelas cordilheira, eu fiquei 50 quilômetro longe de morador, trabalhando no mato, sem cachorro, de rancho aberto.”

“Agora quantos dias eu passei caminhando nesses mato. A gente fica treinado, né?”

Neste trabalho Sarampião tinha um contato estreito com os paraguaios, descendentes de Guarani, que eram considerados os mais eficientes neste trabalho.

“..os paraguaio levantam cedo, quando clareia o dia já tão no mato as vezes madrugam prá fraquejá 100 vara de madeira.”

Ao trabalho duro somavam-se o perigo de cobras, tigres e doenças como o “xuxo”(ver “Doenças”)

“... pois depois deu uma peste em nós, deu xuxo. Tem a hora certa prá dá o xuxo.”

Atualmente Sarampião considerava bastante empobrecida a possibilidade de corte de madeiras, pois nunca havia se tido o planejamento de replantar as espécies madeireiras como o cedro, a cabreúva, o louro, ...

“Mas aí tem madeira nobre, dentro do Parque, mas como tinha aquelas madeira no tempo do Paraguai, que tinha aqueles madeirão, na Argentina tem sertão muito grande. Aqueles florão de pau. Tem no Parque mato fechado, mas já foi tirado madeira de lei, um cedro, um louro. Então já contaminou com o povo. Então só naqueles lugares que tem canhada funda ou de serra muito grande, que não deu prá entrar prá tirar madeira, lá é mato virgem, mas bem virgem não é todo o Parque.”

b. Parteiro

O trabalho de parteiro Sarampião aprendeu em casa, com sua avó e sua mãe que era parteira desde os tempos de Cruz Alta. Nestas épocas Sarampião já auxiliava sua mãe, carregando a botica nos partos. Foi parteiro até pouco tempo antes de virar Guarda-Parque (1946).

“Porque eu era parteiro 23 anos, minha mãe era parteira, ela sabia, tinha muito entendimento, quando é prá indireita uma criança, naquele tempo não existia cesariana, a pessoa que tem entendimento indireita uma criança. Então quando a mulher não se despacha do “companheiro da criança”, compreende? porque a criança nasce numa bolsa, então aquilo estora, e o dianteiro que é o que vem primeiro antes da criança, então quando vem, ele estora, umedece, fica pronto pra vim a criança daí na 2ª ou 3ª dor já vem a criança, então quando vem a criança fica aquele dentro e as vezes é o caso que tem que tirar, tem que botar a mão e puxar, mas tem que saber bulir lá, não é pegar tudo que achar e puxar, é como uma operação. Mas eu não tinha disso eu atendia com uma oração, eu fazia uma oração e logo em seguida deslinhava,

mas as vezes já infeccionava. As vezes tá mal a criança e tem que fazê voltá. Então lá tinha uma guria, pois geralmente todo parteiro tem medo, mas não precisa tê medo. Tem medo que não nasça a criança, porque é menina nova e coisa, mas menina nova nasce mais ligeiro uma criança, só que ela tēja muito fraca, nasce mais ligeiro que uma mulher madura. Porque depende da junta, não depende dos couro o que vai retarda, depende das junta que tá dura. Tem que abrir, porque a mulher não é que nem o homem, tem aquela junta que abre e fecha e as vezes fica com problema das cadeira, não encaixa. Então quando nasce a criança, ai despacha, e tem que afumentar e calcar bem, botá no lugar. Aconteceu duma criança matar uma mulher, ficar ilhada nas tripa da mulher. Então quando a criança vem prá trás tem que arrumá a criança. Porque o carreiro é um só. Eu trabalhei como parteiro até pouco antes de entrar no Parque. E agora mesmo, como aconteceu agora depois que eu tô em Bicaco, atendi duas mulher, uma eu indireitei a criança, e outra mandei pro médico.”

c. Contrabandista / Tropeiro

Na época em que morou na Argentina, na costa do rio Uruguai, Sarampião fazia seguido longas viagens até a costa do Rio Paraná, para, no Porto Dorado, comprar lenços de seda, tecidos, etc. que ele trazia para a colônia Paraíso. Na ida levava seus remédios.

“...depois fui tropeiro era um mês e depois fui contrabandista, 6 anos, um mês no mato, eu vivia só nos mato. Tropeei com 50 cargueiro, não sei se alguém conhece o que é cargueiro? Cargueiro é botar uma cangalha na mula e 2 bruaca no lado. Viajando. Viajava 2 dias e meio prá sair onde tinha morador, no Destacamento Fracã, lá falhava meio dia e tocava mais dois dias saia onde tinha morador, a tal Várzea Grande, daí mais meio dia chegava no Piray-mini que é o Porto Dorado.”

“Conheço 5 porto na costa do Paraná. Caraguataí, é o último porto mais embaixo, depois Montecarlo, mais prá cima, depois La Raye mais prá cima, Porto Dorado mais prá cima e Porto Rico lá na barra do Pirai-Guazu.”

“Fui tropeiro muitos anos, muita bruaca ombreei, ora.”

d. Guarda parque e Guarda-porto

A partir de 1946 Sarampião desmigrou da Argentina e começou a trabalhar no recém-criado Parque Estadual do Turvo, a convite de seu amigo Rosalino Prates, com quem trabalhava na Argentina no negócio de madeiras.

“Trabalhava nos mato, fui guarda eu e o finado Rosalino.”

O trabalho como guarda-parque e guarda-porto envolvia inúmeros riscos, pois muitas vezes as patrulhas eram realizadas solitárias.

“Agora aquele lugar ali do Porto Garcia, ali eu tive que quebrar o braço duma tigre uma vez. Era 11 horas da noite e tinha chovido e tava a lua, mal e mal clareava, de vez em quando clareava, de vez em quando fechava, aí eu vi numa distância, e naquele tempo botaram espera prá mim, porque eu peguei uns contrabando, então depois eles botaram espera prá me matar.”

Apesar disto, Sarampião só tinha boas lembranças de sua profissão, seja pelo contato com o mato e os animais, seja pelo respeito que lhe devotavam seus colegas e as pessoas da região.

“Se eu não tivesse ela se pensa que tava aqui? eu tava no mato. Essas luta que eu tive no Parque, como eu digo, eu arriscava a vida dia e noite, eu era guarda-porto, no Porto Garcia, eu atendia os contrabando solito lá. Sentava na porta da frente de noite com o lanternão do lado corria o facho, via aqueles peixe ali, veado cruzava, tudo que é bicho cruzava por ali prá ir beber água. Em 76 me aposentei. Se dava muito bem com pessoal da Argentina, a Gendarmeria, nós fazia patrulha junto.”

5.1.3 APRENDIZADO

“...um pouco de livro, um pouco de prática, mas tem que ter dom.”

Com a família:

Desde criança Sarampião desejava curar as pessoas, influenciado pelo ambiente familiar. Sarampião criou-se numa família bastante dedicada à área de saúde pois tanto sua mãe como dois irmãos, da família Martins, eram boticários, receitando tinturas vegetais e homeopantias na cidade de Cruz Alta. Desta época Sarampião destaca

os “autores”, livros onde se estudava anatomia e fisiologia humanas que conformam a base dos seus conhecimentos e de suas práticas.

“Tenho certeza, no tempo que nós dava remédio, aqueles Cruz Vermelha, Souza Soares, eu tinha 2 tios e minha mãe que tratava com aquele remédio. Nós curava, daí que aprendi. Via o corpo humano no autor, peça por peça. Cada peça com um número. E agora passou prá comprimido, cuidado. Tinha até uma flor dobrada, essa é veneno, e uma não dobrada, essa é remédio, mas e sabe já trataram com a flor dobrada e prejudicou o doente.”

Alguns remédios utilizados já passavam, há algumas gerações, de pai para filho dentro de sua família, por terem se mostrado eficientes em situações de risco.

“Meu pai e meu avô, eles foram prá São Paulo de a cavalo levar uma tropa, diz que a cidade de Santos, então diz que saia carroçada de gente morta, mas eles já sabiam, levaram cipó-mil-homens bastante, então dentro dos calçados, as garrafa de cachaça cheia de cipó-mil-homem e entraram e foram e voltaram e não viram febre amarela, que coisa forte né?”

O aprendizado das ervas nativas está bastante vinculado a sua avó materna, de origem indígena e foi reforçado pela impossibilidade de recebimento dos extratos que, vindos de São Paulo, não tinham como chegar até aonde a família havia se estabelecido, na área do Salto do Yucuman..

“ E ainda puxou minha raça, 6 dedos, tigrero... Isso é os Martins, eu tenho 4 raça, Martim, Martins, Martinez, é uma raça de paraguaio. Minha vó era paraguaia. Ela dava remédio, pois essa que me ensinou! Era parteira e eu fiquei parteiro. Era índia, meu avô era índio com negro, mas a velha era mais entendida de erva. A finada minha mãe que tinha mais inteligência com o negócio de chá, ela não fazia xarope.”

Livros:

Outra fonte importante de informações eram os livros utilizados pelos Martins para, em Cruz Alta, atenderem seus pacientes, receitando os extratos vindos de São Paulo.

Sarampião nunca deixava de se referir aos seus “autores”, livros pertencentes a sua família, nos quais ele muito aprendera sobre anatomia, fisiologia e também sobre doenças e ervas.

“Tenho certeza, no tempo que nós dava remédio, aqueles Cruz Vermelha, Souza Soares, eu tinha 2 tios e minha mãe que tratava com aquele remédio. Nós curava, daí que aprendi. Via o corpo humano no autor, peça por peça. Cada peça com um número.”

“Dava remédio pelo autor da minha mãe, mas depois os remédios acabaram e comecei a trabalhar com as ervas.”

Entre os livros citados havia um paraguaio que tratava, na primeira parte, sobre as doenças e, na segunda, sobre as ervas. Deste livro ele tirara algumas receitas como a do angico-vermelho e da cabreúva para o pulmão. Este livro infelizmente se perdeu nas andanças de Sarampião, sobre esse livro Sarampião comentava que teria quase 100 anos na sua família.

Outro livro que Sarampião ainda tinha em seu poder era “Bebe para curar-te” da Editora Missionária. Também nos livros, Sarampião, havia aprendido a arte da quiromancia ou a leitura das linhas das mãos.

Dom:

Sarampião considerava um dom sua capacidade de diagnosticar doenças pela cor da pele do olho e das orelhas. Também o fato de ver imagens que indicassem a doença da pessoa.

“Falta o dom, o dom que Deus deu prá nós. Cada um tem um dom, se não tem dom não continua, mesma coisa o estudo.”

“Pois é, todo o tempo é bom, mas a gente tem que aproveitar porque o tempo é um só, se a gente perde aquele, outro não vem. Tanta gente que perde tempo. Agora a pessoa tem muito interesse, mas tem que aproveitar, o maior proveito que tem que aproveitar é o dom. Porque a pessoa sem dom não adianta nada. Se não tiver dom não continua na profissão. Tem que ter dom prá ter amor na profissão. E muita gente pergunta porque eu não ensinei nenhum filho meu a dá remédio. Pois é mas nenhum tem o dom.”

Do Dom, Sarampião comentava que era essencial na escolha da quantidade de ervas para cada remédio, e que muitas vezes, enquanto fazia o xarope, ele ou acrescentava ou retirava uma quantidade de ervas da receita e que isto não poderia ser ensinado a outra pessoa, pois dependia de sua própria sensibilidade.

“...as vezes eu tô botando um remédio, uma mistura e aí eu tiro um pouquinho, ou então boto mais, mas isso é de dom.”

Com os Guarani:

Algumas receitas e usos eram diretamente relacionadas à sua experiência entre os Guarani, como por exemplo os usos medicinais e alimentícios da palmeira, do urtigão, etc... Mas principalmente entre os Sucurú, Sarampião aprendera o diagnóstico pela pulsação, de grande importância no seu trabalho de “curador”.

Sarampião relatava seu convívio na Argentina com uma família Guarani que curava tocando violão, cantando, mascando fumo, afumentando as pessoas e sugando os agentes causadores das doenças do corpo dos doentes. O homem se chamava Vitoriano e havia tratado e salvo um filho de Sarampião. Com ele Sarampião aprendera, por exemplo, o uso da erva-de-pica-pau como banho fortificante.

O aprendizado através de animais de criação:

“O menstruz com arruda e cachaça e sal, faz um emplastro, é prá formatura de osso, então quebrou a perna de uma novilha, um bicho novo, e eu botei aquele emplastro, enfaxeí e dentro de 3 dias tava firmando a perna, e evita tudo que é infecção, ar e tudo, arruda é contra o ar, não é? , e o menstruz é contra infecção.”

“Olho-de-pomba é prá desinteria, pros animais também...”

Experiência:

O fato de estar há tantos anos envolvido com a saúde das pessoas era também salientado por Sarampião como fundamental nos seus diagnósticos.

“E eles dão remédio a rumo porque não examinam, eles olham e querem dizer. Eles querem saber como eu sei. Mas eles deram remédio talvez 30 anos. Mas eu dei 74 anos. Desde os 16 anos eu dô remédio. Eles querem aprender como eu aprendi. Eu tenho pouco estudo, mas tenho experiência.”

5.1.4 A CULTURA GUARANI

Seu contato com a cultura Guarani principiou dentro de sua própria casa, pois sua avó era “Paraguaia” como ele dizia, de origem indígena.

“Minha vó era paraguaia. Ela dava remédio, pois essa que me ensinou! Era parteira e eu fiquei parteiro. Era índia, meu avô era índio com negro, mas a velha era mais entendida de erva.”

No ano de 1930 Sarampião vivia em Encarnación, Paraguai. Ao fugir de uma briga pelo meio do mato ia cortando um rumo até Porto Dorado, porém no caminho foi capturado pelos “bugres”. Viveu entre os Guarani até 1931, na costa do rio Paraná na Argentina. O grupo, segundo Sarampião, se autodenominava “Sucurú”.

“...e daqui a pouco ouvi aquele fffff, era a bugrada, já me prenderam e me levaram prá toca, me tiraram a roupa, o revólver, o facão, a sorte é que eu falava Guarani, falava paraguaio que dá a consoante com o índio, eles também falavam paraguaio, muita coisa eles compreendiam. Então daí eu fiquei com eles lá...”

“...não podia sair, eles farejam pelo rastro, farejam igual que cachorro, por isso que eles pegaram eu, ele farejaram onde que eu cruzei e viram que não era deles, que não era gente deles, eles tem um fedor de porco-do-mato, nós eles já sente diferente né.”

Os índios faziam uma bebida do tronco do coqueiro, com cujas folhas também cobriam o teto de suas casas. Dos troncos podres do coqueiro coletavam os “corós”, larvas brancas que misturavam à farinha, botando entre os nós da taquara, para cozinhar no fogo. Teciam suas tangas com as fibras do tronco do urtigão, que sapecavam no fogo e botavam na água fria, desfiando então os mesmos. Não viu roças em sua estadia. Não furavam o lábio. Guardavam mantimentos dentro de buracos cavados à beira do rio, que serviam como refrigerador. Faziam camas de taquaras e pescavam com linha de guaimbé.

“A linha do guaimbé fazia fininha, prá pegar peixinho pequeno, piava, pintadão, jundiá, tirava a casquinha da raiz e puxava, vinha toda.”

Não gostava de conversar sobre sua estadia entre os Sucurú, pois dizia se emocionar muito. Dizia deles que eram muito saudáveis, as crianças gordas.

“Eu falo muito pouco Guarani, a gente vai esquecendo.”

Depois na Argentina, na Colônia Paraíso, Sarampião teve contato com uma família Guarani que curava com fumo.

“... daí tinha os bugre, duas esfregada que eles deram com fumo curaram o xuxo, eram Guarani, o grupo morava perto.”

5.2 SAÚDE E DOENÇA

5.2.1 CONCEPÇÃO DE SAÚDE E DOENÇA

“O homem nunca morre de velho, é, pode durar 300 anos, com 100 anos é jovem, o que contamina é o modo de viver, é uma machucadura, uma congestão, é uma doença mal curada, é o modo de viver, isso é que contamina. O homem é pra ser são toda a vida, mas o modo de viver que estraga ele, e o mato, é o que contamina o mato virgem. No sertão virgem eu andei 2-3 dias, caminha o dia inteiro e não acha um pau seco, podre. No Parque já não é virgem, quem sabe tenha uma quantidade. Quem sabe em 1000 anos descontamine.”

“Agora rapaz novo já tá falando que tá fraco, perguntando de remédio. Mas credo! Mas é o caso da bergamota que eu falei. Come as bergamota desde verdinha, quando chega a madurá não tem mais. Quantas entrevista que perguntaram pra mim: Como é que o senhor tem essa idéia, conta caso que aconteceu, parece que ontem? Como é que manteve? Sim eu mantive porque tem que poupar quando tem, porque quando a bolsa tá vazia não adianta.”

“Morrer de velho, o homem não morre de velho, um homem dura 300 anos, com 100 anos é jovem, mas hoje as doenças são muitas.”

Herdeiro ou Hereditário:

Segundo Sarampião algumas moléstias, mesmo que adquiridas, passavam de geração em geração, ficando até mais forte na terceira geração.

“Não tem nada de apendicite, ela tem problema na biliar, e de nervos ela é herdeira do pai dela, que o pai é nervoso. A senhora é nervosa secundária, do teu pai, e o que fará seu filho, esse aí, bombeia a cabeça dele. “Isso aí quando embrabece, a cabeça dele, esses esfolão é de dar cabeçada no fogão.” O filho, bem loco. A senhora não tem nada, tem é problema na biliar.”

“... lá tinha um homem eu tratei a filha dele que tinha problema de coração, e dava ataque também, tinha outros problema também mas o problema maior era esses. Daí um dia eu disse prá ele: -Ela tem um problema do coração e ela é herdeira do mal do coração, porque o senhor sofre do coração.”

5.2.2. AS DOENÇAS

A respeito das principais doenças percebidas por Sarampião foi necessário buscar algumas informações que possibilitassem um melhor entendimento das suas causas e formas de diagnóstico.

a. Problemas digestivos:

Eram colocados por Sarampião como a origem de diversos outros males. De uma congestão poderiam advir diversos males. Estavam fortemente relacionados a problemas do fígado.

“Tinha duas velha seca, as duas conversando, “meu colesterol”, mas uma velha seca que nem sangue não tem, falar de colesterol, colesterol é gordura no sangue. É problema de fígado. Esse problema de fígado faz o mesmo, dispara o coração, acelera bem ligeiro dá pontadinha do lado, parece que vai se afogar, é problema do fígado, não é nada de colesterol, é uma congestão. Esse derrame, não é nada de derrame, é uma congestão, pode perder as vistas, pode perdê as perna, a pessoa amortece, perde um lado, pode perdê tudo, até a vida. Dá uma congestãoasmótica, paralisa fica aleijado, as vezes torce a boca, daí vai pro sangue depois, aquele ar passa pro sangue, e amortece, aí éasmótico, amortece um lado inteiro, dá prisão de ventre aí fica escandecido, dá congestão daí que vem a hemorróida. Primeiro começa com gastrite no estômago, sai o gástrico do estômago, a comida para, vem aquela azia e vem aqueles problema, qualquer outra perturbação que dá no estômago por causa da comida, aí vai pros intestino, dá febre nos intestino, aí fica escandecido, vai saindo o gástrico, não tem gástrico prá funcionar os intestino, aí a comida para. Aí empedra, começa aquela febre maligna e infecciona, os alimento no intestino, e começa as coceirada, sai os botãozinho, tem três tipos de hemorróida. Esse tipo tem que fazer banho por fora, então aí mata aquele microbiozinho. Faz laxativo, prá fazer laxativo é esse que tem aí, a trapoeraba, é prá tripa seca, então dizem tripa seca mas é porque

tem que forcejá nos intestino, porque não tem o gástrico. Aí pega a força e vem a hemorróida seca. Aí depois pega a força e vem a hemorróida sangrenta.”

Congestão:

Origina-se de alimentação forte ou gordurosa como, por exemplo, carne de porco ou toucinho.

Congestão forte pode secar o sangue em uma das 7 veias da cabeça, dando esquecimento, ataque (epiléptico inclusive);

Congestão não curada (antiga): Dor na barriga da perna; febre; disenteria; pessoa fica ruim das vistas.

Congestão pasmótica:

Causada por alimento, por exemplo melancia e leite.

Dá vômito, cerra os queixo, desmaio.

Congestão leva à disenteria que dá gastrite (perda do gástrico do intestino), depois prisão de ventre, que origina febre no intestino, que leva a uma infecção, sujando o sangue.

“Este olho-de-pomba é um dos mais forte prá disenteria, se este não der volta aí tem que fazer novo tratamento, como seja, fortificante do gástrico, então tem que fazer tratamento prá problema do gástrico, porque a disenteria vai ao ponto que saiu todo o gástrico dos intestino, e aí tem que fazer depurativo, e refazer o gástrico.”

Hemorroidas: A prisão de ventre também origina hemorróidas

Tem de três tipos: de botãozinho; seca; sangrenta.

Cura com laxantes e depurativos.

b. Problemas hepáticos

“Pois o fígado limpa 72 litros de sangue em 24 horas. E quando ele tá prejudicado, ele não trabalha direito, não trabalha direito e às vezes dispara o coração, acelera, então quando acelera parece que vai querer parar, eles dizem que é colesterol, que é do coração, não tem nada de coração, é o fígado que trabalha mal, dá uma pontada.”

“E assim é o fígado. Tem gente que chega na farmácia: Tem remédio pro fígado? Tem. Mas ele não sabe qual é o tipo de fígado. Que fígado tem 11 tipos. Tem

figado que pode beber cachaça, tem figado que come leitão, outro não pode, outro não come gordura, pois eu como até toicinho e eu sofro do figado."

Fígado inflamado:

Dor em todo lado direito, subindo até o ombro.

Tem que receitar um depurativo para fazer vaziar o tumor (pus e/ou sangue).

Usa mel para esvaziar o tumor.

Amarelão/ Susto

Diagnóstico pela sola dos pés, cor dos olhos, pessoa sem fome.

Resultado de um susto.

Afeta a pele dando um carocinho que coça.

Derrama a bile (como a "masquinha" de um ruminante).

Tem que dar remédio para o figado.

"Este amarelão que tem não é amarelão preto que é de vermes, não é nada disso. É resultado dum susto, e depois sai uma sarna na pele, em alguns nem tanto, mas alguns mostram, coça, estora, é a bilis que derrama, e isso derrama com susto, isso dá em criança e dá em gente grande também. Pois então o filho do Ladino tomou um susto, e disseram: É amarelão, e aí a velha comprou uns frasco, e aí foi, foi, foi e nada de adiantá, e aí eu consultei, -Derramou a biles, eu disse, "mas eu não me assustei". Aí passou uns dia, veio de novo, e tava tomando a erva. "Me lembrei é susto mesmo, tomei um susto, ali naqueles caminho." Ele vinha vindo com a irmã dele, terminou o culto lá na cidade e saltou uma visagem na guria, e daí no outro dia ele já tava pegando amarelar. Dei o remédio pro susto e começou a sair tumorzinho, coizinha, feita a ação. Remédio pro figado."

c. Pasma:

Doença diagnosticada com frequência por Sarampião. Ligada em alguns casos a um trabalho com fogo, ou a um desajuste calor-frio, porém não exclusivamente.

Pode ser hereditário ou adquirido.

Hereditário é o pasmo no sangue que se trata com um depurativo do sangue.

Criança pode adquirir pasmo por friagem, por mal atendimento no parto ou devido aos astros.

Dá repuxo muscular e formigamento.

Pode se tornar hereditário e até terciário.

Pasmo caminha no espaço e no corpo.

Em adultos, o diagnóstico é pelas pálpebras.

Em crianças, a criança chora muito nos três primeiros dias, com o polegar envolto pelos outros dedos (punho cerrado).

Tem dor de barriga pelos três meses.

Pode desenvolver uma meningite.

Derrame:

“Para saber curar derrame tem que saber curar pasmo porque o derrame é um pasmo.”

Origina-se de uma “congestão pasmótica”, amortece o corpo e o sangue

d. Saúde da mulher e do bebê

Pelo fato de ter sido parteiro Sarampião tinha um conhecimento específico a respeito da saúde da mulher e do bebê.

“Como tem esse problema de mulher, esgotamento geral, que a mulher tem aquela dor nos braços, dor nas perna, problema no estômago, ronca, estufa, dói os ombro, dá nervosismo, da enjôo, dá um problema na goela, parece que sobe, dá mau hálito na boca, isso é a Mãe do Corpo, ela tá fraca, não pode dormir, eles dão antibiótico, prá dormir a força, ela tá fraca e dão antibiótico. É capaz de dormir e quando acorda tá morta. Precisa fortificar, erva-de-pica-pau, o funcho, todos os tempero, daí fortifica a pessoa, faz emplastro dá prá botá no umbigo, porque a Mãe do Corpo caminha, porque ela tá fraca ela sobe, bota remédio no umbigo, porque ela vem se alimentar ali, no emplastro, e vai só pó de canela.”

Esgotamento nervoso (geral) e idade crítica:

Origina-se de um problema na “Mãe do Corpo”(útero),

Dá dor nos braços, pernas, ombros, pigarro, enjôo, mau hálito, insônia, nervosismo.

Dar um fortificante com temperos e pôr emplastro de canela em pó no umbigo.

Recaída: Dá depois do parto

Seca o leite.

Tem que fazer vir a menstruação (usar plantas emenagogas).

Pode causar um “ar de estupor”.

Ar de estupor: Convulsão, torce a coluna para trás.

Cura-se com chá de terra de mato virgem

Beber água do parto:

Dá infecção no pulmão;

tem que tirar a baba da boca da criança logo após o parto;

tem que dar um purgantino para o bebê (azeite, óleo de palma cristi).

Flores brancas:

Designam um tipo particular de leucorréia, de etiologia fúngica (Sander, 1987)

e. Depurativos do sangue:

Limpam e/ou fortalecem o sangue;

Aumentam os glóbulos vermelhos

Sangue fraco não tem cor e tem pulsação fraca;

Pulsação fraca é causada por envenenamento;

Maioria das pessoas tem algum tipo de envenenamento.

Remédios depurativos eram utilizados para as seguintes doenças:

Tirar veneno /fortalecer o sangue/ limpar o sangue

Erupção na pele

Doenças venéreas: Sífilis

Reumatismo

f. **Xuxo:** Doença adquirida nas frentes de exploração madeireira no Paraguai.

"... dava um arrepio no corpo, do garrão até a cabeça, não parava de pé, tinha que deita na cama, que não aguentava de pé, treme todo o corpo, de repente passa aquele frio, depois dá uma febre, começa a faltar ar, parece que vai morrer, depois passa, vai trabalhar, passa a noite bem."

"... aquele pernilongo mordendo se apercata."

g. Outras:

- **Maligna:** Dor de cabeça que se pega por insolação.

- **Boba:** Ferida contaminosa, coceirenta, quase um câncer.

Passa para a terceira geração.

- **Fortificantes:**

Para curar esgotamento nervoso ou apatia.

Existem Fortificantes gerais, do sangue e dos nervos.

5.2.3 CONSULTA E DIAGNÓSTICO

A consulta e o diagnóstico eram parte chave na prática médica de Sarapião. Para cada pessoa ele elaborava uma ficha com dados como o nome da pessoa, data de nascimento, local em que mora e as doenças por ele diagnosticadas.

Para chegar a este diagnóstico Sarapião fazia algumas perguntas:

"Eu faço 8 perguntas, com 10 eu confirmo. Precisa erva, precisa chá de erva, não esses remedinho cansado."

E alguns exames:

Exame do Pulso: Aprendido na sua estadia entre os Guarani.

Percebe veneno, infecção, febre no intestino, gravidez

Ausulta os dois pulsos percebendo alguma dissincronia entre eles.

Vendo a intensidade: "pulso fraco= sangue fraco"

Observa os dois pulsos e a veia carótida.

“Pois tem muita coisa que eles tão errado. Eles não divulgam o negócio do veneno, é só que a pessoa conte que é veneno, porque eles não sentem na pulsação, não entendem os tipo de pulsação. Porque o doutor falou prá mim que queria aprende a consultá no pulso.”

“Porque é muito parecido o veneno com a infecção, ou se é gravidez. Só o colesterol que desmente bastante porque tem que olhar no traço da mão, prá ver se não é congestão. Porque a congestão ameaça o colesterol. Dá compassado. Porque a pulsação quase que é a mesma, tem que confirmar na mão.”

“Dá prá ver a febre nos intestino pelo pulso, na veia essa principal, aí tem de tudo, pro homem são três, prá mulher são 4 que aí mostra gravidez também, aí mostra veneno, mostra o sangue fraco também, tem gente que tá envenenada a pulsação é fraca. Não tem mais pulso, aí tem que fazer tratamento pro sangue. Isso é que eu quero ver.”

Leitura das linhas da mão:

Aprendida em livros.

“A cor que tem o traço da mão, mostra perigo de morte, mostra problema do coração, lá tinha um homem eu tratei a filha dele que tinha problema de coração...”

“A veia do fígado mostra no traço da mão. Então dizia que ele era feiticeiro, porque usava o livro dos traço da mão. Dava remédio com o livro da mão.”

“O espinho-de-Cristo é como um chá, prá gripe mesmo, o efeito dela é pro homem que sofre de problema de espirituado, negócio de espírito, espírito maligno, isso aparece na mão da pessoa, na linha, toda a pessoa que tem encosto, faz coisa, diz coisa que depois se arrepende, sofre um arrepio, tem dias que se alevanta irada, raiva, toma a folha da Sombra-de-Cristo.”

Outros:

A coloração da pele da pessoa também era observada. Ele observava os lóbulos das orelhas, nuca, olhos, as mãos, faces.

Algumas doenças têm sintomas específicos:

Ex: Pasma: em crianças dedo polegar envolto pela mão.

5.2.4. ORAÇÃO E BENZIMENTOS

Úteis em casos específicos como:

a) Picada de cobra:

“Daí benzi, dei benzimento, disse, “Vamô voltar.” “Não, já não tá doendo mais, vamô no baile.” Fomos no baile, dançou a noite inteira. No outro dia de manhã chegamô na casa do sogro, tinha cachaça, preparei o remédio prá ela, prá toma e prá bota. Quando foi de tardezinha aquilo corria aquela água amarela. No outro dia cedo embarquei, viemos embora. Não fez mal nenhum.”

b) No trabalho de parto:

“Mas eu não tinha disso eu atendia com uma oração, eu fazia uma oração e logo em seguida deslinhava, mas as vezes já infeccionava. As vezes tá mal a criança e tem que fazê voltar.”

c) Para tudo:

“ Existe um benzimento especial prá cada coisa, prá amansar cachorro, prá atravessar um rio, prá picada de cobra...”

d) Para encontrar “pintas” de madeira: locais onde existem muitos indivíduos de espécies de madeira de lei, como cedro ou angico. Essa oração é feita para o João do Mato que também é o dono da caça e recebe o coração desta como oferenda.

Em Coronel Bicaco, Sarampião era solicitado para fazer orações para clientes e parentes destes.

5.3 AS PLANTAS

5.3.1 AMBIENTES MANEJADOS

O conhecimento das plantas por Sarampião terá iniciado em Cruz Alta, onde veio a conhecer espécies cultivadas e adventícias, o que deve incluir uma maior parte de plantas introduzidas, somadas às nativas de mais fácil cultivo.

Com a ida da família para as margens do rio Uruguai, vieram se somar a estas as plantas do mato que eram do conhecimento de sua avó, bem como espécies madeireiras, primeiras espécies a serem exploradas na região.

“... no mato virgem ainda deve se encontrar muita coisa.”

“Se dava com o mato, remédio tem tudo lá, depois eu tenho um lote lá, me dou bem com toda a gente, ajudei na defesa do Parque...”

“No mato virgem aí já achava muita coisa de erva. Mato virgem, não esses aí, parece que depois que começa a entrar muita gente ele se termina, a erva medicinal parece que se termina. Quem contamina a erva é o próprio homem. O homem contamina o mato.”

Na área do Parque, Sarampião também veio a se familiarizar com os campestres ou campinas, afloramentos rochosos com uma flora bem característica.

“A Casa Branca é campina, é uma campina cheia de erva, remédio, ruibarbo, tem tudo que é tipo. Foi solito que eu vi a Casa Branca.”

Com sua ida em meados dos anos 80, para o município de Coronel Bicaco, Sarampião passou a conhecer as espécies do campo nativo que passaram a integrar os seus xaropes.

“Não tem mais remédio que cure o sangue que o baicurú. Dá uma foinha assim, isso é do campo.”

No entanto, ele comentava que ainda não conhecia bem as ervas do campo e por isso pedia sempre o auxílio de seu Natalício, seu sobrinho-neto, morador de Coronel Bicaco, que conhecia bem os remédios do campo.

TABELA 1: PLANTAS NATIVAS DO RS UTILIZADAS MEDICINALMENTE POR JOÃO M. FIÚZA, SARAMPIÃO.

Ordem alfabética por Família

ESPÉCIE	Família	NOME POPULAR	HABITAT	HÁBITO
<i>Adiantum pseudo-tinctum</i> Hier.	ADIA	Avenca	Floresta	ERVA
<i>Adiantopsis chlorophylla</i> (Sw.)Fée	ADIA	Samambaia-seca	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. et Schlecht.)Mill.	ALIS	Chapéu-de-couro	Aquática	ERVA
<i>Hydrocotyle leucocephala</i> Cham. et Schlecht.	APIA	Orelha-de-mico, Erva-capitão-miúda	Floresta	ERVA
<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	AQUI	Erva-mate	Floresta	ÁRVORE
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> (Schott) ex Endlicher	ARAC	Cipó-guaimbé	Floresta	EPIFITA
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	ARIS	Cipó-mil-homens	Veg.2ª-Floresta	CIPÓ
<i>Baccharis anomala</i> DC.	ASTE	Parreirinha	Vegetação 2ª	ARBUSTO
<i>Piptocarpha sellowii</i> (Sch.-Bip.)Baker	ASTE	Cipó-prata	Floresta	CIPÓ
<i>Blainvillea biaristata</i> DC.	ASTE	Erva-de-mingua	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Elephantopus mollis</i> H.B.K.	ASTE	Suçuaiá	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Achyrocline vauthieriana</i> DC.	ASTE	Macela	Campo	ERVA
<i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam)DC.	ASTE	Quitoco-branco	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Pterocaulon polystachyum</i> DC.	ASTE	Quitoco-verde	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Gochnatia ramboi</i> Cabr.	ASTE	Velame-branco	Campo	ERVA
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	ASTE	Erva-lanceta	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Xanthium cavanillesii</i> Schouw.	ASTE	Abrofo	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Xanthium spinosum</i> L.	ASTE	Espinha-de-carneiro	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Chaptalia nutans</i> (L.)Polak.	ASTE	Arnica-do-mato	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	BIGN	Caroba	Veg.2ª- Florest.	ÁRVORE
<i>Macfadyena</i> sp.	BIGN	Unha-de-raposa	Veg.2ª- Florest.	CIPÓ
<i>Bromelia balansae</i> Mez	BROM	Caraguatá	Campestre	ERVA
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) DC.	CARI	Jacaratiá	Floresta	ÁRVORETA
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	CELA	Cancorosa, Espinheira-santa	Floresta Mata Ripária	ÁRVORETA ARBUSTO
<i>Commelina erecta</i> L.	COMM	Trapoeiraba, Erva-de-Santa Luzia	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Coronopus didymus</i> (L.)Smith	CRUC	Menstruz	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Cayaponia martiana</i> (Cogn.) Cogn.	CURC	Taiuiá	Floresta	CIPÓ
<i>Bulbostylis capillaris</i> (L.)C.B.Clarke	CYPE	Pêlo-de-porco	Campestre	ERVA
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	EUPH	Quebra-pedra	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Actinostemon concolor</i> (Spreng.) Mull.Arg.	EUPH	Laranjeira-do-mato	Floresta	ÁRVORETA
<i>Casearia decandra</i> Jacquin	FLAC	Guaçatunga	Floresta	ÁRVORETA
<i>Casearia silvestris</i> Sw.	FLAC	Erva-de-bugre, Carvalinho	Floresta	ÁRVORETA

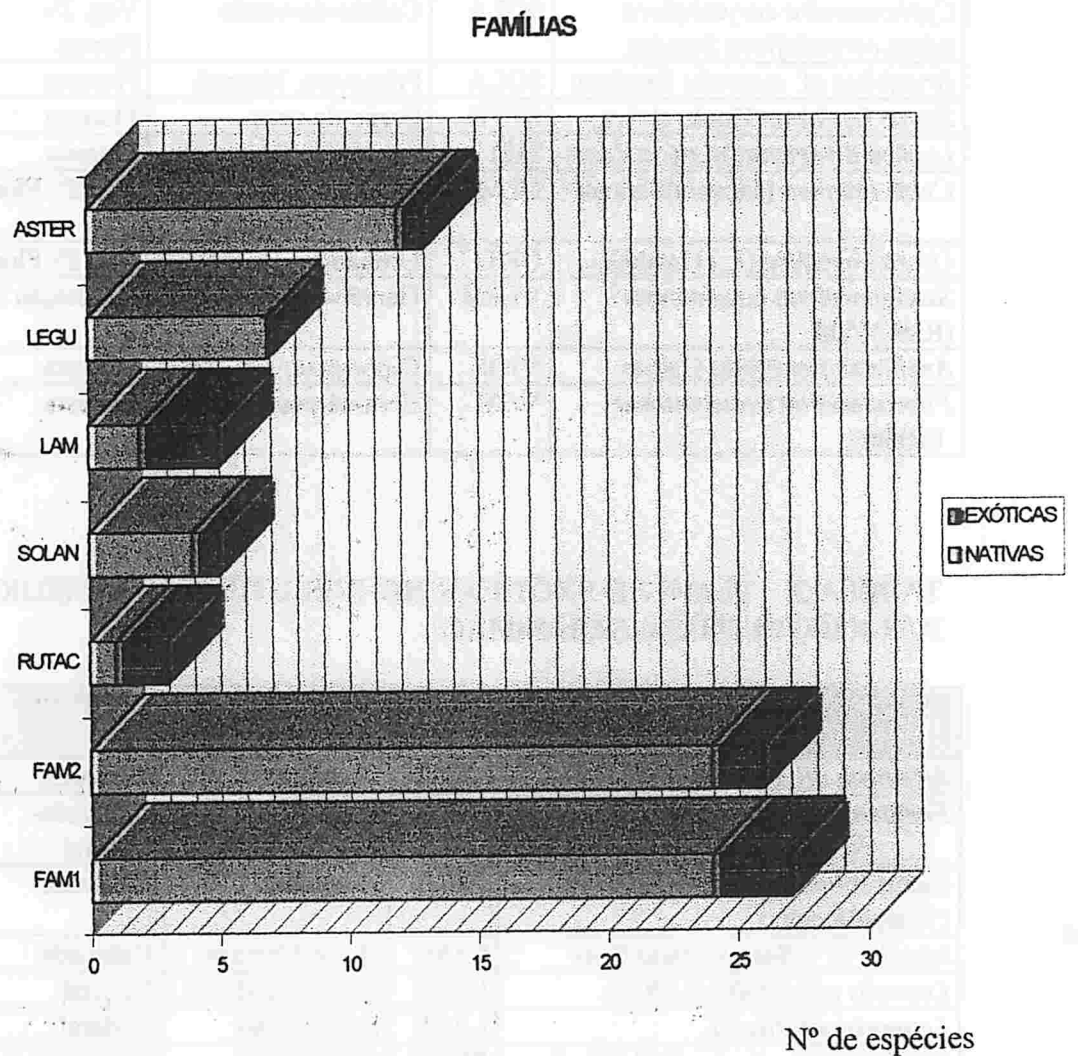
<i>Sysirinchium vaginatum</i> Spreng.	IRID	Canchalágua	Campo	ERVA
<i>Trimezia</i> sp.	IRID	Ruibarbo	Campestre	ERVA
<i>Ocimum selloi</i> Bentham	LAMI	Alfavaca	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Cunila microcephala</i> Bentham	LAMI	Poejo	Campo	ERVA
<i>Gleditsia amorphoides</i> (Griseb.) Taubert	LEGU CAES	Sucará	Floresta	ÁRVORE
<i>Bauhinia forficata</i> Link.	LEGU CAES	Pata-de-vaca	Veg. 2ª-Florest.	ARVORETA
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) Macbride	LEGU CAES	Grápia, Cana-do-brejo	Floresta	ÁRVORE
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	LEGU MIMO	Angico-vermelho	Floresta	ÁRVORE
<i>Acacia bonariensis</i> Gill. ex Hook. et Arnott	LEGU MIMO	Unha-de-gato	Vegetação 2ª	ARBUSTO
<i>Myrocarpus frondosus</i> Fr. Allem.	LEGU PAPI	Cabreúva	Floresta	ÁRVORE
<i>Erythrina falcata</i> Bentham	LEGU PAPI	Corticeira	Floresta	ÁRVORE
<i>Herreria montevidensis</i> Klotzsch ex Griseb.	LILI	Salsaparrilha	Campestre	CIPÓ
<i>Cordyline dracaenoides</i> Kunth	LILI	Varana	Veg. 2ª-Floresta	ARBUSTO
<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	LOGA	Olho-de-pomba	Floresta	ÁRVORE
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	MELI	Cangerana	Floresta	ÁRVORE
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl	MELI	Pau-de-lança, Cedrilho	Floresta	ÁRVORETA
<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Camb.) Berg	MYRT	Sete-capotes	Floresta	ÁRVORETA
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	PALM	Coqueiro-vermelho	Floresta	ÁRVORE
<i>Piper mikanianum</i> (Kunth) Steud.	PIPE	Pariparoba	Floresta	ARBUSTO
<i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth	PIPE	Pariparobão, jaguarandi	Veg. 2ª-Floresta	ARBUSTO
<i>Campiloneurum major</i> (Hieron. ex Hicken) Lellinger	POLI	Rabo-de-arara	Floresta	EPIFITA
<i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) De La Sota	POLI	Cipó-de-pica-pau	Floresta	EPIFITA
<i>Talinum patens</i> (Jacq.) Willd.	PORT	Beldroega, Erva-de-galinha	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Rubus urticifolius</i> Poir.	ROSA	Amora-do-mato	Veg. 2ª-Floresta	ARBUSTO
<i>Margyricarpus pinnatus</i> (Lam.) O.Ktze.	ROSA	Baicurú	Campo	ERVA
<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	RUBI	Quina-do-mato	Veg. 2ª-Floresta	ÁRVORETA
<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes	RUBI	Erva-de-lagarto, Poaia-branca	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	RUTA	Jaborandi, Erva-cutia	Floresta	ÁRVORETA
<i>Cupania vernalis</i> Camb.	SAPI	Camboatá-vermelho	Floresta	ÁRVORE
<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. et Arn.) Radlk.	SAPO	Vassourinha	Floresta	ÁRVORETA; ÁRVORE
<i>Smilax campestris</i> Griseb.	SMIM	Japecanga	Campestre	CIPÓ

<i>Solanum mauritianum</i> Scop.	SOLA	Fumo-bravo, Cuvitinga	Vegetação 2ª	ARVORETA
<i>Solanum sanctae-catharinae</i> Dunal	SOLA	Pipi, Joá-manso	Veg. 2ª- Florest.	ARVORETA
<i>Cyphomandra corymbiflora</i> subsp. <i>corymbiflora</i> Stendtn.	SOLA	Colhão-de-veado	Veg. 2ª- Florest.	ARBUSTO
<i>Brunfelsia cf. australis</i> Bentham	SOLA	Primavera, Manacá	Floresta	ARBUSTO
<i>Styrax leprosum</i> Hook. et Arn.	STYR	Carne-de-vaca	Floresta	ARVORETA
<i>Luehea divaricata</i> Mart. et Zucc.	TILI	Açoita-cavalo	Floresta	ÁRVORE
<i>Celtis iguanea</i> (Jacquin) Sargent	ULMA	Taleira, Esporão-de-galo	Veg. 2ª- Florest.	ARBUSTO
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich.	URTI	Urtigão	Veg. 2ª- Florest.	ARBUSTO
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	VERB	Gervão-da-horta	Vegetação 2ª	ERVA
<i>Anchietea parvifolia</i> Hallier	VIOL	Cipó-suma, Roxinha	Floresta	CIPÓ
<i>Phoradendron holoxanthum</i> Eichler	VISC	Erva-de-passarinho	Floresta	HEMIPARAS

TABELA 2: PLANTAS EXÓTICAS NO RGS UTILIZADAS MEDICINALMENTE POR JOÃO M. FIÚZA, SARAMPIÃO.

ESPÉCIE	Família	NOME POPULAR	HABITAT	HÁBITO
<i>Artemisia alba</i> Turra	ASTE	Acanflor	Cultivada	ERVA
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	APIA	Funcho	Cultivada- Ruderal	ERVA
<i>Carya illinoensis</i> (Wangh) Koch	JUGL	Nogueira	Cultivada	ÁRVORE
<i>Mentha cf. villosa-nervata</i> Opiz	LAMI	Hortelã-branca	Cultivada	ERVA
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	LAMI	Cordão-de-frade	Ruderal	ERVA
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	LAMI	Santos-filho	Ruderal	ERVA
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	POAC	Capim-cidró	Cultivada	ERVA
<i>Plantago ssp.</i>	PLAN	Tansagem	Ruderal	ERVA
<i>Ruta graveolens</i> L.	RUTA	Arruda	Cultivada	ERVA
<i>Citrus sinensis</i> Osbek	RUTA	Laranja	Cultivada	ARVORETA
<i>Solanum cf. paniculatum</i> L.	SOLA	Jurubeba, Jumbeba	Ruderal	ARBUSTO
<i>Aloysia citrodora</i> Palau	VERB	Erva-cidreira	Cultivada	ARBUSTO

Figura 3:



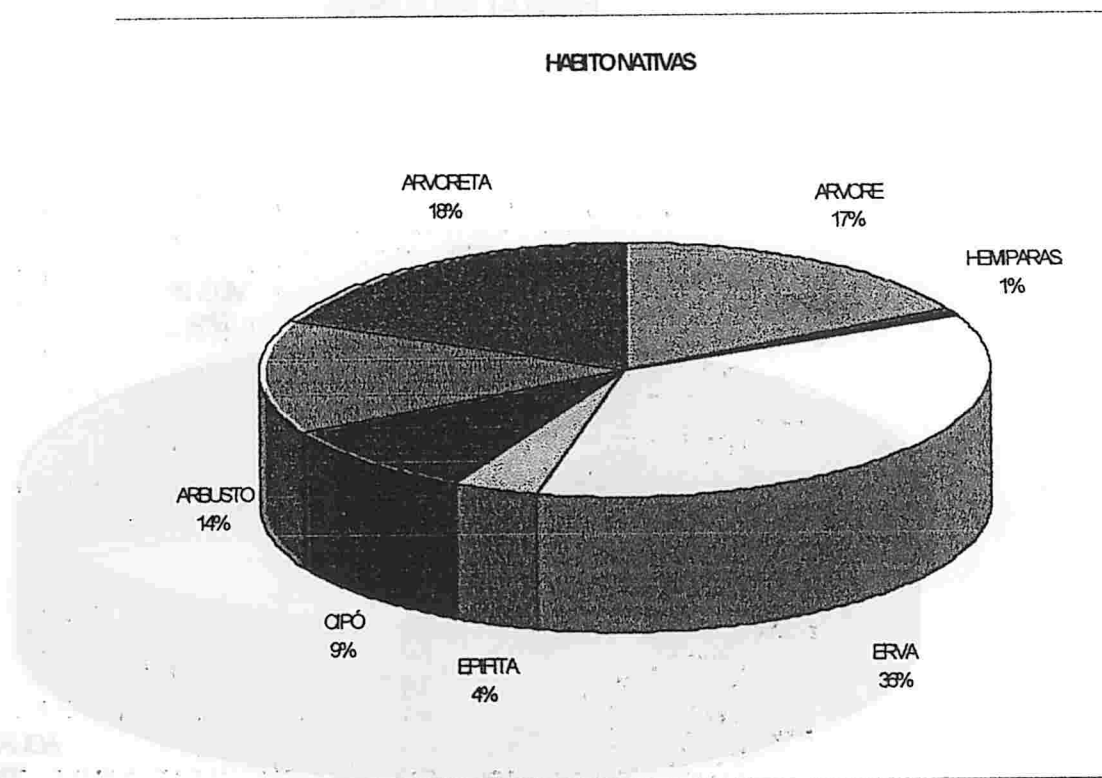
As 5 famílias mais utilizadas são: **ASTERACEAE**, **LEGUMINOSAE**, **LAMIACEAE**, **SOLANACEAE**, **RUTACEAE**.

FAM2 - Famílias com duas espécies utilizadas. 13 Famílias

FAM1 - Famílias com uma espécie utilizada. 27 Famílias

Ao todo são utilizadas 45 famílias botânicas entre pteridófitas, mono e dicotiledôneas.

Figura 4:

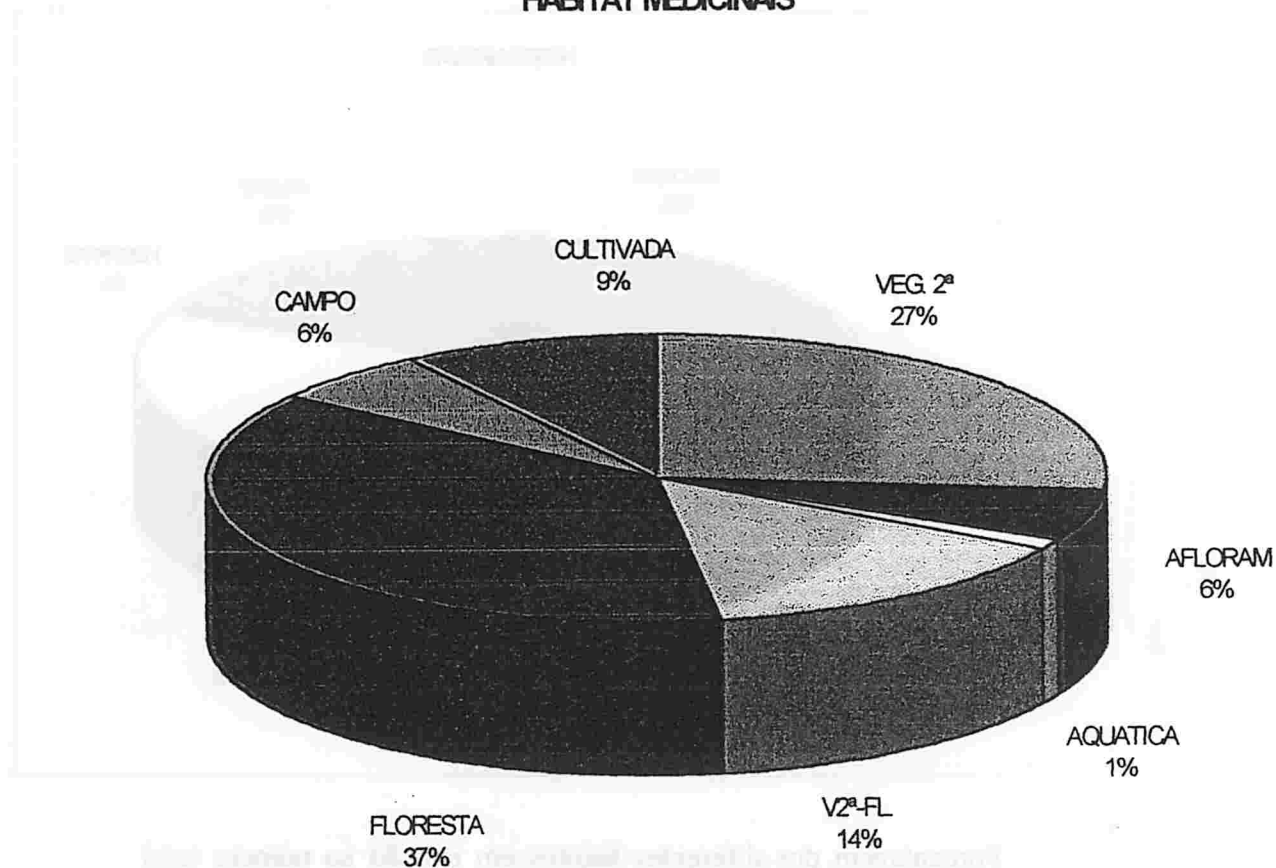


Porcentagem dos diferentes hábitos em relação ao número total das espécies nativas

A boa representatividade dos diversos hábitos observados demonstra um conhecimento bem aprofundado a respeito de todos os extratos da Floresta. Isso indica um forte envolvimento com este ambiente, não ligado a nenhuma atividade específica como por exemplo a exploração madeireira.

Figura 5:

HABITAT MEDICINAIS



O habitat indicado leva em consideração o ambiente manejado por Sarampião para a coleta para o uso medicinal.

Para o habitat foram consideradas as seguintes categorias:

- a. **Florestal**: abrange as formações climáces e florestas secundárias
- b. **Vegetação secundária (Veg. 2ª)**: inclui espécies pioneiras, adventícias e espécies de capoeira.
- c. **Campestres: (Afloram)**entos rochosos
- d. **Aquático**;
- e. **Campo**;
- f. **Cultivadas**
- g. **Veg. secundária - Florestal (V2ª-FL)**: inclui espécies que se estabelecem nas capoeiras mas que são encontradas no ambiente florestal.

5.3.3 COLETA DAS PLANTAS

A coleta das plantas se dava no habitat original destas, pois a situação atual de fragmentação e descaracterização da cobertura florestal não é a mesma encontrada por Sarampião e sua família há poucas décadas atrás.

Assim, para a coleta das plantas, Sarampião se deslocava até o município de Derrubadas onde residia seu filho e onde fica o Parque Estadual do Turvo, última área florestal representativa na região. Também no mesmo município, no distrito do Cotovelo do Parizinho, onde moravam sua filha e genro, ele ia buscar a erva-de-passarinho-do-açoita e outras ervas.

“Eu preciso do Cipó-prata, casca de Cancorosa, a casca da Cabreúva amarela, agora um monte de remédio tem ali, tem fora do Parque, em Derrubadas onde tem aquele mato, tem a Salsaparrilha, tem a Japécanga. Eu trouxe uma bolsada, tá bem fresquinho, da Salsaparrilha.”

Como ele salientava, a integridade do local de coleta das ervas medicinais (“mato virgem”) afeta a eficiência destas.

Muitas ervas Sarampião obtinha através de outras pessoas de sua confiança que tinham maior facilidade no acesso a essas plantas. A estas pessoas, como seu filho Antônio, morador de Derrubadas, alguns guardas do Parque, Seu Natalício e outros, Sarampião pagava pelas plantas ou então fornecia seus xaropes em troca.

“O que eu queria mais é o baicurú prá plantá na horta. Não tem mais remédio que cure o sangue que o baicurú. Dá uma foinha assim, isso é do campo. O homem me trouxe aqui até dei 2 litros de remédio prá me trazer essa raiz.”

O conhecimento do órgão da planta com mais “substância”, princípio ativo, era de maior importância:

“Olho-de-pomba é prá disenteria, pros animais também, a casca verde, ela tem uma pelezinha fina. Tira aquela cascazinha e ocupa a casca verde, que tá dentro. Que nem o cipó mil-homem, tem o cipó-suma, tira aquela pele fina que tem por cima e a parte verde que rapa.”

Algumas plantas Sarampião tinha dificuldade de encontrar, especialmente epífitas da floresta madura:

“Agora eu não pude achar a orquidea-perfumada, aqui não tem.”

“Tem a samambainha-doce é donde é o remédio prá criança que bebe água do parto, não encontrei por aí, só lá no Parque, ela é doce só no Çoita-cavalo, Samambainha é meio cor de rosa, é bem pequeninha, tipo de samambaia mesmo, mas é desse comprimento, é cor de rosa e mais vermelhinha um pouco, coisa muito importante.”

Sarampião reconhecia a influência da Lua na coleta das plantas:

Poda é na minguante;

Folha é coletada na Lua cheia ou crescente;

Raiz, no inverno, na lua minguante;

Casca e entrecasca na Nova é melhor.

5.3.4 ESPÉCIES CULTIVADAS

Na sua casa em Coronel Bicaco, Sarampião cultivava, além de espécies de horta introduzidas da Europa também algumas nativas, da floresta e do campo.

“ Ali na horta tem o ruibarbo, alecrim, canflor da horta, palma fedorenta ou catinga-de-mulata, velame, esse é o hortelã, esse é anis, esse é o funcho, prá limpá o sangue, faz chá, ajuda no desenvenenamento, esse é o ruibarbo, malva, cidrozinho pro coração, esse aqui chamam colhão-de-veado, coração-de-Jesus, é prá rim, esse com a pata-de-vaca pode tá descadeirado, tomar no chimarrão.”

Algumas das espécies nativas cultivadas apresentavam um maior desenvolvimento dos órgãos utilizados medicinalmente.

“ O ruibarbo no campestre dá batata pequena, mas o Basílio trouxe prá horta e deu batata maior.”

Experimentava também o cultivo de plantas do campo que ele começara a usar nos últimos anos.

“O que eu queria mais é o baicurú prá planta na horta.”

Espécies ruderais e adventícias que nasciam no seu pátio ou ao redor da casa eram protegidas, como por exemplo, o Cordão-de-Frade (*Leonotis nepetifolia*).

5.3.5 IDENTIFICAÇÃO POPULAR

“O conhecimento da erva verde é pela folha, pela casca e pelo cheiro.”

A identificação, especialmente de espécies arbóreas, se dava pela casca e pelo cheiro da madeira. Isto possivelmente está ligado ao extrativismo da madeira em que era necessário identificar no mato fechado as madeiras de lei desejadas.

a) Pela casca ou pela madeira:

“Tem três tipos de angico, o angico-vermelho, o angico-branco, e o angico-pururuca.”

“Unha-de gato preta a flor é igual a da amarela, a madeira é que é preta, espinho é maior.”

b) Pela folha:

“Outra árvore que dorme. A pata-de-vaca dorme, dorme de noite.”

“O chá-de-bugre aqui que eu conheço, carvalinho, cafézinho, erva-de-bugre, 3 nomes, aquilo é prá banho, até no pulmão, pessoa que tem problema no pulmão. Porque ele é tipo café, a sementinha na foia.”

c) Pelo cheiro:

“É do tipo do cipó-mil-homens. Tem cheiro? Ah, mas então é!”

Pela folha e pelo cheiro:

“Viu como a folha seca desmente? Eu tô sentindo o cheiro, pelo cheiro eu tô quase dizendo mas não digo ainda, eu vou deixar no sereno, ai eu deslinheio, e vou conhecer.”

d) Pela “madeira”

A Erva-de-Passarinho tinha sua utilização ligada à da árvore encima da qual ela se desenvolvesse.

“Conforme a madeira assim é a erva-de-passarinho.”

“Porque é remédio? É remédio porque é nascido do çoita, e o çoita é vermelho a casca, a casca é boa prá inflamação dos pulmão. E a erva-de-passarinho é prá isso, e prá urina frouxa, da folha faz um xarope ou prá tomar no chimarrão.”

Outro dado importante é a percepção de “variedades” ou ecótipos dentro da mesma espécie, com importância medicinal. Por exemplo, a cancorosa boa

medicinalmente era aquela nascida na beira de água, enquanto que a nascida dentro do mato não era tão eficiente.

A cabreúva também tem de duas qualidades: a cabreúva-amarela de casca lisa e cheiro e a cabreúva-preta “*de casca lanuda, grossa e folha mais escura*”, sem resina cheirosa.

“É pro pulmão, ôh isso tem uma resina, tem um cheiro, agora de cabreúva-amarela, a preta não tem resina.”

5.4.1 OS REMÉDIOS

Algumas plantas podem ser usadas de várias maneiras.

“Cipó-mil-homem, os dois junto (com guaçatunga). Só, prá tomar tem que tomar fraquinho. E prá puxar o veneno é bem forte. Cipó-mil-homem, pode tomar cozido, cru, na água fria, de qualquer jeito, pode mascar um pedaço. Mas isso é coisa muito, muito especial, e deve guardar isso na idéia, porque ninguém, anda nesses mato... Tira essa casquinha, raspe e bota na cachaça, faz um emplastrozinho.”

Algo que era salientado para algumas plantas era a necessidade de uma decocção bem demorada, que fizesse a substância dar cor na água. Para isso era essencial que a decocção se fizesse lentamente, no fogão a lenha.

“...tem que dar cor na água, avermelha a água, o ruibarbo também, ele dá cor na água, se não, não tem efeito, o remédio tem que ter uma quantia, tem que ferver. Por exemplo raiz principalmente, remédio de raiz tem que tirar o efeito, essa outra que é prá problema de doenças venéreas, canela-do-brejo, cana-do-brejo, tem que sair a fortidão.”

“O angico, de acordo com a cor da madeira tem que mostra a cor do remédio.”

A receita deveria ser feita de acordo com o paciente. Para mulheres por exemplo ou para crianças existiam medidas especiais.

“Prá criança sempre, principalmente árvore forte, tem que ser, tem que fazer muito leve.”

Mulheres com mais temperos e mais vinho para fortalecer.

Entravam em todas as receitas alguns ingredientes como o funcho, que era usado para desvenenar e os temperos, usados para fortificar.

“...as vezes eu tô botando um remédio, uma mistura e aí eu tiro um pouquinho, ou então boto mais, mas isso é de dom.”

Apesar da quantidade de doenças que enfrentava, Sarampião confiava nos remédios de ervas.

“... com 25 qualidades de ervas se cura todas as doenças.”

5.4.2 PREPARO DOS XAROPES

“Xarope já fui eu que comecei com a família. No ano 22.”

Sarampião botava as ervas, cascas e raízes na chaleira com água e punha a ferver em fogão a lenha por trinta minutos. Depois adicionava canela e cravo pulverizados, açúcar cristal (1/2 Kg.) e vinho tinto(300 a 500 ml). Volta ao fogo por mais 15 minutos, depois do que tirava do fogo e punha a esfriar na água. O calor do fogão a lenha era essencial para o preparo dos xaropes, pois no fogão a gás fervia muito rápido. Cinco tipos de xaropes eram preparados e, em alguns casos, misturados um com outro. A pessoa tomava três colheres três vezes ao dia, o que dava em torno de um mês, um mês e meio de xarope. Depois deveria retornar para um novo exame.

Em problemas do pulmão adiciona-se mel depois de esfriado o remédio.

“ Que eu dei remédio com homeopatia e tintura, mas era muito fraquinho. Remédio Cruz Vermelha que era muito bom, e depois tivemos que receitá com homeopatia, mas aí já tava vindo prá costa do Uruguai. Mas esses remedinho, chegavam fumando um palheiro ou alguma comida mais forte tirava o efeito do remédio. Aqui as comida tudo é forte, tudo nos mato aí, tudo é forte. E a erva não tem, quase não tem dieta e nada, a erva é uma coisa natural, que pode usar a erva, mas tem que tomar o remédio como é preciso”

5.4.3 COMPOSIÇÃO DE REMÉDIOS

Nas composições dos xaropes entravam vários ingredientes com diferentes funções. Ex: Um para tirar veneno (temperos e funcho), um como curativo da doença, um como laxativo (ruibarbo, cipó-suma), um como cicatrizante, etc...

“É porque tem que cuidar muito. Porque eu, faz 74 anos que eu dô remédio mas ainda não estragou uma pessoa que eu desse remédio, dizer esse remédio que me fez mal. Tem muitos tipos de remédio que prejudica a pessoa. E não pode usar um remédio só, tem que ser uma composição, conforme a doença, tem que ser uma composição de remédio, não é um só ou dois.”

“É unha-de-raposa, é prá rim, o cipó-nó-de-cachorro é bem parecido com esse. Usa um tanto, vai na composição do remédio pro rim.”

Para o fígado inflamado, por exemplo, se usavam 17 ervas. Um depurativo para vaziar o tumor, mel para esvaziar, etc.

Temperos ajudam a desenvenenar, permitindo que os remédios façam efeito.

5.4.4. USO DE ANIMAIS E OUTROS INGREDIENTES

Alguns animais eram antigamente utilizados nas receitas.

Rabo do Tamanduá-Bandeira;

Chifre do Cervo-galhudo;

Banha da Capivara

Outro ingrediente utilizado era a Terra de mato virgem para “Ar de Estupor”, convulsões que dão nas mulheres devido a uma recaída pós-parto.

TABELA 3: UTILIZAÇÃO MEDICINAL DE ESPÉCIES NATIVAS DO RS POR JOÃO M. FIÚZA, SARAMPIÃO

Nome popular ESPÉCIE	Parte Usada (Quantidade)	USO MEDICINAL	Forma de PREPARO ADMINISTRAÇÃO	Outras PLANTAS e INGREDIENTES	OBSERVAÇÕES
Abrofo <i>Xanthium cavanillesii</i>	Folhas	Pasmo, Tétano	(I/E)		Remédio forte
Açoita-cavalo <i>Luehea divaricata</i>	Flor, Entrecasca	Pulmões	XAROPE (I)		Epífitas medicinais: ex: samambainha-rosa.
Alfavaca <i>Ocimum selloi</i>	Folhas	Auxiliar parto(a) Dor de cabeça, Emenagoga	INALAÇÃO(E)(a) DECOCÇÃO(I)		
Amora-preta <i>Rubus urticifolius</i>	Folhas	Pulmões, Rins (a)	XAROPE (I)	Composição p/ Rins	
Angico-vermelho <i>Parapiptadenia rigida</i>	Entrecasca (punhado)	Pulmão, antimicrobiano(a) Fortificante do sangue,	XAROPE (I)	(a) Cabreúva	Receita do "autor" paraguaio. Ferver bem
Arnica <i>Chaptalia mutans</i>	Planta toda (I)	Infecções: útero, bexiga, feridas, Cicatrizante	XAROPE (I) DECOCÇÃO (E)		
Avenca <i>Adiantum pseudo-tinctum</i>	Folhas	Antitussígeno (a), Emenagogo e abortiva (b)	XAROPE (I) (a) Decocç. + Alcool.(b)	(b) Arruda	
Baicurú <i>Margyricarpus pinnatus</i>	Xilopódio (punhado)	Infecções no ovário (a), Emenagogo, Depurativo	XAROPE (I) (E)	(a) + remédios p/ infecção. ex: laranja	Tem q/ dar cor na água. Ferver bastante.
Beldroega <i>Talinum patens</i>	Planta toda	Vermes	INFUSÃO XAROPE(I)(b)	(b) Trapoeraba, cipó-milhomens, hortelã-branca, salsaparrilha	
Cabreúva <i>Myrocarpus frondosus</i>	Resina, Entrecasca	Pneumonia, Expectorante (a), Lavagem feridas inflamadas	XAROPE (I) DECOCÇÃO (E)	(a) Poejo, mel, Erva de passarinho	Coleta de resina na Lua Nova é melhor.
Camboatá <i>Cupania vernalis</i>	Casca	Pressão alta	(I)		
Canchalágua <i>Sysirinchium vaginatum</i>	Parte aérea (1-2)	Rins e Bexiga	XAROPE (I)	Composição p/ rins	
Cancorosa <i>Maytenus ilicifolia</i>	Entrecasca e casca Rizoma Folhas	Depurativa, Rins, Diurética, Próstata, Bexiga	XAROPE (I)	Baicurú, ruiubarbo, japecanga, erva-de-passarinho	Folha mesma função q/ pata-de-vaca, Raiz tinge a água.
Cangerana <i>Cabralea canjerana</i>	Entrecasca	Laxante, Doenças venéreas	DECOCÇÃO (I/E)		

Caraguatá <i>Bromelia balansae</i>	Frutos (1-2)	Asma, pulmões	XAROPE (I)	Cabreúva, temperos	
Carne-de-vaca <i>Styrax leprosum</i>	Entrecasca	Depurativa, Bôba Lavagem de feridas,	(E)		
Caroba <i>Jacaranda micrantha</i>	Folhas, Entrecasca	Depurativa do sangue, Sífilis	XAROPE (I)	Salsaparrilha, nogueira, cipó-suma, japecanga	Demais afrouxa a urina.
Cedrilho <i>Guarea macrophylla</i>	Folha, Entrecasca	Depurativa	INFUSÃO (I)		
Chapéu-de-couro <i>Echinodorus grandiflorus</i>	Folhas	Reumatismo, Diurética, Rins	XAROPE (I)		
Cipó-de-pica-pau <i>Microgramma squamulosa</i>	Planta toda (15cm)	Fortificante, Esgotamento nervoso	XAROPE (I) DECOCC. (E/I)		Banho p/ mulher grávida e p/ o feto.
Cipó-guaimbé <i>Philodendron bipinnatifidum</i>	Broto e Talo da folha(1)	Lavagem e cicatrização de feridas e hemorróidas	Compressa c/ Pó (E) POMADA (E)		Raiz é usada c/ fibra, linha de pesca
Cipó-mil-homens <i>Aristolochia triangularis</i>	Caule (10cm)	Picada de cobra (a), Vermes, Disenteria, Febre amarela	ALCOOL. (E/I) (a), DECOCC.(I), MASCAR (I)	(a)Guaçatunga	Tomado demais baixa a pressão. Reconhece p/ cheiro.
Cipó-prata <i>Piptocarpha sellowii</i>	Folhas (2-3)	Rins	XAROPE (I)	Composição p/ rins	
Cipó-suma <i>Anchietea parvifolia</i>	Entrecasca (punhado)	Laxante (a), Emética (b), Cicatrizante de feridas	XAROPE(I) PÓ c/ GEMADA(I)		(a) raspar de cima p/ baixo, (b) ao contrário.
Colhão-de-veado <i>Cyphomandra corymbiflora</i>	Folhas (2-4), Raiz (1)	Rins, Fígado, Refazer gástrico (a)	XAROPE (I) DECOCCÃO (I)	(a)Funcho e temperos	
Coqueiro-vermelho <i>Syagrus romanzoffiana</i>	Raiz aérea(1) (10-15cm), Entrecasca	Fortificante dos Nervos, Fortificante do sangue	XAROPE (I)		Receita dos Guarani. Do tronco faziam bebida e coletavam "coró".
Corticeira <i>Erythrina falcata</i>	Entrecasca	Cicatrizante, Reumatismo	EMPLASTRO (E)	Com mel	
Erva-da-mingua <i>Blainvillea biaristata</i>	Parte aérea (1-2)	Anemia	INFUSÃO (I)		Tomar antes do sol nascer.
Erva-de-bugre <i>Casearia silvestris</i>	Ramos (1-2),	Pneumonia (a), Fígado(b), Flores brancas	XAROPE (I)	(a)Cabreúva, menstruz erva-de-passarinho	

	Entrecasca			(b)c/ mais 15 ervas	
Erva-cutia <i>Pilocarpus pennatifolius</i>	Folhas	Reumatismo, Febre	INFUSÃO(I)		Identifica p/ ponta da folha
Erva-de-lagarto <i>Richardia brasiliensis</i>	Planta toda (1)	Veneno de aranha, escorpião, cobra, Verruga, Disenteria	INFUSÃO (I/E) CATAPLASMA(E)		Cataplasma p/ puxar o veneno.
Erva-de-passarinho-do-çoita <i>Phoradendron holoxanthum</i>	Planta toda (1-3 galhos)	Pulmões (inflamação)(a), Rins, Urina frouxa	XAROPE (I)	(a) Poejo, cabreúva e mel.	Parasita no açoita- cavalo, ferver bastante
Erva-lanceta <i>Solidago chilensis</i>	Planta toda	Infecção Feridas, Hemorróidas	INFUSÃO (E)		
Erva-mate <i>Ilex paraguariensis</i>	Folhas	Contra tumores e feridas	INFUSÃO(E)		Chimarrão amanhecido
Espinha-de-carneiro <i>Xanthium spinosum</i>	Raiz	Bexiga	(I)		
Fumo-bravo <i>Solanum mauritianum</i>	Folhas amareladas	Descongessiona vias respiratórias, Pontada	Na brasa põe água(I), INALAÇÃO(E)		Necessita resguardo, provoca sudoro.
Gervão <i>Stachytarpheta cayennensis</i>	Ramo (1) (15-20cm)	Fígado, Estômago(a), Pulmões (b)	XAROPE(I)		Folha verde (a) Folha amarelada (b)
Grápia <i>Apuleia leiocarpa</i>	Entrecasca	Venéreas, Gonorréia, Vesícula Biliar (a)	INFUSÃO (I) DECOCÇÃO (I)	(a) Xuxu branco	Tem que tingir a água.
Guaçatunga <i>Casearia decandra</i>	Casca	Picada de cobra	ALCOOLAT. (I/E)	Cipó-mil-homens	D+ é veneno,p/ beber fraco, na picada forte.
Jacaratiá <i>Jacaratia spinosa</i>	Latéx	Vermes	TÓPICO (E)		
Japécanga <i>Smilax campestris</i>	Rizoma (10cm)	Depurativa do sangue, Flores brancas	XAROPE (I)	Cancorosa, baicurí, ruibarbo, erva-de-passarinho	Em cima dos lajedos, é melhor de coletar.
Joá-manso <i>Solanum sanctae-catharinae</i>	Raiz	Reumatismo, Pressão alta	INFUSÃO(I)		
Laranjeira-do-mato <i>Actinostemon concolor</i>	Entrecasca	Disenteria, Cãimbra de sangue	INFUSÃO (I)		
Macela <i>Achyrocline vauthieriana</i>	Folhas, Flor	Tuberculose (a), Desinfetante, Veia trancada (b) Estômago(cólica)(c)	XAROPE(I)(a), DECOCÇ. (I) (b-c), BANHO(E) (b)	(a)Com gemada	

Manacá <i>Brunfelsia cf. australis</i>	Raiz	Reumatismo	(I)		
Menstruz <i>Coronopus didymus</i>	Planta toda (1-2)	Pulmões (a), Ossos quebrados (b), Batidas(c), Flores Brancas, infecções (d)	SALADA(I) (a), ALCOOLAT.(E) (b), DECOCCÃO(I)(c), XAROPE(I)(d)	(a)Urtigão, taleira, agrião, óleo de milho ou girasol (b) Arruda e sal	(c) na água do chimarrão
Olho-de-pomba <i>Strychnos brasiliensis</i>	Entrecasca	Disenteria	INFUSÃO (I)		Remédio forte, serve p/ criação também.
Orelha-de-mico <i>Hydrocotyle leucocephala</i>	Folhas	Cicatrizante	INFUSÃO (I/E)		
Pariparobão <i>Piper gaudichaudianum</i>	Folhas	Emenagoga, Abortiva	INFUSÃO (E)		
Pariparoba <i>Piper mikanianum</i>	Folhas	Cicatrizante (a) Emenagoga (b)	Uso Tópico(E) (a), INFUSÃO(I) (b)		
Parreirinha <i>Baccharis anomala</i>	Parte aérea	Laxativo	(I)		Tem laxantes melhores, não usa.
Pata-de-vaca <i>Bauhinia forficata</i>	Folhas (2), Raiz	Rins, bexiga, diurético	XAROPE (I)		Quem tem urina frouxa, não pode usar.
Pêlo-de-porco <i>Bulbostylis capillaris</i>	Planta toda (1)	Rins	INFUSÃO (I) XAROPE	Composição p/ rins	
Poejo <i>Cunila microcephala</i>	Planta toda	Pulmões (Expectorante), Tuberculose	XAROPE (I)	Cabreúva, erva-de-passarinho e mel	
Quebra-pedra <i>Phyllanthus niruri</i>	Planta toda (1)	Doenças renais e fígado	XAROPE(I)	Composição p/ rins	
Quina-do-mato <i>Randia armata</i>	Folhas	Probl. espirituais (Irritação)(a), Gripe (b)	ALCOOLAT.(I)(a) INFUSÃO (I)(b)		(a) vê na linha da mão. Usada em ritos espíritas
Quitoco-branco <i>Pterocaulon alopecuroides</i>	Planta toda (1-2)	Estômago, Fígado (Congestão)	XAROPE (I)		
Quitoco-verde <i>Pterocaulon polystachyum</i>	Planta toda (1)	Congestão	XAROPE (I)		
Rabo-de-arara <i>Campiloneurum major</i>	Folhas (1-2)	Recaída (a), Inflamação nos ovários	INFUSÃO (I/E)	(a) + remédios p/ vir menstruaç. ex: arruda	

Ruibarbo <i>Trimezia sp.</i>	Bulbo (punhado)	Coração(a), Laxante, Fígado, Depurativa	XAROPE (I) COMPRIMIDO (I)	(a)Erva-cidreira	(a)Raiz ralada e calda cidró. Dar cor na água
Salsaparrilha <i>Herreria montevidensis</i>	Rizoma (15cm)	Depurativa do sangue, Sífilis(a), Erupção na pele	XAROPE (I) DECOCÇÃO (E/I)	(a)Nogueira, caroba, japacanga, cipó-suma	Nos campestres.
Samambaia-seca <i>Adiantopsis chlorophylla</i>	Folhas (I)	Reumatismo	XAROPE (I)	Nogueira	
Sete-capotes <i>Campomanesia guazumifolia</i>	Entrecasca, Fruto	Fortificante	XAROPE (I)		
Sucará <i>Gleditsia amorphoides</i>	Entrecasca, Vagem	Diabetes (a), Sinusite	XAROPE (I)	(a) + remédios para fígado, ex: ruibarbo	
Suçuaíá <i>Elephantopus mollis</i>	Folhas	Dor de garganta	DECOCÇÃO (E), GARGAREJO	Com sal	Não pode beber.
Taiuiá <i>Cayaponia martiana</i>	Raiz (punhado)	Depurativa, Sífilis, Reumatismo(a)	XAROPE (I), ALCOOLAT.(E)(a)	(a) Óleo de mocotó	Amargo
Taleira <i>Celtis iguanea</i>	Broto da folha	Reconstituente dos Pulmões	SALADA (I)	Menstruz, urtigão, agrião, óleo milho ou girassol	
Trapoeira <i>Commelina erecta</i>	Planta toda (1-2)	Prisão de ventre (laxativa)(a), Hemorroidas(b), Colírio(c)	XAROPE (I) (a) DECOCÇÃO(E) (b) Uso Direto(E) (c)		Um litro p/ beber, outro para banho de assento
Unha-de-gato <i>Acacia bonariensis</i>	Casca da raiz	Gonorréia	INFUSÃO (I)		Unha-de-gato-preta é mais forte (<i>Acacia sp.</i>)
Unha-de-raposa <i>Macfadyena sp.</i>	Parte aérea	Rins	XAROPE (I)	Composição p/ rins	
Urtigão <i>Urera baccifera</i>	Raiz (punhado), Broto folha	Pulmões (a), Diurético, Rins	SALADA (I)(a) XAROPE (I)	Óleo de girassol ou milho, taleira, agrião, menstruz	Fibra do tronco sapecada no fogo faz vestimenta (Guarani)
Varana <i>Cordyline dracaenoides</i>	N. Identif.	Rins	XAROPE (I)	Composição p/ rins	
Vassourinha <i>Chrysophyllum marginatum</i>	Folhas	Inflamação dos ovários (a), Flores brancas	XAROPE (I/E)	(a) Rabo de arara	
Velame-branco <i>Gochnatia ramboi</i>	Xilopódio (punhado)	Depurativa do sangue	XAROPE (I)		

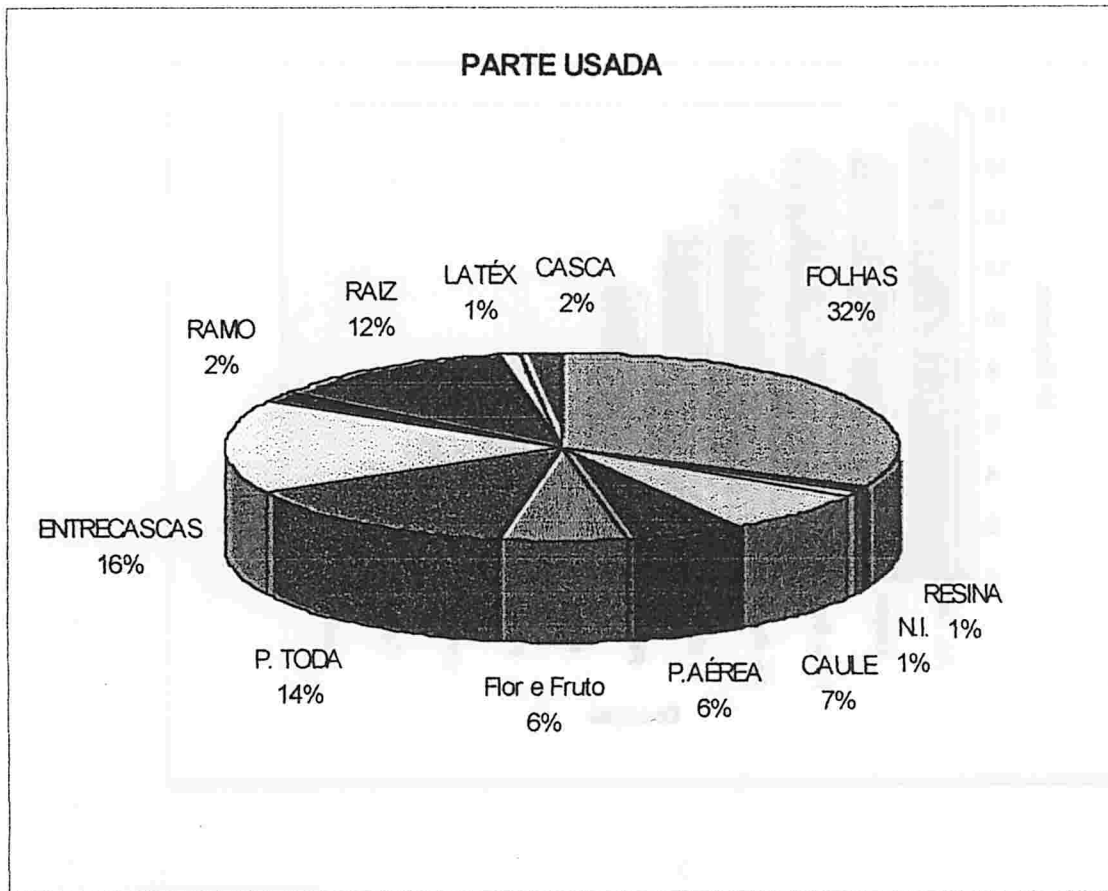
TABELA 4: UTILIZAÇÃO MEDICINAL DE ESPÉCIES EXÓTICAS NO RS POR JOÃO M. FIÚZA, SARAMPIÃO.

Ordem alfabética de nome popular

Nome popular <i>ESPÉCIE</i>	Parte Usada (Quantidade)	USO MEDICINAL	Forma de PREPARO ADMINISTRAÇÃO	Outras PLANTAS INGREDIENTES e	OBSERVAÇÕES
Arruda <i>Ruta graveolens</i>	Folhas	Ossos quebrados (a), Vermes, Emenagoga(b)	EMPLASTRO(E)a ALCOOLAT. (I)b	(a)Menstruz + cachaça e sal	“É contra o ar”, protege da contaminação.
Canflor <i>Artemisia alba</i>	Parte aérea	Congestão pasmótica	ALCOOLAT.(I/E)		Aplicar sobre estômago
Capim-cidreira <i>Cymbopogon citratus</i>	Folhas	Fígado, Estômago, Febre	XAROPE(I)		Baixa a temperatura do corpo.
Cidró <i>Aloysia citrodora</i>	Folhas	Coração	DECOCÇÃO (I) COMPRIMIDO	Ruibarbo + açúcar	Calda grossa e forte.
Cordão-de-frade <i>Leonotis nepetifolia</i>	Folhas	Pasma(a), Contra ira	DECOCÇÃO(I)	(a) Hortelã-branco, laranja, cola do Tamanduá-bandeira	
Funcho <i>Foeniculum vulgare</i>	Parte aérea (1 galho), Raiz	Refazer gástrico (a), Fortalece sangue (b), Doenças do Fígado	XAROPE (I)	(a)Colhão-de-veado e temperos; (b)Erva de pica-pau e temperos	
Hortelã-branco <i>Mentha cf. villosa-nervata</i>	Folhas	Pasma, Vermes(a), Depurativo	XAROPE(I)	Salsaparrilha, beldroega cipó-mil-homens (a)	
Jurubeba <i>Solanum cf. paniculatum</i>	Raiz	Fígado e Rins	XAROPE (I)		
Laranja <i>Citrus sinensis</i>	Fruto casca (1-2)	Contra infecções em geral	XAROPE (I) DECOCÇÃO(I)		Em todas as receitas
Nogueira <i>Carya illinoensis</i>	Folhas (1-2)	Depurativa do sangue, Sífilis	XAROPE(I)	Samambaia-seca, Vai no xarope p/ sífilis	“Muda o sangue”
Santos-filho <i>Leonurus sibiricus</i>	Folhas	Colesterol (emagrescer), Sarna	DECOCÇÃO(E) (I)		“Sai gordura na urina”
Tansagem <i>Plantago ssp</i>	Planta toda, Raiz	Antibiótico, Corrimento vaginal, ferida no útero	DECOCÇÃO(I/E) XAROPE(I)		

Forma de Administração (Interna (I) ou Externa (E)) / **Em negrito** espécies identificadas no levantamento de 1982 que não apareceram neste.

Figura 6:



Porcentagem da parte utilizada medicinalmente em relação a totalidade das partes utilizadas.

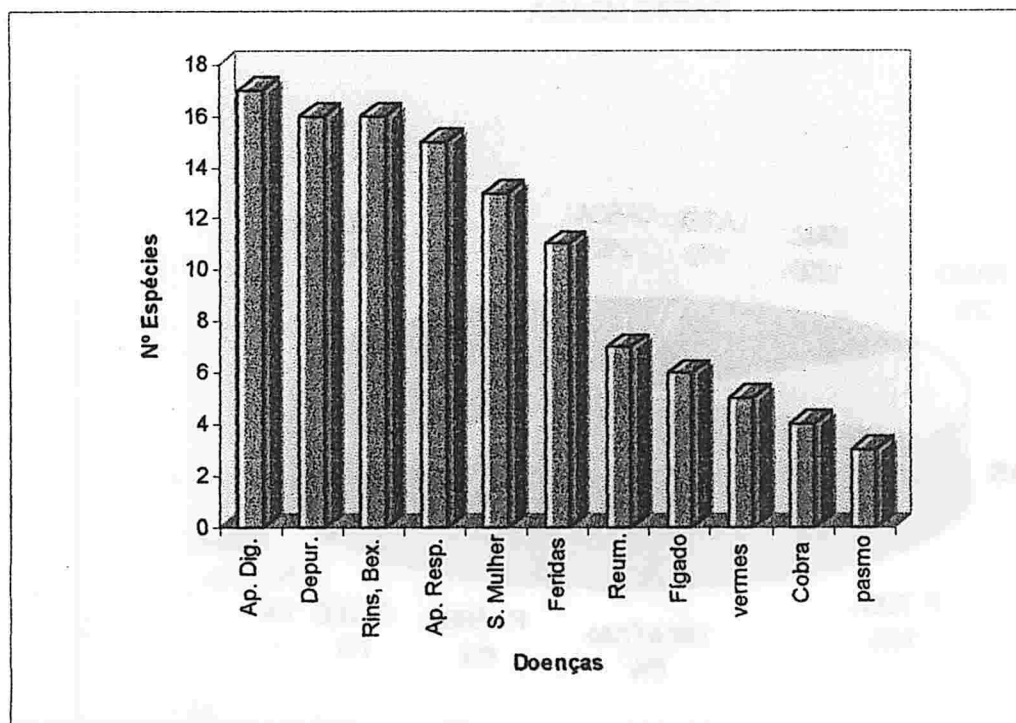
N.I: Não identificado

Caule inclui: Xilopódios, Rizomas e Bulbo

Entrecasca inclui: Periderme interna e Câmbio

Figura 7:

Nº DE PLANTAS POR USO MEDICINAL:



5.4.5 FICHAS DAS ESPÉCIES MEDICINAIS

FAMÍLIA: ADIANTACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Adiantum pseudo-tinctum* Hier.

NOME POPULAR: Avenca

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Argentina e Brasil nos estados de PR, SC e RS.

HERBÁRIO ICN: 16-Itapiranga, SC; 14073-Santa Bárbara, RS; 18320-Rio Pardo, RS; 17727-São Leopoldo, RS; 69582-Esmeralda, RS; 69564-Derrubadas, RS; 69572 a 69579-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Pteridáceas, 1972.

NOME CIENTÍFICO: *Adiantopsis chlorophylla* (Sw.)Fée

SINONÍMIA: *Cheilanthes brasiliensis* Raddi.; *Hypolepis spectabilis* Link

NOME POPULAR: Samambaia-Seca

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América, do Equador ao Noroeste da Argentina e Sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 4967-Pelotas, RS; 15274-São Leopoldo, RS; 34876-Porto Alegre, RS; 95105-Derrubadas, RS; 30836-Caxias do Sul, RS; 30852-Caí, RS; 30809-Santa Rosa, RS; 67853a-Derrubadas, RS; 67849a-Caçapava do Sul, RS; Sch.1704-Santo Angêlo, RS; 30854-Porto Alegre, RS; 67852a-Derrubadas, RS; 67858a-Derrubadas, RS; 67873a e 67874a-Esmeralda, RS; 67880a-Giruá, RS; 67882a-Salvador do Sul, RS; 67883a-Torres, RS; 67884a-Dois Irmãos, RS; 67885a-Porto Alegre, RS; 19629-Canoas, RS; 17595-Canoas, RS; 14103-Santa Rosa, RS; 14148-Santa Rosa, RS; SCH.1692-Pelotas, RS; 18096-Caxias do Sul, RS; 18321-Rio Pardo, RS; 7824-Gramado, RS; SCH.145-Três Passos, RS; SCH.1693-Erechim, RS; 30853-Canela, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Pteridáceas, 1972.

FAMÍLIA: ALISMATACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Echinodorus grandiflorus* (Cham. et Schlecht.) Mill.

SINONÍMIA: *Alisma grandiflorum* Cham. et Schlecht.; *A. floribundum* Seub.; *Echinodorus floribundus* (Seub.) Seub.; *E. muricatus* Gris.

NOME POPULAR: Chapéu-de-couro

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nativa da América Tropical e Subtropical (Simões et alli, 1989), desde o sul dos E.U.A. até Argentina, Uruguai e Brasil (Irgang & Gastal, 1996).

HERBÁRIO ICN: 96464-Esmeralda, RS; 98550-?; 43365-São Gabriel, RS; 49842-Rio Grande, RS; 90945-Pirapó, RS; 53069-Osório, RS; 4672-Barra do Ribeiro, RS; 19217-Canoas, RS; 89394-Porto Alegre, RS; 50190-Tapes, RS; 89422-Santa Vitória do Palmar, RS; SCH.333-Porto Alegre, RS; 49839-Rio Grande, RS, 8434-Quaraí, RS; 41070-Cambará do Sul, RS; 34527-Porto Alegre, RS; 94480-Viamão, RS; 98532-São Francisco do Sul, RS; 98522-Esmeralda, RS; 98510- Arroio Cuñapiru, Uruguai; 98323-La Capital, Santa Fé, Argentina; 96475-Torres, RS; 96467-Arroio dos Ratos, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T:IV, p.I, 1968.

IRGANG & GASTAL, 1996

FAMÍLIA: APIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Hydrocotyle leucocephala* Cham. et Schlecht.

SINONÍMIA: *H. minuta* Pohl ; *H. leucocephala* var. *minuta* Urban

NOME POPULAR: Orelha-de-Mico

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: México, Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil.

HERBÁRIO ICN: SCH.4330-Porto Alegre, RS; 103721-103722-Guaíba, RS; 103452-Três Barras, SC; 31425-Guaíba, RS; 94923-Derrubadas, RS; 24844-Canela, RS; 34938-Guaíba, RS; 46108-Oberá, Misiones, Arg.; 46107-Mercedes, Corrientes, Arg.; 46116-Ituzaingó, Corrientes, Arg.; 7943-Emas, SP; SCH.4425-Dois Irmãos, RS; SCH.4158-Gramado, RS; 88481-Viamão, RS; 23416-Guaíba, RS; 31273-Guaíba, RS; SCH.433-Viamão, RS; 5936-Derrubadas, RS; 9753-Porto Alegre, RS; SCH.4543-Porto Alegre, RS; SCH.4157-Porto Alegre, RS; 5079-5040-5048-Foz do Iguaçu, PR; 34901-Guaíba, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Umbelíferas, 1972.

NOME CIENTÍFICO: *Foeniculum vulgare* Mill.

SINONÍMIA: *Anethum foeniculum* Linn. ; *Foeniculum foeniculum* Karst.

NOME POPULAR: Funcho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária da Europa mediterrânea e norte da África. Cultivada e Adventícia no Brasil (Simões et alli, 1989).

HERBÁRIO ICN: 94925-Tenente Portela, RS; 94924-Porto Alegre, RS; 94932-Taquaras, SC.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Umbelíferas, 1972.

FAMÍLIA: AQUIFOLIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Ilex paraguariensis* St. Hil.

SINONÍMIA: *Ilex domestica* Reissek ; *Ilex mate* St. Hil. ; *I. paraguariensis* St. Hil. var. *genuina* Loes.

NOME POPULAR: Erva-mate

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Bolívia, Nordeste da Argentina, Leste Paraguai, Noroeste Uruguai, e Brasil em MS, SP, PR, SC, RS (Simões et alli, 1989).

HERBÁRIO ICN: 32944-São Francisco de Paula, RS; 68646-68647-68648-Veranópolis, RS; 95095-95096-Venâncio Aires, RS; 96418-São Francisco de Paula, RS; 96709-96710-Porto Alegre, RS; 51100-Venâncio Aires, RRRS; 53511-Esmeralda, RS; 101691-Fontoura Xavier, RS; 101697-Sarandi, RS; SCH.143-Ijuí, RS; 35061-Guaíba, RS; 81671-Camaquã, RS; 101702-Coronel Bicaco, RS; 101703-Ijuí, RS; 101704-Viadutos, RS; 8864-Tenente Portela, RS; 2369-Gramado, RS; SCH.1235-Canela, RS; 49459-Venâncio Aires, RS, 18624-Porto Alegre, RS; 103891-Maquiné, RS; SCH.29-Derrubadas, RS; SCH.412-Encantado, RS; SCH:468-Santo Ângelo, RS; 64643-Esmeralda, RS; 94938-94939-94940-Veranópolis, RS; 94461-Palmeira das Missões, RS; 49461-Cruzeiro do Sul, RS; 49462-Venâncio Aires, RS; 49457-Venâncio Aires, RS; 18681-Garibaldi, RS; 48324-Venâncio Aires, RS; 897-Caxias do Sul, RS; 21207-São Francisco de Paula, RS; 35390-Mariana Pimentel, RS; SCH.142-Ijuí, RS; 49054-Venâncio Aires, RS; SCH.2273-Canela, RS; 49055-Cruzeiro do Sul, RS; 66448-Ouro Preto, MG; SCH.141-Três Passos, RS; SCH.144-Tucunduva, RS; 92306-Canela, RS; 64308-Barracão, RS; SCH:493-Gramado, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Aquifoliáceas, 1967.

OBS.: Planta incluída na Farmacopéia Brasileira, 1ª ed. (1926), (Lutzenberger, 1985)

FAMÍLIA: ARACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Philodendron bipinnatifidum* (Schott) ex Endlicher

SINONÍMIA: *Arum pinnatifidum* Vell.; *Sphincterostigma bipinnatifidum* Schott.; *Philodendron selloum* C. Koch.; *P. lundii* Warming

NOME POPULAR: Cipó-Guaimbé

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Espécie originária do sul do Brasil, Paraguai oriental, Bolívia e Nordeste Argentino.

HERBÁRIO ICN: 42294-46592-Torres, RS; 21637-Herval Seco, RS; 46500-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: MAYO, 1991

FAMÍLIA: ARISTOLOQUIAC.

NOME CIENTÍFICO: *Aristolochia triangularis* Cham.

SINONÍMIA: *A. sellowiana* (Klotzsch) Duch.; *A. paraguariensis* D. Parodi ; *A. triangularis* Cham. var. *salpinx* (Mast.) Hauman

NOME POPULAR: Cipó-Mil-Homens

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil do MT e MG ao RS.

HERBÁRIO ICN: 20515-Rio Pardo, RS; SCh.2379-Porto Alegre, RS; 95084-95085-95087-Viamão, RS; 95086-Gaurama, RS; 95083-Derrubadas, RS; 59991-San Ignacio, Misiones, Arg.; 92181-Sapucaia do Sul, RS; 2885-Paranaí, PR; SCh.348-Porto Alegre, RS; SCh.4332-Porto Alegre, RS; 35903-Santa Cruz do Sul, RS; 87739-Santa Cristina do Pinhal, RS; 2742-Rio do Sul, SC; 51527-São Sepé, RS; 42161-Taquara, RS; 30646-Porto Alegre, RS; 7986-Porto Alegre, RS; 7810-Porto Alegre, RS; 7076-Porto Alegre, RS; 62622-Saco Grande, SC.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Aristolochiaceas, 1975.

FAMÍLIA: ASTERACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Solidago chilensis* Meyen

SINONÍMIA: *Solidago linearifolia* DC.; *Solidago microglossa* var. *linearifolia* (DC.) Baker

NOME POPULAR: Erva-lanceta

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nativa do Centro e Sul do Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile.

HERBÁRIO ICN: 69687-Guaíba, RS; 65025-Esmeralda, RS; 83305-Guaíba, RS; 69540-Bento Gonçalves, RS; 61684-Tramandaí, RS; 64819-Esmeralda, RS; 89399-Rio Grande, RS; 40831-Cambará do Sul, RS; 85812-Carazinho, RS; 29381-Guaíba, RS; 41140-Guaíba, RS; 17665-Pelotas, RS; 17038-Canoas, RS; 40832-Cambará do Sul, RS; 92105-São Borja, RS; 92458-Bagé, RS; 31063-Sapiranga, RS; 27410-Bagé, RS; 44830-Guaíba, RS; 60677-Florianópolis, SC; 68303-Viamão, RS; 32344-Gramado, RS; 23863-Pelotas, RS; 98275-Uruguaiana, RS; 94881-Derrubadas, RS; 94879-Viamão, RS; 94880-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Jujuy. p.X, Compositae, 1978.

OBS.: Planta incluída na Farmacopéia Brasileira, 1ª ed. (1926), (Lutzenberger, 1985)

NOME CIENTÍFICO: *Baccharis anomala* DC.

NOME POPULAR: Parreirinha

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil oriental e austral, Paraguai, Uruguai e nordeste da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 64749-Esmeralda, RS; 41090-Barros Cassal, RS; 32218-Loreto, Misiones, Arg.; HAG.796-Giruá, RS; HAG.12661-São Francisco de Paula, RS; HAG.11544-Colônia São Pedro, RS; Hag.12991-Colônia São Pedro, RS; HAG.12988-Colônia São Pedro, RS; HAG.14488-Arroio dos Ratos, RS; 68480-Arroio dos Ratos, RS; 53478-Guaíba, RS; 92375-Bagé, RS; 51333-Torres, RS; 45346-Porto Alegre, RS; 43008-Sobradinho, RS; 42159-Taquara, RS; 42119-Vacaria, RS; 41117-Barros Cassal,

RS; 34570-Porto Alegre, RS; 28410-Canela, RS; 69508-Rio Grande, RS; 81053-Canela, RS; 32222-Poços de Caldas, MG; 32221-Pelotas, RS; 32220-Pirangussú, MG; 32219-Poços de Caldas, MG; 32020-Tibagi, PR; 32019-Campina Grande do Sul, PR; 32018-São Mateus do Sul, PR; 32017-Piraquara, PR; 32015-32016-São José dos Pinhais, PR; 31700-Sapucaia do Sul, RS; 31593-Porto Alegre, RS; 31579-?, RS; 31502-Caxias do Sul, RS; 29356-Porto Alegre, RS; 28977-Lavras do Sul, RS; 19587-Pelotas, RS; 19557-Brusque, SC; 17958-Pelotas, RS; 17886-Pelotas, RS; 17273-Pelotas, RS; 17248-Pelotas, RS; 17066-17067-Canoas, RS; Dutra,1236-Bom Jesus, RS; SCH.919-Osório, RS; Dutra, 1377-São Leopoldo, RS; 95093-General Câmara, RS; 95094-Viamão, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Entre Ríos, Tomo VI, p. VI, 1974.

NOME CIENTÍFICO: *Piptocarpha sellowii* (Sch.-Bip.) Baker

SINONÍMIA: *Carphobolus sellowii* Schultz Bipontinus

NOME POPULAR: Cipó-Prata

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e Subtropical; Selva Missioneira Argentina, Paraguai e Sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 48096-Derrubadas, RS; 41940-Torres, RS; 8227-Santa Barbara, RS; 47064-Cambará do Sul, RS; 94884-Derrubadas, RS; 47684-Derrubadas, RS; SCH.822-Cachoeira do Sul, RS; 1471-Dois Irmãos, RS; 89476-Marcelino Ramos, RS; 47761-Derrubadas, RS; 46236-Agudo, RS; 44799-Porto Alegre, RS; 46355-Augusto Pestana, RS; 5938-Derrubadas, RS; SCH.2081-Dois Irmãos, RS; 19037-Pelotas, RS; 2763-Lauro Muller, SC; 59856-Colonia Garabi, Corrientes-ARG.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense.Compostas.3.Tribo *Vernoniae*, 1980.

NOME CIENTÍFICO: *Pterocaulon alopecuroides* (Lam) DC.

SINONÍMIA: *Conyza alopecuroides* Lam.; *Chlaenobolus alopecuroides* (Lam.) Cassini ; *P. interruptum* D.C.; *P. virgatum* f. *alopecuroides* (Lam.) Arechavaleta

NOME POPULAR: Quitoco-branco

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e subtropical, desde Cuba e Antilhas até nordeste da Argentina e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 98417-Porto Alegre, RS; 64830-Esmeralda, RS; 98422-Porto Alegre, RS; 50571-Guaíba, RS; 92417-Bagé, RS; 53566-Guaíba, RS; 32645-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: CABRERA E RAGONESE, 1978.

Flora Ilustr. de Entre Ríos, Tomo VI, parte VI, 1974.

NOME CIENTÍFICO: *Pterocaulon polystachyum* DC.

NOME POPULAR: Quitoco-verde

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 59567-Guaíba, RS; 85813-Porto Alegre, RS; 87274-Londrina, PR; 85811-Carazinho, RS; 94870-Porto Alegre, RS; 85031-Triunfo, RS, 94869-Viamão, RS; 84336-Cachoeira do Sul, RS; 81117-Parobé, RS; 19209-Canoas, RS; 65171-Viamão, RS; 67749-Ijuí, RS; 42108-Tapes, RS; Dutra 1535-São Leopoldo, RS; 98039-São Vicente do Sul, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: CABRERA E RAGONESE, 1978.

NOME CIENTÍFICO: *Blainvillea biaristata* DC.

SINONÍMIA: *Oligogyne megapotamica* DC.; *Oligogyne synedrelloides* Hook. et Arn.

NOME POPULAR: Erva-de-mingua

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 45323-Carazinho, RS; 51030-Bagé, RS; 64385-Guaíba, RS; 59076-Guaíba, RS; SCH.279-Porto Alegre, RS; 65004-Esmeralda, RS; 49234-Esmeralda, RS; 48969-Porto Alegre, RS; 19254-Canoas, RS; 5126-Foz do Iguaçu, PR; SCH.278-Nova Petrópolis, RS; 16917-Porto Alegre, RS; 16907-Osório, RS; 28542-28543-28544-28545-Canela, RS; 42251-Porto Alegre, RS; 28548-Canela, RS; 61664-Esmeralda, RS; 94815-Viamão, RS; 21961-Canela, RS; 21695-Canela, RS

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. Compostas, p.6, 1963.

NOME CIENTÍFICO: *Elephantopus mollis* H.B.K.

NOME POPULAR: Suçuaia

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Desde Cuba e a Baixa Califórnia através da América Tropical até o Norte da Argentina, todo o Brasil.

HERBÁRIO ICN: 60023-Esmeralda, RS; 67226-Fortaleza, CE; 64993-Esmeralda, RS; 51437-Arroio dos Ratos, RS; 31081-Dois Irmãos, RS; 46351-São Leopoldo, RS; 29291-Guaíba, RS; 86328-Cambará do Sul, RS; 64812-Esmeralda, RS; 64778-Lavras do Sul, RS; 59359-Mariana Pimentel, RS; 51017-Guaíba, RS; 47106-47107-Chiapetta, RS; 45943-Três Cerros, Corrientes, Arg.; 40744-Porto Alegre, RS; 35117-Guaíba, RS; 92440-Bagé, RS; 92728-Arroio do Sal, RS; 101728-Guaíba, RS; 98603-Porto Alegre, RS; 93831-Bagé, RS; 94823-Porto Alegre, RS; 92441-Bagé, RS; 34559-Porto Alegre, RS; 29468-Guaíba, RS; 19883-Rio de Janeiro, RJ; 93842-Bagé, RS; 106325-Porto Alegre, RS; 92441-Bagé, RS; 35109-Guaíba, RS; 16244-Osório, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Compostas. 3. Tribo *Vernoniae*, 1980.

NOME CIENTÍFICO: *Achyrocline vauthieriana* De Candolle

SINONÍMIA: *A. argentina* O. Hoffmann; *Achyrocline alata* (HBK) DC.

NOME POPULAR: Macela

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nordeste da Argentina e sudeste do Brasil.

HERBÁRIO ICN: Rambo 46131-Osório, RS; 17040-Caxias do Sul, RS; 19264-Carazinho, RS; 19263-Capão do Leão, RS; 31438-Canela, RS; 32068-Palhoça, SC; 62832-Bento Gonçalves, RS; 95013-Porto Alegre, RS; 32097-Ibirama, SC; 15276-Bom Jesus, RS; 44314-Vacaria, RS; 95008-Bento Gonçalves, RS; 40841-Cambará do Sul, RS; 31507-São Francisco de Paula, RS; 16005-Osório, RS; 68642-Santa Maria, RS; 15882-Belo Horizonte, MG; 88119-Tramandaí, RS; 68325-Cambará do Sul, RS; 103709-Guaíba, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. de Buenos Aires. Compostas, p.6, 1963.

NOME CIENTÍFICO: *Gochnatia ramboi* Cabr.

NOME POPULAR: Velame-branco (Fig.9)

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil, RS e SC.

HERBÁRIO ICN: 110182- Coronel Bicaco, RS; 110385-Coronel Bicaco, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Compostas. Tribo Mutisieae, 1973.

NOME CIENTÍFICO: *Chaptalia nutans* (L.) Polak.

SINONÍMIA: *Thyrsanthea nutans* (L.) C. Kuntze; *Tussilago nutans* Linn.

NOME POPULAR: Arnica-do-Mato

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e Subtropical. Desde o México até Argentina e Brasil.

HERBÁRIO ICN: 69997-Mariana Pimentel, RS; 94811-Viamão, RS; 83311-Guaíba, RS; 69495-Rio Grande, RS; 69529-Rio Grande, RS; 94817-Viamão, RS; 94810-Porto Alegre, RS; 60021-Esmeralda, RS; 61696-Porto Alegre, RS; 3928-Dois Irmãos, RS; 19270-Porto Alegre, RS; 51040-Guaíba, RS; 92433-92434-Bagé, RS; 3237-Porto Alegre, RS; 35116-Guaíba, RS; 51431-Arroio dos Ratos, RS; 16165-Cambará do Sul, RS; 59362-Arroio dos Ratos, RS; 17148-Canoas, RS; 42243-Porto Alegre, RS; 31274-Guaíba, RS; 44569-Porto Alegre, RS; 64720-Esmeralda, RS; 32067-Ibirama, RS; 15395-São Leopoldo, RS; 3972-Viamão, RS; 17917-São Sebastião do Paraíso; 5069-Foz do Iguaçu, PR; 110360-Planalto, RS; 110350-São Francisco de Paula, RS; 110362-Maquiné, RS; 103925-Maquiné, RS; 110081-Manoel Viana, RS; 110078-São Francisco de Assis, RS; 110073-Santa Maria, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Compostas. Tribo Mutisieae, 1973.

Flora de la Prov. Buenos Aires. Compostas, p.6, 1963.

NOME CIENTÍFICO: *Xanthium cavanillesii* Schouw.

SINONÍMIA: *Xanthium australe* Mill. et Sherff.

NOME POPULAR: Abrofo

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Espécie originária da América do sul, adventícia na Europa e Ásia.

HERBÁRIO ICN: SCH.2628-Canoas, RS; Ferreira 179-Porto Alegre, RS; 46181-Paso de los Libres, Corrientes, Arg.; 94859-Porto Alegre, RS; 34563-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Prov. Buenos Aires. Compostas, p.6, 1963.

Flora Ilustr. de Entre Ríos, Tomo VI, parte VI, 1974.

NOME CIENTÍFICO: *Xanthium spinosum* L.

SINONÍMIA: *Acanthoxanthium spinosum* (L.) Fourr.

NOME POPULAR: Espinha-de-carneiro

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Proveniente da Am. do Sul (Font Quer, 1992), distribuída em todo o mundo.

HERBÁRIO ICN: 92463-Bagé, RS; 30345-Rio Pardo, RS; 69535-Rio Grande, RS; 98081-Alegrete, RS; 64716-Esmeralda, RS; 7478-Santa Vitória do Palmar, RS; 19261-Tramandaí, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. Compostas, p.6, 1963.

Flora Ilustr. de Entre Ríos, T: VI, p.VI, 1974.

NOME CIENTÍFICO: *Artemisia alba* Turra

SINONÍMIA: *Artemisia camphorata* Vill.

NOME POPULAR: Acanflor

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Espécie Européia, cultivada na Argentina e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 19253-Canoas, RS; 17517-Cuenca, ESP.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: PARODI & DIMITRI, 1980.

FAMÍLIA: BIGNONIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Jacaranda micrantha* Cham.

SINONÍMIA: *Jacaranda intermedia* Sonder

NOME POPULAR: Caroba

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nordeste Argentina, Leste Paraguai, Brasil nos estados de MG, PR, RJ, SP, PR, SC, RS.

HERBÁRIO ICN: SCH.2795-Ibirama, SC; 87735-Santa Cristina do Pinhal, RS; 60728-Florianópolis, SC; 103834-Maquiné, RS; 47185-Passo Fundo, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: FABRIS, 1965

NOME CIENTÍFICO: cf. *Macfadyena* sp.

NOME POPULAR: Unha-de-raposa

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:

FAMÍLIA: BROMELIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Bromelia balansae* Mez

NOME POPULAR: Caraguatá

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil de MG até noroeste RS, Paraguai, nordeste da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 46466-Derrubadas, RS; 93506-São Borja, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: WINKLER, 1982,

FAMÍLIA: CARICACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Jacaratia spinosa* (Aubl.) DC.

SINONÍMIA: *Carica spinosa* Aubl.; *Carica dodecaphylla* Vell.; *J. dodecaphylla* (Vell.) A. DC.

NOME POPULAR: Jacaratiá

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil, Paraguai e Argentina (Misiones).

HERBÁRIO ICN: SCH.377-Canoas, RS; 27631-Derrubadas, RS; 21642-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Caricáceas, 1970.

FAMÍLIA: CELASTRACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek

SINONÍMIA: *Celastrus spinifolius* Larr.

NOME POPULAR: Cancorosa, Espinheira-Santa (Fig. 12)

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária da América do Sul. Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina. No Brasil, SP, PR, SC, RS.

HERBÁRIO ICN: 92801-Quarai, RS; 93050-93051-São Borja, RS; 1324-São Borja, RS; ?-Guaporé, RS; 893-Bagé, RS; 20541-Pantâno Grande, RS; 21107-Santiago, RS; 18687-Pelotas, RS; 17218-Canguçu-RS; 35322-Canguçu, RS; 50395-Esmeralda, RS; 17450-São Paulo, SP; 50609-Colônia Benítez, Chaco, Arg.; 40452-Lavras do Sul, RS; 40453-Santana do Livramento, RS; SCH.1194-Lavras do Sul, RS; 90952-Pirapó, RS; 90055-Bom Jesus, RS; 103024-Concepción del Uruguay, Entre Rios, Arg.; 95056-Porto Alegre, RS; 66752-Viamão, RS; 68258-Cambará do Sul, RS; 69901-Caçapava do Sul, RS; 87367-Bagé, RS; 53238a-Bagé, RS; 17976-Canguçu, RS; 8611-Lavras do Sul, RS; 40720-Piratini, RS; 106591-Piratini, RS; ?-Encruzilhada do Sul, RS; 98057-São Joaquim, SC; 30246-Santo Antônio- RS; 43024-São Sepé, RS; 40224-Cambará do Sul, RS; 40644-São Sepé, RS; 64613-Esmeralda, RS; 66269-Santana da Boa Vista, RS; 67476-Alegrete, RS; 64473-Esmeralda, RS; 67273-Colônia, Uruguai; 53483-Esmeralda, RS; 61769-Lavras do Sul, RS; 59126-48431-Esmeralda, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: LOMBARDO, 1964

FAMÍLIA: COMMELINACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Commelina erecta* L.

SINONÍMIA: *C. virginica* auct. non L. ; *C. elegans* H.B.K.; *C. caerulea* Salisb.; *C. martiana* Seub.

NOME POPULAR: Trapoeraba, Erva-de-Santa-Luzia

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Planta da América tropical, de ampla difusão desde o sul dos E.U.A. até o centro da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 19358-Porto Alegre, RS; 5515-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: KISSMAN, 1991

Flora de la Prov. Buenos Aires. T: I, 1968.

FAMÍLIA: CRUCIFERAE

NOME CIENTÍFICO: *Coronopus didymus* (L.) Smith

SINONÍMIA: *Lepidium didymus* L.; *Sennebiera pinnatifida* DC.

NOME POPULAR: Menstruz

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Espécie sul-americana, amplamente difundida em cultivos e solos modificados.

HERBÁRIO ICN: 94712- Porto Alegre, RS; SCH.4376-Torres, RS; 4768-Porto Alegre, RS; 24231-Dois Irmãos, RS; 8153-Caxias do Sul, RS; 8778-Passo Fundo, RS; 8908-Derrubadas, RS; 34068-Imbé, RS; 40031-Porto Alegre, RS; 94712-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T: IV, p.3, 1967.

FAMÍLIA: CUCURBITACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Cayaponia martiana* (Cogn.) Cogn

SINONÍMIA: *Trianosperma ficifolia* Mart.

NOME POPULAR: Taiuiá, Pata-de-Leão

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nativa do Sul do Brasil, Uruguai e parte da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 68673-Gravataí, RS; 8016-Porto Alegre, RS; 9534-Rio Grande, RS; 7966-Porto Alegre, RS; 19426-Porto Alegre, RS; 19423-Porto Alegre, RS; 21617-Osório, RS; 8028-Porto Alegre, RS, 7757-Porto Alegre, RS; 63276-Osório, RS; 59177-

Morungava, RS ; 95307-Porto Alegre, RS; 95302-Montenegro, RS; 95301-Campo Bom, RS; 95299-Cachoeira do Sul, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires.T: IV, p5, 1965.

FAMÍLIA: CYPERACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Bulbostylis capillaris* (L.)Clarke

SINONÍMIA: *Scirpus capillaris* Linn.; *Stenophyllus capillaris* Britt.

NOME POPULAR: Pêlo-de-porco

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nativa da América do Sul, no Brasil do AM. ao RS. Espalhada em todo o mundo.

HERBÁRIO ICN: 87724-Santa Cristina do Pinhal, RS; 87287-Florianópolis, SC; 53607-Tramandaí, RS; 87303-Florianópolis, SC; 89157-89158-Derrubadas, RS; 89201-89202-Derrubadas, RS; 96837-Bagé, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T: I, 1968.

FAMÍLIA: EUPHORBIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Phyllanthus niruri* L.

SINONÍMIA: *P. lathyroides* sensu Muell. Arg. in DC.

NOME POPULAR: Quebra-pedra

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nativa das Américas, do Texas nos E.U.A até o sul do Brasil e Argentina (Simões et alli, 1989).

HERBÁRIO ICN: 5108-Porto Alegre, RS; 59576-Guaíba, RS; 27440-Bagé, RS; 30408-Morro do Coco, RS; 24325-Morro do Coco, RS; 30441-RS; 41071-Cambará do Sul, RS; 21735-Canela, RS; 26962-Derrubadas, RS; 7077-Porto Alegre, RS; 26969-Giruá, RS; 26983-Tuparendi, RS; 26845-Gramado dos Loureiros, RS; 24230-Dois Irmãos, RS; 27482-Jaguari, RS; 59840-Santo Tomé, Corrientes, ARG.; 95388-Porto Alegre, RS; 5090-Foz do Iguaçu, PR; 34580-Porto Alegre, RS; 44869-Porto Alegre, RS; 21940-Canela, RS; 30442-Vacaria, RS; 40781-Torres, RS; 40782-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Euforbiáceas, 1988.

NOME CIENTÍFICO: *Actinostemon concolor* (Spreng.) Mull.Arg.

SINONÍMIA: *Gussonia concolor* Spreng.; *A. concolor* (Spreng.) Muell. Arg. var. *concolor* Smith & Downs

NOME POPULAR: Laranjeira-do-mato

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil do CE e PE até RS.

HERBÁRIO ICN: 51896-Guaíba, RS; 83828-Florianópolis, RS; 82955-Maracás, BA; 87374-Bagé, RS; 103936-Maquiné, RS; 81799-Ilhéus, BA; 81699-Camaquã, RS; 92006-São Borja, RS; 95366-Derrubadas, RS; 48438-Vale do Sol, RS; 92284-Rolante, RS; 66978-Agudo, RS; 92299-Canela, RS; 93472-São Borja, RS; 93512-São Borja, RS; 92151-São Borja, RS; 20738-Viamão, RS; 26929-São Borja, RS; 1331-São Borja, RS; 790-Cachoeira do Sul, RS; 83848-Imaruí, SC; 81988-Pedro Lopes, SC; 40722-Colônia São Pedro, RS; 50728-Santo Tomé, Corrientes, ARG.; 32844-Ronda Alta, RS; 32839-Planalto, RS; 32838-Frederico Westphalen, RS; 32834-Derrubadas, RS; 26968-Santo Ângelo, RS; 8848-Sarandi, RS; 24074-Porto Alegre, RS; 5122-Foz do Iguaçu, PR; 4986-Foz do Iguaçu, PR; 8079-Dois Irmãos, RS; 31510-Canoas, RS; 89433-Capão do

Leão, RS; 84194-Imaruí, SC; SCH.574-Porto Alegre, RS; 32830-Torres, RS; 32828-Osório, RS; 20522-Rio Pardo, RS; 7980-Porto Alegre, RS; 7071-Porto Alegre, RS.
BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Euforbiáceas, 1988.

FAMÍLIA: FLACOURTIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Casearia decandra* Jacquin

NOME POPULAR: Guaçatunga

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil, Argentina e Paraguai.

HERBÁRIO ICN: 8088-Viamão, RS; SCH. 1109-Itajaí, SC; 53438- Guaíba, RS; 35339- Pelotas, RS; SCH.4428-São Francisco de Paula, RS; SCH.864-Cachoeira do Sul, RS; SCH.595-Taquara, RS; 16141-Porto Alegre, RS; 92317-Santa Cristina do Pinhal, RS; 67702-Esmeralda, RS; 16140-Porto Alegre, RS; 27898-Torres, RS; 22065-Canela, RS; 61342-Esmeralda, RS; 59110-Esmeralda, RS; 35577-Pinheiro Machado, RS; 103903-Osório, RS; 53438-Guaíba, RS; 51987-Guaíba, RS; SCH.426-Porto Alegre, RS; 4735-Viamão, RS; SCH.1230-Canela, RS; 47754-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Flacourtiáceas, 1984.

NOME CIENTÍFICO: *Casearia silvestris* Sw.

SINONÍMIA: *Bamyda parviflora* L.

NOME POPULAR: Erva-de-Bugre, Carvalinho; Cafézinho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América desde México e Antilhas até o Norte do Uruguai e Argentina e sul do Brasil (Simões et alli, 1989).

HERBÁRIO ICN: 93498-São Borja, RS; 92285-Santa Cristina do Pinhal, RS; 92329-Canela, RS; 93225 e 93226-Arroio do Sal, RS; 53436-Guaíba, RS; 53437-Porto Alegre, RS; 92322-Santa Cristina do Pinhal, RS; 53436-Guaíba, RS; 53437-Porto Alegre, RS; 53454-Morungava, RS; 95436-Porto Alegre, RS; 85532-Patrocínio, MG; 85531-Nova Ponte, MG; 85530-Perdizes, MG; 83670-Viamão, RS; 82196-São João do Araguaia, PA; SCH.1339-São Borja, RS; 34702-Porto Alegre, RS; 9302-Viamão, RS; Rambo 27184-Cachoeira do Sul, RS; 87371-Bagé, RS; 34883-Canoas, RS; 101860-Pirapó, RS; 101673-Viamão, RS; 101660-Viamão, RS; 95430-Porto Alegre, RS; 95429-Derrubadas, RS; 95431-Viamão, RS; 8118-Gramado, RS; 89491-Marcelino Ramos, RS; 54454-Morungava, RS; 32335-Guaíba, RS; 7854-Torres, RS; 8226-Santa Barbara, RS; 1028-Santa Maria, RS; 69902-Caçapava do Sul, RS; SCH.290-São Leopoldo, RS; 16143-16144-Osório, RS; 40769-Porto Alegre, RS; 45872-Concepciõn, Corrientes, ARG.; 40759-Guaíba, RS; 41244-Porto Alegre, RS; 34949-Torres, RS; 40422-Lavras do Sul, RS; 34124-Santa Cruz do Sul, RS; 27950-Torres, RS; 66522-Viamão, RS; 67067-Camaquã, RS; 9289-Viamão, RS; 18788-Porto Alegre, RS; 21534-Ñembi, Cañadita, Paraguai; 1817-Palhoça, SC; SCH.2071-Dois Irmãos, RS; 29306-Guaíba, RS; 50305-Morungava, RS; 5043-Foz do Iguaçu, PR.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Flacourtiáceas, 1984.

OBS.: Planta incluída na Farmacopéia Brasileira 1ª ed. (1926) (Lutzenberger, 1985).

FAMÍLIA: IRIDACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Trimezia* sp.

NOME POPULAR: Ruibarbo; Capim-rei; Barrela (Fig. 11)

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil, Paraguai

NOME CIENTÍFICO: *Sysirinchium vaginatum* Spreng

SINONÍMIA: *S. distantiflorum* Kranz.

NOME POPULAR: Canchalágua

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Argentina e Brasil.

HERBÁRIO ICN: 50366-Esmeralda, RS; 87122-87123-Sapucaia do Sul, RS; 87124-Montenegro, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. de Buenos Aires. T: I, 1968.

FAMÍLIA: JUNGLANDACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Carya illinoensis* (Wangh) Koch

NOME POPULAR: Nogueira

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Cultivada no Brasil

FAMÍLIA: LAMIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Ocimum selloi* Bentham

SINONÍMIA: *Ocimum carnosum* Link. et Otto ex Benth.; *O. sellowii* Benth.

NOME POPULAR: Alfavaca

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Desde Am. Central até o sul do Brasil e norte e leste da Argentina

HERBÁRIO ICN: 60027-Esmeralda, RS; 28766-São Francisco de Paula, RS; 21668-Canela, RS; 8172-Bento Gonçalves, RS; 5337-Porto Alegre, RS; 5277-Dois Irmãos, RS; 4834-Gravataí, RS; 94887-Canoas, RS; 95406-Lagoa Vermelha, RS; 40752-Gramado, RS; 95405-Viamão, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: PEREIRA, 1979

NOME CIENTÍFICO: *Cunila microcephala* Benth.

NOME POPULAR: Poejo

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nativa do sul da América do Sul, Uruguai, Argentina e Brasil, do PR ao RS (Pio Corrêa, 1978; Simões et alli, 1989).

HERBÁRIO ICN: 81699-Camaquã, RS; 53806-Guaíba; 53984-Bom Jesus, RS; 95423-Gen. Câmara, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: PEREIRA & PEREIRA, 1973

OBS.: Planta incluída na Farmacopéia Brasileira, 1ª ed. (1926) (Lutzeberger, 1985).

NOME CIENTÍFICO: *Leonurus sibiricus* L.

SINONÍMIA: *L. altaicus* Spreng.; *L. heterophyllus* Sweet.; *L. multifidus* Desf.

NOME POPULAR: Santos Filho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originaria da Sibéria e China. Bem distribuída na América tropical.

HERBÁRIO ICN: 19158-Porto Alegre, RS; 28529-Canela, RS; 64634-Esmeralda, RS; 3332-Bento Gonçalves, RS; 16462-Venâncio Aires, RS; 5953-Tenente Portela, RS; 418- Serra do Pinto, RS; 2237-Caí, RS; 95415-Viamão, RS; 40491-Nova Prata, RS; 92039-São Borja, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: KISSMAN & GROTH, 1995.

NOME CIENTÍFICO: *Leonotis nepetifolia* R.B.

SINONÍMIA: *Phlomis nepetaefolia* L.

NOME POPULAR: Cordão-de-Frade

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária da África Tropical presente nas regiões Tropicais e Subtropicais da África, Ásia e Américas (Kissmann & Groth, 1995)

HERBÁRIO ICN: 34674-Porto Alegre, RS; 59185-Viamão, RS; 62554-Marcelino Ramos, RS; 27449-Capão do Leão, RS; 17921-São Sebastião do Paraíso.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: KISSMAN & GROTH, 1995.

NOME CIENTÍFICO: *Mentha cf. villosa-nervata* Opiz

NOME POPULAR: Hortelã-Branca

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Espécie européia, cultivada no Brasil.

HERBÁRIO ICN: 95328-Veranópolis, RS; 95282-Porto Alegre, RS; 95316-95319-Porto Alegre, RS; 95355-Montenegro, RS; 95357-Canela, RS; 95280-Porto Alegre, RS.

FAMÍLIA: LEGUMINOSAE, CAESALPINOIDEAE

NOME CIENTÍFICO: *Gleditsia amorphoides* (Griseb.) Taubert

SINONÍMIA: *Garugandra amorphoides* Gris.

NOME POPULAR: Sucará, Corona

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bolívia, Leste Paraguai, Norte do Uruguai e Argentina, Brasil, Oeste SC e PR e Noroeste e Sudoeste do RS.

HERBÁRIO ICN: 50608-Puerto Gonzáles, Corrientes, Arg.; 90974-São Borja, RS; 2005-Erechim, RS; SCH.28-Três Passos, RS; SCH.2684-São Miguel do Oeste, SC; 90951-Pirapó, RS, 90940-Pirapó, RS; 51633-Derrubadas, RS; 53948-Itaqui, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: LOMBARDO, 1964.

NOME CIENTÍFICO: *Apuleia leiocarpa* (Vogel) Macbride

SINONÍMIA: *Apuleia polygama* Fr. Allem; *A. praecox* (Mart.) Vogel

NOME POPULAR: Grapia, Cana do Brejo

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Sul América Tropical e Subtropical, Selva Missioneira no Nordeste Argentina, Leste Paraguai, Sul da Bolívia e no Brasil, nordeste, sudeste e sul.

HERBÁRIO ICN: SCH. 791-Cachoeira do Sul, RS; SCH.1379-Tenente Portela, RS; SCH 2263-Iraí, RS; SCH 2666-São Miguel do Oeste, SC; 95336-Tenete Portela, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Projeto Madeira do Rio Grande do Sul, 1988.

NOME CIENTÍFICO: *Bauhinia forficata* Link.

SINONÍMIA: *Bauhinia aculeata* Vell., *Bauhinia candicans* Bentham

NOME POPULAR: Pata-de-Vaca

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bolívia, Nordeste da Argentina, Leste do Paraguai e noroeste do Uruguai, e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 84604-Florianópolis, SC; 14453-Marcelino Ramos, RS; 46174-Yapeyú, Corrientes, Arg.; 27184-Porto Alegre, RS; 61752-Derrubadas, RS; ?-33380-Porto Alegre, RS; 90943-Pirapó, RS; 84603-Florianópolis, SC; 2778-Rio do Sul, SC;

28094-Torres, RS; 14455-?; 59849-Teyú Cuaré, Misiones, Arg.; 22045-Canela, RS; Dutra 778-Taquara, RS; Dutra 550-São Leopoldo, RS; 34691-Porto Alegre, RS; 18562-Porto Alegre, RS; 51755-Bossoroca, RS; 84894-Ivai, PR; 103921-Maquiné, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: FORTUNATO, 1986

FAMÍLIA: LEGUMINOSAE, MIMOSOIDEAE

NOME CIENTÍFICO: *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan

SINONÍMIA: *Acacia angico* Mart.; *Piptadenia rigida* Bentham

NOME POPULAR: Angico-vermelho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Sul da Bolívia, Leste Paraguai, Norte Uruguai e Nordeste Argentina, Brasil no sul de MG, MS, SP, RJ, PR, SC e RS.

HERBÁRIO ICN: 84899-Peabiru, PR; 66707-Santa Cruz do Sul, RS; SCH.2677-São Miguel do Oeste, SC; SCH.2252-Iraí, RS; 93046-São Borja, RS; 82207-Ivinhema, MS; 4416-Ibirama, SC; 63095-Estrela, RS; 53955-Jaguari, RS; 111372-Tenente Portela, RS; 2410-Nonoai, RS; SCH.1362-Bento Gonçalves, RS; 2298-Caxias do Sul, RS; SCH.2295-Dois Irmãos, RS; SCH.2074-Ivoti, RS; 1056-Santa Maria, RS; 14709-Porto Alegre, RS; 21559-Chimiray, Corrientes, ARG.; 1021-Santa Maria, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Leguminosas. Mimosoideas, 1979.

OBS.: Planta incluída na Farmacopéia Brasileira, 1ª ed. (1926), (Lutzenberger, 1985)

NOME CIENTÍFICO: *Acacia bonariensis* Gill. ex Hook. et Arnott

NOME POPULAR: Unha-de-gato

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Subtropical, Argentina, Paraguai, Uruguai, e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 90426-Erexim, RS; 95294-Viamão, RS; 89452-Capão do Leão, RS, 106279-Manuel Vianna, RS; 33917-Porto Alegre, RS; 92001-São Borja, RS; 34690-Porto Alegre, RS; 45294- Porto Alegre, RS; SCH.2203- São Jerônimo, RS; 18196-Jaguarão, RS; SCH.2183-Porto Alegre, RS; 49447- Porto Alegre, RS; 95294-Viamão, RS; 92013-São Borja, RS; 46188- Monte Caseros, Corrientes, ARG.; 42985- Porto Alegre, RS; SCH.2165-Alegrete, RS; 33595-São Francisco de Assis, RS; 2188-Porto Alegre, RS; SCH.2187-Gravataí, RS; 33381-Porto Alegre, RS; 18575-Porto Alegre, RS; 2183-Porto Alegre, RS; 98629-Rolante, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T: IV, p.3, 1967.

FAMÍLIA: LEGUMINOSAE, PAPILIONOIDEAE

NOME CIENTÍFICO: *Myrocarpus frondosus* Fr. Allem.

SINONÍMIA: *Myrocarpus paraguariensis* Hall.

NOME POPULAR: Cabreúva

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Nordeste Argentina, Leste Paraguai e Brasil do sul da Bahia até RS.

HERBÁRIO ICN: 90963-Pirapó, RS; 45623-Santa Cruz do Sul, RS; 28397-Canela, RS; 92274-Rolante, RS; 89490-Marcelino Ramos, RS; 8069-Novo Hamburgo, RS; 48790-Santa Cruz do Sul, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Projeto Madeira do Rio Grande do Sul, 1988.

NOME CIENTÍFICO: *Erythrina falcata* Benth

SINONÍMIA: *Coraliodendron falcatum* Ktze.; *E. crista-galli* L. var. *inermis* Spegazz.

NOME POPULAR: Corticeira

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil, do Maranhão ao Rio Grande do Sul e Argentina

HERBÁRIO ICN: 35125-Santa Cruz do Sul, RS; HBR.17078-Rio do Sul, SC; 17765-São Paulo, SP; 43277-Torres, RS; 103917-Maquiné, RS; 32948-São Francisco de Paula, RS; Dutra.742-São Leopoldo, RS; 103916-Maquiné, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: MATTOS, 1977

FAMÍLIA: LILIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Herreria montevidensis* Klotzsch ex Griseb.

NOME POPULAR: Salsaparrilha (Fig. 8)

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 46199-Perichón, Corrientes, ARG.; 40489-Esmeralda, RS; 19367-Porto Alegre, RS; SCH.321-Porto Alegre, RS; 712-Maquiné, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T: IV, p. I, 1968.

NOME CIENTÍFICO: *Cordyline dracaenoides* Kunth

SINONÍMIA: *Charlwoodia frarantissima* Lem.; *Cordylyne sellowiana* Kunth

NOME POPULAR: Varana

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: SP, PR, SC, RS.

HERBÁRIO ICN: 26826-Planalto, RS; 3396-Panambi, RS; 8954-Derrubadas, RS.

FAMÍLIA: LOGANIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Strychnos brasiliensis* (Spreng.) Mart.

SINONÍMIA: *Geniostoma brasiliense* Spreng.; *Strychnos breviflora* A. DC.; *S. sellowiana* Gilg

NOME POPULAR: Olho-de-pomba

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Bolívia, Paraguai, Brasil, Argentina até Misiones, Corrientes e Entre Rios, Ilhas do Rio Uruguai.

HERBÁRIO ICN: 45604-Porto Alegre, RS; 85029-Triunfo, RS; 83788-Florianópolis, SC; 83786-Florianópolis, SC; 49400-49407-Porto Alegre, RS; 90954-Pirapó, RS; 40140-Esmeralda, RS; 40188-Esmeralda, RS; 59129-Esmeralda, RS; 46115-Alvear, Corrientes, ARG; SCH.1698-Porto Alegre, RS, 90793-Derrubadas, RS; 35652-Frederico Westphalen, RS; 103451-Três Barras, SC; 34081-Guaíba, RS; 40418-Guaíba, RS; SCH.1322-São Luiz Gonzaga, RS; SCH.32-Três Passos, RS; 787-Cachoeira do Sul, RS; 531-Pindorama, RS; 29476-Guaíba, RS; 21921-Canela, RS; 30586-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Loganiáceas, 1976.

FAMÍLIA: MELIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Cabralea canjerana* (Vell.) Mart.

SINONÍMIA: *Cabralea glaberrima* A. Juss.; *C. multijuga* C. D' Candolle; *C. oblongifolia* C. D' Candolle

NOME POPULAR: Cangerana

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Costa Rica, Guiana, Peru, Bolívia, Nordeste Argentina, Leste do Paraguai e Brasil no norte, centro, sudeste e sul.

HERBÁRIO ICN: 103943- Maquiné, RS; 98700-Santo André, SP; 87740-Santa Cristina do Pinhal, RS; J.B.RJ948- Distrito Federal, DF; 9516-Taquara, RS; SCH.947-Iraí, RS; 8761-8763-Viamão, RS; 8764-Porto Alegre, RS; 24519-Sombrio, SC; 24476-Morungava, RS; 9174-9192-9198-Colônia São Pedro, RS; 24078-Porto Alegre, RS; 9153-9154-Sombrio, SC; 22122-Gravataí, RS; 22116-22118-Viamão, RS; 21619-21621-Maquiné, RS; 31112-Maquiné, RS; 9512-9513-Viamão, RS; 22161-Rincão dos Kroeff, RS; SCH.1885-Palhoça, SC; 25754-Derrubadas, RS; 26355-Itati, RS; Rambo.28301-Porto Alegre, RS; 24518-Morro dos Conventos, SC; 24463-Porto Alegre, RS; SCH.11360-Colônia São Pedro, RS; 24462-24464-Porto Alegre, RS; 44846-Morungava, RS; 46597-Torres, RS; 9778-Viamão, RS; SCH.5-Santo Ângelo, RS; SCH. 832-Cachoeira, RS; 40716, RS; 27860-Torres, RS; 40680-Sobradinho, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Meliáceas, 1984.

OBS.: Planta incluída na Farmacopéia Brasileira, 1ª ed. (1926), (Lutzenberger, 1985).

NOME CIENTÍFICO: *Guarea macrophylla* Vahl

SINONÍMIA: *Guarea lessoniana* A. Juss.

NOME POPULAR: Pau-de-lança, Cedrilho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Argentina, Brasil do MT e GO, DF até o RS.

HERBÁRIO ICN: 6355-Pareci, RS; SCH.2245-Morungava, RS; SCH.3376-Morungava, RS; 34945-Torres, RS; SCH.3040-São Borja, RS; 29246-Derrubadas, RS; 34062-Derrubadas, RS; 31036-Derrubadas, RS; 95142-Derrubadas, RS; 9514-Viamão, RS; 34813-Porto Alegre, RS; 50217-Porto Alegre, RS; 88149-Vera Cruz, RS; 24515-Santo Antônio da Patrulha, RS; 9191-Colônia São Pedro, RS; 22447-Florianópolis, RS; 22448-Porto Alegre, RS; 20516- Rio Pardo, RS; 25763-Derrubadas, RS; 27861-27862-Torres, RS; 42359-Torres, RS; 33261-Torres, RS; 24460-Colônia São Pedro, RS; 8765-Viamão, RS; 26277-Derrubadas, RS; 21643-Derrubadas, RS; 5464-Colônia São Pedro, RS; 50217-Porto Alegre, RS; 8885-Derrubadas, RS; 9131-Araranguá, SC; 9514-Viamão, RS; 8952-Derrubadas, RS; 5924-Derrubadas, RS; 101863-Canoas, RS; 53731-Viamão, RS; 59153-Porto Alegre, RS; 94934-Porto Alegre, RS; 83176-Terra de Areia, RS; 103940-Maquiné, RS; 84270-Florianópolis, SC.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Meliáceas, 1984.

FAMÍLIA: MYRTACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Campomanesia guazumifolia* (Camb.) Berg

SINONÍMIA: *Britoa sellowiana* Berg; *Britoa guazumaefolia* (Camb.) Legr.

NOME POPULAR: Sete-capotes

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Sul da América Tropical e Subtropical. No Brasil, Paraguai e Argentina.

HERBÁRIO ICN: 84683-Paulo Lopes, SC; 101905-Vacaria, RS; SCH.2181-Agudo, RS; 27818-Torres, RS; 51013a-Barracão, RS; SCH.1119-?; SCH.635-Três Passos, RS; 61056-Amambay, PAR.; 88055-Agudo, RS; 89488-Marcelino Ramos, RS; 90938-Pirapó, RS; 63340-Porto Alegre, RS; 84562-Agudo, RS; 84654-Guairá, PR; 61045-Amambay, PAR.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Mirtáceas, vol.8, 1977.

FAMÍLIA: PALMAE

NOME CIENTÍFICO: *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassm.

SINONÍMIA: *Cocos romanzoffiana* Cham.; *Arecastrum romanzoffianum* (Cham.) Becc.

NOME POPULAR: Coqueiro-vermelho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária da América do Sul, chegando pelas matas de galeria até o Delta do Paraná.

HERBÁRIO ICN: 64363-Santa Cruz do Sul, RS; 63926-Santa Cruz do Sul, RS; 49444-Porto Alegre, RS; 34148-Osório, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Palmeiras, 1974.

FAMÍLIA: PIPERACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Piper gaudichaudianum* Kunth

SINONÍMIA: *Artanthe salicariaefolia* Miq. ; *A. gaudichaudiana* Miq. ; *Piper obscurum* C. DC.; *P. rectinervulum* C. DC.

NOME POPULAR: Pariparobão, Jaguarandi

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária do Paraguai, leste Argentino e sul do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 28018-Torres, RS; 44842-Gravataí, RS; 96784-Cainguas, Misiones, ARG.; 8225-Santa Bárbara, RS; 8175-Bento Gonçalves, RS; 34860-Torres, RS; 94463-94774-Porto Alegre, RS; 94769-94770-Viamão, RS; 81701-Camaquã, RS; 82650-Nova Friburgo, RJ; 67251-Registro, SP; 67061-Camaquã, RS; 103845-Maquiné, RS; 41143-Porto Alegre, RS; 4991-Foz do Iguaçu, PR; SCH.1676-Bento Gonçalves, RS; 4825-Morungava, RS; 28762-Morungava, RS; 45588-Porto Alegre, RS; 8077-Dois Irmãos, RS; 35130-Vale do Sol, RS; 50285-Morungava, RS; 67648-Encruzilhada do Sul, RS; 46223-Vale do Sol, RS; 34247-34265-Torres, RS; 40804-Torres, RS; SCH.4469-4470-Osório, RS; 4468-Porto Alegre, RS; 8224-8225-Santa Bárbara, RS; 92179-Sapucaia do Sul, RS; 44859-Torres, RS; 33258-Torres, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: YUNCKER, 1972

NOME CIENTÍFICO: *Piper mikianium* (Kunth.) Steud.

SINONÍMIA: *Schilleria mikiana* Kunth ; *Piper parthenium* Mart.; *Artanthe mikiana* Miq.; *Piper debile* C. DC.; *P. misionesanum* C. DC.

NOME POPULAR: Pariparoba

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Paraguai, Argentina e sudeste do Brasil.

HERBÁRIO ICN: 43958-Caxias, RS; 5971-Panambi, RS; 7342-Panambi, RS; 61305-Candelária, RS; 96787-Curitiba, PR; 49448-Porto Alegre, RS; 66421-Santana da Boa Vista, RS; 94768-Dois Irmãos, RS; 94767-Porto Alegre, RS; 4999-Foz do Iguaçu, PR;

5006-Foz do Iguaçu, PR; 66404-Agudo, RS; 22000-Canela, RS; 29558-Caxias do Sul, RS; SCH.3290-Panambi, RS; 4467-Porto Alegre, RS; 8232-Sarandi, RS; 48113-Santa Cruz do Sul, RS; SCH.2069-8074-Dois Irmãos, RS; 48434-Vale do Sol, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: YUNCKER, 1972

FAMÍLIA: PLANTAGINACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Plantago ssp.*

NOME POPULAR: Tansagem

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Ampla distribuição em ambos os hemisférios, sobretudo nas regiões temperadas.

FAMÍLIA: POACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf

SINONÍMIA: *Andropogon nardus* subsp. *ceriferus* Hack.

NOME POPULAR: Capim-cidró

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária provavelmente da Índia (Simões et alli, 1989), cultivada nas regiões tropicais e subtropicais do mundo.

HERBÁRIO ICN: 10108-Itajaí, SC; 41449-Blumenau, SC; 25613-Osório, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Gramíneas. p.I, 1982

FAMÍLIA: POLIPODIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Campiloneurum major* (Hieron. ex Hicken) Lellinger

SINONÍMIA: *Popypodium phyllitidis f. major* Hieron. ex Hicken

NOME POPULAR: Rabo-de-Arara

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil austral do RJ e SP ao RS, Paraguai, Uruguai e Argentina.

HERBÁRIO ICN: 47129-Torres, RS; 14092-Bom Jesus, RS; 18102-Porto Alegre, RS; 5007-Foz do Iguaçu, PR; 43559-Guaíba, RS; 90871-Montenegro, RS; 45204-Vale do Sol, RS; 4881-Porto Alegre, RS; 53542-Esmeralda, RS; 17752-Porto Alegre, RS; 58059-Derrubadas, RS; 1665-Pelotas, RS; 17590-Capão da Canoa, RS; 43903-Praia Grande, SC; 14067-São Leopoldo, RS; 90870-Sapucaia do Sul, RS; 95109-Porto Alegre, RS; 46468-derrubadas, RS; 50381-Esmeralda, RS; 51848-Tainhas, RS; 83711-Derrubadas, RS; 90872-Montenegro, RS; 14165-São Leopoldo, RS; 69886-Cambará do Sul, RS; 43556-Guaíba, RS; 46595-Torres, RS; 90238-Mostardas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: LELLINGER, 1988.

NOME CIENTÍFICO: *Microgramma squamulosa* (Kaulf.) De La Sota

SINONÍMIA: *Polypodium squamulosum* Kautfuss; *Pleopeltis squamulosa* (Kaulf.) Presl.; *Craspedaria grandis* Fée

NOME POPULAR: Cipó-de-Pica-Pau

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Brasil Meridional, Uruguai, Paraguai, Bolívia, noroeste da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 86739-Montenegro, RS; 67389-67375-Rio Grande, RS; 86738-Sapucaia do Sul, RS; 19645-Pelotas, RS; 17601-Capão da Canoa, RS; 17751-Canoas, RS; 45010-Torres, RS; 85353-Derrubadas, RS; 85372-85373-Esmeralda, RS; 28488-

28490-Canela, RS; 44120-Vale do Sol, RS; 43550-Guaíba, RS; 45614-Porto Alegre, RS; 27358-Canela, RS; 51818-Esmeralda, RS; 85354-85355-85356-85357-85358-85359-Derrubadas, RS; 85369-São Luís Gonzaga, RS; 85364-Viamão, RS; 85363-85370-85374-85376-Cambará do Sul, RS; 89899-Bagé, RS; 85375-Caçapava do Sul, RS; 68302-Cambará do Sul, RS; SCH.155-Porto Alegre, RS; SCH.2066-Linha Araripe, RS; 7923-Gramado, RS; 51071a-Esmeralda, RS; 47697-Cambará do Sul, RS; 49363-Porto Alegre, RS; 22018-Canela, RS; 16608-Osório, RS; 14034-São Leopoldo, RS; 90239-Mostardas, RS; 85371-Torres, RS; 83703-Santa Vitória do Palmar.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Jujuy. p.II. Pteridófitas, 1977.

FAMÍLIA: PORTULACACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Talinum patens* (Jacq.) Willd.

SINONÍMIA: *T. panicullatum* (Jacq.) Gaertn.; *T. reflexum* Cav.

NOME POPULAR: Beldroega, Erva de galinha

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Desde o sul dos E.U.A. até o sul do Brasil e a Argentina.

HERBÁRIO ICN: 4996-5009-Foz do Iguaçu, PR; 40615-Porto Alegre, RS; 41234-Triunfo, RS; 5794-Dois Irmãos, RS; 35828-Barra do Ribeiro, RS; 94964-Derrubadas, RS; 18405-Pelotas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Portulacáceas, 1984.

FAMÍLIA: ROSACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Rubus urticifolius* Poir.

SINONÍMIA: *R. hassleri* Chodat; *R. urticifolius* Poir var. *hassleri* (Chod.) Focke

NOME POPULAR: Amora-do-mato

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Central desde o México até Argentina e Brasil nos estados do RJ, SP, GO, MG, PR, RS.

HERBÁRIO ICN: 66282-Agudo, RS; 49255-Bento Gonçalves, RS; 87422-Derrubadas; 94960-Viamão, RS; 8938-Derrubadas, RS; 2947-Gramado, RS; 47753-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: FUKS, 1980

NOME CIENTÍFICO: *Margyricarpus pinnatus* (Lam.) O. Ktze

SINONÍMIA: *Empetrum pinnatum* Lam.; *Margyricarpus setosus* Ruiz et Pavon

NOME POPULAR: Baicurú

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América austral do Peru a Patagônia, Uruguai e Brasil.

HERBÁRIO ICN: 50258-Viamão, RS; 7721-São Francisco de Paula, RS; 48464-Esmeralda, RS; 62680-Esmeralda, RS; 94889-Porto Alegre, RS; 16491-Cambará do Sul, RS; 66548-Porto Alegre, RS; 61805-Lavras do Sul, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T: IV, p.3, 1967.

FAMÍLIA: RUBIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Randia armata* (Sw.) DC.

SINONÍMIA: *Basanacantha spinosa* (Jacq.) Schum.

NOME POPULAR: Quina-do-mato, Espinho de Cristo

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:

HERBÁRIO ICN: 41240-Porto Alegre, RS; 103887-Maquiné, RS; 83020-Porto Alegre, RS; 81273-Rio Grande, RS; 94976-94978-Viamão, RS; 94979-Guaíba, RS; 27722-Derrubadas, RS; 93362-Aroio do Sal, RS; 45090-Santa Maria, RS; 32580-Planalto, RS; 53749-Gravataí, RS; 46491-Derrubadas, RS; 29255-Derrubadas, RS; 40766-Pelotas, RS; 40442-General Camâra, RS; 34871-Porto Alegre, RS; 45671-Porto Alegre, RS; 50300-Morungava, RS; 51892-Guaíba, RS; 28387-Torres, RS; 93500-São Borja, RS; 30330-Derrubadas, RS; 19028-Porto Alegre, RS.

NOME CIENTÍFICO: *Richardia brasiliensis* Gomes

SINONÍMIA: *Richardsonia rosea* St. Hil.; *Richardia rosea* (St. Hil.) Schult.

NOME POPULAR: Erva-de-lagarto

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América do Sul, encontrada desde os Andes até o Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina. Introduzida em outros continentes.

HERBÁRIO ICN: 94982-Viamão, RS; 94980-Derrubadas, RS; 22283-Viamão, RS; 27462-Capivari, RS; 24654-Siderópolis, SC; 29437-Cruz Alta, RS; 31043-Tramandaí, RS; 33610-São Tomé, RS; 24658-Torres, RS; 82450-82451-Porto Alegre, RS; 24651-24646-27555-Morro dos Conventos, SC; 34835-Guaíba, RS; 27436-Caçapava do Sul, RS; 34587-Viamão, RS; 24970-Santiago, RS; 24984-São Francisco de Assis, RS; 9799-Panambi, RS; 24941-Jaguari, RS; 26710-São Leopoldo, RS; 24925-Santa Maria, RS; 26700-Giruá, RS; 22276-22283-Viamão, RS; 24566-Butiá, RS; 24663-24669-24670-24672-Torres, RS; 27695-27696-Derrubadas, RS; 7572-Mostardas, RS; 21614-Maquiné, RS; 26357-Itati, RS; 45341-Passo Fundo, RS; 27598-Porto Alegre, RS; 27496-Santiago, RS; 29263-Palmeira das Missões, RS; 25774-Piraquara, PR; 27545-Uruguaiana, RS; 27467-Santa Maria, RS; 27471-Jaguari, RS; 29436-Carazinho, RS; 19024-Pelotas, RS; 24596-Quaraí, RS; 29469-Porto Alegre, RS; 16653-Osório, RS; 24497-Porto Alegre, RS; 24507-Gramado, RS; 19026-16835-Porto Alegre, RS; 5496-Porto Alegre, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T: IV, p.5a, 1965.

FAMÍLIA: RUTACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Pilocarpus pennatifolius* Lem.

SINONÍMIA: *P. selloanus* Engler; *P. pennatifolius* var. *selloanus* (Engler) Hassler

NOME POPULAR: Jaborandi, Erva-cutia

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e Subtropical, Brasil, Paraguai, Nordeste Argentino.

HERBÁRIO ICN: 90962-Pirapó, RS; 93989-Santiago, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Rutáceas, 1973.

NOME CIENTÍFICO: *Ruta graveolens* L.

NOME POPULAR: Arruda

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária dos países mediterrâneos orientais e da Ásia menor (Font Quer, 1992). Largamente cultivada em todo o mundo.

HERBÁRIO ICN: 94968-Viamão, RS; 59159-Porto Alegre, RS; 50215-Porto Alegre, RS; 4548-Caxias do Sul, RS; SCH.1580-Novo Hamburgo, RS; 50298-Porto Alegre, RS; 21666-Canela, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Rutáceas, 1973.

NOME CIENTÍFICO: *Citrus sinensis* Osbek

SINONÍMIA: *Citrus aurantium* var. *sinensis* L.; *C. aurantium* Lour ; *C. aurantium* var. *dulce* Hayne; *C. aurantium* L. subsp. *sinensis* (Gallezio) Engler

NOME POPULAR: Laranjeira

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária da China e Indochina, cultivada no mundo todo.

HERBÁRIO ICN: 81890-Fazenda Caiuá, MS; 84677-Fazenda Caiuá, MS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Rutáceas, 1973.

FAMÍLIA: SAPINDACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Cupania vernalis* Camb.

SINONÍMIA: *C. chethrodes* Mart. Hb.; *Stadmannia sorbifolia* Linden

NOME POPULAR: Camboatá-Vermelho

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e Subtropical. Brasil, Paraguai, Uruguai e Norte da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 40727-Bagé, RS; 44653-Porto Alegre, RS; 45607-Santa Cruz do Sul, RS; 32408-Osório, RS; 7660-Gramado, RS; 1047-Santa Maria, RS; 87731-Santa Cristina do Pinhal, RS; 28801- ?; 59100-Esmeralda, RS; SCH.2300-Nova Petrópolis, RS; 89880-Bagé, RS; 96676-Morretes, PR; 96689-Tijucas do Sul, PR; 32940-São Francisco de Paula, RS; HBR 14912-Joinville, SC; 48523-Porto Alegre, RS; 4958-Pelotas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Sapindáceas, 1980.

FAMÍLIA: SAPOTACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Chrysophyllum marginatum* (Hook. et Arn.) Radlk.

SINONÍMIA: *Myrsine marginata* Hook. et Arnott ; *C. maytenoides* Mart.

NOME POPULAR: Vassourinha

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil.

HERBÁRIO ICN: 94725-Guaíba, RS; 94726-Derrubadas, RS; 84714-Florianópolis, SC; 86317-Cambará do Sul, RS; 92198-Porto Alegre, RS; 67232-Porto Alegre, RS; 40649-Guaíba, RS; 29471-Porto Alegre, RS; 87453-Bagé, RS; 61614-Uruguaiana, RS; 40674-Santa Maria, RS; 27371-Rosário do Sul, RS; 62895-Santo Antônio das Missões, RS; 63535-Bento Gonçalves, RS; 85503-Pedrinópolis, MG; 64317-Caçapava do Sul, RS; 4864-Viamão, RS; 20321-Guaíba, RS; 30590-Porto Alegre, RS; 4867-Gravataí, RS; SCH:647-Santo Augusto, RS; 2266-Iraí, RS; SCH.966-Iraí, RS; 94431-Torres, RS; 92290-92300-Parobé, RS; 16168-16169-Osório, RS; 93350-Arroio do Sal, RS; 92161-São Borja, RS; 92192-Porto Alegre, RS; 49178-Guaíba, RS; 45529-Concepción, Corrientes, ARG.; 16167-Porto Alegre, RS; 966-Iraí, RS; 21584-San Cosme, Corrientes, ARG.; 40788-Porto Alegre, RS; 20318-Porto Alegre, RS; 28121-Torres, RS; 103651-Guaíba, RS; 44852-Torres, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Entre Ríos, Tomo VI, p.V, 1979. -Flora Ilustrada Catarinense. Sapotáceas, 1968.

FAMÍLIA: SMILACACEAE**NOME CIENTÍFICO:** *Smilax campestris* Griseb.**NOME POPULAR:** Japecanga**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Bolívia, Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina e sul do Brasil.**HERBÁRIO ICN:** 96908-Florianópolis, SC; 96912-Florianópolis, SC; 101137-Aroio dos Ratos, RS; 44566-Porto Alegre, RS; 28929-Porto Alegre, RS; 31262-Rosário do Sul, RS; 7737-Torres, RS; 20677-Piratini, RS; 44727-Porto Alegre, RS; 32596-Porto Alegre, RS; 61294-Osório, RS; 66571-Porto Alegre, RS; 53752-Viamão, RS; 64799-Lavras do Sul, RS; 8025-Porto Alegre, RS; 7040-Torres, RS; 4929-Canguçu, RS; SCH.3017-Porto Alegre, RS; 40773-São Sepé, RS; 28976-Lavras do Sul, RS; 28184-28185-Torres, RS; 63232-6323333-Esmeralda, RS; 93343-93344-Aroio do Sal, RS; 34927-Guaíba, RS; 49462-Rio Grande, RS; 62418-Viamão, RS; 34084-Porto Alegre, RS.**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** Flora de la Prov. Buenos Aires. T: IV, p. I, 1968.**FAMÍLIA: SOLANACEAE****NOME CIENTÍFICO:** *Brunfelsia cf. australis* Benth**SINONÍMIA:** *Brunfelsia hopeana* (Hook.) Benth. var. *australis* (benth.) J.A. Schmidt; *B. paraguayensis* Chodat; *B. uniflora* (Pohl) D. Don f. *typica* Hassler**NOME POPULAR:** Primavera, Manacá**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Paraguai, Argentina nordeste e noroeste, Brasil no Rio Grande do Sul.**HERBÁRIO ICN:** 85610-São Vicente do Sul, RS**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** PLOWMAN, 1973**NOME CIENTÍFICO:** *Cyphomandra corymbiflora* subsp. *corymbiflora* Sendtn.**SINONÍMIA:** *Cyphomandra kleinii* Smith et Downs**NOME POPULAR:** Colhão-de-veado (Fig. 10)**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Argentina e Sudeste Brasil nos estados PR; SC; RS**HERBÁRIO ICN:** ?-Nova Petrópolis, RS; 46654-Rolante, RS; 19140-Carazinho, RS; 7797-Maquiné, RS; 7361-Oswaldo Kroeff, RS; 4893-Passo Fundo, RS; 19138-Nova Petrópolis, RS; 21792-Canela, RS.**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** BOHS, 1994**NOME CIENTÍFICO:** *Solanum sanctae-catharinae* Dunal**SINONÍMIA:** *S. citrifolium* sensu Sendtn.**NOME POPULAR:** Pipi, Joá-manso**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Argentina e Paraguai, Brasil de MG até RS.**HERBÁRIO ICN:** ?-Canela, RS; 30158-Venâncio Aires, RS; 8847-Sarandi, RS; 17003-Canoas, RS; 63135-Torres, RS; 92273-Rolante, RS; 19108-Canoas, RS; 82010-Florianópolis, SC; 81592-Nova Prata, RS; 66574-São Francisco de Paula, RS; 85107-Faxinal do Soturno, RS; 92200-Porto Alegre, RS; 60758-Florianópolis, SC; 85011-Cambará do Sul, RS; 28456-28469-Canela, RS; 44380-Passo Fundo, RS; 84182-Florianópolis, RS; 58889-Porto Alegre, RS; s/nº-Morungava, RS; HAG.15521-Maquiné,

RS; s/nº-Derrubadas, RS; s/nº-Guaíba, RS; S/nº-Porto Alegre, RS; 16720-Porto Alegre, RS; 60730-Florianópolis, RS; 32109-Pelotas, RS; 98357-Riozinho, RS; 8223-Santa Bárbara, RS; 101919-Taquara, RS; 103912-Maquiné, RS; SCH.814-Cachoeira do Sul, RS; 196-Porto Alegre, RS; 5889-Porto Alegre, RS; 16721-Canoas, RS; 22056-Canela, RS; 28128-Torres, RS; 28470-Canela, RS; 40662-Ijuí, RS; 44711-Porto Alegre, RS; 45594-Porto Alegre, RS; 50981-Taquara, RS, 28457-Canela, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustrada Catarinense. Solanáceas, 1966.

NOME CIENTÍFICO: *Solanum mauritianum* Scop.

NOME POPULAR: Fumo-Bravo, Cuvitinga

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

HERBÁRIO ICN: SCH.1015-Santa Maria, RS; ?-Campinas, SP; s/nº-General Câmara, RS; s/nº-Guaíba, RS; ?-Santo Ângelo, RS; ?-Viamão, RS; 84564-Florianópolis, SC; 40779-Porto Alegre, RS; 65247-Osório, RS; 67386-Rio Grande, RS; 88611-Osório, RS; ?-São Francisco de Paula, RS; 49369-Porto Alegre, RS; 45666-Alfredo Chaves; 66004-Camaquã, RS; 63535-Bento Gonçalves, RS; 63554-Tramandaí, RS; 45601-Porto Alegre, RS; 22012-Canela, RS; SCH.1253-Canela, RS; SCH.3296-Salvador, BA; SCH.3923-Canoas, RS; 8844-Sarandi, RS; 19097-Porto Alegre, RS; 45375-Cruz Alta, RS; 28972-Sapucaia, RS; 87553-Montenegro, RS; 32324-Viamão, RS; SCH.1699-São Borja, RS; 28461-Canela, RS; 23886-Pelotas, RS; 16717-Porto Alegre, RS; 53427-Guaíba, RS; 92846-São Francisco de Assis, RS; 88563-Viamão, RS; 66273-Santa Cruz do Sul, RS; 67660-Encruzilhada do Sul; 65381-Uruguaiana, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: NEE, 1991

NOME CIENTÍFICO: *Solanum paniculatum* L.

SINONÍMIA: *Solanum jubeba* Vell; *Solanum manoelli* Moricand.

NOME POPULAR: Jurubeba, Jumbeba

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Ceará até RS.

HERBÁRIO ICN: HAG.9616-Arroio dos Ratos, RS; HAG.10564-Arroio dos Ratos, RS; 111427-Porto Alegre, RS; 111448-Carnaíba, BA; 111434-Florianópolis, RS; 63876-Angra dos Reis, RJ; 86796-Botucatu, SP; 101562-Porto Alegre, RS; 4772-Porto Alegre, RS; 40784-Porto Alegre, RS; SCH.411-Viamão, RS; SCH.3971-Viamão, RS; SCH.214-Porto Alegre, RS; 30612-Salvador, BA; 101561-Butiá, RS; 84065-Una, BA; 85454-Rio Formoso, RJ; 85455-Olinda, BA; 85456-Grumari, RJ; 30594-Ilha Madre de Deus, BA; 29414-Porto Alegre, RS; 9555-Palmares, PE; 63669-Anastácio, SP; 111428-Porto Alegre, RS; cf. 111429-Erexim, RS; 101597-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: KISSMANN & GROTH, 1995.

FAMÍLIA: STYRACACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Styrax leprosum* Hook. et Arn.

SINONÍMIA: *Strigilia leprosa* (Hook et Arn.) Miers ; *Styrax leprosus* f. *latifolia* Chodat et Hassler

NOME POPULAR: Carne-de-vaca

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e Subtropical. Brasil, noroeste da Argentina.

HERBÁRIO ICN: 46548-Viamão, RS; 64482-64599-Esmeralda, RS; 20324-Carazinho, RS; 19712-Pelotas, RS; 44790-Porto Alegre, RS; 17304-17940-Capão do

Leão, RS; 40814-Torres, RS; 59143-Esmeralda, RS; 40813-Guaíba, RS; 48766-Guaíba, RS; 32113-Capão do Leão, RS; 49368-Porto Alegre, RS; 23455-Viamão, RS; 25717-Pelotas, RS; 27661-Derrubadas, RS; 28497-Canela, RS, SCH.439-Porto Alegre, RS; 88041-Porto Alegre, RS; 98179-Guaíba, RS, 67231-Porto Alegre, RS, 90791-Derrubadas, RS; 81664-Camaquã, RS; 69906-Caçapava do Sul, RS; 88593-Esmeralda, RS, 31225-Rosário do Sul, RS, 5810-4054-Porto Alegre, RS; 2756-São Miguel do Oeste, SC; SCH.2274-Canela, RS; 89319-Jaguari, RS, 64599-Esmeralda, RS; 81189-Amaral Ferrador, RS; SCH.2259-Iraí, RS; SCH.?-SCH.439-Porto Alegre, RS; SCH.843-Cachoeira do Sul, RS; 1218-Três Passos, RS; SCH.551-Derrubadas, RS; 16735-Cambará do Sul, RS; 42939-Porto Alegre, RS; SCH.263-Pelotas, RS; 20709-Pinheiro Machado, RS; 8235-Santa Bárbara, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora Ilustr. Catarinense. Estiracáceas, 1973.

FAMÍLIA: TILIACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Luehea divaricata* Mart. et. Zucc.

SINONÍMIA: *Luehea parvifolia* Mart.

NOME POPULAR: Açoita-cavalo

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: América Tropical e Subtropical, Paraguai, Uruguai, Argentina, Brasil da BA, ES até RS.

HERBÁRIO ICN: 50221-Porto Alegre, RS; 90977-São Borja, RS; 45962-Labougle, Corrientes, ARG.; 66706-Santa Cruz do Sul, RS; 94936-Porto Alegre, RS; 96760-São José dos Pinhais, PR; 94422-Porto Alegre, RS; 103878-Maquiné, RS; SCH.3933-Viamão, RS; SCH.3952-Lageado, RS; 16483-Osório, RS; SCH.1363-Bento Gonçalves, RS; 96753-Foz do Iguaçu, PR; 96754-96756-San Carlos, Corrientes, ARG.; 28765-Ivoti, RS; 17922-Cassia; SCH.1718-Veranópolis, RS; SCH.1630-SCH.2953-Porto Alegre, RS; 29480-Guaíba, RS, 45700-Yapeyú, Corrientes, ARG.; 32115-Pelotas, RS; 17134-Canoas, RS; SCH.1428-Santa Maria, RS; 53757-Viamão, RS, 17961-Pelotas, RS; 17276-Pelotas, RS, 22019-Canela, RS; 29415-Porto Alegre, RS; 31231-Rosário do Sul, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: LOMBARDO, 1964.

FAMÍLIA: ULMACEAE

NOME CIENTÍFICO: *Celtis iguanea* (Jacquin)Sargent

SINONÍMIA: *Rhammus iguaneus* Jacquin; *Celtis aculeata* Swartz

C. glycyarpa Mart. ex. Miq.; *C. bonplandiana* Planch.

NOME POPULAR: Taleira, Esporão-de-galo

ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO: Originária da América Tropical desde o México até o Brasil, na Argentina chegando até a selva marginal de Punta Lara em Buenos Aires.

HERBÁRIO ICN: 49399-Bento Gonçalves, RS; 61343-Esmeralda, RS, 92313-Santa Cristina do Pinhal, RS; 28140-Torres, RS; 65396-Uruguaiana, RS; ?-Três Passos, RS; ?-Cachoeira do Sul, RS; 87407-Bagé, RS; 42531-Torres, RS; 92275-92277-Rolante, RS; 27607-Derrubadas, RS; 61612-Uruguaiana, RS; 40728-Torres, RS; 27643-Derrubadas, RS; 63195-Marcelino Ramos, RS; 90314-Derrubadas, RS.

BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO: Flora de la Prov. Buenos Aires. T:IV, p.6, 1967. ROMANCZUK E MARTÍNEZ, 1978.

FAMÍLIA: URTICACEAE**NOME CIENTÍFICO:** *Urera baccifera* (L.) Gaudich.**SINONÍMIA:** *Urtica baccifera* L.**NOME POPULAR:** Urtigão**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** América do Sul. Floresta Tropicais e subtropicais.**HERBÁRIO ICN:** 86117-Ibirubá, RS; 85480-Patrocínio, MG; 84246-Ubirici, SC; ?-Ilhéus, BA; 63883-63888- 63887-São Francisco de Paula, RS; 64417-64418-64421-Derrubadas, RS; 7753-Santa Cruz do Sul, RS; 64428-Agudo, RS; 103895-Maquiné, RS; 64424-64427-Derrubadas, RS; 28956-Tuparendi, RS; 96751-Curuzú Cuatiá, Corrientes, ARG.; 63886-Osório, RS; 63857-Santa Maria Madalena, RJ; 63845-63861-Foz do Iguaçu, PR; 63843-Caxambu, MG; 63849-São Miguel do Oeste, SC; ?-Ijuí, RS, ?-Venâncio Aires, RS; 59838-Capital, Jujui, ARG.; 67328-Santa Cruz do Sul, RS; 63907-Praia Grande, RS; 50606-1º de Maio, Chaco, ARG.; 21672-Canela, RS, 8836-Sarandi, RS; 67163-Santa Maria, RS; 67158-67171-Taquara, RS; 67151-Rolante, RS; 67172-Santana do Riacho, MG; 49372-Bento Gonçalves, RS; 63858-São Sebastião do Alto, RJ.**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** BRACK, 1989.**FAMÍLIA: VERBENACEAE****NOME CIENTÍFICO:** *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl**SINONÍMIA:** *Verbena cayennensis* L. Rich; *V. dichotoma* Ruiz et Pav.; *Stachytarpheta dichotoma* (R. et P.) Vahl; *S. australis* Mold.**NOME POPULAR:** Gervão-da-horta**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** América Tropical e Subtropical, desde o México até Sul do Brasil e Nordeste da Argentina.**HERBÁRIO ICN:** 94915-94919-Viamão, RS; 94914-Derrubadas, RS; 85571-Derrubadas, RS; 84103a-Viamão, RS; 83273-Terra de Areia, RS; 46171-San Ignacio, Misiones, ARG.; 19578-Porto Alegre, RS; 18845-Porto Alegre, RS; 8936-Derrubadas, RS.**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** KISSMANN & GROTH, 1995.**NOME CIENTÍFICO:** *Aloysia citrodora* Palau**SINONÍMIA:** *Lippia citrodora* (Ort. et Palau.) H.B.K.; *L. triphylla* O. Ktze.; *Aloysia triphylla* (L' Herit) Britt.**NOME POPULAR:** Erva-cidreira**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Originária da América do Sul provavelmente do Chile. Cultivada nas Américas e na Europa (Simões et alli, 1989).**HERBÁRIO ICN:** 103036-Quebrada de la Sébila, La Rioja, ARG.; 94901-Derrubadas, RS; 94429-Viamão, RS; 87454-Bagé, RS; 33868-Torres, RS.**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** Flora Ilustr. Entre Ríos, T:VI, parte V, 1979.

FAMÍLIA: VIOLACEAE**NOME CIENTÍFICO:** *Anchietea parvifolia* Hallier**NOME POPULAR:** Cipó-Suma, Roxinha, Paraguaia (Fig. 13)**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Espécie frequente nas Florestas subtropicais da Am. do Sul, chegando até o delta do Paraná e redondezas do Rio da Prata.**HERBÁRIO ICN:** 101671-101673-Viamão, RS; 96666-São José dos Pinhais, PR; 50277-Morungava, RS; 8073-Dois Irmãos, RS; 8151-Caxias do Sul, RS; 67643-Amaral Ferrador, RS; 28398-Canela, RS, 28415-Canela, RS; 24364-Porto Alegre, RS; 27657-Derrubadas, RS; 8157-Bento Gonçalves, RS; 48296-Guaíba, RS; 7907-Osório, RS, 92734-Arroio do Sal, RS; HBR.15023-Palhoça, SC; 9065-Viamão, RS.**FAMÍLIA:** VISCACEAE**NOME CIENTÍFICO:** *Phoradendron holoxanthum* Eichler**NOME POPULAR:** Erva-de-passarinho-do-Açoita-cavalo**ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO:** Brasil nos estados da BA, SP, SC, RS.**HERBÁRIO ICN:** SCH.1366-São Luis Gonzaga, RS; 20568-Encruzilhada do Sul, RS; SCH.1659-Porto Alegre, RS; 7519-Mostardas, RS; 7535-Mostardas, RS; 43925-Porto Alegre, RS.**BIBLIOGRAFIA P/ IDENTIFICAÇÃO:** Flora Ilustr. Catarinense. Lorantáceas, 1968.



Fig. 8. *Herreria montevidensis*

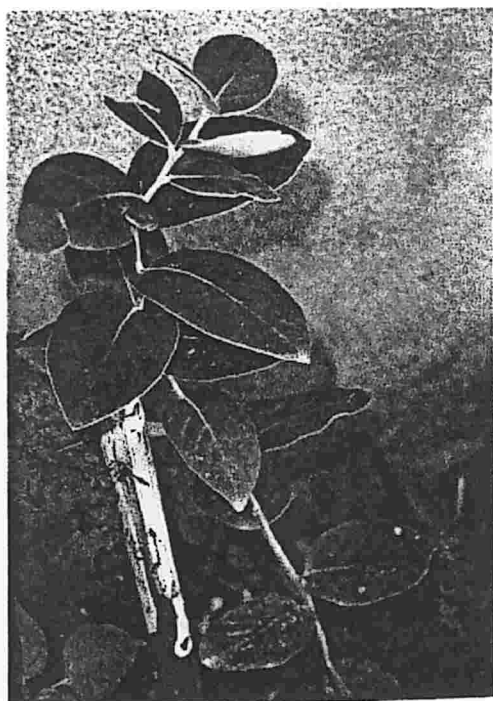


Fig. 9. *Gochnatia ramboi*



Fig. 10. *Cyphomandra corymbiflora*



Fig. 11. *Trimezia* sp.

REFERÊNCIAS:

- (1)-Pio Corrêa (1926-1975)
(2)-Simões *et al.*, 1995
(3)-Alice *et al.*, 1991; 1995
(4)-Sander, 1987
(5)-D'Ávila, 1910
(6)-Arenas, 1981
(7)-Martinez-Crovetto, 1981
(8)-Bandoni *et al.*, 1976
(9)-Giberti, 1983
(10)-Perez & Anesini, 1994
(11)-Martinez & Pochettino, 1992
(12)-Basualdo *et al.*, 1991, 1995
(13)-Schmeda-Hirschmann, 1993
(14)-Pavetti *et al.*, 1988
(15)-Paz *et al.*, 1992
(16)-Olano *et al.*, 1996
(17)-Wong, 1976
(18)-Grenand *et al.*, 1987
(19)-Zamora-Martinez & Pola, 1992
(20)-Holdsworth, 1991
(21)-Arvigo & Balick, 1993
(22)-Hoffmann *et al.*, 1992
(23)- Noelli, 1993
(24)-Crisci & Gancedo, 1971
(25)-Asprey & Thornton, 1953
(26)-Abdel-Malek *et al.* , 1996
(27)-Coe & Anderson, 1996

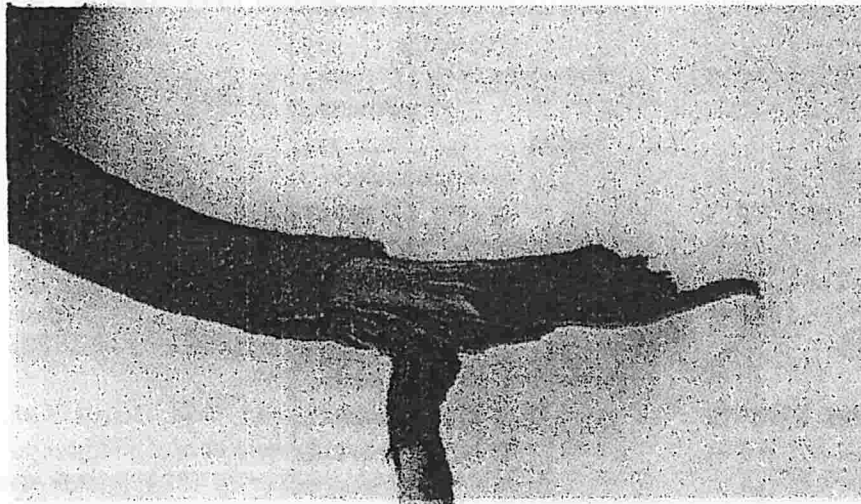


Fig.12. Rizoma de *Maytenus ilicifolia*
mostrando “casca e entrecasca” utilizadas

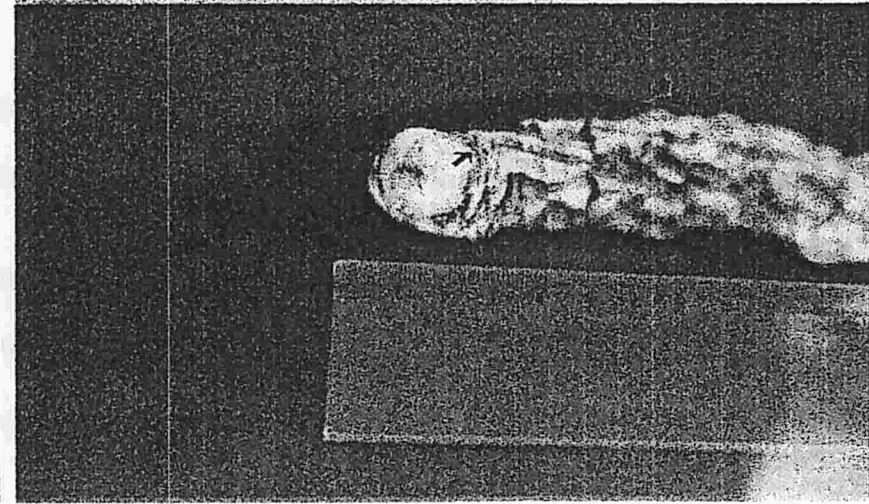


Fig. 13. Caule de *Anchieta parvifolia* mostrando “entrecasca” utilizada

TABELA 5. REFERÊNCIAS NA BIBLIOGRAFIA DAS ESPÉCIES NATIVAS DO RS UTILIZADAS POR SARAMPIÃO

Ordem alfabética de espécies

ESPÉCIE	LOCAL E/OU POPULAÇÃO QUE FAZ USO MEDICINAL	REFERÊNCIA SOBRE DADOS FITOQUÍMICOS	REFERÊNCIAS SOBRE ATIVIDADES FARMACOLÓGICAS
Acacia bonariensis	Brasil (1), RS (4)		
Achyrocline vauthieriana	Brasil (1); Paraguai (14); Bolívia (26)		Zani <i>et al.</i> , 1995; De Souza <i>et al.</i> , 1984; Fournet <i>et al.</i> , 1994; Brandão <i>et al.</i> , 1985; Garcia <i>et al.</i> , 1990, Gutkind <i>et al.</i> , 1981; Silva, 1993
Actinostemon concolor	Brasil (1)		
Adiantopsis chlorophylla			
Adiantum pseudo-tinctum			
Anchietea parvifolia		Diel & Matos, 1995	
Apuleia leiocarpa	Brasil (1); RS (5)	Lutzenberger, 1985; Amaral <i>et al.</i> , 1996	Gonçalves <i>et al.</i> , 1990; Dejobert <i>et al.</i> , 1995; Pereira <i>et al.</i> , 1994
Aristolochia triangularis	Brasil (1); RS (2); RS (5); Guarani (23)	Alice <i>et al.</i> , 1995 Simões, <i>et al.</i> , 1995	Schvartzman <i>et al.</i> , 1975; Muschietti <i>et al.</i> , 1996; Schvartzman <i>et al.</i> , 1977; Garcia <i>et al.</i> , 1990; Simões, <i>et al.</i> , 1995
Baccharis anomala		Alice <i>et al.</i> , 1991	Alice <i>et al.</i> , 1991
Bauhinia forficata	Brasil (1); RS (2); RS (5); Corrientes-Argen.(7);Uruguai(15); Chile (22); Guarani (23)	Iribarren, 1983; Luz <i>et al.</i> , 1996; Alice <i>et al.</i> , 1991, 1995; Simões <i>et al.</i> , 1995	Simões <i>et al.</i> , 1995; Lorenti <i>et al.</i> , 1981; Luz <i>et al.</i> , 1996; Sugai, 1996; Russo <i>et al.</i> , 1990
Blainvillea biaristata	RS (3)	Alice <i>et al.</i> , 1991, 1995	Zani <i>et al.</i> , 1995
Bromelia balansae	Corrientes-Arg. (7); Paraguai (12)		
Brunfelsia cf. australis	Brasil (1); Brasil (6)		
Bulbostylis capillaris	Paraguai (6); Guarani (23)		
Cabralea canjerana	Brasil (1) RS (5); Guarani (23)		Schmeda-Hirschmann & Rojas de Arias, 1992
Campiloneurum major	Corrientes-Argent. (7)		
Campomanesia guazumifolia	RS (4)		
Casearia decandra	Brasil (1)		
Casearia silvestris	Brasil (1); RS (2); RS (5); Uruguai (15) Guarani (23)	Silva, 1970; Scavone, 1979; Simões <i>et al.</i> , 1995; Alice <i>et al.</i> , 1995; Morita <i>et al.</i> , 1991;	Basile <i>et al.</i> , 1990; Pereira <i>et al.</i> , 1992 a, b; Scavone, 1979; Simões <i>et al.</i> , 1995; Sato <i>et al.</i> , 1996; Blinder <i>et al.</i> , 1996; Barbi <i>et al.</i>

Cayaponia martiana	Brasil (1); RS (2); RS (5); Guarani (23)	Barbi <i>et al.</i> ,1990 Farias, 1986; Santos 1985, 1989; Simões <i>et al.</i> ,1995	<i>al.</i> ,1990, 1992; Simões <i>et al.</i> ,1995
Celtis iguaneae	Brasil (1); Guiana Franc. (18)	Grenand <i>et al.</i> ,1987	
Chaptalia nutans	Brasil (1); RS (5); Trinidad (17); México (19) ; Jamaica (25)	Truiti <i>et al.</i> ,1996; Heinrich <i>et al.</i> ,1991	De Souza <i>et al.</i> ,1984; Brandão <i>et al.</i> ,1985; Truiti <i>et al.</i> ,1994, 1996; Heinrich <i>et al.</i> ,1991, 1992; Consoli <i>et al.</i> ,1992 Sander, 1987
Chrysophyllum marginatum	RS (4); Corrientes-Argent. (7)	Sander, 1987	
Commelina erecta	Paraguai (6); Corrientes-Arg. (7); Uruguai(15);Guiana Franc.(18) ; Nicaragua (27)	Davyt <i>et al.</i> ,1991	
Cordyline dracaenoides	Brasil (1)		Calixto <i>et al.</i> ,1990
Coronopus didymus	Brasil (1); RS (5); Corrientes- Argent. (7); Argentina (11)	De Ruiz <i>et al.</i> ,1994; Lutzenberger, 1985	Ikram & Haq, 1980; Aswal <i>et al.</i> ,1984
Cunila microcephala	RS (2); RS (5)	Mendes <i>et al.</i> ,1996; Bordignon <i>et al.</i> 1997	
Cupania vernalis	Corrientes-Argent. (7)	Bianchi <i>et al.</i> ,1993	Mendes <i>et al.</i> ,1984; Bianchi <i>et al.</i> ,1993
Cyphomandra corymbiflora			
Echinodorus grandiflorus	Brasil (1) RS (2)	Manns & Hartmann, 1993	De A. Ribeiro <i>et al.</i> ,1988; Di Stasi <i>et al.</i> ,1988; De A. Ribeiro <i>et al.</i> ,1986
Elephantopus mollis	Brasil (1); RS (5);Nicaragua (27)	Koester & Rocha, 1995	Zani <i>et al.</i> ,1995; Lin <i>et al.</i> ,1990; Lee <i>et al.</i> ,1980
Erythrina falcata	Brasil (1)		
Gleditsia amorphoides	Brasil (1);Corrientes-Argent. (7)		
Gochnatia ramboi			
Guarea macrophylla			
Herreria montevidensis	Paraguai (6); Corrientes-Arg. (7); Paraguai (12); Paraguai (13)		
Hydrocotyle leucocephala	Brasil (1); RS (5)		
Ilex paraguariensis	Brasil (1); RS (2); RS (5) ; Corrientes-Argent. (7); Uruguai (15)	Duke, 1992; Reginatto <i>et al.</i> ,1996; Simões <i>et al.</i> ,1995; Montanha, 1990; Vázquez <i>et al.</i> ,1986; Gosmann, 1989	Lopes <i>et al.</i> ,1992; Borges <i>et al.</i> ,1996; Amarante- Silva <i>et al.</i> ,1996; Muccillo-Baisch <i>et al.</i> ,1996
Jacaranda micrantha	Brasil (1), RS (5)	Mezzomo da Silva, 1980 Mezzomo da Silva <i>et al.</i> ,1992;	Mezzomo da Silva <i>et al.</i> ,1992 Mezzomo da Silva, 1980

Jacaratia spinosa	Brasil (1); Guarani (23)	Mezzono da Silva <i>et al.</i> , 1983	
Luehea divaricata	Brasil (1); RS (5); Paraguai (14); Uruguai (15), Guarani (23)	Alice <i>et al.</i> , 1991, 1995; Lutzenberger, 1985; Sander, 1987	Keiser <i>et al.</i> , 1975; Alice <i>et al.</i> , 1991; Sander, 1987; Bianchi <i>et al.</i> , 1992
Macfadyena sp.	Paraguai (12)		Gonzalez <i>et al.</i> , 1993
Margyricarpus pinnatus	Brasil (1); RS (5); Uruguai (15), Uruguai (16); Chile (22)	Davyt <i>et al.</i> , 1991; Errari <i>et al.</i> , 1972	
Maytenus ilicifolia	Brasil (1); RS (2); RS (5); Corrientes-Argent. (7); Paraguai (12); Uruguai (15); Guarani (23)	Pereira Soares <i>et al.</i> 1992; Simões <i>et al.</i> , 1995; Alice <i>et al.</i> , 1991; Alice <i>et al.</i> , 1995	Itokawa, <i>et al.</i> , 1991; Anesini <i>et al.</i> , 1993; Perez, <i>et al.</i> , 1994; Gonzalez <i>et al.</i> , 1993; Alice <i>et al.</i> , 1991; Bingel <i>et al.</i> , 1976; Souza-Formigoni <i>et al.</i> , 1991; Carlini <i>et al.</i> , 1988; Geocze <i>et al.</i> , 1988; Carlini & Frochtengarten, 1988; Oliveira <i>et al.</i> , 1991; Faleiros <i>et al.</i> , 1992 Ferreira <i>et al.</i> , 1996
Microgramma squamulosa		Suffredini & Bacchi, 1994, 1996	Suffredini & Bacchi, 1994, 1996
Myrocarpus frondosus	Brasil (1); RS (5) Guarani (23)	Lutzenberger, 1985	
Ocimum selloi	Brasil (1); RS (5); Corrientes-Argent. (7)		Vanderlinde <i>et al.</i> , 1994 a, b
Parapiptadenia rigida	Brasil (1); RS (5); Guarani (23)	Lutzenberger, 1985	
Philodendron bipinnatifidum	Brasil (1); Corrientes-Argent. (7); Guarani (23); Guarani (24)		
Phoradendron holoxanthum			
Phyllanthus niruri	Brasil (1); RS (2); RS (5); Corrientes-Argent. (7); Uruguai (15)	Duke, 1992; Simões <i>et al.</i> , 1995; Huang <i>et al.</i> , 1992; Stanilas <i>et al.</i> , 1967; Lutzenberger, 1985	Simões <i>et al.</i> , 1995; Ribeiro <i>et al.</i> , 1996; Venkateswaran <i>et al.</i> , 1987; Syamasundar <i>et al.</i> , 1985
Pilocarpus pennatifolius	Brasil (1); Corrientes-Argent. (7); Argentina (10); Paraguai (14)	Duke, 1992	Anesini & Perez, 1993; Perez & Anesini, 1994
Piper gaudichaudianum	Guarani (23)	Rörig <i>et al.</i> , 1992	
Piper mikanianum	Brasil (1); RS (5); Guarani (23)	Rörig <i>et al.</i> , 1992; Alice <i>et al.</i> , 1995	
Piptocarpha sellowii			
Pterocaulon alopecuroides	Brasil (1); Paraguai (6); Guarani (23); Corrientes-Arg. (7)		

Pterocaulon polystachyum	Corrientes-Argent. (7)	Debenetti <i>et al.</i> , 1994	
Randia armata	México (19); Guarani (23)		
Richardia brasiliensis			
Rubus urticifolius	Guarani (23)	Duke, 1992;	
Smilax campestris	Brasil (1) ; RS (3); RS (5); Corrientes-Arg. (7); Argentina (8); Paraguai (14); Uruguai (15); Guarani (23) ; Bolívia (26)	Alice <i>et al.</i> , 1991, 1995 Paz <i>et al.</i> , 1992	
Solanum mauritianum	Brasil(1); RS (5); IlhasCook(20)	Cavazzani <i>et al.</i> , 1990; Vieira <i>et al.</i> , 1992	
Solanum sanctae-catharinae			
Solidago chilensis	Brasil (1); RS (5); RS (2); Corrientes-Argent. (7); Guarani (23)	Costa, 1978; Alice <i>et al.</i> , 1995; Davyt <i>et al.</i> , 1991; Suffredini & Bacchi, 1994	
Stachytarpheta cayennensis	Brasil (1); Corrientes-Argent. (7) Guiana Franc. (18); Belize (21); Nicaragua (27)	Duke, 1992 ; Hammer & Johns, 1993 Alice <i>et al.</i> , 1991, 1995	Mesía <i>et al.</i> , 1994; Mesía <i>et al.</i> , 1996; Mesía & Lapa, 1992
Strychnos brasiliensis	Brasil (1); Guarani (23)	Krukoff, 1972; Quetin-Leclercq <i>et al.</i> , 1990	
Styrax leprosum	Brasil(1); RS (4)	Sander, 1987	Sander, 1987
Syagrus romanzoffiana	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7); Paraguai (12); Paraguai (14)		Bingel <i>et al.</i> , 1976
Sysirinchium vaginatum	Brasil (1); RS (5); Corrientes-Argent. (7)	Alice <i>et al.</i> , 1991, 1995; Davyt <i>et al.</i> , 1991	
Talinum patens	Brasil (1); Paraguai (6); Corrientes-Argent. (7);		
Trimezia sp.	Brasil (1); Paraguai (12)		
Urera baccifera	Brasil (1), RS (5); Corrientes-Argent. (7)		Caceres <i>et al.</i> , 1991; Medina & Woodbury, 1979; Lima & Chiappeta, 1984; Caceres <i>et al.</i> , 1987; Amorim & Pessoa, 1962
Xanthium cavanillesii	RS (4)	Silva, 1975	
Xanthium spinosum	Brasil (1); Corrientes-Argent. (7); Argentina (9); Uruguai (15); Uruguai (16); Bolívia (26)	Bandoni <i>et al.</i> , 1972; Sanz <i>et al.</i> , 1991; Rizk <i>et al.</i> , 1986	Bhakuni <i>et al.</i> , 1976; Olano <i>et al.</i> , 1996

TABELA 6. REFERÊNCIAS NA BIBLIOGRAFIA DAS ESPÉCIES EXÓTICAS NO RS UTILIZADAS POR SARAMPIÃO.

Ordem alfabética de espécies

ESPÉCIE	LOCAIS E POPULAÇÕES COM USO MEDICINAL	REFERÊNCIA SOBRE DADOS FITOQUÍMICOS	REFERÊNCIAS SOBRE DADOS FARMACOLÓGICOS
Aloysia citrodora	Brasil (1); RS (2); Corrientes-Arg. (7); Argentina (11); Uruguai (15)	Duke, 1992; Simões <i>et al.</i> , 1995; Skalsa & Shammass, 1988;	Silva <i>et al.</i> , 1993; Simões <i>et al.</i> , 1995 Aurélio <i>et al.</i> , 1993; Wannmacher <i>et al.</i> , 1990
Artemisia alba	Corrientes-Argent. (7)	Duke, 1992	
Carya illinoensis	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7); Chile (22); Nicarágua (27)	Duke, 1992; Arriaga & Rumbero, 1990	
Citrus sinensis	Brasil (1); RS (2); Corrientes-Argent. (7); México (19); Belize (21); Nicaragua (27)	Duke, 1992; Simões <i>et al.</i> , 1995	Ferreira, 1984; Carlini, 1985 ; Simões <i>et al.</i> , 1995; Sá <i>et al.</i> , 1990
Cymbopogon citratus	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7); RS (2); Chile (22)	Duke, 1992; Simões <i>et al.</i> , 1995	Simões <i>et al.</i> , 1995
Foeniculum vulgare	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7) Brasil (1); Corrientes-Arg. (7)	Duke, 1992	Wadt <i>et al.</i> , 1996; Heinrich, 1992
Leonotis nepetifolia	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7)	Duke, 1992	
Leonurus sibiricus	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7)	Duke, 1992	
Mentha cf. villosa-nervata	Brasil (1); Uruguai (15); Chile (22)	Duke, 1992	
Plantago ssp.	Brasil (1); Corrientes-Arg. (7); Belize (21); Chile (22)	Duke, 1992	Sugai, 1996; Minker <i>et al.</i> , 1979; Sá <i>et al.</i> , 1990
Ruta graveolens	Brasil (1); RS(2) Guarani (23) ;	Simões <i>et al.</i> , 1995	Joachimovits, 1954; Barros <i>et al.</i> , 1970; De A. Ribeiro <i>et al.</i> , 1988; Chiappeta <i>et al.</i> , 1983; Santos <i>et al.</i> , 1996; Camilo <i>et al.</i> , 1996; Mesia <i>et al.</i> , 1994

6. DISCUSSÃO

“O uso das plantas para fins terapêuticos está inserido em um contexto social e ecológico, que vai, de muitas formas, moldá-lo de modo que muitas das peculiaridades deste emprego não podem ser entendidas se não se levar em consideração fatores culturais envolvidos, além do ambiente físico onde ele ocorre (Amorozo, 1996).”

6.1 APRENDIZADO E PRÁTICAS MÉDICAS:

O aprender e o ensinar eram para Sarapião atividades cotidianas, fosse nas conversas na roda do chimarrão, fosse no estudo dos seus “autores”. Como relatou Martinez-Crovetto (1981) a respeito do “yuyeros” correntinos, movia-o um profundo desejo de saber. Eram portanto, estas, atividades de uma vida toda.

“Tem muita coisa que a gente..., é como eu digo, a gente sabê tudo, tudo que é coisa é impossível, mas alguma coisa a gente vai, já tem mais de 4 dias, já vai aprendendo. É morrendo e aprendendo, eu tô aprendendo ainda! Morrendo e aprendendo. Eu não! Eu não vou morrer, vou passar da morte prá vida!”

Além disso, ele era movido pelo dom pessoal, algo que nunca deixava de salientar. O dom é crença difundida por todo o mundo e como salientou Amorozo (1996) identifica aquele saber que é restrito a certos indivíduos, escolhidos por alguma razão (nascimento, dom, “chamado” divino).

No conhecimento de Sarapião é possível perceber a ocorrência de várias fontes: um aprendizado de parteiro, com forte influência da sua avó índia e de sua mãe; uma formação de boticário, profissão exercida em Cruz Alta por sua mãe e seus 2 tios; os diversos “autores”, livros que lhe deram um forte conhecimento anatômico-fisiológico, além de outros (de origem paraguaia) que relacionavam doenças com plantas da região; um aprendizado com plantas medicinais oriundo de sua avó, durante os primeiros anos na floresta; o contato com os Guarani Sucurú na Argentina; o contato com outros curandeiros Guarani na Colônia Paraíso, também Argentina, e o contato com professores da UFRGS, nos seus anos de guarda-parque.

O conhecimento de pai/mãe para filho, a observação direta das atividades dos pais, é a forma mais tradicional de transferência de informação (Ming, 1996).

Seu dia a dia de “curandor” era resultado de todos estes aprendizados, sempre aberto a novos conhecimentos, novas hipóteses, novos experimentos. Isto encontra paralelo em outras pesquisas a respeito como a de Amorozo & Gély (1988), que ressaltaram o dinamismo do sistema terapêutico dos caboclos do Pará, sempre abertos às influências externas e a informações sobre novas prescrições de plantas e animais, bem como de remédios alopáticos.

No entanto, deve-se esclarecer que este conhecimento multifacetado, mistura de várias concepções, crenças, estudos e práticas, tinha a sua razão de ser voltada para a cura. Esta cura era obtida através das plantas medicinais, plantas com alguma atividade biológica, com uma toxicidade baixa ou contornável, ou seja, plantas bem conhecidas e de acesso fácil, plantas da Floresta Subtropical ou das hortas dos colonos europeus. Esta fusão dos conhecimentos Guarani e europeu é evidenciada por Pavetti et al (1988) para o Paraguai.

Com relação às plantas ligadas à floresta subtropical, com certeza a sua função medicinal era descoberta do grupo que mais tempo e conhecimento tivera para experimentar e descobrir estas virtudes, e este grupo, nesta floresta, é o dos Guarani, como atestam antropólogos e estudiosos do grupo (Brochado, 1984 *apud* Noelli, 1993).

“Os Guarani, portadores de cultura característica da região florestal (...) se estabelecem sempre que possível, no seio da mata, evitando a paisagem aberta dos campos (Schaden, 1974).”

“O estudo da etnofarmacologia Guarani tem uma relação interdependente com o ambiente, especialmente se considerarmos que os Guarani ocuparam continuamente um vasto espaço entre o norte de Corumbá e Buenos Aires (Noelli, 1996).”

Martinez-Crovetto (1968b) calculou que os Guarani-Mbiá da região de Misiones-Argentina, utilizavam 438 espécies ou 68% da flora conhecida por eles, que seriam 639 espécies.

Das plantas utilizadas medicinalmente por Sarampião, 18 espécies e 6 gêneros têm citações de uso medicinal pelos Guarani (Tabela 5), segundo extensa revisão bibliográfica realizada por Noelli (1993). Além destas, espécies do gênero

Herreria eram cultivadas nas roças Guarani (Montoya *apud* Noelli, 1993). Das espécies utilizadas por Sarampião, 7 espécies e um gênero eram frutas silvestres consumidas pelos Guarani (Martinez-Crovetto, 1968a).

A respeito do conhecimento desses indígenas, ele já maravilhou taxonomistas do porte de Lineu, que se referiu a Andrea Cesalpino, um indígena Guarani que viveu por volta de 1583, como “primus verus systematicus” (Storni, 1944 *apud* Noelli, 1993).

No Uruguai, os curandeiros das zonas rurais, desde metade do século 17, se recrutaram entre os Guarani das Missões, já que eram eles os maiores conhecedores da flora nativa, dentro da qual reconheciam as propriedades medicinais de várias plantas (Paz *et al.*, 1992) Estes mesmos autores destacam também que:

“Em todo o mundo os povos indígenas descobriram plantas com atividades farmacológicas devido a possuírem três características :

- 1.Tradição etnomédica conservadora com mecanismos culturais estabelecidos para uma precisa transmissão do conhecimento etnofarmacológico.
- 2.Residência em uma área com flora diversa.
- 3.Residência continuada na área por muitas gerações. (Paz *et al.*, 1992).

O diagnóstico através do pulso, referido por Sarampião como aprendido na sua estadia entre os Guarani, dá uma idéia de quão desenvolvida era a prática médica deste grupo. Noelli (com.pess.) encontrou referência a este tipo de diagnóstico entre os Guarani no “Tesoro” de Montoya onde havia a expressão “chepoapirayu onyny roabi” que significava “están los pulsos desiguales...”.

Além disso, a existência de diversas plantas com funções terapêuticas contra doenças introduzidas pelos europeus na América do Sul após 1500 comprova que os Guarani possuíam um corpus estruturado e dinâmico de procedimentos sistemáticos para estudar a eficácia de cada planta (Noelli, 1996). Através destas informações podemos vislumbrar quão complexa era, ou ainda é, a etnomedicina Guarani, e quão importante seria o resgate deste conhecimento pois, como salientou Garcia (1979) acerca dos Guarani-Kayová :

“O assunto estudado (plantas medicinais) tem interesse também para a documentação de um aspecto da cultura Kayová que está em franco desaparecimento. Os mais velhos da comunidade queixam-se do desinteresse dos jovens na assimilação

das antigas tradições terapêuticas. Na comunidade estudada, apenas seis ou sete velhos podem ser considerados os verdadeiros detentores deste conhecimento.”

Na verdade, algo salientado por Sarampião era sua experiência de mais de 70 anos trabalhando na área da saúde, com plantas medicinais. Phillips & Gentry (1993) mostram que a categoria “medicinal” apresenta uma forte relação positiva com a idade do informante, fato que não ocorre, por exemplo com a categoria “alimentar”. Estes autores sugerem que a preparação e o uso da maior parte dos remédios à base de plantas é um processo mais complexo e demorado do que a simples preparação de produtos vegetais para alimentação e, certamente, leva mais tempo para ser aprendido. Acredita-se que a aquisição de conhecimento neste domínio ocorre durante toda a vida (Amorozo, 1996). Isto parece reforçar o acerto na escolha de Sarampião como um informante-chave, com uma quantidade de conhecimento considerável acumulado durante toda sua vida de prática médica.

É conclusão também levantada por Phillips & Gentry (1993) que o conhecimento medicinal, por estar fortemente ligado aos anciãos e por demandar um longo tempo para ser adquirido, corre um maior risco de desaparecimento ou perda devido à aculturação. Todo aquele que trabalha com este conhecimento deve ressaltar a importância para as comunidades de manter, com orgulho, estas informações e seus detentores. Assim, é cada vez mais urgente a realização de trabalhos etnobotânicos nas mais diferentes formações vegetais, pois as populações detentoras deste conhecimento estão passando por um processo de aculturação e perda de suas terras, e os ecossistemas estão sendo destruídos (Schultes, 1988; Phillips & Gentry, 1993).

6.2 DOENÇAS

As doenças são diagnosticadas a partir de diferentes níveis etiológicos como o físico, ou “natural”, no qual a origem das doenças tem causas física ou fisiológicas; o nível sobrenatural, no qual o estado mórbido é causado pela intervenção de uma entidade sobrenatural, e o nível social, quando a causa é decorrente de relações sociais conflituosas (Amorozo, 1996).

A maioria das doenças percebidas por Sarampião tinha como causa problemas físicos e fisiológicos ligados à alimentação, acidentes, doenças mal curadas

etc... Isto incluiria suas concepções em um sistema médico naturalístico (Elisabetsky, 1987a; Amorozo, 1996) onde seriam causas das doenças fatores naturais.

Para Sarampião, apenas algumas doenças seriam desencadeadas por fatores outros que não forças naturais. O amarelão seria ocasionado por um susto, causado, por exemplo, por um acidente de automóvel, ou então por uma assombração ou “visagem”. Giberti (1983), relata no noroeste da Argentina, uma doença sobrenatural chamada “susto” que seria causada pela perda da alma devido a algum incidente que atemorizaria a pessoa. No entanto, o tratamento do amarelão, por Sarampião, era feito a nível físico, com remédios para o fígado.

Randia armata (espinho-de-cristo) era indicada para pessoas “espiritoadas”, que se irritariam facilmente, e que estariam sob ação de um agente obsessivo. A administração desta planta acalmaria a pessoa. Interessante é ver que outras espécies do mesmo gênero são utilizadas popularmente como sedativas (Bashir *et al.*, 1981), devido a uma ação comprovada no sistema nervoso central.

O pasmo é uma etnodoença que, segundo Sarampião, poderia ser adquirida ou hereditária. A criança pode adquirir pasmo por friagem, por mal atendimento no parto ou devido aos astros. Martinez-Crovetto (1981) relata para o noroeste de Corrientes, Argentina, uma doença chamada “pasma de feridas”, ocasionada por uma inflamação ou infecção das mesmas, tétano. Interessante que Sarampião utilizava o abrofo (*Xanthium cavanillesii*) como remédio para o pasmo e também para o tétano. Sabendo do seu contato bastante corriqueiro com a Argentina, especialmente Misiones e Corrientes, podemos supor uma influência ibero-americana na concepção desta doença. Algo que reforça a influência européia em relação ao pasmo é a receita utilizada por Sarampião para combatê-la, onde eram utilizadas na sua maioria plantas cultivadas como a hortelã-branca (*Menta villosa-nervata*) e ruderais como o cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia*). Inclusive nesta receita iam partes de animais como chifre de veado e rabo de tamanduá.

Em relação ao número de plantas para cada uso medicinal (Fig. 7) foi constatado que as doenças com maior número de plantas utilizadas para combatê-las (17) são aquelas ligadas a problemas do aparelho digestivo que, para Sarampião, eram desencadeadoras de diversos outros males, pois traziam impurezas ao sangue.

Também com um número alto de plantas relacionadas à sua terapêutica (16) estão as doenças do aparelho renal e bexiga. Os depurativos e fortificantes do sangue (16) tinham um lugar de destaque na farmacopéia de Sarampião. Isto porque, através destas plantas, inúmeras doenças ocasionadas por impurezas no sangue, como afecções na pele e doenças venéreas como a sífilis, cuja cura está regionalmente ligada aos depurativos (Lutzenberger, 1985), eram combatidas.

Seguem-se as doenças do aparelho respiratório que têm sempre destaque entre as doenças curadas com ervas medicinais (Amorozo & Gély, 1988; Ming, 1995). Importante também eram as plantas que serviam contra infecções e inflamações de feridas e que auxiliassem na cicatrização. É fácil perceber a importância destas plantas numa região florestal em que uma das primeiras atividades econômicas era o corte de madeiras e também a derrubada da floresta para implantação das roças. Acidentes não deveriam ser raros, visto que os colonos tinham como instrumento de trabalho diário machados e facões. Uma ferida mal cuidada ou infeccionada poderia muitas vezes reverter na perda de um membro, senão na própria morte.

Não por acaso, também desempenhavam importante papel na farmacopéia de Sarampião, as plantas utilizadas em doenças relativas à saúde da mulher. Plantas emenagogas, auxiliares do parto, contra infecções e tumores dos órgãos reprodutores femininos, contra a fraqueza e o esgotamento nervoso característico da “idade crítica”, além de outras, conformavam uma rica farmacopéia passada a Sarampião por sua avó e mãe parteiras. Relacionados a isto havia diversos termos regionais utilizados por Sarampião. O “Companheiro da criança”, referindo-se à placenta, a “idade crítica” ligada à menopausa e “Mãe do corpo” referindo-se, provavelmente, ao útero, termo que inclusive é utilizado entre os descendentes dos Maias no México (com. pess. Berlin).

6.3 PLANTAS MEDICINAIS

Toledo (1987) salientou que, com raras exceções, o uso predominante da flora, independente do tipo de habitat, é o medicinal, seguido do uso alimentício. Além disso, as plantas reconhecidas como medicinais, por determinado grupo, cobrem em torno de 10 a 15% das espécies de uma flora determinada.

Das 727 espécies levantadas para o Parque Estadual do Turvo (Brack *et al.*, 1985), que atualizadas chegariam, talvez, a 740, foram identificadas 68 que Sarampião utilizava medicinalmente. Somando-se as que não puderam ser identificadas ou coletadas, este número provavelmente superaria os 10% citados por Toledo (1987). Em relação ao número de espécies existentes na área do Parque alguns anos antes do inventário ser realizado um grupo de pesquisadores, em trabalho de campo, perguntou ao Guarda Sarampião quantas espécies de plantas havia no Parque, e ele respondeu que havia em torno de 700.

Isto demonstra a amplitude do conhecimento de Sarampião, que decorre de uma vida toda ligada a esta floresta e à cura através das plantas medicinais da região. O número de espécies medicinais levantado também demonstra que a pesquisa, apesar de não exaurir a totalidade do conhecimento do informante, alcançou um número significativo dos recursos medicinais da floresta subtropical do Alto Uruguai-RS.

As cinco famílias botânicas mais utilizadas por Sarampião são pela ordem (Fig.3): Asteraceae, Leguminosae, Lamiaceae, Solanaceae, Rutaceae. As 3 primeiras estão entre as 5 Famílias com mais citações de uso no Brasil (Souza Brito & Brito, 1992). Tais estudos vêm comprovando atividades farmacológicas de diversas espécies destas famílias (Ming, 1995). Giberti, (1983) relata que a família Compositae é o maior grupo da farmacopéia da região noroeste da Argentina. Ming (1995) também encontrou na Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, estas três famílias como sendo os principais recursos medicinais dos seringueiros.

A família Palmae, de destacada importância em levantamentos no norte e nordeste do Brasil e em toda América do Sul (Plotkin & Balick, 1984) não alcança, por razões climáticas, o mesmo destaque no Rio Grande do Sul. No entanto, Sarampião relatava que a única espécie levantada, *Syagrus romanzoffiana*, tinha para os Guarani quatro formas de uso. Primeiro, utilizavam-se de suas folhas para cobertura de suas moradias; também faziam uma bebida do seu tronco; este mesmo tronco derrubado era local de coleta de larvas de besouros, “corós”, importante fonte protéica dos Guarani, e, por último, destacam-se os usos medicinais que sua entrecasca e raízes adventícias possuíam e que Sarampião trouxera de sua estadia entre os Sucurú. Existem informações relatando que esta palmeira, denominada pelos Guarani “pindó”, tem também importância religiosa para este grupo (Pavetti *et al.*, 1988). Cabe salientar que

mais da metade das espécies de Lamiaceae e Rutaceae são cultivadas. Ao todo, Sarampião utilizava 45 famílias botânicas entre pteridófitas, mono e dicotiledôneas.

O que primeiramente se destaca, ao analisarmos os hábitos das plantas utilizadas por Sarampião (Fig.4), é que todos os hábitos estão representados (arbóreo, arvoreta, arbusto, cipó, erva, epífita), mostrando que todos os estratos da floresta são utilizados, o que reflete um conhecimento aprofundado da flora local por parte do informante. Resultados semelhantes foram alcançados com populações caboclas do norte do país, só que aí com vários informantes (Amorozo & Gély, 1988; Ming, 1995).

O hábito mais presente, entre as plantas nativas do Rio Grande do Sul utilizadas por Sarampião, era o das ervas (36%), resultado encontrado também em outros levantamentos de plantas medicinais (Amorozo & Gely, 1988). Garcia (1979), estudando o sistema de classificação e nomenclatura entre os Kayová, subgrupo Guarani do Mato Grosso, encontrou que mais da metade das espécies vegetais medicinais eram classificadas como ervas (52%), colocando que: “O que se pode afirmar à luz dos dados obtidos é que o Kayová conhece mais plantas medicinais que pertencem ao campo conceitual recortado como Ka'a-”ervas” do que ao pertencente a yvyra -”árvores”.”

Algo que pode ajudar a explicar isso, dentro de populações com forte contato com a floresta como os Guarani, é que sua farmacopéia está sempre se adaptando aos novos recursos e situações, e a realidade pós-contato é de maior número de derrubadas e clareiras, o que aumentaria a diversidade de espécies de ervas nos ambientes manejados pela inclusão das ervas ruderais e arvenses. No caso do presente estudo, o fato de somarmos algumas espécies de campo nativo também ajudou numa maior ocorrência de ervas medicinais. O aprofundamento deste habitat, certamente, aumentaria a taxa das ervas como o tipo de plantas mais utilizadas por Sarampião.

O 2º e o 3º hábito mais utilizados arvoreta (18%) e árvore (17%), estão fortemente ligados ao ambiente florestal. Entre as árvores estão aquelas colocadas por Klein (1972) como fazendo parte do estrato emergente (*Parapiptadenia rigida*, *Apuleia leiocarpa*) e do estrato das árvores perenifólias (*Cupania vernalis*). Entre as arvoretas, são utilizadas medicinalmente espécies bem características deste estrato, como *Actinostemon concolor* e *Bauhinia forficata*.

O 4º hábito mais utilizado era o arbustivo com 14% das espécies. Foram incluídos os arbustos apoiantes que ocupam a beira dos caminhos no Parque como *Celtis iguanaea*, *Rubus urticifolius* e *Acacia bonariensis*. Após aparecem os cipós com 9 % das espécies utilizadas. Este número significativo tem mais importância a partir da sugestão de Phillips & Gentry (1993) de que os conhecimentos a respeito dos cipós estão entre os primeiros a serem perdidos devido á dificuldade, encontrada também por botânicos, de a partir do solo fazer a identificação dos mesmos. Assim populações mestiças reconhecem muito menos cipós, e utilidades neles, do que os grupos indígenas em uma mesma área. O hábito epífitas tenderia a aumentar, pois nele se encontravam algumas espécies florestais reputadas como medicinais que não puderam ser coletadas e identificadas, pois não eram de ocorrência em matas alteradas.

Em relação à parte utilizada da planta (Fig. 6) se deve dar grande importância à sua identificação, pois partes diferentes apresentam variações qualitativas e quantitativas de seus componentes químicos (Elisabetsky & Setzer, 1985).

A parte da planta mais utilizada é a folha com 32%, como em diversas outras pesquisas realizadas (Amorozo & Gély, 1988; Ming, 1995). A segunda parte mais utilizada (16%) foi a entrecasca de árvores, arvoretas e cipós, chamada por Sarampião de “casca-verde”, para diferenciar da própria casca, utilizada em 2 casos. Esta entrecasca no caso das angiospermas se refere a periderme interna rica em metabólitos secundários. Pela entrecasca se identificava, por exemplo, o cipó-suma (*Anchietea parvifolia*) chamado de “roxinha” pois sua entrecasca, em contato com o ar, adquiria esta cor (Fig. 13). Também o coqueiro-vermelho, variedade de coqueiro (*Syagrus romanzoffiana*) era identificado pela entrecasca vermelha mas neste caso o órgão utilizado era parte do câmbio desta espécie. O destaque que esta parte da planta tem na farmacopéia de Sarampião remete ao ambiente florestal e aos Guarani, pois árvores e cipós das quais a entrecasca era a parte usada são característicos da floresta clímax.

A terceira parte mais utilizada (14%) foi a planta toda, utilizada principalmente com as ervas medicinais. As raízes de ervas, árvores e arvoretas (12%) tiveram destaque de utilização por Sarampião. Neste caso, é necessário discriminar o uso da raiz inteira do uso da casca da raiz, ou do uso de raízes adventícias como a do coqueiro-vermelho. Estas raízes adventícias são comercializadas e utilizadas

medicinalmente no Paraguai (Basualdo *et al.*, 1995). O mesmo órgão de uma outra espécie do gênero *Syagrus* é utilizado pelos “crioulos”, descendentes de africanos, nas Guianas Francesas (Grenand *et al.*, 1987). Isso sugere que nesta parte da planta se acumulam substâncias biologicamente ativas, o que merece investigação. Na mesma linha, as raízes de diversas espécies de *Brunfelsia* são utilizados no norte do Brasil contra reumatismo (Emboden, 1979), mesmo uso dado às raízes de *Brunfelsia australis* por Sarampião.

Os caules, que aparecem com 7% dos órgãos usados, são, na sua maioria, subterrâneos. São utilizados 2 xilopódios, três rizomas e um bulbo. Entre estes, estão plantas de grande valor medicinal para Sarampião. Os xilopódios são de *Gochnatia ramboi* (Fig. 9) e *Margyricarpus pinnatus*, espécies do campo nativo. Os rizomas são de *Herreria montevidensis*, a salsaparrilha (Fig. 8), *Maytenus ilicifolia*, a cancorosa (Fig. 12) e *Smilax campestris*, a japecanga, plantas muito utilizadas por Sarampião. Todas estas espécies eram melhor coletadas em campestres e lajedos, locais de solo raso onde, parece, seus rizomas se desenvolviam melhor. O bulbo vem a ser de uma espécie de *Trimezia* (Fig. 11). Interessante é que, em um trabalho sobre órgãos subterrâneos medicinais vendidos em um mercado de Assunción, Paraguay (Basualdo *et al.*, 1991) foi identificada uma *Trimezia* que se trata, possivelmente, de uma espécie nova. Que é a mesma planta não se pode afirmar, mas fica a informação de que o bulbo de espécies deste gênero são utilizados medicinalmente como laxativas tanto no Alto-Uruguai, quanto no Paraguai. Inclusive, o rizoma das duas espécies anteriores, *Herreria montevidensis* e *Maytenus ilicifolia* também são comercializados e usados medicinalmente no Paraguai (Basualdo *et al.*, 1995). O outro caule utilizado é de *Aristolochia triangularis*, contra mordida de cobra, entre outros usos.

De algumas plantas é destacada a mesma função medicinal para diferentes órgãos. Por exemplo *Bauhinia forficata*, da qual se utilizava a raiz ou as folhas, sendo que a raiz, para Sarampião, concentrava mais princípios ativos, ou o açoita-cavalo, *Luehea divaricata*, cujas flores ou entrecasca são utilizadas para o doenças dos pulmões. No entanto, também acontece de partes diferentes da planta terem uso diferente, como *Maytenus ilicifolia*, cujo rizoma tem função depurativa mas as folhas têm função ligada a problemas dos rins e bexiga, ou *Cyphomandra corymbiflora*, (Fig. 10) cujas folhas são utilizadas para problemas renais e do fígado mas cuja raiz é

utilizada para “refazer o gástrico”, perdido devido a uma disenteria mais séria. Segundo Sarampião, também acontecia o caso de uma mesma parte da planta ter usos diferentes conforme sua idade. Este era o caso da folha de *Stachytarpheta cayennensis*, cuja folha verde era usada para problemas de má digestão ligada ao fígado, e a folha amarelada usada para problemas do pulmão.

6.4 HABITATS MANEJADOS

É relatado que fatores ambientais alteram os constituintes químicos das plantas (Brown, 1984 *apud* Elisabetsky & Setzer, 1985), sendo comum que indígenas ou caboclos façam referências sobre os locais ou época de coleta em que as propriedades das plantas são maximizadas. Esse fato tem provavelmente relação com a concentração de compostos bioativos nas plantas, que variam de acordo com a sua diluição, dependente da disponibilidade hídrica das plantas (Elisabetsky & Setzer, 1985; Amorozo, 1996).

Em relação a isto, precisamos destacar o uso de *Maytenus ilicifolia* que, segundo Sarampião e outras pessoas da região, tem duas formas. Uma, que ocorre na beira dos cursos d'água, e outra, de interior de floresta. Para Sarampião, a cancorosa medicinal era aquela que ocorria na beira da água, pois seus rizomas se desenvolviam mais e com mais substância do que a do interior da mata.

Quanto ao habitat das plantas utilizadas (Fig. 5), o de índice mais alto é o florestal, onde eram coletados 37% das espécies. A vegetação secundária aparece em segundo, com 27% das espécies coletadas neste habitat e, em terceiro, estão aquelas plantas que ocorrem tanto em formações secundárias como nas florestais. A partir disto, pode-se perceber a importância que a floresta tem no conhecimento médico de Sarampião, pois é deste habitat que provém grande parte da matéria prima para seus xaropes. Isto parece reforçar a idéia de um conhecimento com forte influência Guarani, principais conhecedores destas florestas (Brochado, 1977; Noelli, 1993).

Importante também é salientar a importância das áreas de vegetação secundária como habitat exclusivo de grande número de espécies medicinais, afora outras utilidades. Isto põe em destaque a necessidade de manejo destas áreas, que não

podem ser vistas como desimportantes, seja pela população local, seja pelos cientistas (Toledo, 1995).

O quarto espaço manejado com maior número de espécies medicinais era o dos próprios jardins e hortas, onde eram cultivadas 9% das espécies utilizadas. Cabe salientar que este número tende a ser mais alto, pois outras espécies, que não entraram na listagem por diversos problemas, ou por não serem prioritárias, eram cultivadas por Sarampião ou utilizadas por ele.

Os campestres eram locais de coleta de 6 % das plantas utilizadas. Pela área que cobrem em relação à floresta, os campestres, afloramentos rochosos, apesar de terem um número não muito alto de espécies medicinais, são locais com uma flora medicinal bastante rica. Espécies ocorrentes dentro e fora do campestre eram coletadas preferencialmente nos campestres, pois o solo raso e úmido parecia colaborar com o desenvolvimento e a facilidade de coleta dos órgãos subterrâneos utilizados.

As espécies medicinais do campo nativo (6 %) começaram a ser utilizadas por Sarampião depois de sua ida para Coronel Bicaco. Duas saídas foram realizadas para coleta das plantas deste habitat sendo que muitas espécies não puderam ser coletadas, como por exemplo o velame-vermelho, a jalapa, etc... o que aumentaria a porcentagem das espécies de campo. Em parte, deve-se isso ao fato de se ter dedicado maior parte do tempo às plantas da floresta, ambiente ligado mais diretamente à história de Sarampião. Como ele dissera, seu contato com as ervas do campo era recente. Uma das necessidades que se verifica a partir deste trabalho é a do estudo das ervas medicinais dos campos nativos do Planalto, que sofrem também um risco de extinção, sem possuírem, até o momento, qualquer área de proteção dedicada a este ecossistema. Um informante poderia vir a ser seu Natalício, sobrinho de Sarampião, morador na Vila Diniz, em Coronel Bicaco.

6.5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS ESPÉCIES UTILIZADAS (Tabela 5 e 6)

Em relação aos usos populares, observou-se que espécies cultivadas como *Ruta graveolens*, *Cymbopogon citratus*, *Aloysia citrodora*, possuem registro de uso nas mais diferentes localidades, como por exemplo a segunda no México, Belize, Pará e o

Chaco Central Paraguai (Zamora-Martinez & Pola, 1992; Arvigo & Balick, 1993; Amorozo & Gély, 1988; Filipov, 1994). Estas espécies, com uso e cultivo difundido por todo o mundo, apresentam, por conseguinte, uma extensa bibliografia fitoquímica e farmacológica e aparecem bem documentadas em compilações como a de Duke (1992).

Espécies de ampla distribuição, como *Stachytarpheta cayennensis*, *Chaptalia nutans*, *Phyllanthus niruri* e outras adventícias, também apresentam uso medicinal em diversos lugares, o que aumenta as probabilidades destas espécies já terem algum tipo de estudo fitoquímico ou farmacológico desenvolvido em algum destes lugares. *Chaptalia nutans* é usada medicinalmente desde Trinidad e Jamaica até o sul do Brasil (Wong, 1976; Asprey & Thornton, 1953; Simões *et al.*, 1995) e já tem confirmada sua atividade antibacteriana (Truitt *et al.*, 1996). *Leonurus sibiricus* possui atividades antibacteriana e antifúngica comprovadas (Wadt *et al.*, 1996; Heinrich, 1992). *Xanthium spinosum*, utilizado medicinalmente no Qatar, onde é invasora, e por populações indígenas na Bolívia e no Chaco Paraguai (Rizk *et al.*, 1986; Abdel-Malek, 1996; Filipov, 1994) já teve comprovado um amplo espectro de atividade antimicrobiana (Olano *et al.*, 1996) além de resultados promissores para uma atividade anticancerígena (Bhakuni *et al.*, 1976).

Espécies com utilização consagrada acabam atraindo mais estudos, sendo este o caso de *Ilex paraguariensis* na qual vem sendo estudado o efeito vasoativo (Amarante-Silva *et al.*, 1996; Muccillo-Baisch *et al.*, 1996) ou *Maytenus ilicifolia*, que teve sua ação antiúlcera confirmada, além de não apresentar toxicidade (Ferreira *et al.*, 1996; Carlini *et al.*, 1988; Geocze *et al.*, 1988; Carlini & Frochtengarten, 1988; Oliveira *et al.*, 1991). Da mesma forma *Casearia silvestris*, de ampla distribuição e uso popular difundido, já teve comprovada sua atividade preventiva antiúlcera, antimicrobiana e cicatrizante (Basile *et al.*, 1990; Blinder *et al.*, 1996; Sato *et al.*, 1996; Scavone *et al.*, 1979).

Espécies utilizadas medicinalmente no Rio Grande do Sul tem sido estudadas na Faculdade de Farmácia da UFRGS. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Farmácia realizada por Sander (1987) mostrou que *Styrax leprosum*, usado por Sarampião em lavagens de feridas e para boba (ferida coceirenta), possui ação antitricomonacida e antiedematogênica. *Chrysophyllum marginatum*, utilizado por Sarampião para inflamações no ovário e flores brancas, teve confirmada esta segunda

ação também neste trabalho. *Jacaranda micrantha* usada como depurativa e contra a sífilis, teve isolada uma substância com atividade antibacteriana (Mezzomo da Silva, 1980).

Através da quimiotaxonomia, muitas espécies de utilização restrita em apenas determinada região vêm a ser pesquisadas, visando comprovar se sua fitoquímica e/ou farmacologia é similar às outras espécies mais estudadas do gênero. Este é o caso de *Pilocarpus pennatifolius* do qual já foram isolados os alcalóides comuns ao gênero (Duke, 1992) e *Achyrocline vauthieriana*, com atividade antibacteriana e antiviral demonstrada (Gutkind *et al.*, 1981; Garcia *et al.*, 1990). Na mesma linha, mas ainda sem estudo, *Casearia decandra*, utilizada por Sarapião contra picada de cobra, ação já comprovada para *Casearia silvestris* (Pereira *et al.*, 1992 a e b; Barbi *et al.*, 1992).

Espécies com uso popular bastante difundido não possuem em contraposição pesquisas científicas visando esclarecer sua ação farmacológica ou fitoquímica, como são os casos de *Smilax campestris*, utilizado na Argentina, Uruguai e sul do Brasil que carece ainda de estudos farmacológicos, e *Philodendron bipinnatifidum*. É de se espantar que espécies como *Parapiptadenia rigida* (angico), *Cabralea canjerana* (cangerana) e *Cunila microcephala* (poejo) incluídas na 1ª Farmacopéia Brasileira, até a atualidade tenham sido muito pouco estudadas. Fica aqui a sugestão de que estas espécies de reconhecida importância medicinal tenham prioridade em futuros estudos farmacológicos e possam ser incorporadas no sistema oficial de saúde.

Existem também espécies com distribuição muito restrita, para as quais foi encontrada pouca informação a respeito de usos populares, fitoquímica ou farmacologia. Neste caso estão, por exemplo, *Cyphomandra corymbiflora subsp. corymbiflora*, *Adiantum pseudo-tinctum*, *Cordyline dracaenoides*, *Campomanesia guazumifolia* e *Gochnatia ramboi*.

Espera-se que, a partir deste levantamento, estas e outras espécies listadas passem a ser encaradas como possíveis fontes de substâncias bioativas, passíveis de estudos fitoquímicos e farmacológicos, e possam ser percebidas pelas populações rurais e urbanas do estado, como recursos valiosos existentes em nossos campos e florestas.

7. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito dos conhecimentos e práticas médicas de João Martins Fiúza e das plantas medicinais da região do Alto-Uruguai, Rio Grande do Sul constatou-se:

Quanto ao número de espécies, gêneros e famílias:

-foram identificadas 86 espécies vegetais utilizadas, de 80 gêneros e 45 famílias botânicas diferentes, entre pteridófitas, monocotiledôneas e dicotiledôneas. Foram identificadas 74 espécies nativas e 12 espécies exóticas, entre cultivadas e ruderais.

Quanto ao habitat e hábitos das espécies identificadas:

- a maior parte das espécies utilizadas (65spp.) é oriunda da Floresta Subtropical, sendo utilizados todos os estratos desta floresta. São utilizadas ervas, arvoretas, árvores, arbustos, cipós e epífitas. Esta amplitude indica um conhecimento aprofundado desta formação vegetal, o que remete à cultura Guarani e põe em relevo a importância do Parque Estadual do Turvo na preservação da flora medicinal desta formação vegetal. Outros habitats também merecem destaque, como a utilização de plantas do campo nativo. Sugere-se um trabalho com espécies medicinais deste habitat, que não é, até o momento, protegido por nenhuma unidade de conservação.

Sobre as percepções de saúde-doença, formas de consulta e diagnóstico utilizadas:

- as percepções de saúde e doença estão intimamente ligadas à época e ao local do aprendizado. Da mesma maneira que as formas de consulta e diagnóstico, elas remetem a influências reconhecíveis; a Guarani, no diagnóstico pelo pulso e nas plantas florestais utilizadas; influência dos imigrantes europeus nos livros, na formação de boticário e nas plantas cultivadas; influência ibero-americana na concepção de doenças e nas espécies medicinais de distribuição em todo o continente.

Sobre a concepção e preparo dos remédios:

- a principal forma de preparação dos remédios eram os xaropes que envolviam decocção lenta, aquosa e alcoólica, mais adição de açúcar e temperos (cravo e canela). Nestas composições entravam várias plantas (até mais de uma dezena) com diferentes finalidades e formas de atuação no organismo.

Sobre a utilização medicinal das plantas em outras regiões e países.

Para 62 das 74 espécies nativas, foram encontradas citações de uso medicinal em outras localidades. Destas, 46 são usadas no Brasil, 33 no RGS, 25 na Argentina, 14 no Paraguai, 10 no Uruguai, ocorrendo usos medicinais no Chile, Bolívia, Nicarágua, Guiana Francesa, México, etc...

Sobre o grau de estudos das plantas nativas:

- das 74 plantas nativas utilizadas foram encontradas referências fitoquímicas para 39 delas. No entanto para muitas destas foram realizadas apenas “screenings” preliminares. Desta forma não é possível dizer que tenham sido estudadas suficientemente. Foram encontradas referências farmacológicas para 30 espécies das 74 nativas utilizadas. Apesar de iniciais estes estudos vêm comprovando ação biológica nas plantas e o acerto dos usos populares.

Infelizmente, a urgência da documentação do profundo conhecimento de Sarampião se fez notar, pois este veio a falecer durante a execução do trabalho. Espera-se que este trabalho tenha documentado a altura o rico conhecimento desta figura ímpar e sirva de estímulo àqueles que desejem investigar a relação entre homens e plantas.

8. BIBLIOGRAFIA

- ABDEL-MALEK, S., BASTIEN, J.W., MAHLER, W.F., QI JIA, REINECKE, M.G., ROBINSON JR, W.E., SHU, Y.H., ZALLES-ASIN, J. Drug leads from the Kallawayá herbalists of Bolívia. 1. Background, rationale, protocol and anti-HIV activity. **J. Ethnopharmacol.** 50(3):p.157-166, 1996.
- AHUMADA, L.Z. **Flora Ilustrada Catarinense**. Aristolochiáceas, Itajaí, SC: p.26-30, 1975.
- AKERELE, O. Medicinal plants and Primary Health Care: an agenda for action. **Fitoterapia** 59 (5): p. 355-363 ,1988.
- ALBURQUEQUE, E.P. Sobre o Desaparecimento da Fauna da Região do Alto Uruguai e a Importância do Parque Florestal Estadual do Turvo na sua preservação. **Roessleria** 1: p.143-149, 1977.
- ALBUQUERQUE, M.T. Parques Florestais. **Trigo e Soja**. Bol. Técnico. Ed. Fecotrigo, Porto Alegre, nº 107: p.2-31, 1990.
- ALICE, C.B., VARGAS, V.M.F., SILVA, G.A.A.B., DE SIQUEIRA, N.C.S., SCHAPOVAL, E.E.S., GLEVE, J., HENRIQUES, J.A.P., HENRIQUES, A.T. Screening of plants used in South Brazilian folk medicine. **J. Ethnopharmacol.** 35 (2): p.165-171, 1991.
- ALICE, C.B, DE SIQUEIRA, N.C.S., MENTZ, L.A., SILVA, G.A.A.B., JOSÉ, K.F.D. Atlas Farmacognóstico. Plantas Mediciniais de uso popular. Ed. ULBRA, Canoas, RS, 205pp., 1995.
- AMARAL, L.G.F., LEITÃO, G.G., RIBEIRO, L.S., LEITÃO, S.G., PEREIRA, S.N., LIMEIRA, V., FLAMARION, L. Estudo químico-ecológico de plantas da dieta de um grupo de bugios. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- AMARANTE SILVA, F., BORGES, L.A., FILGUEIRAS, J., DREWS, C.R., BRUM, E., PEREIRA, C. Efeitos de extratos vegetais sobre o leito vascular mesentérico de ratos. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996

- AMORIM, J.P., PESSOA, S.B. Experience with several plants as molluscicides. **Rev. Brasil. Malariol. Doen. Trop.** 14 (1): p. 254-260, 1962.
- AMOROZO, M.C., GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Nova Sér. Bot.** 4 (1): p.47-131, 1988.
- AMOROZO, M.C. A Abordagem Etnobotânica na Pesquisa de Plantas Medicinais. Em: **Plantas Medicinais. Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar.** DI STASI (Org.), São Paulo, Ed. UNESP: p.47-68, 1996.
- ANDERSON, A. B., POSEY, D.A. Manejo de cerrado pelos índios Kayapó. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ser. Bot.** 2 (1): p.77-98, 1985.
- ANESINI, C., PEREZ, C. Screening of plants used in Argentine folk medicine for antimicrobial activity. **J. Ethnopharmacol.** 39 (2): p.119-128, 1993.
- ARENAS, P., MORENO AZORERO, R. Plants of Common Use in Paraguayan Folk Medicine for Regulating Fertility. **Economic Botany** 31: p.298-301, 1977.
- ARENAS, P. Etnobotanica Lengua-Maskoy. Fundacion para la Educacion, la Ciencia y la Cultura. Buenos Aires, 358 pp., 1981.
- ARENAS, P. La Etnobotánica del Gran Chaco. Em: **Memorias del IV Congreso Latinoamericano de Botánica. Simposio de Etnobotanica.** Medellín, Colômbia: p.35-52, 1987.
- ARRIAGA, F.J., RUMBERO, A. Naringin, Hesperidin and Neohesperidin content of juices from thirteen *Citrus* spp. **Fitoterapia** 61 (1): p.31-36, 1990.
- ARVIGO, R., BALICK, M. Rainforest Remedies. One hundred healing herbs of Belize. Lotus Press, Twin Lakes, 221pp., 1993.
- ASPREY, G.F., THORNTON, P. Medicinal plants of Jamaica. Part I. **West Indian Med. J.** 2 (4) : p. 233-252, 1953.
- ASWAL, B.S., BHAKUNI, D.S., GOEL, A.K., KAR, K., MEHROTRO, B.N., MUKHERJEE, K.C. Screening of Indian plantas for biological activity: Part X. **Indian J. Exp. Biol.** 22 (6): p.312-332, 1984.
- AURÉLIO, V.J.W., FRATINI, M., SILVA, C.B., SCHAPOVAL, E.E.S., HENRIQUES, A.T. Atividade antimicrobiana das *Aloysia triphylla*. Dep. de

- Produção e Controle de Medicamentos. Fac. de Farmácia-UFRGS. Porto Alegre, 1993.
- BACIGALUPO, N.M. Rubiaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, p. 5a, p.342-375, 1965.
- BACIGALUPO, N.M. Commelinaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, Parte I, Pteridofitas, Gimnospermas Y Monocotiledóneas, Buenos Aires, p.459-472, 1968.
- BALÉE, W. Análise preliminar de Inventário Florestal e a Etnobotânica Ka'apor(MA). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.** 2(2): p.141-167, 1986.
- BALÉE, W. A Etnobotânica quantitativa dos índios Tembé (Rio Gurupi, Pará). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot.** 3(1): p.29-50, 1987.
- BALÉE, W. Indigenous adaptation to Amazonian palm forest. **Principles** 32 (2): p.47-54, 1988.
- BALÉE, W. Indigenous History and Amazonian Biodiversity. Em: **Changing Tropical Forests: Historical Perspectives on Today's Challenges in Central and South America**. STEEN, H.K. and TUCKER, R.P. (Eds) Durhem, Forest History Society: p.185-197, 1992.
- BALICK, J.M., ELISABETSKY, E., LAIRD, S.A. **Medicinal resources of the tropical forest. Biodiversity and its importance to human health**. New York: Columbia University Press, 440pp., 1996.
- BALICK, M.J. Ethnobotany and the identification of therapeutic agents from the rainforest. Em: **Bioactive Compounds from plants**. Wiley, Chichester (Ciba Foundation Symposium 154): p.22-39, 1990.
- BANDONI, A.L., MENDIONDO, M.E., RONDINA, R.V.D., COUSSIO, J.D. Survey of Argentine medicinal plants. Folklore and phytochemical screening. **Lloydia** 35: p.69-80, 1972.
- BARBI, N., RUPPELT, B.M., PEREIRA, N., NASCIMENTO, M.C. MORS, W.B. Estudo Farmacológico e fitoquímico da casca de *Casearia silvestris*. Em: **Resumos do XI Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. João Pessoa, PB, 1990.

- BARBI, N., PEREIRA, B.R., MELO, P., PEREIRA, N., MORS, W.B. Actividade Antiofídica dos Polissacarídeos da casca da *Casearia sylvestris* Sw., Flacourtiaceae. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- BARROS, G.S.G., MATOS, F.J.A., VIEIRA, J.E.V., SOUSA, M.P., MEDEIROS, M.C. Pharmacological screening of some Brazilian plants. **J. Pharm. Pharmacol.** 22: p.116- , 1970.
- BASILE, A.C., SERTIÉ, J.A., PANIZZA, S., OSHIRO, T.T., AZZOLINI, C.A. Pharmacological assay of *Casearia sylvestris*. I: Preventive anti-ulcer activity and toxicity of the leaf crude extract. **J. Ethnopharmacol.** 30 (2): p. 185-197, 1990.
- BASUALDO, I., ZARDINI, E.M., ORTIZ, M. Medicinal Plants of Paraguay: Underground Organs. **Economic Botany** 45 (1): 86-96, 1991.
- BASUALDO, I., ZARDINI, E.M., ORTIZ, M. Medicinal Plants of Paraguay: Underground Organs, II. **Economic Botany** 49 (4): p. 387-394, 1995.
- BHAKUNI, D.S., BITTNER, M., MARTICORENA, C., SILVA, M., WELDT, E., HOENEISEN, M. Screening of Chilean plants for Anticancer activity. I. **Lloydia** 39 (4): p. 225- , 1976.
- BIANCHI, N.R., KOEPPE, C.H.B., FERNANDES, R.E. Estudo da toxicidade de *Luehea divaricata* Mart. Análise citopatológica. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- BIANCHI, N.R., DA SILVA, M.O., SPIASS, L., MACHADO, C.A., BERGONCI, J.I. Ensaio de toxicidade excessiva e "screening" Fitoquímico de plantas usadas popularmente no tratamento de afecções gastro-intestinais. **Rev. Bras. de Farm.** 74 (2): p.50-51, 1993.
- BINGEL, A.S., FONG, H.H.S., FARNSWORTH, N.R. Antifertility screening of selected plants in female rats. **Lloydia** 39: p.475-, 1976.
- BLINDER, R., PICHETH, C.F., NAKASHIMA, T. Atividades antimicrobiana dos extratos brutos de *Fagara kleinii* e *Casearia sylvestris*. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.

- BOELKE, O. Cruciferae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, parte 3, p.281-370, 1967.
- BOHS, L., Flora Neotropica. Monograph 63. CYPHOMANDRA (SOLANACEAE). Org. for Flora Neotropica. The New York Botanical Garden. NY., 1994.
- BORDIGNON, S.A. de L., SCHENKEL, E.P., SPITZER, V. The essential oil composition of *Cunila microcephala* and *Cunila fasciculata*. **Phytochemistry** In press, 1997.
- BORGES, L.A., AMARANTE SILVA, F., SCHNEIDER, A.A., JOHNSTON, K.B., FILGUERAS, J., DREWS, C.R. Possível mecanismo Adrenérgico ou endotelial do efeito constritor da *Ilex paraguariensis*. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- BRACK, P. Urticaceae do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado Botânica/UFRGS. Porto Alegre, 91pp., 1989.
- BRACK, P., BUENO, R.M., FALKENBERG, D.B, PAIVA M.R.C., SOBRAL M., STEHMANN, J.R. Levantamento Florístico do Parque Estadual do Turvo, Tenente Portela, Rio Grande do Sul, Brasil. **Roessléria** 7(1): p.69-94, 1985.
- BRANDÃO, M., BOTELHO, M., KRETTLI, E. Antimalarial experimental chemotherapy using natural products. **Cienc. Cult.** 37 (7): pp. 1152-1163, 1985.
- BROCHADO, J. P. O Guarani: O Conquistador Vencido. Em: **O Índio no Rio Grande do Sul**. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, p.71-82, 1975.
- BURKART, A. **Flora Ilustrada Catarinense**. Leguminosas. Mimosoídeas, Itajaí, SC: p.262-270, 1979.
- BURKART, A. Leguminosae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, parte 3, p.394-647, 1967.
- CABALLERO, J. Etnobotânica y Desarrollo: la búsqueda de nuevos recursos vegetales. **Memorias do IV Congresso Latino Americano de Botânica. Simposio de Etnobotanica**. Medellin, Colombia: p.79-96, 1987.
- CABRERA, A. L., RAGONESE, A.M. Revisión del género *Pterocaulon* (Compositae). **Darwiniana**. T. 21 (2-4): p.185-257, 1978.

- CABRERA, A.L., WILLINK, A. Biogeografía de America Latina. Secretaria General de la OEA. Programa Regional de Desarrollo Científico y Tecnológico. Washington, D.C. 121pp, 1973.
- CABRERA, A.L. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo VI, Parte 6-Compostas. Buenos Aires, 443 pp., 1963.
- CABRERA, A.L. Rosaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, parte 3, p.379-393, 1967.
- CABRERA, A.L. Alismataceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, Parte I, Pteridofitas, Gimnospermas Y Monocotiledóneas, Buenos Aires, p.296-302, 1968.
- CABRERA, A.L. Liliaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, Parte I, Pteridofitas, Gimnospermas Y Monocotiledóneas, Buenos Aires, p.501-519, 1968.
- CABRERA, A.L. **Flora de la Provincia de Jujuy**. Tomo XIII. Parte X-Compositae. Coleccion Cientifica del I.N.T.A. Buenos Aires, 726pp., 1978.
- CABRERA, A.L. **Flora Ilustrada de Entre Ríos**. Tomo VI. Parte VI-Compostas. Dicotiledóneas Metaclamídeas B: Rubiales, Cucurbitales y Campanulales. Buenos Aires, p.106-507, 1974.
- CABRERA, A.L., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Compostas. 3.Tribo Vernoniae. Itajaí, SC: p.244-246, 398-402, 1980.
- CABRERA, A.L., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Compostas. Tribo Mutisieae, Itajaí, SC: p.21-24, 54-57, 1973.
- CACERES, A., GIRON, L.M., ALVARADO, S.R., TORRES, M.F. Screening of antimicrobial activity of plants popularly used in Guatemala for the treatment of dermatomucosal disease. **J. Ethnopharmacol.** 20 (3): p.223-237, 1987.
- CACERES, A., LOPEZ, B.R., GIRON, M.A., LOGEMANN, H. Plants used in Guatemala for the treatment fo dermatophytic infections. 1. Screening for antimycotic activity of 44 plant extracts. **J. Ethnopharmacol.** 31 (3): p.263-276, 1991.

- CALIXTO, J.B., DE LIMA, T.C.M., MORATO, G.S., NICOLAU, M., TAKAHASHI, R.N., VALLE, R.M.R., SCHMITDT, C.C., YUNES, R.A. Chemical and pharmacological analysis of the crude aqueous/alcoholic extract from *Cordyline dracaenoides*. **Phytoter. Res.** 4 (5):p.167-171, 1990.
- CAMILO, A.M., MARQUES, R.M., GODOY, C.A., NEVES, L.R., LIMALANDMAN, M.T., SOUCCAR, C., LAPA, A.J. Efeito do extrato aquoso bruto da *Solanum paniculatum* L. na úlcera crônica induzida em ratos. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- CARLINI, E.A., FROCHTENGARTEN, M.L. Toxicologia Clínica (Fase I) da Espinheira-Santa (*Maytenus ilicifolia*). Em: **Estudo da ação antiúlcera gástrica de plantas brasileiras: Maytenus ilicifolia (Espinheira-Santa) e outras**. Ministério da Saúde. Brasília: CEME/APIF: p.67-74, 1988.
- CARLINI, E.A., MACAUBAS, C.I.P., DE OLIVEIRA, M.G.M., BARBOSA, V.P. Toxicologia Pré-clínica da Espinheira-Santa (*Maytenus ilicifolia*). Em: **Estudo da ação antiúlcera gástrica de plantas brasileiras: Maytenus ilicifolia (Espinheira-Santa) e outras**. Ministério da Saúde. Brasília: CEME/APIF: p.49-66, 1988.
- CARLINI, E.L.A. "Farmacologia pré-clínica, clínica e toxicologia do Capim-Cidrão, *Cymbopogon citratus*" CEME, Brasília: p.1-52, 1985.
- CAVAZZANI, J.R., MOREIRA, E.A., MIGUEL, O.G., GABRIEL, M.M., GODOY, G.F., VIEIRA, R.F., LOPES, M., DUARTE, J.C., CURTO, M.J.M. *Solanum mauritianum* Scopoli, como fonte produtora de solasodina. Em: **Resumos do XI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. João Pessoa, PB, 1990.
- CHIAPPETA, A.D.A., FRANCISCO DE MELLO, J., MACIEL, G.M. Higher plants with biological activity- Plants of Pernambuco. I. **Rev. Inst. Antibiot. Univ. Fed. Pernambuco** 21 (1/2), Recife: p.43-50, 1983.
- COE, F.G., ANDERSON, G.J. Screening of medicinal plants used by the Garífuna of Eastern Nicaragua for bioactive compounds. **J. Ethnopharmacol.** 53(1): p.29-50, 1996.

- CONSOLI, R.A.G.B., GRANDI, T.S.M., OLIVEIRA, A.B., ZANI, C.L., MENDES, N.M., MACEDO, M.E., ANJOS, A.M. Efeito larvívica de extratos vegetais da família Compositae sobre *Aedes fluviatilis* (Diptera: Culicidae). Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- CONSÓRCIO MATA ATLÂNTICA. **Reserva da Biosfera da Mata Atlântica**. Campinas: Unicamp, 1992.
- COSTA, P.R.C. Contribuição ao estudo Fitoquímico das flores e folhas da *Solidago chilensis* Meyen var. *megapotamica* (DC) Cabrera-Compositae. Diss. de Mestrado Fac. Farmácia-UFRGS. Análise, Síntese e Controle de Medicamentos. Porto Alegre, 102pp., 1978.
- COWAN, R.S., SMITH, L.B., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Rutáceas, Itajaí, SC: p.25-30, 45-47, 77-80, 1973.
- CRAGG, G. M., BOYD, M.R., GREVER, M.R., SCHEPARTZ, S.A. Pharmaceutical prospecting and the potential for pharmaceutical crops. Natural product drug discovery and development at the United States National Cancer Institute. **Annals of the Missouri Botanical Garden** 82 (1): p.47-53, 1995.
- CRISCI, J.V., GANCEDO, O.A. Sistemática y Etnobotánica del Guembe (*Philodendron bipinnatifidum*) una importante Aracea Sudamericana. **Rev. Mus La Plata Bot.** 11 (65): p.285-302, 1971.
- CROOM JR., E. M. Documenting and evaluating Herbal remedies. **Economic Botany** 37 (1): p.13-27, 1983.
- DAVIDSON, D., HYLANDS, P.J., SHARP, W.R., STAHLHUT, R.W. Development of Pharmaceutical Companies based on Plant Products: Suggested Approaches. Em: BALICK, J. M., ELISABETSKY, E. & LAIRD, S.A. **Medicinal resources of the tropical forest**. New York: Columbia University Press, p.19-40, 1996.
- D'ÁVILA, M.C. Da Flora Medicinal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Faculdade Livre de Medicina e Pharmacia de Porto Alegre. These. 155pgs., 1910.

- DAVYT, D., DELLACASSA, E., FERREIRA, P., MENENDEZ, P., MOYNA, P., VAZQUEZ, A. Phytochemical screening of Uruguayan Medicinal plants. **Fitoterapia** 62 (6): p.519-521, 1991.
- DAWSON, G. Ulmaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, parte 3, p.7-11, 1967.
- DE A. RIBEIRO, R., BARROS, F., MARGARIDA, M., MELO, R.F., MUNIZ, C., CHIEIA, S., WANDERLEY, M.G., GOMES, C., TROLIN, G. Acute diuretic effects in conscious rats produced by some medicinal plants used in the state of São Paulo, Brasil. **J. Ethnopharmacol.** 24 (1): p. 19-29, 1988.
- DE A. RIBEIRO, R., FIÚZA DE MELO, M.M.R., BARROS, F., GOMES, C., TROLIN, G. Acute antihypertensive effect in conscious rats produced by some medicinal plants used in the state of São Paulo. **J. Ethnopharmacol.** 15 (3): p. 261-269, 1986.
- DE LA SOTA, E.R. **Flora de la Provincia de Jujuy**. Tomo XIII. Parte II- Pteridófitas. Coleccion Científica del I.N.T.A. Buenos Aires, 277pp., 1977.
- DE RUIZ, R.E.L., FUSCO, M., SOSA, A., RUIZ, S.O. Constituents of *Coronopus didymus*. **Fitoterapia** 65 (2): p.181-182, 1994.
- DE SOUZA, C.P., LIMA DE AZEVEDO, M.L., LOPES, J.L.C., SARTI, J., SANTOS FILHO, D.D., LOPES, J.N.C., VICHNEWSKI, W., NASI, A.M.T.T. Chemoprophylaxis of Schistosomiasis: Molluscicidal activity of Natural Products. **An. Acad. Brasil. Cienc.** 56 (3): pp.333-338, 1984.
- DEBENETTI, S.L., PALACIOS, P.S., WILSON, E.G., COUSSIO, J.D. Polyphenols of *Pterocaulon polystachyum*. **Fitoterapia** 65(2): p.188-189, 1994.
- DEJOBERT, Y., MARTIN, P., BERGOEND, H. Airborne contact dermatitis from *Apuleia leiocarpa* Wood. **Contact Dermatitis** 32 (4): p.242-243, 1995.
- DI STASI, L.C., COSTA, M., MENDACOLLI, L.J., KIRIZAWA, M., GOMES, C., TROLIN, G. Screening in mice of some medicinal plants used for analgesic purposes in the state of São Paulo. **J. Ethnopharmacol.** 24 (2/3): p.205-211, 1988.

- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RGS. **Edital de notificação do processo de tombamento da Mata Atlântica e seus ecossistemas associados.** p.18-23. 21 de Maio de 1992.
- DIEGUES, A.C.S. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** São Paulo: NUPAUB, Universidade de São Paulo, 163pp., 1994.
- DIEL, C.L., DE MATOS, S.B. Análise da espécie vegetal- *Anchietea parvifolia*- VIOLACEAE. Monografia de Farmacognosia I., Fac. de Farmácia-UFRGS. Porto Alegre, 1995.
- DIMITRI, M.J., PARODI, L.R.(Edt) Enciclopedia Argentina de Agricultura y Jardineria. Tomo I, 2º vol. Ed. ACME S.A.C.I. Buenos Aires, p.657-1061, 1980.
- DUKE, J.A. Handbook of phytochemical constituents of GRAS herbs and other economic plants. Flórida, 1992.
- EDWIN, G., REITZ, P.R. **Flora Ilustrada Catarinense.** Aquifoliáceas, Itajaí, SC: p.27-34, 1967.
- ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos Brasileiras. Em: **Suma Etnológica Brasileira. Etnobiologia.** v.1. RIBEIRO, B.G. (org.), Vozes/FINEP: p.135-148, 1987a.
- ELISABETSKY, E. Pesquisas em Plantas medicinais. **Ciência e Cultura** 39 (8): p.697-702, 1987b.
- ELISABETSKY, E. Sociopolitical, Economical and Ethical issues in medicinal plant resourch. **J. Ethnopharmacol.** 32: p.235- 239, 1991.
- ELISABETSKY, E., WANNMACHER, L. The status of Ethnopharmacology in Brazil. **J. Ethnopharmacol.** 38: p.137-143, 1993.
- ELISABETSKY, E., SETZER, R. Caboclo concepts of disease, diagnosis and therapy: implications for Ethnopharmacology and health systems in Amazônia. Em: **The Amazon Caboclo: Historical and Contemporary Perspectives.** PARKER, E.(Ed.) Studies in Third World Societies 32: p.243-278, 1985.
- ELISABETSKY, E., POSEY, D.A. Ethnopharmacological search for antiviral compounds: treatment of gastro intestinal disorders by Kayapó medicinal

- specialists. Em: **Ethnobotany and the search for new drugs**. Ciba Foundation Symposium 185, New York: John Wiley & Sons. p.77-101, 1994.
- EMBODEN, W. Narcotic Plants. New York, Macmillan Publishing CO., 206pp., 1979.
- ETKIN, N.L. Anthropological methods in Ethnofarmacology. **J. Ethnopharmacol.** 38: p.93-104, 1993.
- FABRIS, H.A. Flora Argentina. Bignoniaceae. **Rev. Museu de La Plata. Bot.** 9 (43): p.273-417, 1965.
- FALEIROS, I.C.F., SANTOS, D.S., HAR, C.M., PEREIRA, A.M., DE MORAES, J.R.E., DE MORAES, F.R., FRANÇA, S.C. Efeito Antiulcerogênico de Frações Hexânicas das folhas de *Maytenus ilicifolia* (Espinheira-Santa). Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- FARIAS, M.R. Análise de Curcubitacinas em espécies de *Curcubitaceae* conhecidas popularmente como Taiuiá. Diss. Mestrado Fac. Farmácia/UFRGS. Análise, Síntese e Controle de Medicamentos, Porto Alegre, 300pp., 1986.
- FARNSWORTH, N.R. The Development of Pharmacological and Chemical research for application to traditional medicine in developing countries. **J. Ethnopharmacol.** 2 : p.173-181, 1980.
- FARNSWORTH, N.R. Screening plants for new medicines. Em: **Biodiversity**. WILSON, E.O.(Ed.) Washington D.C.: Nat. Acad. Press: p.83-97, 1988.
- FARNSWORTH, N.R. The role of Ethnopharmacology in drug development. Em: **Bioactive Compounds from plants**. Wiley, Chichester (Ciba Foundation Symposium 154): p.2-11, 1990.
- FARNSWORTH, N.R., AKERELE, O., BINGEL, A.S., SOEJARTO, D.D., GUO, Z. Medicinal plants in therapy. **Bull. of the World Health Organiz.** 63 (6): p.965-981, 1985.

- FELDENS, L.P. A Dimensão Ecológica da pequena propriedade no Rio Grande do Sul. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. 154pp., 1989.
- FERREIRA, P.M., OLIVEIRA, C.N., ZHAO-HUA, W., OLIVEIRA, A.B., VIEIRA, M.A.R. Envolvimento da Histamina no Mecanismo de ação do Extrato Bruto das Folhas de *Maytenus ilicifolia* (Espinheira-Santa) sobre a Secreção Gástrica de Ácido. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- FERRI, M.G., MOTOYAMA, S. História das Ciências no Brasil. São Paulo. E.P.U., EDUSP, CNPq. 468pp., 1980.
- FILIPOV, A. Medicinal plants of the Pilagá of Central Chaco. **J. Ethnopharmacol.** 44 : p.181-193, 1994.
- FLASTER, B. **Flora Ilustrada Catarinense**. Estiracáceas, Itajaí, SC: p.10-16, 1973.
- FONT QUER, P. Plantas Medicinales: el Dioscórides renovado. Barcelona: Ed. Labor, 1033pp., 1978.
- FORTES, A.B. Geografia Física do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. Globo, 393 pp., 1959.
- FORTUNATO, R.H. Revision del genero *Bauhinia* (Cercideae, Caesalpinoidea, Fabaceae) para la Argentina. **Darwiniana** 27 (1-4): p.527-557, 1986.
- FOURNET, A., BARRIOS, A.A., MUÑOZ, V. Leishmanicidal and trypanocidal activities of Bolivian medicinal plants. **J. Ethnopharmacol.** 41 (1/2): p.19-37, 1994.
- FUKS, R. *Rubus* L.(Rosaceae) do Estado do Rio de Janeiro. Diss. de Mestrado Botânica. UFRJ, Rio de Janeiro, 126pp., 1980.
- GARCIA, G.H., CAMPOS, R., DE TORRES, R.A., BROUSSALIS, A., FERRARO, G., MARTINO, V., COUSSIO, J. Antiherpetic activity of some Argentine medicinal plants. **Fitoterapia** 61 (6): p. 542-546, 1990.
- GARCIA, W.G. O Domínio das Plantas Medicinais entre os Kayová de Amambaí: Problemática das Relações entre Nomenclatura e Classificação. Diss. de Mestrado em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 161pp., 1979.

- GEOCZE, S., VILELA, M.P., CHAVES, B.D.R., FERRARI, A.P. Tratamento de pacientes portadores de Dispepsia alta ou de Úlcera Péptica com preparações de Espinheira-Santa (*Maytenus ilicifolia*). Em: **Estudo da ação antiúlcera gástrica de plantas brasileiras: *Maytenus ilicifolia* (Espinheira-Santa) e outras**. Ministério da Saúde, Brasília: CEME/APIF: p.75-86, 1988.
- GIBERTI, G.C. Herbal Folk medicine in northwestern Argentine. *Compositae*. **J. Ethnopharmacol.** 7: p.321-341, 1983.
- GONÇALVES, L., RUPPELT, B.M., PEREIRA, N., NASCIMENTO, M.C., MORS, W.B. Propriedades Farmacológicas do Jutaí ou Garapa, *Apuleia leiocarpa* (Vogt) Macbr. (Leg. Caes.) Atividade Antiofídica. Em: **Resumos do XI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. João Pessoa, PB, 1990.
- GOMEZ-POMPA, A. Introduccion. **Memorias do IV Congresso Latinoamericano de Botanica, Simposio de Etnobotanica**. Medellin, Colombia: p.9-10, 1987.
- GOMEZ-POMPA, A., VASQUEZ-YANES, C., GUEVARA, S. The tropical Rain forest: a nonrenewable resource. **Science** 177: p.762-765, 1972.
- GONZALEZ, A., FERREIRA, F., VAZQUEZ, A., MOYNA, P., PAZ, E.A. Biological screening of Uruguayan medicinal plants. **J. Ethnopharmacol.** 39 (3): p.217-220, 1993.
- GOSMANN, G. Saponinas de *Ilex paraguariensis* St Hil. (Erva Mate). Diss. de Mestrado em Farmácia UFRGS- Análise, Síntese e Controle de medicamentos, Porto Alegre, 108pp., 1989.
- GRENAND, P., MORETTI, C., JACQUEMIN, H. Trois Pharmacopées traditionnelles en Guyane Française: Créoles, Wayãpi, Palikur. Paris, Collection Mémoires, nº108: 569pp., 1987.
- GUADAGNIN, D.L. Zonificación del Parque Estadual do Turvo, RS, Brasil, y directivas para el plan de manejo. Universidad Nacional de Córdoba. Centro de Zoología aplicada. Maestria en Manejo de Vida Silvestre. Córdoba, 58pp., 1994.

- GUTKIND, G.O., MARTINO, V., GRAÑA, N., COUSSIO, J.D., DE TORRES, R.A. Screening of South American Plants for Biological Activities. 1. Antibacterial and Antifungal Activity. **Fitoterapia** 52 (5): p.213-218, 1981.
- HAMMER, M.L.A., JONHNS, E.A. Tapping an Amazônian plethora: four medicinal plants of Marajó Island, Pará (Brasil). **J. Ethnopharmacol.** 40 (1): p.53-74, 1993.
- HEINRICH, M., KUHN, M., WRIGHT, C.W. RIMPLER, H., PHILLIPSON, J.D., SCHANDELMAIER, A., WARHURST, D.C. Parasitological and microbiological evaluation of Mixe Indian medicinal plants (México). **J. Ethnopharmacol.** 36 (1): p.81-85, 1992.
- HEINRICH, M., KUHN, M., WRIGHT, C.W. RIMPLER, H., PHILLIPSON, J.D., SCHANDELMAIER, A., WARHURST, D.C. Lowland Mixe Indian medicinal plants: Parasitological and microbiological evaluation and initial phytochemical study of *Chaptalia nutans*. **Planta Medica** 57, Suppl. Issue 8, 39th Annual Congress on Medicinal Plant Research. p.A5, 1991.
- HOLDSWORTH, D.K. Traditional medicinal plants of Rarotonga, Cook Islands. Part II. **Int. J. Pharmacog.** 29 (1): p.71-79, 1991.
- HOLMSTEDT, B., BRUHN, J.G. Ethnopharmacology- a challenge. **J. Ethnopharmacol.** 11: p.293-308, 1983.
- HUANG, Y.L., CHEN, C.C., OU, J.C. Isolintetrazin: a new Lignan from *Phyllanthus niruri*. **Planta Medica** 5 (58): p.473-474, 1992.
- HUECK, K. As Florestas da América do Sul. Brasília, Editora da UnB; São Paulo, Ed. Polígono. 466pp., 1972.
- IBGE Geografia do Brasil, vol.2, Região Sul. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. RJ : IBGE, 420 pp., 1990.
- IKRAM, M., HAQ, I. Screening of medicinal plants for antimicrobial activity. **Fitoterapia** 51: p.281-284, 1980.
- InfoMAB 22. Programa sobre el hombre y la biosfera (MAB). Oficina Regional de Ciencia y Tecnología de la UNESCO para América Latina y Caribe-ORCYT. p.15, 1995.

- IRGANG, B.E., GASTAL JR., C.V. de S. Macrófitas Aquáticas da Planície Costeira do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 290pp., 1996.
- IRGANG, B. E. A Situação Florestal do Rio Grande do Sul. **Revista do Serviço Social** 11 (2): p.33-35, 1983.
- IRIBARREN, A.M., POMILIO, A.B. Constitution of *Bauhinia candicans*. **J. Nat. Prod.** 46:p.752-, 1983.
- ITOKAWA, H., SHIROTA, O., IKUTA, H., MORITA, H., TAKEYA, K., ITAKA, Y. Triterpenes from *Maytenus ilicifolia*. **Phytochemistry** 30 (11): p.3713-3716, 1991.
- IUCN. **From strategy for action.** 1988.
- IUCN. **World conservation strategy.** 1980.
- JOACHIMOVITS, R. The uterotonic activity of several Brazilian plants including the Brazilian form of *Spartium junceum*. **Sci. Pharm.** 22: p.7-, 1954.
- KEISER, I., HARRIS, E.J., MIYASHITA, D.H., JACOBSON, M., PERDUE, R.E. Attraction of Ethyl ether extracts of 232 botanicals to oriental fruit flies, melon flies, and Mediterranean fruits. **Lloydia** 38 (2): p.141-152, 1975.
- KERN, A. Le précéramique du Plateau Sud-Brésilien. Tese de Doutorado. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris, 1981.
- KISSMANN, K.G., GROTH, D. Plantas Infestantes e Nocivas. Tomo III, São Paulo, 1ª ed., BASF S.A., 1995.
- KISSMANN, K.G. Plantas Infestantes e Nocivas. Tomo I, São Paulo, 1ªed., BASF S.A., 1991.
- KLEIN, R.M., SLEUMER, H.O. **Flora Ilustrada Catarinense.** Flacourtiáceas, Itajaí, SC: p.55-61, 79-87, 1984.
- KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense.** Meliáceas, Itajaí, SC: p.66-86, 1984.
- KLEIN, R.M. Árvores nativas da Floresta Subtropical do Alto Uruguai. **Sellowia** XXIV, nº24: p.9-62, 1972.
- KOESTER, L.S., ROCHA, L.Z. Análise Fitoquímica de *Elephantopus mollis*. Monografia de Farmacognosia I. Fac. de Farmácia-UFRGS. Porto Alegre, 1995.
- KRUKOFF, B.A. American Species of *Strychnos*. **Lloydia** 35: p.193-271, 1972.

- LEE, K.H., IBUKA, T., FURUKAWA, H., KOZUKA, M., WU, R.Y., HALL, I.H., HUANG, H.C. Antitumor agents. XXXVIII. Isolation and structural elucidation of novel germacranolides and triterpenes from *Elephantopus mollis*. **J. Pharm. Sci.** 69: p.1050-1056, 1980.
- LEE, R. What hunters do for a living, or, how to make out on scarce resources. Em: **Man the Hunter**. LEE, R.B. & DEVORE, I. (Edts.) Chicago, Aldine: p.30-48, 1969.
- LEGRAND, C.D., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Mirtáceas, v.8, Itajaí, SC: p.630-634, 1977.
- LELLINGER, D.B. Some New species of *Campyloneurum* and a provisional key to the genus. **American Fern Journal** 78 (1): 14-35, 1988.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo, Papyrus Editora, 323pp., 1989.
- LIMA, V.C., CHIAPPETA, A.D.A. Biological activity of the Urticaceae of Pernambuco. **Rev. Inst. Antibiot. Univ. Fed. Pernambuco**, 22 (1/2): p.41-45, 1984.
- LIN, C.C., KAN, W.S. Medicinal plants used for the treatment of hepatitis in Taiwan. **Amer. J. Chin. Med.** 18 (1/2): p.35-43, 1990.
- LIPP, F.J. Methods for Ethnopharmacologica field work. **J. Ethnopharmacol.** 25: p.135-152, 1989.
- LOMBARDO, A. **Flora Arborea y Arborescente del Uruguay**. 2 ed., Montevideo, Concejo Departamental de Montevideo. 153pp., 1964.
- LOPES, A.R.S., VIANNA R.M.J., MAAS, J., POLI, A., SCHENKEL, E.P. Avaliação Farmacológica do Extrato bruto aquoso de Erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil.) em Camundongos. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- LOPES, J.N.C., VICHNEWSKI, W., NASI, A.M.T.T. Chemoprophylaxis of Schistosomiasis: Molluscicidal activity of Natural Products. **An. Acad. Brasil. Cienc.** 56 (3): p.333-338, 1984.
- LORENTI, A.S., VIALE, A.A., BUSCHI, C.A., GONZALEZ, M.D., SCHTEINGART, C.D., IRIBARREN, A.M., POMILIO, A.B.

- Antimicrobial activity of some Argentine Higher plants. **Fitoterapia** 52 (2): p.81-85, 1981.
- LUTZENBERGER, L.C. Revisão da Nomenclatura e observações sobre as Angiospermas citadas na obra de Manuel Cypriano D'Ávila: "Da Flora Medicinal do Rio Grande do Sul." Curso de Ciências Biológicas/UFRGS. Dissertação de Bacharelado em Botânica. Porto Alegre, 223pp., 1985.
- LUZ, M.M.S., SANTOS, C.A.M., SATO, M.E.O., ARRUDA, A.M.S. Abordagem fitoquímica e farmacológica da tintura de *Bauhinia forficata* LINK., Leguminosae (Pata-de-Vaca). Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- MANNS, D., HARTMANN, R. Echinodol: a new Cembrene derivative from *Echinodorus grandiflorus*. **Planta Medica** 5 (59): p.465-466, 1993.
- MARTIN, G.J. El papel de la Etnobotanica en el rescate ecologico y cultural de America Latina. **Memorias do IV Congresso Latinoamericano de Botanica. Simposio de Etnobotanica**. Medellin, Colombia: p.67-77, 1987.
- MARTÍNEZ, M.R., POCHETTINO, M.L. The "Farmácia casera" (Household pharmacy): a source of ethnopharmacobotanical information. **Fitoterapia** 63 (3): p.209-216, 1992.
- MARTÍNEZ CROVETTO, R. Cucurbitaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, parte 5a, p.390-407, 1965.
- MARTÍNEZ CROVETTO, R. La Alimentacion entre los indios Guaranies de Misiones (Republica Argentina). **Etnobiologica**. 4: p.1-24, 1968.
- MARTÍNEZ CROVETTO, R. Introduccion a la Etnobotanica Aborigen del Nordeste Argentino. **Etnobiologica**. 11: p.1-20, 1968.
- MARTÍNEZ-CROVETTO, R. Las Plantas utilizadas en Medicina Popular en el noroeste de Corrientes (Republica Argentina). **Miscelánea** nº 69, Fundación Miguel, Lillo, Tucuman, 137pp., 1981.
- MARTÍNEZ CROVETTO, R. Plantas Reguladoras de la Fecundidad Utilizadas en la Medicina Popular del Nordeste Argentino. **América Indígena** 47 (2): p.279-293, 1987.

- MARTIUS, C.P. von. Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros. *Brasiliana*, 5ª série, vol. 154. (reimpressão: Cia. Edit. Nacional, 1939), 1884.
- MATHIAS, M.E., CONSTANCE, L., ARAUJO, D. **Flora Ilustrada Catarinense**. Umbelíferas, Itajaí, SC, p.21-25, 44-47, 1972.
- MATTOS, J.R. **Flora Ilustrada Catarinense**. Portulacáceas, Itajaí, SC: p.26-29, 1984.
- MATTOS, N.F. As espécies do Gênero *Erythrina* (Leguminosae) que ocorrem no Rio Grande do Sul. **Roessléria** 1 (1): p.95-108, 1977.
- MAYO S. J. A revision of *Philodendron* subgenus *Meconostigma* (Araceae). **Kew Bulletin** 46 (4): p.601-681, 1991.
- MEDINA, F.R., WOODBURY, R. Terrestrial plants molluscicidal to lymnaeid hosts of *Fasciliais hepatica* in Puerto Rico. **J. Agr. Univ. Puerto Rico** 63: p.366-376, 1979.
- MENDES, H.B., MIGUEL, O.G., MOREIRA, E.A. Estudo fitoquímico de *Cunila microcephala* Benth. Labiatae. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- MENDES, N.M., PEREIRA, N.M., DE SOUZA, C.P., LIMA DE OLIVEIRA, M.L. Preliminary laboratory studies for the verification of molluscicidal activity of several species from the Brazil. **Rev. Saúde Publ.** 18: p.348-354, 1984.
- MESÍA, V.S., EMIM, J.A.S., SOUCCAR, C., LAPA, A.J. Caracterização da atividade antiácida do extrato bruto aquoso (EB) e de frações semipurificadas da *Stachytarpheta cayennensis* Schau. (Gervão-roxo). Em: **Anais do XIII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Fortaleza, CE, 1994.
- MESÍA, V.S., LAPA, A.J. Actividad Antiácida y Antiulcerogénica del Extracto aquoso de *Stachytarpheta cayennensis* Schau (Gervão-roxo). Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- MESÍA, V.S., SANTOS, M.T., LAPA, A.J. Atividade da *Solanum paniculatum* L. na secreção ácida gástrica de camundongos. Em: **Anais do XIII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Fortaleza, CE, 1994.

- MESÍA, V.S., TERSARIOL, I.L.S., CYSNEIROS, R.M., LIMA-LANDMAN, M.T., LAPA, A.J. Avaliação da atividade da fração etanólica (FET) isolada da *Stachytarpheta cayennensis* Schauer (Gervão-roxo) nas enzimas da mucosa gástrica. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- MESQUITA, L.M. Smilagenina em caules e Rizomas de *Smilax campestris* Griseb e *Smilax brasiliensis* Spreng-Liliaceae. Diss. de Mestrado Farmácia/ UFRGS, Porto Alegre, 26pp., 1976.
- MEZZOMO da SILVA, M.C. *Jacaranda micrantha* Cham.: Isolamento e Identificação de 1-Hidroxi-4-oxo-2,5 ciclohexadien- 1-acetato de etila. Ensaio Antineoplásico, Antibacteriano e Antifúngico. Diss. Mestrado Farmácia/UFRGS. Análise, Síntese e Controle de Medicamentos, Porto Alegre, 55pp., 1980.
- MEZZOMO DA SILVA, M.C., BAUER, L. *Jacaranda micrantha* Cham.: Isolation and identification of 1-Hydroxy-4-OXO-2,5-CYCLOHEXADIEN-1-YLETHYL ACEATATE. **Cienc. Nat.** 5: p.7-18, 1983.
- MING, L.C. Estudo e pesquisa de Plantas Medicinais na Agronomia. **Hort. Bras.** 12 (1): p.3-9, 1994.
- MING, L.C. Levantamento de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes" -Acre. Tese Doutorado Botânica no Inst. de Biociências do Campus de Botucatu-UNESP. Botucatu-SP, 180pp., 1995.
- MING, L.C. Coleta de Plantas Medicinais. Em: **Plantas Medicinais. Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar**. DI STASI, L.C. (Org.) São Paulo, Ed. UNESP: p.69-86, 1996.
- MINKER, E., BARTHA, Cs., KOLTAL, M., RÓZSA, Zs., SZENDREI, K., REISCH, J. Pharmacological study of the antispasmodic principles isolated from *Ruta graveolens* L. **Planta Medica** 36 (3): p.255-256, 1979.
- MITTERMEIER, R.A, WERNER, T, AYRES, J.M., FONSECA, G.A.B. O País da Megadiversidade. **Ciência Hoje** 14 (81): p.20-27, 1992.

- MORITA, H., NAKAYAMA, M., KOJIMA, M., TAKEYA, K., ITOKAYA, H., SCHENKEL, P., MOTIDOME, M. Structures and Cytotoxic Activity Relationships of Casearins, new Clerodane Diterpenes from *Casearia sylvestris* Sw. **Chem. Pharm. Bull.** 39 (3): p.693-697, 1991.
- MUCCILLO-BAISCH, A.L., LOREA PAGANINI, F., JONHSTON, K.B. Efeito vasoativo do extrato aquoso de *Ilex paraguariensis* St. Hil. sobre o leito vascular mesentérico de rato. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- MUSCHIETTI, L. MARTINO, V., FERRARO, G., COUSSIO, J., SEGURA, L., CARTANA, C., CANIGUERAL, S., ADZET, T. The antiinflammatory effect of some species from South America. **Phytoter. Res.** 10 (1): p.84-86, 1996.
- NEE, M. Notes on *Solanum* section *Brevantherum* in Brazil, with description of a new species. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, sér. Bot.** 7 (2): p.511-521, 1991.
- NOELLI, F.S. Sem Tekoha não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do rio Jacuí-RS). Diss. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica, IFCH, Porto Alegre, RS, 600pp., 1993.
- NOELLI, F. Informações Preliminares para uma Etnofarmacologia Guarani. Em: **Resumos do I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, p.53, 1996.
- NOELLI, F. Contribuição da documentação histórica no estudo da fisionomia vegetal: o caso do limite meridional da *Araucaria angustifolia* e do início do processo de desmatamento no Rio Grande do Sul- Brasil. **Napaea** 12, no prelo.
- OLANO, I., PAZ, A.E., CERDEIRAS, M.P., FERNÁNDEZ, J., FERREIRA, F., MOYNA, P., SOUBES, M., VÁZQUEZ, A., VERO, S., BASSAGODA, M.J. Screening of Uruguayan medicinal plants for antimicrobial activity. Part II. **J. Ethnopharmacol.** 53 (2): p.111-115, 1996.

- M.J. Screening of Uruguayan medicinal plants for antimicrobial activity. Part II. **J. Ethnopharmacol.** 53 (2): p.111-115, 1996.
- OLIVEIRA, M.G.M de, MONTEIRO, E.A., MACAÚBAS, C.I.P., BARBOSA, V.P., CARLINI, E.A. Pharmacologic and toxicologic effects of two *Maytenus* species in laboratory animals. **J. Ethnopharmacol.** 34 (1): p.29-41, 1991.
- PAVETTI, C., BASUALDO, I., ORTIZ, M., SORIA, N. Plantas Nativas de Uso en Medicina Popular en el Paraguay. Parte III. **Suplemento Acta Amazônica**, 18 (1-2): p.39-48, 1988.
- PAZ, E.A, BASSAGODA, MA. J., FERREIRA, F. Yuyos: Uso Racional de las Plantas Medicinales. Ed. Fin de Siglo, Uruguai, 158pp., 1992.
- PEDERSEN, T.M. Cyperaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires**. Tomo IV, Parte I, Pteridofitas, Gimnospermas Y Monocotiledóneas, Buenos Aires, p.315-420, 1968.
- PEREIRA, B.M.R., PEREIRA N.A., BARBI, N.S., MORS, W.B. Atividade Antiofídica de *Casearia sylvestris* Sw. (Flacourtiaceae). Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- PEREIRA, B.M.R., GONÇALVES, L.C., PEREIRA N.A. Abordagem farmacológica de plantas recomendadas pela medicina folclórica como antiofídicas. III. Atividade antiedematogênica. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- PEREIRA, C., PEREIRA, E. Flora do estado do Paraná. Família Labiatae. **Arquivos Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. 19: p.79-107, 1973.
- PEREIRA, C. As Espécies do Gênero *Ocimum* L. (Labiatae) da América do Sul. Dissertação de Mestrado em Botânica, UFRJ, Rio de Janeiro. 75 pp., 1979.
- PEREIRA, N.A, PEREIRA, B.M.R., DO NASCIMENTO, M.C., PARENTE, J.P., MORS, W.B. Pharmacological screening of plants recommended by folk medicine as snake venom antidotes; IV. Protection against Jararaca venom isolated constituents. **Planta Medica** 2 (60): p.99-100, 1994.
- PEREIRA SOARES, A., RODRIGUES, D., CERDEIRA, R.M., FRANCA, S. Isolamentos de Metabólitos de *Maytenus* associados a Ação Antiúlcera

- PEREZ, C., ANESINI, C. Inhibition of *Pseudomonas aeruginosa* by Argentinean medicinal plants. **Fitoterapia** 65 (2): p.169-172, 1994.
- PHILLIPS, O., GENTRY, A.H. The Useful Plants of Tambopata, Peru: II. Additional Hypothesis Testing in Quantitative Ethnobotany. **Economic Botany** 47 (1): p.33-43, 1993.
- PIO CORRÊA, M. Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. v.I. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1926.
- PIO CORRÊA, M. Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. v.II. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1931.
- PIO CORRÊA, M., PENNA, L. de A. Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. v.III. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953.
- PIO CORRÊA, M., PENNA, L. de A. Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. v.IV. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1969.
- PIO CORRÊA, M., PENNA, L. de A. Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. v.V. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1974.
- PIO CORRÊA, M., PENNA, L. de A. Dicionário das plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. v.VI. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1974.
- PLOTKIN, M.J., BALICK, M.J. Medicinal uses of South American Palms. **J. Ethnopharmacol.** 10: p.157-179, 1984.
- PLOWMAN, T.C. The South American Species of *Brunfelsia* (Solanaceae). Thesis Doctor of Philosophy, Harvard University. Cambridge, Massachusetts, 408 pp., 1973.
- POSEY, D.A., FRECHIONE, J., EDDINS, J., FRANCELINO DA SILVA, L., MYERS, D., CASE, D., MACBEATH, P. Ethnoecology as Applied Anthropology in Amazonian Development. **Human Organization** 43 (2): p.95-107, 1984.
- POSEY, D.A. Manejo da Floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). Em: **Suma Etnológica Brasileira. Etnobiologia. v. 1.** RIBEIRO, B.G. (org.). Petrópolis: Vozes/FINEP: p. 173-185; 1987.
- POSEY, D.A. Etnobiologia: teoria e prática. Em: **Suma Etnológica Brasileira. Etnobiologia. v.1.** RIBEIRO, B.G. (org.), Vozes/FINEP: p.15-25, 1987.

- POSEY, D.A. Etnobiologia: teoria e prática. Em: **Suma Etnológica Brasileira. Etnobiologia. v.1.** RIBEIRO, B.G. (org.), Vozes/FINEP: p.15-25, 1987.
- POSEY, D.A. Intellectual Property Rights and Just Compensation for Indigenous Knowledge. **Antropology Today** 6(4):p.13-16, 1990.
- POSEY, D.A. Indigenous Peoples and Traditional Resource Rights: A basis for equitable relationships? Green College Centre for Environmental Policy & Understanding. 56 pp., 1995.
- PRANCE, G.T. What is Ethnobotany today? **J. Ethnopharmacol.** 32: p.209-216, 1991.
- PRINCIPE, P.P. The Economic Significance of Plants and their Constituents as Drugs. Em: **Economic and Medicinal Plants Research. v.3.** WAGNER, H., HIKINO, H., FARNSWORTH, N.R.(Eds.) London & San Diego: Academic Press. 1989.
- QUETIN-LECLERCQ, J., ANGENOT, L., BISSET, N.G. South American *Strychnos* species, Ethnobotany (except curare) and Alkaloid screening. **J. Ethnopharmacol.** 28 (1): p.1-52, 1990.
- RAMBO, B. S.J. A Fisionomia do Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 3ª ed., 473pp., 1994.
- RAMBO, B. SJ. A mata Pluvial do Alto-Uruguai. **Roessléria** 3 (2): p.101-139, 1980.
- RAVENNA, P.F. Iridaceae. **Flora de la Provincia de Buenos Aires.** Tomo IV, Parte I, Pteridofitas, Gimnospermas Y Monocotiledóneas, Buenos Aires, p.539-564, 1968.
- REGINATTO, F.H., PIRES, V.S., TAKETA, A.T.C., RECH, S.B. SCHENKEL, E.P. Xantinas em diferentes espécies de *Ilex*. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil.** Florianópolis, SC, 1996.
- REITZ, P.R. **Flora Ilustrada Catarinense.** Palmeiras, Itajaí, SC: p.142-151, 1974.
- REITZ, P.R., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense.** Sapotáceas, Itajaí, SC: p.44-51, 1968.
- REITZ, R. **Flora Ilustrada Catarinense.** Sapindáceas, Itajaí, SC: p.123-129, 1980.

- RIBEIRO, B.(Edit.) Suma Etnológica Brasileira, Vol.1:Etnobiologia. Petrópolis, Ed.Vozes/FINEP, 1986.
- RIBEIRO, M.H.L.R., ARAÚJO, E., CHAVES, C.C. Efeito do *Phyllanthus niruri* L. (Quebra-pedra) sobre a função renal de ratos acordados não-restritos. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- RIZK, A.M., HEIBA, H.I., MA'AYERGI, H.A., BATANOUNY, K.H. Constituents of Plants growing in Qatar. **Fitoterapia** 57 (1): p.3-9, 1986.
- RIZZINI, C.T. **Flora Ilustrada Catarinense**. Lorantáceas, Itajaí, SC: p. 36-38, 1968.
- ROMANCZUK, M.C., MARTÍNEZ, M.A.del P. Las especies del Género *Celtis* (Ulmaceae) en la Flora Argentina. **Darwiniana** 21 (2-4): p.541-577, 1978.
- RÖRIG, L.R., HECKLER, E., VON POSER, G.L., HENRIQUES, A.T., LAMATY, G., MENUT, C. Análise de Óleos Voláteis em Espécies do Gênero *Piper*. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- RUSSO, E.M.K., REICHELT, A.A.J., DE SÁ, J.R., FURLANETTO, R.P., MOISÉS, R.C.S., KASAMATSU, T.S., CHACRA, A.R. Clinical trial of *Myrcia uniflora* and *Bauhinia forficata* leaf extracts in normal and diabetic patients. **Brazilian J. Med. Res.** 23: p.11-20, 1990.
- SÁ, L.D.de, LIMA, E.de O., FILHO, L.X. Efeitos de alguns extratos vegetais sobre bactérias causadoras da conjuntivite. Em: **Resumos do XI Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil**. João Pessoa, PB, 1990.
- SAMUELSSON, G. Nature as a source of new drugs. **Acta Pharm. Nord.** 1 (3): p.111-116, 1989.
- SANDER, P.C. Plantas Mediciniais de uso relatado em Leucorréias. Diss. de Mestrado Fac. de Farmácia/UFRGS. Análise, Síntese e Controle de Medicamentos, Porto Alegre, 583pp.,1987.
- SANTOS, R.I. Isolamento e identificação de flavonóides e de aminoácidos em vegetais do gênero *Cayaponia*, Família Cucurbitaceae. Curso de Pós-

- SANTOS, R.I. Isolamento e identificação de flavonóides e de aminoácidos em vegetais do gênero *Cayaponia*, Família Cucurbitaceae. Curso de Pós-Graduação em Farmácia/UFRGS. Proposta de Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 1985.
- SANTOS, R.I. C-Glicosilflavonas em espécies de *Curcubitaceae* conhecidas popularmente como taiuiá. Diss. de Mestrado Fac. Farmácia/UFRGS. Análise, Síntese e Controle de Medicamentos, Porto Alegre, 154pp., 1989.
- SANTOS, E., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Caricáceas, Itajaí, SC: p.15-19, 1970.
- SANTOS, M.T., GONÇALO, M.C., ATAÍDE, J.R., LAPA, A.J. Efeito do extrato aquoso (EA) da raiz da *Solanum paniculatum* L. (Jurubeba) no fluxo biliar de cobaias. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- SANZ, M.J., TERCENIO, M.C., MAÑEZ, S., PERIS, J.B., RIOS, J.L. Phenolic compounds from two *Xanthium* species. **Planta Medica** 57, Suppl. Issue 8, 39th Annual Congress on Medicinal Plant Research. p.A131, 1991.
- SATO, M.E.O., MARTINS, J.L.S., LUZ, M.M.S. Avaliação da atividade antimicrobiana do extrato fluido de *Casearia sylvestris* Swartz ("Guaçatonga"). Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- SCAVONE, O., GRECCHI, R., PANIZZA, S., SOUZA E SILVA, R.P. Guaçatonga (*Casearia sylvestris* Swartz): Aspectos Botânicos da Planta, Ensaio Fitoquímico e Propriedades Cicatrizante da Folha. **An. Farm. Quim. São Paulo** 19 (1): p.73-82, 1979.
- SCHADEN, E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo, E.P.U. e EDUSP, 1974.
- SCHMEDA-HIRSCHMANN, G. Magic and Medicinal plants of the Ayoreos of the Chaco Boreal (Paraguay). **J. Ethnopharmacol.** 39: p.105-111, 1993.
- SCHMEDA-HIRSCHMANN, G., ROJAS DE ARIAS, A A screening method for natural products on triatomine bugs. **Phytother. Res.** 6 (2): p.68-73, 1992.

- SCHULTES, R.E. Ethnopharmacological Conservation: a key to progress in medicine. **Supl. Acta Amazonica**, 18 (1-2): p.393-406, 1988.
- SCHULTZ, A.R.H. A Função Bio-Sociológica das Florestas. **ORGANON** N° 12. Fac. de Filosofia. UFRGS, Porto Alegre, 1968.
- SCHVARTZMAN, J.B., BENITEZ, Z., MORENO AZORERO, R. Accion citostatica de una planta medicinal Paraguaya con probable efecto abortivo: *Aristolochia triangularis*. **Rev. Soc. Cient.** 15 : p. 27-, 1975.
- SCHVARTZMAN, J.B., KRIMER, D.B., MORENO AZORERO, R. Cytological effects of some medicinal plants used in the control of fertility. **Experientia** 33: p.663- , 1977.
- SEHNEN, S.J. A. **Flora Ilustrada Catarinense**. Pteridáceas, Itajaí, SC: p.76-76, 226-228, 1972.
- SILVA C.B., AURÉLIO, V.J.W., FRANTINI, M., SCHAPOVAL, E.E.S., HENRIQUES, A.T. Ensaio biológicos com extratos de *Aloysia triphylla*. Dep. de Produção e Controle de Medicamentos. Fac. de Farmácia-UFRGS. Porto Alegre, 1993.
- SILVA, G.A. de A.B. Xantumina em folhas de *Xanthium cavanilesi* Schouw. Diss. Mestrado Farmácia/UFRGS, Porto Alegre, 32pp., 1975.
- SILVA, G.A. de A.B., BAUER, L. Análisis del Aceite Esencial de *Casearia sylvestris* Sw. **Rev. Bras. de Farm.** 51 (6): p. 327-331, 1970.
- SILVA, L.F. Estudo da potência Antiespasmódica de extratos hidroalcoólico 80% (V/V) de *Achyrocline satureoides* (Lam.) D.C. e *Achyrocline vauthieriana* D.C, Asteraceae (Marcela). Diss. Mestrado Farmácia/UFRGS, Porto Alegre, 124pp., 1993.
- SILVA, M.C.M., BOTEGA, C., PAGLIOSA, F.M., FRIZZO, S.M. Atividade biológica de Fitoquinóide comum em *Bignoniaceae* do Rio Grande do Sul. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Curitiba, PR, 1992.
- SIMÕES, C.M.O., MENTZ, L.A., SCHENKEL, E.P., IRGANG, B.E., STEHMANN, J.R. Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Edit. da Universidade/UFRGS. 4ed., 173pp., 1995.

- SIMÕES, C.M.O., MENTZ, L.A., SCHENKEL, E.P., IRGANG, B.E., STEHMANN, J.R. *Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Edit. da Universidade/UFRGS. 4ed., 173pp., 1995.
- SIMPÓSIO DE ETNOBOTÂNICA : Perspectivas en LatinoAmérica. Memórias del Congreso Latinoamericano de Botánica, IV. Instituto Colombiano para el Fomento de la Educacion Superior, Serie Memória de Eventos Científicos Colombianos, 46. Medellin, 96pp., 1987.
- SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL XI. Em: **Livro de Resumos do XI Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil, João Pessoa, PB**, 1990.
- SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL XII. Em: **Anais do XII Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil, UFPR, Curitiba, PR**, 1992.
- SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL XIII, Fortaleza, CE, 1994. Resumos...
- SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL XIV Em: **Programas e Resumos do XIV Simpósio de Plantas Mediciniais do Brasil. Florianópolis, SC**, 1996.
- SKALSA, H., SHAMMAS, G. Flavonoids from *Lippia citriodora*. **Planta Medica** 54 (5): p.465- , 1988.
- SMITH, L.B., GUIMARÃES, E.F., PEREIRA, J.F., NORMAN, E.M., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Loganiáceas, Itajaí, SC: p.70-73, 1976.
- SMITH, L.B., DOWNS, R.J., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Solanáceas, Itajaí, SC: p. 112-113, 1966.
- SMITH, L.B., DOWNS, R.J., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Euforbiáceas, Itajaí, SC: p. 47-51, 291-295, 1988.
- SMITH, L.B., WASSHAUSEN, D.C., KLEIN, R.M. **Flora Ilustrada Catarinense**. Gramíneas. I parte, Itajaí, SC: p.1311-1314, 1982.
- SOCIEDADE INTERNACIONAL DE ETNOBIOLOGIA. Declaração de Belém. **Etnoecologica** 1 (1): p.69-72, 1992.
- SOLBRIG, O.T. Biodiversity. Scientific issues and collaborative research proposals. **MAB digest** 9. Paris: UNESCO, 1991.

- of two *Maytenus* species in laboratory animals. **J. Ethnopharmacol.** 34 (1): p.21-27, 1991.
- STANISLAS, E., ROUFFIAC, R., FOYARD, J. *Phyllanthus niruri* Alkaloids, Flavonoids and Lignans. **Plantes Med. Y Phyt.** 1 (2-3). p. 136-141, 1967.
- SUFFREDINI, I.B., BACCHI, E.M. Estudo Farmacognóstico de *Microgramma squamulosa* (Kaulf) Sota. Em: **Anais do XIII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil.** Fortaleza, CE, 1994.
- SUFFREDINI, I.B., BACCHI, E.M. Substâncias de *Microgramma squamulosa* (Kaulf.) Sota e de *Solidago microglossa* DC. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil.** Florianópolis, SC, 1996.
- SUGAI, J.K. Avaliação do potencial mutagênico de infusos de algumas plantas usadas na medicina popular Brasileira através do teste de AMES. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil.** Florianópolis, SC, 1996.
- SYAMASUNDAR, K.V., SINGH, B., THAKUR, R.S., HUSAIN, A., KISO, Y., HIKINO, H. Antihepatotoxic Principles of *Phyllanthus niruri* Herbs. **J. Ethnopharmacol.** 14 (1): p. 41- , 1985.
- SVENDSEN, A.B., SCHEFFER, J.J.C. Natural products in therapy. Prospects, goals and means in modern research. **Pharmaceutisch Weekblad.** Scientific Edition. vol.4, 1982.
- TOLEDO, V.M. La Etnobotánica en LatinoAmérica: Vicisitude, Contextos, Desafios. Em: **Memorias do VI Congresso Latinoamericano de Botanica.** Simposio de Etnobotánica. Medellín, Colombia: p.13-34, 1987.
- TOLEDO, V.M. The ecological rationality of peasant production. Em: **Agroecology and Small Farm Development.** ALTIERI, M., HECHT, S. (Edts.) Boca Raton, Florida, CRC Press: p.51-58, 1989.
- TOLEDO, V.M., BATIS, A.I., BEZERRA, R., MARTINEZ, E., RAMOS, C.H. La selva util: Etnobotánica cuantitativa de los grupos indígenas del trópico húmedo de México. **Interciencia** 20 (4): p.177-187, 1995.
- TOSI, J. Santuários Ecológicos. Porto Alegre, Ed Vozes, 1991.

- TOLEDO, V.M., BATIS, A.I., BEZERRA, R., MARTINEZ, E., RAMOS, C.H. La selva util: Etnobotánica cuantitativa de los grupos indígenas del trópico húmedo de México. **Interciencia** 20 (4): p.177-187, 1995.
- TOSI, J. Santuários Ecológicos. Porto Alegre, Ed Vozes, 1991.
- TRONCOSO de BURKART, N.S. Verbenaceae. **Flora Ilustrada de Entre Ríos**, Tomo VI, Parte V, Dicotiledóneas Metaclamídeas A:Primulales a Plantaginales. Buenos Aires, p.229-293, 1979.
- TRUITI, M.C.T., SARRAGIOTTO, M.H., NAKAMURA, C.V. Avaliação da atividade antibacteriana das raízes da *Chaptalia nutans* (L.) Polak. (Compositae). Em: **Anais do XIII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Fortaleza, CE, 1994.
- TRUITI, M.C.T., SARRAGIOTTO, M.H., NAKAMURA, C.V. Atividade Antibacteriana de uma nova Furocumarina isolada das raízes de *Chaptalia nutans* (Asteraceae). Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- VANDERLINDE, F.A., COSTA, E.A., D'ANGELO, L.C.A., CÔRTEZ, W.S. Atividades Farmacológicas gerais e atividade antiespasmódica do extrato etanólico de *Ocimum selloi* Benth (Elixir Paregórico). Em: **Anais do XIII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Fortaleza, CE, 1994.
- VANDERLINDE, F.A., COSTA, E.A., D'ANGELO, L.C.A., CÔRTEZ, W.S. Atividade antiinflamatória e analgésica do extrato etanólico de *Ocimum selloi* Benth.(Elixir Paregórico). Em: **Anais do XIII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Fortaleza, CE, 1994.
- VASCONCELLOS, J. A Importância da preservação do Parque Estadual do Turvo no contexto do Mercosul. No Prelo
- VÁZQUEZ, A., MOYNA, P. Studies on Mate Drinking. **J. Ethnopharmacol.** 18 (3): p.267-272, 1986.
- VENKATESWARAN, P.S.; MILLMAN, I.; BLUMBERG, B.S. Effects of an extract from *Phyllanthus niruri* on hepatitis B and woodchuck hepatitis viruses: *in vitro* and *in vivo* studies. **Proc. Natl. Acad. Sci. USA.** 84: p.274-278, 1987.

- WADT, N.S.Y., BACCHI, E.M., DAVINO, S.C., BARROS, S.B.M., OHARA, M.T., SAKUDA, T.M. Estudo farmacognóstico de *Leonurus sibiricus* L. Em: **Anais do XIV Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil**. Florianópolis, SC, 1996.
- WANNMACHER, L., FUCHS, F.D., PAOLI, C.L., FILLMAN, H.S., GIANLUPI, A., LUBIANCA NETO, J.F., HASSEGAWA, C.Y. Plants Employed in the Treatment of Anxiety and Insomnia: II Effect of infusions of *Aloysia triphylla*, on Experimental Anxiety in Normal Volunteers. **Fitoterapia** 16 (5): p. 449-453, 1990.
- WILSON, E.O. Diversidade da Vida. Ed. Companhia das Letras, 447 pp., 1994.
- WINKLER, S. Die Bromeliaceae von Rio Grande do Sul (Sudbrasilien). Em: **Documenta naturae** nº3, 1982.
- WINKLER, S., IRGANG, B.E. Observações ecológicas em Bromeliáceas na mata Subtropical do Alto-Uruguai, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia**. Sér. Bot. (24): p. 51-60, 1979.
- WONG, W. Some folk medicinal plants from Trinidad. **Economic Botany** 30: p.103-142, 1976.
- YUNKER, T.G. The Piperaceae of Brazil. **Hoehnea** 2: p.19-366, 1972.
- ZAMORA-MARTINEZ, M.C., POLA, C.N.P. Medicinal plants used in some rural populations of Oaxaca, Puebla and Veracruz, México. **J. Ethnopharmacol.** 35 (3): p.229-257, 1992.
- ZANI, C.L., CHAVES, P.P.G., QUEIROZ, R., DE OLIVEIRA, A.B., CARDOSO, J.E., ANJOS, A.M.G., GRANDI, T.S.M. Brine shrimp lethality assay as a prescreening system for anti-*Trypanosoma cruzi* activity. **Phytomedicine** 2 (1): p.47-50, 1995.

9. APÊNDICE

9.1 FICHAS DAS EXSICATAS DEPOSITADAS NO HERBÁRIO ICN

Espécie: *Adiantopsis chlorophylla* (Sw) Fée
Local: Coronel Bicaco, RS.
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111911-Coronel Bicaco, RS

Fam.: Adiantaceae
Data: 22/07/94
Determinador: Bueno, R.

Espécie: *Adiantum pseudo-tinctum* Hier.
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS.
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111912-Derrubadas, RS:

Fam.: Adiantaceae
Data: 01/11/94
Determinador: Bueno, R.

Espécie: *Hydrocotyle leucocephala* Cham. et Schlecht
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS.
Coletor: Magalhães,
Nº ICN: 111913-Derrubadas, RS

Fam.: Apiaceae
Data: 01/11/94
Determinador: Irgang, B.

Espécie: *Aristolochia triangularis* Cham.
Local: Coronel Bicaco, RS
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111914-Coronel Bicaco, RS

Fam.: Aristolochiaceae
Data: 03/09/94
Determinador: Magalhães, R.
Observações: Em cerca, cultivada.

Espécie: *Blainvillea biaristata* DC.
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS.
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111915-Derrubadas, RS

Fam.: Asteraceae
Data: 20/05/1995
Determinador: Matzenbacher, N.

Espécie: *Pterocaulon alopecuroides* (Lam.) DC.
Local: Coronel Bicaco, RS.
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111916-Coronel Bicaco, RS

Fam.: Asteraceae
Data: 09/03/95
Determinador: Matzenbacher, N.

Espécie: *Pterocaulon polystachyum* DC.
Local: Coronel Bicaco, RS
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111917-Coronel Bicaco, RS

Fam.: Asteraceae
Data: 12/12/94
Determinador: Matzenbacher, N.

Espécie: *Baccharis anomala* DC.
Local: Coronel Bicaco, RS.
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111920-Coronel Bicaco, RS

Fam.: Asteraceae
Data: 03/09/94
Determinador: Coelho de Souza, G.

Espécie: *Chaptalia nutans* (L.) Polak
Local: Coronel Bicaco, RS.
Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111921-Coronel Bicaco, RS

Fam.: Asteraceae
Data: 10/12/94
Determinador: Mondin, C.

- Espécie: *Gochnatia ramboi* Cabr. Fam.: Asteraceae
 Local: Barragem do Rio Guarita, Coronel Bicaco, RS Data: 30 /07/ 94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Mondin, C.
Nº ICN: 110182-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Solidago chilensis* Meyen Fam.: Asteraceae
 Local: Coronel Bicaco, RS. Data: 10/12/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111922-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Xanthium spinosum* L. Fam.: Asteraceae
 Local: Coronel Bicaco, RS. Data: 10/12/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Irgang, B.
Nº ICN: 111923-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Xanthium cavanillesii* Schouw Fam.: Asteraceae
 Local: Coronel Bicaco, RS Data: 10/12/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Observação: Beira de estrada.
Nº ICN: 111924-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Elephantopus mollis* H.B.K. Fam.: Asteraceae
 Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 06/09/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111919-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Piptocarpha sellowii* (Sch.-Bip.) Baker Fam.: Asteraceae
 Local: Portão do Salto, P.E.Turvo, Derrubadas. Data: 23/07/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111918-Derrubadas, RS
- Espécie: *Jacaranda micrantha* Cham. Fam.: Bignoniaceae
 Local: Coronel Bicaco, RS Data: 12/05/95
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111925-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Commelina erecta* L. Fam.: Commelinaceae
 Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 29/10/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111926-Derrubadas, RS
- Espécie: *Cayaponia martiana* (Cogn.) Cogn. Fam.: Cucurbitaceae
 Local: Coronel Bicaco, RS Data: 12/05/95
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111927-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Bulbostylis capillaris* (L.) Clarke Fam.: Cyperaceae
 Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 30/10/94

- Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Nº ICN: 111928-Derrubadas, RS Observações: Em campestre
- Espécie: *Actinostemon concolor* (Spreng.) Mull. Arg. Fam.: Euphorbiaceae
 Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 29/10/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Nº ICN: 111929-Derrubadas, RS
- Espécie: *Casearia decandra* Jacq. Fam.: Flacourtiaceae
 Local: Coronel Bicaco, RS. Data: 02/12/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Nº ICN: 111930-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Casearia sylvestris* Sw. Fam.: Flacourtiaceae
 Local: Centro Novo, P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 06/09/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Nº ICN: 111931-Derrubadas, RS
- Espécie: *Sysirinchium vaginatum* Spreng. Fam.: Iridaceae
 Local: Barragem do Rio Guarita, Coronel Bicaco. Data: 30/07/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Irgang, B.
 Nº ICN: 111932-Coronel Bicaco, RS Obs.: Área de campo nativo.
- Espécie: *Trimezia* sp. Fam.: Iridaceae
 Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 30/10/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Sobral, M.
 Nº ICN: 111933-Derrubadas, RS Obs.: Campestre, estrada do Porto Garcia.
- Espécie: *Ocimum selloi* Bentham Fam.: Lamiaceae
 Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 06/09/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Nº ICN: 111934-Derrubadas, RS
- Espécie: *Leonurus sibiricus* L. Fam.: Lamiaceae
 Local: Derrubadas, RS. Data: 04/09/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Coelho de Souza, G.
 Nº. ICN: 111935-Derrubadas, RS Obs.: Em área de cultivo.
- Espécie: *Myrocarpus frondosus* Fr. Allem. Fam.: Leguminosae, Papilion.
 Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 04/12/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
 Nº ICN: 111936-Derrubadas, RS
- Espécie: *Herreria montevidensis* Klotzsch ex Griseb. Fam.: Liliaceae
 Local: Centro Novo, P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 06/09/94
 Coletor: Magalhães, R. Determinador: Sobral, M.
 Nº ICN: 111937-Derrubadas, RS Obs.: No campestre, estrada Porto Garcia.

- Espécie: *Strychnos brasiliensis* (Spreng.) Mart. Fam.: Loganiaceae
Local: Coronel Bicaco, RS. Data: 06/06/93
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Irgang, B.
Nº ICN: 111938-Coronel Bicaco, RS:
- Espécie: *Cabralea canjerana* (Vell.) Mart. Fam.: Meliaceae
Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 04/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN:111939-Derrubadas, RS
- Espécie: *Guarea macrophylla* Vahl. Fam.: Meliaceae
Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 04/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111940-Derrubadas, RS
- Espécie: *Piper mikanianum* (Kunth.) Steud. Fam.: Piperaceae
Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 03/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111941-Derrubadas, RS
- Espécie: *Piper gaudichaudianum* Kunth. Fam.: Piperaceae
Local: Centro Novo, P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Data: 06/09/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111942-Derrubadas, RS
- Espécie: *Microgramma squamulosa* (Kaulf.) DeLa Sota
Local: Coronel Bicaco, RS. Fam.: Polipodiaceae
Coletor: Magalhães, R. Data: 30/07/94
Nº ICN: 111943-Coronel Bicaco, RS Obs.:Mata Ciliar do Rio Guarita
- Espécie: *Campiloneurum major* (Hieron. ex Hicken) Lellinger
Local: P.E.Turvo, Derrubadas, RS. Fam.: Polipodiaceae
Coletor: Magalhães, R. Data: 20/07/95
Nº ICN: 111944-Derrubadas, RS Determinador: Bueno, R.
- Espécie: *Richardia brasiliensis* Gomez Fam.: Rubiaceae
Local: Coronel Bicaco, RS. Data: 11/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111945-Coronel Bicaco, RS
- Espécie: *Margyricarpus pinnatus* (Lam.) O.Ktze. Fam.: Rosaceae
Local: Barragem do Rio Guarita, Coronel Bicaco. Data: 30/07/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Sobral, M.
Nº ICN: 111946-Coronel Bicaco, RS Obs.: Área de campo nativo

- Espécie: *Rubus urticifolius* Poir. Fam.: Rosaceae
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 06/09/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111947-Derrubadas, RS Obs.: Beira da estrada do Salto
- Espécie: *Pilocarpus pennatifolius* Lem. Fam.: Rutaceae
Local: Matinha entre Derrubadas e Centro Novo Data: 23/07/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Irgang, B.
Nº ICN: 111948-Derrubadas, RS
- Espécie: *Cyphomandra corymbiflora* subsp. *corymbiflora* Stendtn. Fam.: Solanaceae
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS Data: 06/09/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111950-Derrubadas, RS
- Espécie: *Solanum mauritianum* Scop. Fam.: Solanaceae
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 03/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Mentz, L.
Nº ICN: 111949-Derrubadas, RS
- Espécie: *Styrax leprosum* Hook et Arn. Fam.: Styracaceae
Local: Coronel Bicaco, RS Data: 21/07/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Irgang, B.
Nº ICN: 111951-Coronel Bicaco, RS Obs.: Mata ciliar do Rio Guarita
- Espécie: *Smilax campestris* Griseb. Fam.: Smilacaceae
Local: Derrubadas, RS. Data: 23/07/94
Coletor: Magalhães, R., Fiúza, J. M. Determinador: Coelho, G.
Nº ICN: 111952-Derrubadas, RS Obs.: Em afluência rochoso.
- Espécie: *Celtis iguanae* (Jacquin) Sargent Fam.: Ulmaceae
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 10/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111954-Derrubadas, RS
- Espécie: *Urera baccifera* (L.) Gaudich. Fam.: Urticaceae
Local: P.E. Turvo, Derrubadas, RS. Data: 04/12/94
Coletor: Magalhães, R. Determinador: Magalhães, R.
Nº ICN: 111953-Derrubadas, RS Observação: Trilha, beira de mato.
- Espécie: *Anchietea parvifolia* Hallier Fam.: Violaceae
Local: Rio Ibiritiá, Vacaria, RS. Data: 02/11/94
Coletor: Larocca, J. Determinador: Larocca, J.
Nº ICN: 111955-Vacaria, RS
- Espécie: *Phoradendron holoxanthum* Eichler Fam.: Lorantaceae
Local: Distrito do Cotovelo do Parizinho, Derrubadas. Data: 25/11/1993

Coletor: Magalhães, R.
Nº ICN: 111956-Derrubadas, RS

Determinador: Magalhães, R.
Obs.: Sobre Açoita-Cavalo

9.2 TRANSCRIÇÕES DAS FITAS

Por orientação da Profa. Maria Luíza do Laboratório de História Oral da UFRGS, achou-se por bem colocar a íntegra do material gravado em fita com os depoimentos de Sarampião, visto que este material tem um valor documentário de outros assuntos que por não serem tratados na dissertação no foram incluídas no texto da mesma.

Depoimentos de João M. Fiúza

FITA 1 Julho de 1993

“É o que eu tô dizendo. Esse negócio de erva é preciso ficar com ele guardado. Senão vai esquecendo. A raiz do coqueiro, eu curei um guri uma vez, mas eu curei com a casca da grábia-amarela e a foia do xuxu-branco, então eles foram lá consulta, foram lá no médico e o médico disse “essa mulher tem problema de pendicite.”, daí eu consultei. Não tem nada de pendicite, ela tem problema na bÍlis, e de nervos ela é herdeira do pai dela, que o pai é nervoso. A senhora é nervosa secundária, do teu pai, e o que fará seu filho, esse aí, bombeia a cabeça dele. “Isso aí quando embrabece, a cabeça dele, esses esfolão é de dar cabeçada no fogão.” O filho, bem loco. A senhora não tem nada, tem é problema na bÍlis. A senhora tem mau-hálito na boca? “Tenho até tenho vergonha de conversar com as minhas colegas.” Tratei com esses remédios, curei ela e o guri, e ela teve que se operar da bÍlis. Onde é que tá que esses doutor enxergou apendicite. Então eu tenho..., não é qualquer doutor prá saber mais do que eu. E eles dão remédio a rumo porque não examinam, eles olham e querem dizer. Eles querem saber como eu sei. Mas eles deram remédio talvez 30 anos. Mas eu dei 74 anos. Desde os 16 anos eu dô remédio. Eles querem aprender como eu aprendi. Eu tenho pouco estudo, mas tenho experiência.”

“Dizem, “ela tem que consultar”, mas eu já consultei, 6 doutor ou 8, mas nunca contaram a doença dela. Mesmo porque eles sabem o que é ataque epilético, que é coisa na cabeça, mas a origem desse ataque epilético? Digo, quando eles fizeram exame de tudo e o resultado é que ela tava grávida. Tava grávida de uma solitária e cheia de verme! Que depois dei remédio prá verme. Qual é o que errou o doutor ou o laboratório? E o que querem com esses doutor aí? Cortaram uma mulher que não tinha nada que cortar, “Achamos uma coisinha no ovário.” Acharam nada, isso é fraqueza na mãe-do-corpo. Eu faço 8 perguntas, com 10 eu confirmo. Precisa erva, precisa chá de erva, não esses remédinho cansado. Já mais é antibióticos, como ouvi na rádio de Portela. Mais é remédio pro coração e calmante. É só o que eles dão. E o tal remédio pro coração, mas não é coração é figado. Pois o figado limpa 72 litros de sangue em 24 horas. E quando ele tá prejudicado, ele não trabalha direito, não trabalha direito e as vezes dispara o coração, acelera, então quando acelera parece que vai querer parar, eles dizem que é colesterol, que é do coração, não tem nada de coração, é o figado que trabalha mal, dá uma pontada.”

“Eu falo muito pouco Guarani, a gente vai esquecendo.”

“Porque como eu falei, aqui falta muita árvore que no Paraguai tem.”

“O guaimbé é remédio, o talo da folha é prá curar ferida”

“Ali na horta tem o ruibarbo, alecrim, canflor da horta, palma fedorenta ou catinga-demulata, velame, esse é o hortelã, esse é anis, esse é o funcho, prá limpá o sangue, faz chá, ajuda no desvenenamento, esse é o ruibarbo, malva, cidrózinho pro coração, esse aqui chamam colhão-de-veado, coração-de-Jesus, é prá rim, esse com a pata-de-vaca pode tá descadeirado, tomar no chimarrão.

O ruibarbo cresce no mato, dá flor amarela, usa a raiz, pro coração, pro figado e pro sangue, botando a cozinhar bastante fica cor de sangue.

O que eu queria mais é o baicurú prá planta na horta. Não tem mais remédio que cure o sangue que o baicurú. Dá uma foinha assim, isso é do campo. O homem me trouxe aqui até dei 2 litros de remédio prá me trazer essa raiz. Tem a tansagem do campo. Ôi isso aí tudo que é pacote é remédio, por toda parte tem remédio, eu tenho mais de 100 tipos de remédio. Isso aí é erva-de-Santa-Maria, prá vermes. Aquele lá com aquela bolinha é cordão-de-frade. É prá evitar ira e é contra pasmo. Se toma demais todo remédio é perigoso. Faz chá, é bem forte, tem que se bem pouquinho.”

“Erva-de-pica-pau é prá fortificar, é prá banho, prá mulher grávida. A mulher tava com 3, 4 meses e não tinha movimento, fazia banho com aquela erva e toma, em poucos dias a criança tava dando coice. Camboatá-vermelho prá pressão alta, a casca. A foia, a flor, a casca e a erva-de-passarinho do açoita é remédio. O passarinho esterca na árvore e nasce na árvore. A vagem da corona, que tem espinho, se chama corona, sucará, é bom até prá diabetes, prá sinusite. Erva-de-pomba, pau-amargo, prá remédio isso aqui, até prá disenteria, isso é florão de erva.”

“Tem um tipo de guabirobinha, guabiroba-prÉta que tem na costa do Uruguai, que chama *nhapuça*, é o nome Guarani.”

“A cancorosa, é a de espinho, tira a casca da raiz, aquilo é bom prá problema da bexiga, próstata, mas não pode tomar muito forte, o nome é iodo no autor.”

“Guaçatunga é prá veneno de cobra, o nome depende da região. Curei uma guria, uma empregada minha, nós fomos passear na Argentina. Tinha o baile de sábado de Aleluia. Era três quilômetro da venda. Então quando nós vinha vindo já no escurecer, uma jararacuçu pegou ela. A mulher vinha na frente, a guria vinha no meio, e eu vinha a cavalo. A mulher cruzou correndo quando ouviu o barulho, e a cobra sempre pega o segundo, primeiro ela se arma, e quando vem o 2º ela dá o bote. A guria veio pah! a cobra pegou cá, ela correu também. Aí eu cruzei pela cobra ela já ia se apeando. Parecia um couro. Aí cheguei lá, apeei do cavalo, foquei a lanterna, já era escurinho, corria o sangue da barriga da perna até lá embaixo. Daí benzi, dei benzimento, disse, “Vamô voltar.” “Não, já não tá doendo mais, vamô no baile.” Fomos no baile, dançou a noite inteira. No outro dia de manhã chegamô na casa do sogro, tinha cachaça, preparei o remédio prá ela, prá toma e prá bota. Quando foi de tardezinha aquilo corria aquela água amarela. No outro dia cedo embarquei, viemos embora. Não fez mal nenhum. Cipó-mil-homem, os dois junto. Só, prá tomar tem que tomar fraquinho. E prá puxar o veneno é bem forte. Cipó-mil-homem, pode tomar cozido, cru, na água fria, de qualquer jeito, pode mascar um pedaço. Mas isso é coisa muito, muito especial, e deve guardar isso na idéia, porque ninguém, anda nesses mato... Tira essa casquinha, raspe e bota na cachaça, faz um emplastrozinho. Meu pai e meu avô, eles foram prá São Paulo de a cavalo levar uma tropa, diz que a cidade de Santos, então diz que saia carroçada de gente morta, mas eles já sabiam, levaram cipó-mil-homens bastante, então dentro dos calçados, as garrafa de cachaça cheia de cipó-mil-homem e entraram e foram e voltaram e não viram febre amarela, que coisa forte né? Serve prá mais coisa, prá disenteria, pode mascar, pode beber na água fria, pode cozinhar. Mas não pode fazer seguidamente o tratamento, que aquilo enfraquece, baixa a pressão.”

“O chá-de-bugre aqui que eu conheço, carvalinho, cafézinho, erva-de-bugre, 3 nomes, aquilo é prá banho, até no pulmão, pessoa que tem problema no pulmão. Porque ele é tipo café, a sementinha na foia.”

“Tem três tipos de angico, o angico-vermelho, o angico-branco, e o angico-pururuca.”

“E esse aí? Cabreúva. Florão. É pro pulmão, ô isso tem uma resina, tem um cheiro, agora de cabreúva-amarela, a preta não tem resina. Isso aí é um remédio pro pulmão! Ora esse aí eu curei um gurizinho que veio de Porto Alegre. Casca dela com poejinho e o hortelã. Tem resina? Bem pouquinho, mas tem. Dá boa!”

“Eu matei um tigre, caiu nos meus pé, e lastimei dois. Eu andava monteando madeira e cheguei já de noitezinha e aí tinha um angico grande, assim que aquele galho caia assim e outro assim, e aqui o corpo. Aqui tinha uma árvore. Aqui fiz o fogo, quando fui pega a erva, o grito,

gritão, mas rasgada braba, porque o tigre vinha vindo, porque ele anda igual o cachorro. Anda de 3, 4 tigre quando a tigre tá prá fica grávida, e aí que eu fui baixar prá bota a erva na cuia, salta o tigre encima daquele angico, só levei a mão na espingarda, lasquei fogo, assim, arriou prá lá mas levantou e saiu, daí daqui já veio o outro tigre pulou encima, ranquei o revólver, atirei, cruzou foi prá lá, digo, agora tá danada a coisa e me larguei lá pro galho do pau fiquei ali bem quieto de revólver na mão. Veio outro tigre trepou no angico, olhou o fogo, olhou minha bolsa, de mochila e saltou lá na bolsa e espatifou tudo, brigou por cima do fogo com aquela bolsa, e depois saltou encima do angico, subiu e trepou assim. E eu deitado ali, pois ele trepou por ali e me enxergou, e pego com a cola assim, "SS", me olhando firme lá. Eu marquei bem no centro, páh!, tiro de 44 e ele veio, eu fiquei quieto e caiu no meu pé, se esse bicho tá vivo e eu me mexo me come duma vez, aí, mas ficou aquele fogo extraviado tudo com aquela bolsa, ficou que eu tinha um cobertozinho, esses nambuzinho, rasgou tudo, e agora, eu já ia pousar ali né? Digo aqui eu não vou pousar. Peguei lá numa altura vi um pau assim "Y", trepei, já dormi sentado, mas olha levantei no outro dia, sei quase não podia descer da árvore, que tinha uma valeta nos meus quarto, desci e fui prá casa, cheguei lá já tinha gente arrumado prá ir me campear, que eu dei 3 dias pra fazê o mato já tinha três dias e meio e nada de eu aparece. Tigre quando tá brabo é muito perigoso é igual cachorro. O tigre caminha conforme a lua, conforme a lua ele caminha, agora eu tenho saudade até do grito do tigre, eu vejo o gato caminhando parece que eu tô vendo o tigre. Agora aquele lugar ali do Porto Garcia, ali eu tive que quebrar o braço duma tigre uma vez. Era 11 horas da noite e tinha chovido e tava a lua, mal e mal clareava, de vez em quando clareava, de vez em quando fechava, aí eu vi numa distância, e naquele tempo botaram espera prá mim, porque eu peguei uns contrabando, então depois eles botaram espera prá me matar. Parecia um homem sentado de capa, eu fui tocando o cavalo, e o cavalo pegou não querer ir mais, daí eu gritei, e nada, aí eu tinha um balde e tinha uma adaga, daí eu peguei o balde e bati, quando bati aquilo se embodocou, ficou duma altura, o bicho, e aí eu vi que não era gente, era a tigre que tava encima, aí puxei o 44 e dei 2 tiro, ôi esse bicho voou por cima da estrada, aí cruzou o gatinho, e aí quando ela sentou nas criciúma toquei outro tiro, aí ela saiu resmungando, eu quebrei o braço dela, bueno daí eu toquei o cavalo, aí outro tigrinho voltou, ela não deu a estrada porque o tigrinho tinha ficado prá trás, porque se não ela tinha dado a estrada quando eu gritei. Mas ela não quis porque a tigre morre e não dá o tigrinho.

"Daí passado o tempo tavam trabalhando prá tira o cerne e o cepo prá fazer aquela casa do porto, aquelas casa grande que tinha, aí acharam o rastro da tigre com o braço direito prá fora, assim a mão, o Minhão e o Chico Cadela, que virou guarda depois, pois é a minha tigre. Passado o tempo um dia tava no Porto Garcia, eu e o Erno, tava destacado lá, aí veio uma gente do Paraná, que tinha muitos parente dele lá, veio com um gurizote assim. Aí nós tava proseando e o gurizotinho disse "Ah vimos um tigre véio, cruzando a estrada lá, pesteadado, caminhava assim ó." Pois era a mão quebrada da tigre. Depois já tava lá no Salto. Bueno passado um tempo, agora depois que eu sai do Parque, diz que mataram ela lá na Argentina, e ainda matou um paraguaio. Diz que mataram a tigre do braço quebrado. Que bicho né? Bicho tigre não é brincadeira!"

"Agora eu não pude achar a orquidea-perfumada, aqui não tem."

"A samambainha-doce, ela tem a foinha deste tamanhinho, aquela é pro pulmão, prá criança que tem rouquidão no peito, aquilo com mel de Jateí. É uma samambainha cor de rosa e verdinha, dois tipo de cor, doce. E dá muito no Çoita-cavalo."

"Tem muita coisa que a gente..., é como eu digo, a gente sabê tudo, tudo que é coisa é impossível, mas alguma coisa a gente vai, já tem mais de 4 dias, já vai aprendendo. É morrendo e aprendendo, eu tô aprendendo ainda! Morrendo e aprendendo. Eu não! Eu não vou morrer, vou passar da morte prá vida! E quero ser um defunto bonito, né? Fui feio toda a vida, ao menos quando morrer quero ser bonito. Faço aniversário 20 de dezembro, sou sagitário, mas é ruim a gente se sagitário, eu prá mim é muito ruim. Só azar por causa de mulher, e sempre me judiando, um pouco sou eu o culpado, por que eu parava quase só no mato, e a mulher ficava em casa, pulava a cerca, mulher não pode passar fome que pula a cerca. Ficava 63 dias no mato, e quando viajava, depois fui tropeiro era um mês e depois fui contrabandista, 6 anos, um mês no mato, eu

vivia só nos mato. Tropeei com 50 cargueiro, não sei se alguém conhece o que é cargueiro? Cargueiro é botar uma cangalha na mula e 2 bruaca no lado. Viajando. Viajava 2 dias e meio prá sair onde tinha morador, lá falhava meio dia e tocava mais dois dias saia onde tinha morador, a tal Várzea Grande, daí mais meio dia chegava no Piray-mini que é o Porto Dorado.”

FITA 5

Agosto de 1994

“tem que dar cor na água, avermelha a água, o ruibarbo também, ele dá cor na água, se não, não tem efeito, o remédio tem que ter uma quantia, tem que ferver. Por exemplo raiz principalmente, remédio de raiz tem que tirar o efeito, essa outra que é prá problema de doenças venéreas, Canela-do-brejo, cana-do-brejo, tem que sair a fortidão.”

“Caroba não pode usar muita quantia porque frouxa a urina, ela é depurativa, não pode ser carregada demais porque frouxa a urina.”

“O angico, de acordo com a cor da madeira tem que mostra a cor do remédio.”

“Olho-de-pomba é prá desintéria, pros animais também, a casca verde, ela tem uma pelezinha fina. Tira aquela cascazinha e ocupa a casca verde, que tá dentro. Que nem o cipó mil-homem, tem o cipó-suma, tira aquela pele fina que tem por cima e a parte verde que rapa.”

Se é árvore nova por exemplo um angico, este angiquinho não precisa tirar a casca de fora, pode botar com casca, mas se é árvore velha...”

“Prá criança sempre, principalmente árvore forte, tem que ser, tem que fazer muito leve.”

“Este olho-de-pomba é um dos mais forte prá desintéria, se este não der volta aí tem que fazer novo tratamento, como seja, fortificante do gástrico, então tem que fazer tratamento prá problema do gástrico, porque a desintéria vai ao ponto que saiu todo o gástrico dos intestino, e aí tem que fazer depurativo, e refazer o gástrico.”

“É porque tem que cuidar muito. Porque eu, faz 74 anos que eu dô remédio mas ainda não estragou uma pessoa que eu desse remédio, dizer esse remédio que me fez mal. Tem muitos tipos de remédio que prejudica a pessoa. E não pode usar um remédio só, tem que ser uma composição, conforme a doença, tem que ser uma composição de remédio, não é um só ou dois.”

“No chaleira é menstruz. É menstruz prá batida, e eu fui batido, eu caí.”

“O menstruz com arruda e cachaça e sal, faz um emplastro, é prá formatura de osso, então quebrou a perna de uma novilha, um bicho novo, e eu botei aquele emplastro, enfaxeí e dentro de 3 dias tava firmando a perna, e evita tudo que é infecção, ar e tudo, arruda é contra o ar não é, e o menstruz é contra infecção.”

“Agora esse homem, que me deve 46 real, é lá de Santo Augusto, esse homem uma cobra pegou ele, um jararacuçu, diz que muito grande, ele foi pro médico, fez tratamento com médico, mas que nada, e criou um ferida deste tamanho, aquelas ferida que escumava, parecia espuma de sapo. Aí só com a guaçatunga e o cipó-mil-homem, dentro de uma semana veio aqui com o pézinho bem liso, bem seco, isso é que eu quero ver, então, esse remédio contra pasmo, isso precisa muito remédio, principalmente esse, o abrofo não pode ser muito forte, é contra pasmo com certeza. E tem muitas doenças. Por isso que é um pouco de falta de sabedoria dizer que o remédio não trabalha, é que tem muito remédio, prá muito tipo de doença errado, esse que é o causo, em vez de fazer bem, faz mal, em vez de fortifica, piora a doença, porque o antibiótico envenena, daí complica, antibiótico é veneno, passado da dosagem envenena, e isso eles não enxergam, talvez enxergam mas é o remédio que tem prá defender da doença braba.”

“Como tem esse problema de mulher, esgotamento geral, que a mulher tem aquela dor nos braços, dor nas perna, problema no estômago, ronca, estufa, dói os ombro, dá nervosismo, da enjôo, dá um problema na goela, parece que sobe, dá mau hálito na boca, isso é a mãe do corpo, ela tá fraca, não pode dormir, eles dão antibiótico prá dormir a força, ela tá fraca e dão antibiótico. É capaz de dormir e quando acorda tá morta. Precisa fortificar, erva-de-pica-pau, o funcho, todos os tempero, daí fortifica a pessoa, faz emplastro dá prá botá no umbigo, porque a

mãe do corpo caminha, porque ela tá fraca ela sobe, bota remédio no umbigo, porque ela vem se alimentar ali, no emplastro, e vai só pó de canela. “

“Pois tem muita coisa que eles tão errado. Eles não divulgam o negócio do veneno, é só que a pessoa conte que é veneno, porque eles não sentem na pulsação, não entendem os tipo de pulsação. Porque o doutor falou prá mim que queria aprende a consultá no pulso.”

“Porque é muito parecido o veneno com a infecção, ou se é gravidez. Só o colesterol que desmente bastante porque tem que olhar no traço da mão, prá ver se não é congestão. Porque a congestão ameaça o colesterol. Dá compassado. Porque a pulsação quase que é a mesma, tem que confirmar na mão.”

“Tinha duas velha seca, as duas conversando, “meu colesterol”, mas uma velha seca que nem sangue não tem, falar de colesterol, colesterol é gordura no sangue. É problema de fígado. Esse problema de fígado faz o mesmo, dispara o coração, acelera bem ligeiro dá pontadinha do lado, parece que vai se afogar, é problema do fígado, não é nada de colesterol, é uma congestão. Esse derrame, não é nada de derrame, é uma congestão, pode perder as vistas, pode perde as perna, a pessoa amortece, perde um lado, pode perde tudo, até a vida. Dá uma congestão pasmótica, paralisa fica aleijado, as vezes torce a boca, daí vai pro sangue depois, aquele ar passa pro sangue, e amortece, aí é pasmótico, amortece um lado inteiro, dá prisão de ventre aí fica escandecido, dá congestão daí que vem a hemorróida. Primeiro começa com gastrite no estômago, sai o gástrico do estômago, a comida para, vem aquela azia e vem aqueles problema, qualquer outra perturbação que dá no estômago por causa da comida, aí vai pros intestino, dá febre nos intestino, aí fica escandecido, vai saindo o gástrico, não tem gástrico prá funcionar os intestino, aí a comida para. Aí empedra, começa aquela febre maligna e infecçiona, os alimento no intestino, e começa as coçeirada, sai os botãozinho, tem três tipos de hemorróida. Esse tipo tem que fazer banho por fora, então aí mata aquele microbiozinho. Faz laxativo, prá fazer laxativo é esse que tem aí, a trapoeraba, é prá tripa seca, então dizem tripa seca mas é porque tem que forceja nos intestino, porque não tem o gástrico. Aí pega a força e vem a hemorróida seca. Aí depois pega a força e vem a hemorróida sangrenta.”

“Prá corta o umbigo não pode cortar muito comprido, nem corta muito curto. Rendeu o umbigo foi porque foi cortado muito curto. Tem tudo isso. Tem que saber o que tá fazendo, eu fui parteiro 23 anos, mas nunca deixei nada acontecer. Doença que sofre do pulmão, é agua do parto que bebe, tem uma espuma no pulmão, infecçiona.”

Dá prá ver a febre nos intestino pelo pulso, na veia essa principal, aí tem de tudo, pro homem são três, prá mulher são 4 que aí mostra gravidez também, aí mostra veneno, mostra o sangue fraco também, tem gente que tá envenenada a pulsação é fraca. Não tem mais pulso, aí tem que faze tratamento pro sangue. Isso é que eu quero ver. A cor que tem o traço da mão, mostra perigo de morte, mostra problema do coração, lá tinha um homem eu tratei a filha dele que tinha problema de coração, e dava ataque também, tinha outros problema também mas o problema maior era esses. Daí um dia eu disse prá ele . “-ela tem um problema do coração e ela é herdeira do mal do coração, porque o senhor sofre do coração.”, e “Eu não.” “-Mas como não se eu tô vendo que o senhor sofre do coração? O senhor tá perigando um derrame por causa do coração.” Não foi um ano deu derrame nele, mas esse era derrame, derrame no cérebro, é ligado a perder até a mente, perde a inscrição da voz.”

“Falta o dom, o dom que Deus deu prá nós. Cada um tem um dom, se não tem dom não continua, mesma coisa o estudo.”

“A maior violência que existe é de brutalidade, é que não sabe respeitar muitas vezes, só sabe se defender com brutalidade, porque ele não tem recurso, não teve quem educasse.”

“... dentro duma casa, agora que eu tô dentro duma casa, sempre morei em rancho de palha de coqueiro, barraca. Um fogo.”

“A veia do fígado mostra no traço da mão. Então dizia que ele era feiticeiro, porque usava o livro dos traço da mão. Dava remédio com o livro da mão.”

“É como eu digo na cidade eu não sei nada, vou lá na cidade tem que me carregar, mas aí no mato eu carrego tanta gente, muita gente, quero ver saber que passa a mão numa árvore

sabe o norte. Eu caminhei três dias e 2 noite cortando o rumo, e errei em 130 km só 30 km de distância, não chegou a 30km.”

“Então aquilo amarelava de peixe, assim como tem a galinhada no terreiro, as vezes quando dava o sol quente, aqueles peixe ficava tudo assim em cima da água, dourado, grumatã, o grumatã sempre no cardume, assim a parte, porque o dourado come muito grumatã, o dourado come eles mesmo, um come o outro. Eu peguei um dourado que tinha um douradinho, ele engoliu inteiro um peixinho que dava uns 2 kg, ele engoliu inteiro. O dourado abre uma boca, só a cabeça do dourado dá prá fazer um ensopado prá 8 pessoas. Olha um dourado grande eu vou lhe dizer é coisa muito séria. O surubi da como daqui lá na porta, mais de metro, ali no Porto tinha um surubi que roncava, que se ouvia longe, esse aí não tinha anzol que pudesse segurar.”

“A linha do Guaimbé fazia fininha, prá pegar peixinho pequeno, piava, pintadão, jundiá, tirava a casquinha da raiz e puxava, vinha toda.”

“Se dava com o mato, remédio tem tudo lá, depois eu tenho um lote lá, me dou bem com toda a gente, ajudei na defesa do parque, defesa do município de Portela, ganhei o diploma mas eu merecia, fui arriscar minha vida naquele sertão.”

“Parreirinha é difícil usar, eu tenho outras ervas melhores que isso aí. É como laxativo, tenho bastante remédio, o cipó-suma, aquilo é um remédio formidável, prá laxativo a maçanilha também, o ruibarbo também.”

“Tem a samambainha-doce é donde é o remédio prá criança que bebe água do parto, não encontrei por aí, só lá no parque, ela é doce só no Çoita-cavalo, Samambainha é meio cor de rosa, é bem pequeninha, tipo de samambaia mesmo, mas é desse comprimento, é cor de rosa e mais vermelhinha um pouco, coisa muito importante.”

“A primavera é remédio, a raiz prê reumatismo. O Ipê-amarelo não é interessante, tem muitas ervas melhor, se fosse o Ipê preto sim tem mais efeito, mas é só o nome perde muito longe prá muitas ervas. Se fosse o cerne, fortalece o sangue. O sete-capotes pode usar como fortificante, a casca e até o fruto. No mato virgem aí já achava muita coisa de erva. Mato virgem, não esses aí, parece que depois que começa a entrar muita gente ele se termina, a erva medicinal parece que se termina. Quem contamina a erva é o próprio homem. O homem contamina o mato.”

“Fica mato graúdo, mas virgem ele não fica mais. Uma árvore dura 2000 anos.”

“A pessoa tem segredo muito grande. Quando nasce uma criança e não é batizado, é enterrado sem batismo, aparece uma visagem. Porque lá na casa branca não dá prá dormir de visagem? Quantas criança foi enterrada lá? De aborto, prejudica, homens morto, sem batismo talvez. Aquilo quando chega a noite não tem o que não grite, o que não berre, o que não chore. Eu fui dormir lá, não aguentei dormir dentro do cercado, o cercadão grande de 1 hectare de caraguatá. Fazendo 20 anos que eu tive lá já tava os caraguatá como lá naquela unha-de-gato. Tem uma água na cabeceira da casa branca, uma água especialíssima. Então eu vinha pelo lajeado grande chama-se de lajeado do Meio, vi aquele lajeado todo, desviei daquele caraguatá, olhei, olhei, digo “-Eu vô, o que será que tem lá?”, e fui indo, cruzei pela aquele caraguatazal por dentro da sanga, que na sanga não tinha, aí sai lá, foi o meio que eu achei a Casa Branca. O tal de Lajeado do Meio sem se o Mairoso, o Lajeado do Meio cai pertinho da barra do Mairoso, que lá já pertence ao Lajeado do Sarampião. Então nós morava pertinho, bem de frente a barra do Lajeado do meio, então caia o lajeado do Meio de lá e nós buscava água, no Paraíso, defrente a barra do Lajeado do Meio. Então ali tinha cercado de caraguatá, fechou tudo. Faz 20 anos, ninguém encontra mais. O que me admira é o helicóptero, porque não chegaram? A casa Branca é campina, é uma campina cheia de erva, remédio, ruibarbo, tem tudo que é tipo. Foi solito que eu vi a Casa Branca. Eu queria me lembrar do nome do Bugre que tá lá pendurado. E esse bugre nunca para, tá sempre balançando. Não sei o que toca no bugre. E eu tenho o nome do bugre. E eu duns tempo prá cá tenho me esquecido de muita coisa, que eu precisava saber. Eu não era prá tá aqui, era prá mim tá descansando, quem sabe quantos anos eu ia durar. Não é fácil, uma pessoa do interesse que eu tive. No dia que eu tô contente, tô alegre, de bom, eu fico novo, eu me sinto forte, não me dói uma unha, é difícil que tá me doendo alguma coisa. Eu nunca fiquei doente. Quando me dói alguma coisa eu fico nervoso. Eu quando fiz 50 anos eu funcionava mais

custoso do que eu funciono agora. Eu não tô precisando de morrer. Não sou pesado a ninguém, tô servindo a humanidade.”

“Eu não corto uma árvore se não é preciso, tem gente que numa picada tá proseando, tirando uns pau, árvore é vida. Tem muita árvore que dá a vida pro próximo. Passarinho, eu era caçador, desde guri, então eu via o casalzinho de bichinho, e deixava de matar o casalzinho, aquele coração de humildade né? Não vou matar, mata um o outro fica sofrendo, faço uma comparação, se eu ando aí com meu pai, com meu irmão, com minha mãe, minha patroa, mato um, como o outro vai sentir né? Quem pensa nessas coisa?, coração prá pensar, prá se humilhar pelos bichinho.”

“Se eu não tivesse ela se pensa que tava aqui? eu tava no mato. Essas luta que eu tive no Parque, como eu digo, eu arriscava a vida dia e noite, eu era guarda-porto, no Porto Garcia, eu atendia os contrabando solito lá. Sentava na porta da frente de noite com o lanternão do lado corria o facho, via aqueles peixe ali, veado cruzava, tudo que é bicho cruzava por ali prá ir beber água. Depois foi feito uma casa boa, morei 3 anos, varanda em roda, fogão novo, um casão. Mas fiquei pouco tempo lá. Em 76 me aposentei. Se dava muito bem com pessoal da Argentina, a Gendarmeria, nós fazia patrulha junto.”

“Viu como a folha seca desmente? Eu tô sentindo o cheiro, pelo cheiro eu tô quase dizendo mas não digo ainda, eu vou deixar no sereno, aí eu deslinheio, e vou conhecer.”

“Sal amargo, prá despeitorar uma gripe, adoça, toma quente, pode tá com a roupa prontinha prá trocar porque sua, é purgativo, laxativo, depurativo do sangue, tem no bolicho.”

FITA 3 Setembro de 1994 - P. E. TURVO

“...eu ia naquelas cordilheira, eu fiquei 50 quilômetro longe de morador, trabalhando no mato, sem cachorro, de rancho aberto.”

“...os paraguaio levantam cedo, quando clareia o dia já tão no mato as vezes madrugam prá fraquejá 100 vara de madeira.”

“... a boca da picada era no Jesus Castanho, prá lá da boca da picada era só mato, no cabo do facão, prá cá no lado de Palmeira só campo.”

“...no ano 20 chegamo no Salto, lá não tinha nada, lá não tinha nem morador.”

“... pois depois deu uma peste em nós, deu xuxo. Tem a hora certa prá dá o xuxo. (...) aquele pernilongo mordendo se apercata. Dava um arrepio no corpo, do garrão até a cabeça, não parava de pé, tinha que deita na cama, que não aguentava de pé, treme todo o corpo, de repente passa aquele frio, depois dá uma febre, começa a faltar ar, parece que vai morrer, depois passa, vai trabalhar, passa a noite bem.”

“... daí tinha os bugre, 2 esfregada que eles deram com fumo curaram o xuxo, eram Guarani, o grupo morava perto.”(onde hoje é Encarnación)

“...é que nem Iraí, Frederico, isso aí era tudo matão, sertão velho, acho que tinha até Kapora, e hoje é tudo cidade.”

“... e aí me apeei, de noite, cortei rumo de noite, aí parei numa gruta, dei dei de pousar lá e no outro dia cortei rumo, abraçava as árvores prá ver qual era o sul e o norte, então daí porque meu filho decerto disse, meu pai é morto ou tá no Rio Grande.”

“... do jeito que eu saí de noite eu cortei aquele rumo ao Porto Dorado, bueno, daí saí 25 quilômetro acima do Porto Dorado, saí na barra do Pirai-Guazu que é sertão tudo, tinha toldo de indio até lá, e aí eu cruzei o Paranazão, lá leva quase 40 minuto prá cruza o Paraná, de lancha. Que tal essa largurinha? Depois que eu cruzei pro lado de cá dei nuns carreiro e eu digo, óia tá perto do Porto Dorado, é carreiro de gente que tinha já logo acima do Porto Dorado, e daqui a pouco ouvi aquele fffff, era a bugrada, já me prenderam e me levaram prá toca, me tiraram a roupa, o revólver, o facão, a sorte é que eu falava Guarani, falava paraguaio que dá a consoante com o indio, eles também falavam paraguaio, muita coisa eles compreendiam. Então daí eu fiquei com eles lá, depois o que que eu vô fazer tem que aguentar, tem que aguentar comer aquelas comida deles, coró e tudo. Nunca mais calculei que podia vê o Brasil, parece que eu

sonhava parece que eu tava vendo, daí jeito que tem é escolher uns pau, e dá no Paraná, nem que morra.”

“...não podia sair, eles farejam pelo rastro, farejam igual que cachorro, por isso que eles pegaram eu, ele farejaram onde que eu cruzei e viram que não era deles, que não era gente deles, eles tem um fedor de porco-do-mato, nós eles já sente diferente né. Daí vô tê que sai de noite, e de noite sai por água, ficar só na costa eles farejam e me acham esperando uma condução que passasse. Agora vou tê que sai daqui, achei uns pau, tijuca, uns tocão que quebrou, uns toco mais comprido, e eu não tinha com que cortar, só umas machadinha de pedra que eles preparam prá cortar pau, prá prepara o cocho, então cortei dos pau levei na beira da água, atei dois pauzinho e deixei lá. Fui prá casa e deitei aí quando foi umas hora da noite eu pedi se podia ir lá fora, dor de barriga e coisa, aí era pertinho fui correndo lá, cheguei lá deitei em cima daqueles pau, soltei, empurrei e fui puxando a água, agora eu quero vê, agora que eu escapo, foi antes de clarear bem o dia eu cheguei no primeiro morador, foi quase meia noite descendo Paraná abaixo, encima dos pau, encostei os pau e fiquei esperando, daí chegou um homem, e aí chamei ele, ficou com medo, eu tava cabeludo, barbudo só com uma tanga, mas ele veio e aí contei o causo que tinha fugido dos bugre, queria roupa. Ele foi me trouxe roupa, tomei banho e tudo. Chegou lá tinha chimarrão, que lá nos bugre não tinha nada.” Agora temos que ir lá na policia se apresentar.” Fui pro Brasil fazê os documento e voltei prá Argentina, fiquei 22 anos lá. Morei 6 meses no Porto Dorado aí vim pro Paraíso, casei ali na Barra do Paraíso, Misiones. Tinha duas família.”

“Sei que eu desimigrei em 46.”

“Conheço 5 porto na costa do Paraná. Caraguataí, é o último porto mais embaixo, depois Montecarlo, mais prá cima, depois La Raye mais prá cima, Porto Dorado mais prá cima e Porto Rico lá na barra do Pirai-Guazu.”

“Agora o que eu trabalhei nesta Argentina, fui distribuidor de madeira, trabalhei mais de 30 anos com madeira. O que eu forcejei neste mato, não me machuquei, não me cortei, não fui pegado por nenhum bicho, nem cobra, vivia dormindo no mato.”

FITA 2

Dezembro de 1994

“Dava remédio pelo autor da minha mãe, mas depois os remédios acabaram e comecei a trabalhar com as ervas.”

“Toda erva-de-passarinho é boa se a madeira é boa”

“... fui contrabandista 6 anos, andava dois dias dentro do sertão, chegava num lugar de moradores. Caminhava mais dois dias e saia na Varzea Grande. Depois mais meio dia e chegava no Porto Dorado onde tinha um comércio grande.”

“... com 25 qualidades de ervas se cura todas as doenças.”

“O ruibarbo no campestre dá batata pequena, mas o Basilio trouxe prá horta e deu batata maior.”

“Prá curar derrame tem que saber curar pasmo, porque o derrame é um tipo de pasmo.”

“O conhecimento da erva verde é pela folha, pela casca e pelo cheiro.”

“Até a brota é seca.”

“Existe um benzimento especial prá cada coisa, prá amansar cachorro, prá atravessar um rio, prá picada de cobra...”

“Tem erva que a raiz é um remédio e a folha é outro, e também a fruta é outro.”

“... no mato virgem ainda deve se encontrar muita coisa.”

“O homem nunca morre de velho, é, pode durar 300 anos, com 100 anos é jovem, o que contamina é o modo de viver, é uma machucadura, uma congestão, é uma doença mal curada, é o modo de viver, isso é que contamina. O homem é pra ser são toda a vida, mas o modo de viver que estraga ele e o mato, é o que contamina o mato virgem. No sertão virgem eu andei 2-3 dias, caminha o dia inteiro e não acha um pau seco, podre. No parque já não é virgem, quem sabe tenha uma quantidade. Quem sabe em 1000 anos descontamine.”

“...um pouco de livro, um pouco de prática, mas tem que ter dom.”

“...o mato que pertence a serra, o sertão começava em Tenente Portela, tinha só duas estradas até o rio, a do Porto Garcia era uma delas.”

“...as vezes eu tô botando um remédio, uma mistura e aí eu tiro um pouquinho, ou então boto mais, mas isso é de dom.”

“...a vida é uma só e muitas vezes por um remédio a pessoa perde a vida.”

“... porque a boca da bexiga tem que ser cheia de bolinhas que nem o bico da moela da galinha. Quando vem aquela areia do rim, vem assim e arranha...”

FITA 4 Dezembro 1994 - Seu Basilio de Souza(B), Sarampião(S)

B “Me ensinaram muito remédio caseiro, e eu sou do remédio caseiro mesmo. Me ensinaram ir no mato virgem e tirá a raiz da Primavera e da Unha-de-gato preta. Prô reumatismo. Aqui era matão, aqui no matão do alto da coxilha tinha bastante primavera.”

S “Unha-de gato preta a flor é igual a da amarela, a madeira é que é prata, espinho é maior.”

S “Outra árvore que dorme. A pata-de-vaca dorme, dorme de noite.”

B “É a espinha-de-carneiro, e vamô lá na mangueira que lá tem bastante, é a raiz.”

S “Este amarelão que tem não é amarelão preto que é de vermes, não é nada disso. É resultado dum susto, e depois sai uma sarna na pele, em alguns nem tanto, mas alguns mostram, coça, estora, é a bíles que derrama, e isso derrama com susto, isso dá em criança e dá em gente grande também. Pois então o filho do Ladino tomou um susto, e disseram é amarelão, e aí a velha comprou uns frasco, e aí foi, foi, foi e nada de adianta, e aí eu consultei, derramou a bíles eu disse, “mas eu não me assustei”. Aí passou uns dia, veio de novo, e tava tomando a erva. “Me lembrei é susto mesmo, tomei um susto, ali naqueles caminho.” Ele vinha vindo com a irmã dele, terminou o culto lá na cidade e saltou uma visagem na guria, e daí no outro dia ele já tava pegando amarelar. Daí o remédio pro susto e começou a sair tumorzinho, coizinha, feita a ação. Remédio pro fígado.”

B “Eu tava baixado prá operar. Aí deu no dia 1º mas depois eu fui revisar que era Nova no dia 2, daí suspendi, não fiz, porque com a nova fazer qualquer coisa estraga, carnear um porco na nova tá sujeito a arruinar a carne tudo, nem que cuide bem, nem que bote fumaça, nem que salgue bem. Então ela manda do céu a terra. No tempo que cuidavam a lua e o dia prá fazê as coisa, tudo tinha de sobra, não tinha sesmaria de granja, era bolinha de lavoura. Prá fazer uma roupa, mandar cortar e fazer na mingunte. Ela faz a nova e manda até fazer o quarto.”

B “...é a farta de água, primeiro nós tinha um mês de seca, dantes, mas a pranta nós colhia igual, as vezes murchava um pouquinho, mas sempre colhia, porque tinha os matão prá levantar a umidade do chão prá cima. Quando tinha matão por aqui, essas minha lavoura por aqui toda parte era boa demais, eu criava porco, encurto minha lavoura, saiu essa vila aí também, eu tinha um mandiocal que era um sertão. Então terra boa. Mas fazia um mês de seca, mas colhia igual, e hoje é 5 dias de sol, uma pranta aí mata. Porque não tem umidade. Aqui era cheio de olho d’água, na beira dos lajeado, ia prá lá onde dá tinha olho d’água fervendo, e as vezes no meio do mato, lá naquela coxilha tinha 2 olho d’água, e mais prá lá naquela outra, olho d’água bem no topo da coxilha. Dava seca mas não secava. E as enchente, as enchente de um mês de chuva aqui, esta sanga ia quando muito no barranco, porque o mato sustenta muita água, mas hoje vô te conta, mora na canhada, se mude, porque essa chuvinha que tem dado, da uma enchente de cruzá o poteiro do Ciço ali embaixo, passou por cima da pinguela o que nunca aconteceu. Tão tirando tudo que escora a água, nas coxilha tão tirando, e isso granjeiro que fizeram curva de nível e quando arrancaram o mato eles que pensassem e deixassem duas braças de mato fora a fora, não derrubar, aí eles ganhavam dinheiro, porque servia o mato prá tira uma madeira, servia prá qualquer coisa, e prá nós mesmo servia. Se tivessem curva de mato, mas tinha peão prá catar raiz prá não rebrotar.”

B “Era mato aQui também, fazia uma roça de mato, roçava e derrubava, daí dois anos ou três plantava ali, “mas eu vô faze lá”, deixava ali virava um matão de novo, esse é que é o causo que é preciso, não demolir tudo, então falta tudo hoje. Eu fui criado aqui e gostava muito

do matão, gostava barbaridade, baixava o chapéu prá não roçar nos taquaruçu era uma estrada por baixo do mato.”

B “O senhor vê que hoje não tem água limpa, o senhor chegava numa sanga, “eu vô toma uma água tá correndo”, não tem mais, porque primeiro o senhor tinha, nem veneno não existia, o senhor passava no Guarita e no Turvo a água era bem limpa, enxergava lá no fundo as pedra, os lambari, os peixinho. E coxilha alta não tem mais, eu vô lhe contar, as que tinha aqui, aquela lá, aquela lá era bem alta, de lá nós enxergava Campo Novo, no tempo do matão de Angicão que ia pro sol, daqui até Campo Novo era matão, a vila lá era campinho, mas no mais era matão, então nós enxergava, e hoje não tem nada é só terra, emparelhou tudo, e o senhor vai lá na coxilha não enxerga mais. Porque tá baixando as coxilha, as máquina tão levantando a terra, e a água tá tirando prá baixo, e qualquer canhadinha dá enchente nem que nunca tivesse água, e vai ser assim, se não florestarem que de prá colher algum toco, cada vez mais pior.”

B e S “É a força que a lua tem. E governa tudo que é ramo que tem encima da terra no mundo inteiro. Tudo que é pranta que inxiste, tudo que é árvore que inxiste. Tudo que é nascimento, tudo que é gerado é com a lua. Então fulano tinha uma vaca boa, “mas o senhor não levou lá no fulano, tem um touro muito bom”, não não levei, porque a lua não é boa agora, vou levar tal lua e tal dia. Planta feijão na Nova de agosto, carrega que branqueia embaixo, mas também se não ocupar ou não vende, caruncha tudo, planta o milho na nova caruncha desde que nasce, a palha, planta na mingunte que o senhor vê o que que dá. Eu planto mandioca, batata, só na mingunte. Cozinha todo o tempo e não caruncha tudo. O que é feito na mingunte é bom.”

FITA 6 Março de 1995

“Na mata virgem, pau podre, não acha. Pode achar por exemplo, um pau morto por chegar a raiz daquela árvore chegar num lajedo. Agora nesses matinho aí que tá contaminado das pessoas, de caçador, onde quer acha uma madeira morta.”

“Mas aí tem madeira nobre, dentro do Parque, mas como tinha aquelas madeira no tempo do Paraguai, que tinha aqueles madeirão, na Argentina tem sertão muito grande. A queles florão de pau. Tem no Parque mato fechado, mas já foi tirado madeira de lei, um cedro, um louro. Então já contaminou com o povo. Então só naqueles lugares que tem canhada funda ou de serra muito grande, que não deu prá entrar prá tirar madeira, lá é mato virgem, mas bem virgem não é todo o parque. No sertão virgem até os bicho são diferente do que os bicho daqui. Aqueles de lá tem medo da gente, e esses daqui não tem, isso é perigoso, pode até comer gente, como tem essa área daqui e tem a área de Portela. Pode até comer uma pessoa. Agora na Argentina eu sei que não come porque cheirou minha orelha e não me comeu. Agora o tigre tem uma coisa, se ele matar ele come, se achar morto não come, porque ele só come o que ele matou. Lá no Parque tem três casas de tigre. Tem uma no lajeado do Paredão, outra no Calixto no lajeado Tremapé, tem outra na cordilheira logo abaixo do Salto, um Canafistão grande, dá prá entrar um homem de pé naquela boca, no oco. Eu dormi dentro do oco duma canafistula. Eu fui fazer um rumo, uma picada, e levei três dias no mato, fazendo aquela picada, eu dei o prazo de três dias e eu voltava. Óia não voltei nos três dias, vinha voltando e já tinha feito o rumo, vinha vindo e anoiteceu, aí eu vou onde tinha um lajeadinho, mas não tinha mais água, então eu vô fica aqui, aí fiquei, dormi dentro do oco da canafistula. Então entrei ali, botei a mochila, sentei encima, botei o revólver no colo, e a espingarda encostada. Aí no dia seguinte cheguei, já tava reunindo gente achando que eu tinha me perdido ou bicho tinha me pegado. Tinha um castelhano que dizia: “Sarampión és um hombre montaraz” Mateiro né? O oco é estragado, continua viva mas as vezes apodresce a raiz e cai. Então uma vez eu tava montando madeira, então diz o paraguaio, castelhano: “Campea madeira”, então nós andava eu e finado meu pai, que nós fizemos uma balsa ali no Parque, debaixo do Salto, tava campeando e de repente pisamos na toca do tigre, tava o poquinho, tinha comido um pedaço da goela dele, no pescoço, mas tava fresquinho, aí eu disse pro finado meu pai: Vamô levar! Capaz que vamô levar, vamos sair daqui de uma vez, que o tigre tá dentro do oco, nós mete a mão ali o tigre salta de lá!. E essas três casa

continuum habitada. Porque agora tem muito tigre, mais nessa da pedra. Porque tem muita cobra agora no Parque. Vem da Argentina. Diz que agora bicharedo tem que sai longe, tigre sai longe no Brasil, pega criação. Tão trabalhando na Argentina, tão colonizando na banda da costa, então o bicharedo que tá lá, cruza de lá e entra no Parque. Eu tenho saudades, tenho saudades até do grito do tigre, eu vejo um gato caminha, me representa que eu tô vendo um tigre, até no jeito de caminhar. Porque o tigre não pega ninguém. Ele foge da gente.”

“Eu preciso do cipó-prata, casca de Cancorosa, a casca da Cabreúva amarela, agora um monte de remédio tem ali, tem fora do Parque, em Derrubadas onde tem aquele mato, tem a salsaparrilha, tem a japecanga. Eu trouxe uma bolsada, tá bem fresquinho, da salsaparrilha.”

“Nasci em Ibirubá, município de Cruz Alta, no mês de Dezembro de 1897, dia 20 de dezembro. Nós era colono, daí viemos no ano 17 para Água do Mel, Iraí hoje, no ano 20 nós moramo no Salto do Yucumã. No 19 nós tava em Herval Seco, já tavam falando da revolução, então o velho quis esconder nós. Nós era rapaziada, aí fomos lá no tal de Pedro Gabriel, subimos lá prá achar esconderijo. Então sou patrimônio do Parque, pioneiro de Portela. Antes da revolução nós morava no Parque, nós vivia de fazer rapadura, plantava muita cana, então a vida era muito barata naquele tempo, né, peixe a vontade, carne a vontade, plantá que dava, tinha feijão, porco. Até o tal de Antônio Marino Zanatta foi o primeiro comerciante que tinha, quando a gente morava na Boca da Picada, então ele foi prá lá prá nós fazer um canavial bem grande, ia ter uma fábrica de açúcar, fizemos uma casa, mas aí veio a revolução.”

FITA 7 Maio- Julho de 1995

“Esse é o urtigão, é prá urina, a raiz dele, e isso a gente come, é coisa boa o broto do urtigão, tem gosto de carne de gado.”

“É unha-de-raposa, é prá rim, o cipó-nó-de-cachorro é bem parecido com esse. Usa um tanto, vai na composição do remédio pro rim.”

“O ano 14 quando eu servi no exército, o tempo da guerra na Alemanha, a 1ª guerra, eu servi no Tiro Brasileiro, aquela fivela de metal, tinha T e B, então diziam Tropa de Burro. Tava em Cruz Alta. E depois que eu servi, nós tratamo de vê se vinha prá cá, pro sertão, aí no ano 18 nós viemos. No ano 17, como tá nessa Zero Hora, eu vim no lombo de burro, o burro era bem moço, então o alemão, Frederico Weber, então o finado meu pai puxava o burro eu ia no meio e o Frederico tocava o burro, dentro de 2, 3 dias já viajava sozinho no burro. Não existia Iraí nem Frederico. Era tudo sertão. E nós fomos até o Pequiri. Chamava Água do Mel, cavocava o barranco, saia os barril de enxôfre, prá remédio, tomava banho naquelas águas mornas, meio salobra, tinha enxôfre. Esse é outro causo que dá prá conta e o povo pode duvidar, como os bugre. Eu queria que tivesse uma pessoa prá justificar, mas quem é, agora ontem eu achei um homem, então ele disse que tem 80 anos mas eu acho que tem mais. Então com esse homem já dá prá conversar com ele. Mas é difícil encontrar um homem prá conversar. Oque tinha que foi meu companheiro na revolução de 23, ele morreu, os dois morreram, tanto o Manuel Barulho que era o apelido, mas ele era Manuel Constantino Nunes, então esse era da revolução de 23, mais moço, e o outro, que era mais velho do que eu, o tal de Frederico Firino, esse tava com 108 anos e ainda fazia empreitada, esse é que eu queria prosear com ele, mas já é morto. Eu não gosto de pega a pensar, prometi de não contar mais nada, ficar quieto, mas quando eu vejo já tô contando.”

“Porque eu era parteiro 23 anos, minha mãe era parteira, ela sabia, tinha muito entendimento, quando é prá indireita uma criança, naquele tempo não existia cesariana, a pessoa que tem entendimento indireita uma criança. Então quando a mulher não se despacha do companheiro da criança, compreende? porque a criança nasce numa bolsa, então aquilo estora, e o dianteiro que é o que vem primeiro antes da criança, então quando vem ele estora, umedece, fica pronto pra vim a criança daí na 2ª ou 3ª dor já vem a criança, então quando vem a criança fica aquele dentro e as vezes é o causo que tem que tirar, tem que botar a mão e puxar, mas tem que saber bulir lá, não é pegar tudo que achar e puxar, é como uma operação. Mas eu não tinha disso eu atendia com uma oração, eu fazia uma oração e logo em seguida deslinhava, mas as

vezes já infecçionava. As vezes tá mal a criança e tem que fazer voltar. Então lá tinha uma gurria, pois geralmente todo parteiro tem medo, mas não precisa ter medo. Tem medo que não nasça a criança, porque é menina nova e coisa, mas menina nova nasce mais ligeiro uma criança, só que ela seja muito fraca, nasce mais ligeiro que uma mulher madura. Porque depende da junta não depende do couro o que vai retardar, depende da junta que tá dura. Tem que abrir, porque a mulher não é que nem o homem, tem aquela junta que abre e fecha e as vezes fica com problema das cadeiras, não encaixa. Então quando nasce a criança aí despacha e tem que afumentar e calçar bem, bota no lugar. Aconteceu dum criança mata uma mulher, ficar ilhada nas tripas da mulher. Então quando a criança vem prá trás tem que arrumar a criança. Porque o carreiro é um só. Eu trabalhei como parteiro até pouco antes de entrar no Parque. E agora mesmo, como aconteceu agora depois que eu tô em Bicaco, atendi duas mulheres, uma eu indireitei a criança, e outra mandei pro médico.”

“Porque é remédio? É remédio porque é nascido do Çoita, e o Çoita é vermelho a casca, a casca é boa prá inflamação dos pulmão. E a erva-de-passarinho é prá isso, e prá urina frouxa, da folha faz um xarope ou prá tomar no chimarrão.”

“O espinho-de-Cristo é como um chá, prá gripe mesmo, a erva-de-cristo o efeito dela é pro homem que sofre de problema de espirituado, negócio de espírito, espírito maligni, isso aparece na mão da pessoa, na linha, toda a pessoa que tem encosto, faz coisa, diz coisa que depois se arrepende, sofre um arrepio, tem dias que se levanta irada, raiva, toma a folha da sombra-de-Cristo.”

“É do tipo do cipó-mil-homens. Tem cheiro? A mas então é!”

“É como eu digo tem lugar que tem um tipo de erva, e outro, tem outro, tem mais daquele. E esse negócio de erva-de-passarinho isso aí não é qualquer lugar que tem, não é todo Çoita que tem. É difícil, e conforme a propriedade da erva é a propriedade da erva-de-passarinho. O Angico, a erva-de-passarinho é pros pulmão. O Angico é o melhor xarope que tem, que mais força tem. A casca do Angico-vermelho. E as hortelãs são 6 tipos de hortelã e o demais força é o hortelã-pimenta. O Angico é bom prá cortar catarro, mata micróbio. Tinha aquele homem que tava servindo o exército e foi emagrecendo, emagrecendo, aí deram baixa nele, por causa que disseram que ele tava tuberculoso. E aí ele foi prá casa da velha dele, e a velha começou a tratar ele com gemada de flor de macela. Ficou novinho, novinho. Gemada com macela, e a flor da macela não é bom só pro pulmão, a flor da macela tem que cozinhar, numa vasilha alouçada em quantidade e tomar até banho. É bom até prá veia trancada, remove. Eu desconfio.”

FITA 7

Julho de 1995

“Essa tosse então não é de..., eu nunca tive gripe. Quando eu andava nos matos, que eu não fazia remédio, eu não tinha essa tosse. E vivia molhado, lajeado abaixo, lajeado acima. Depois que continuei a fazer remédio todo dia, sem cessar, aí sim, tomava remédio quente, tomava frio, quisuco, então isso aí foi que começou essa tosse. Agora eu tô me cuidando. Já foi quase..., já era pior, não podia nem tomar chimarrão que parece que tinha uma coisa na garganta, tomava chimarrão parecia que entrava uma ervinha, que ficava no cantinho, parece que tinha que tossi bastante prá tirar, é uma tosse seca sem catarro, e agora já tem catarro. Eu dou umas tossidas, e sai um catarro. Agora eu não fiz mais remédio, mas tinha que fazer. O sal amargo é o primeiro pro catarro seco. Eu nunca tive gripe, nunca soube o que é dor de barriga, negócio de congestão, dor de cabeça, isso aí é conversa, doença das vistas, essas coisinha, nunca tive reumatismo. Eu prá mim eu sô um guri, nessa idade eu garanto que saio de Bicaco e vou até Portela a pé.”

“Agora quantos dias eu passei caminhando nesses matos. A gente fica treinado, né? Agora rapaz novo já tá falando que tá fraco, perguntando de remédio. Mas credo! Mas é o caso da bergamota que eu falei. Come as bergamotas desde verdinha, quando chega a madurar não tem mais. Quantas entrevistas que perguntaram prá mim: Como é que o senhor tem essa idéia, conta

causo que aconteceu, parece que ontem? Como é que manteve? Sim eu mantive porque tem que poupar quando tem, porque quando a bolsa tá vazia não adianta.”

“Morrer de velho, o homem não morre de velho, um homem dura 300 anos, com 100 anos é jovem, mas hoje as doenças são muitas.”

“Tem campina na Argentina, no Paraguai não, lá tem lagoa. O bicho que mais gosta de campina é os bicho miúdo, bicho grande gosta do sertão.”

“Pois é, todo o tempo é bom, mas a gente tem que aproveitar porque o tempo é um só, se a gente perde aquele, outro não vem. Tanta gente que perde tempo. Agora a pessoa tem muito interesse, mas tem que aproveitar, o maior proveito que tem que aproveitar é o dom. Porque a pessoa sem dom não adianta nada. Se não tiver dom não continua na profissão. Tem que ter dom prá ter amor na profissão. E muita gente pergunta porque eu não ensinei nenhum filho meu a dá remédio. Pois é mas nenhum tem o dom. Tenho um filho mestre de música. Esse mora na Argentina. Ele queria aprender a tocar violão e eu não ensinei. Não quis ensinar porque eu tinha, o primeiro filho eu ensinei, finado meu pai era violero, esse faleceu, aí eu ensinei o outro e ele também faleceu. Aí esse que agora é mestre de música pediu prá mim ensinar, eu digo, eu não vou ensinar, porque eu fui sem sorte, aí eu ensinei o neto, e o neto toca violão, toca melhor que eu.”

“Fui tropeiro muitos anos, muita bruaca ombreei, ora. Trabalhava nos mato, fui guarda eu e o finado Rosalino.”

“Quando eu tô nervoso, me falta as vista, dá problema nas perna, parece que treme, dor nas cadeira, pontada, eusei que na primeira vez que eu fui a Porto Alegre, eu consultei com doutor, ele me deu 5 tipos de remédio, só prá nervo, aí perguntei: Mas quanto tipo de nervo tem? “Tem 5 tipo”. Pois eu achei mais um. E assim é o figado. Tem gente que chega na farmácia: Tem remédio pro figado? Tem. Mas ele não sabe qual é o tipo de figado. Que figado tem 11 tipos. Tem figado que pode beber cachaça, tem figado que come leitão, outro não pode, outro não come gordura, pois eu como até toicinho e eu sofro do figado.”

“Tenho certeza, no tempo que nós dava remédio, aqueles Cruz Vermelha, Souza Soares, eu tinha 2 tios e minha mãe que tratava com aquele remédio. Nós curava, daí que aprendi. Via o corpo humano no autor, peça por peça. Cada peça com um número. E agora passou prá comprimido, cuidado. Tinha até uma flor dobrada, essa é veneno, e uma não dobrada, essa é remédio, mas e sabe já trataram com a flor dobrada e prejudicou o doente. O doutor um pouco consulta e se interessa, mas o remédio é que não presta. Tinha o tônico Savol, aquilo é prá urina, criança que urina na cama, perde sangue pelo nariz, isso é sangue fraco. Então não chegava a tomar um litro daquilo tava bom. E hoje tomar o tal tônico Savol serve prá comer com pão, uma guarapa, não tem nada. Não cura nada. Tinha um remédio prá quando dá uma congestão, dá uma febre alta na pessoa, quando dá uma congestão seca a veia, que nós temos 7 veias na cabeça. E secando uma veia daquela já é o caso de perder, não fica legal a mente mais, dá esquecimento, falta de memória, que é o que tem esta guria que eu tenho, que eu peguei prá cura. Esse Iripigol, esse era remédio florão, Elixir de Nogueira também florão, tudo aquilo hoje não cura mais nada, mal e mal dá uma melhorada. Quando tinha aquele Óleo de figado de Bacalhau, onde é que tá esse? Não tem mais. Aquele remédio “Duarte Craime”(?), aquilo era especial, pessoa que perdeu o gástrico do intestino. Hoje não tem mais. Hoje tem que fazer remédio daquela tripa seca, tem que fazer o Duarte Craime da raiz do funcho, Colhão-de-veado, e todos os temperos. Eu curei o meu guri, que tinha tomado leite ruim, que ficou, que tava sentadinho assim comia e ruhhh. Perdeu o gástrico ficou com diarreia, esse o Antônio, que mora em Derrubadas, ele nasceu na Argentina, no Paraíso. Eu tenho 5 filho morto. Tenho 26 filhos e meio. Esse meio nasceu morto. O mais novo é uma filha, tá com 19 anos e mora em Novo Hamburgo. Tem uma morta. Neto eu acho que tem cento e pouco. Faz 6 anos que eu fui na Argentina, San Vicente, lá eu tenho 3 neta, essas três neta tudo tem filho, filharada, filho homem. Bisneto tinha 23. E agora que desandou um bando lá em Novo Hamburgo. Agora tataraneto tem 2. E ainda puxou minha raça, 6 dedos, tigrero. Cachorro quando tem dedo perdido é tigrero, aqui do lado. Isso é os Martins, eu tenho 4 raça, Martim, Martins, Martinez, é uma raça de paraguaio. Minha vó era paraguaia. Ela dava remédio, pois essa que me ensinou! Era parteira e eu fiquei parteiro. Era índia, meu avô era índio

com negro, mas a velha era mais entendida de erva. A finada minha mãe que tinha mais inteligência com o negócio de chá, ela não fazia xarope. Xarope já fui eu que comecei com a família. No ano 22. Que eu dei remédio com homeopatia e tintura, mas era muito fraquinho. Remédio Cruz Vermelha que era muito bom, e depois tivemos que receita com homeopatia, mas aí já tava vindo prá costa do Uruguai. Mas esses remédinho, chegavam fumando um palheiro ou alguma comida mais forte tirava o efeito do remédio. Aqui as comida tudo é forte, tudo nos mato aí, tudo é forte. E a erva não tem, quase não tem dieta e nada, a erva é uma coisa natural, que pode usar a erva, mas tem que tomar o remédio como é preciso”

10. INDÍCE REMISSIVO

A

Abrofo, 53; 65; 78
Acacia bonariensis Gill. ex Hook. et Arnott, 54; 69; 85; 99; 113
 Acanflor, 55; 70; 78
Achyrocline alata (HBK)DC., 77
Achyrocline vauthieriana DC., 53; 67; 77; 99; 118; 146
 Açoita-cavalo, 60; 61; 65; 95
Actinostemon concolor (Spreng.) Mull.Arg., 22; 53; 67; 81; 99; 112; 153
Adiantopsis chlorophylla (Sw.)Fée, 53; 69; 72; 99; 151
Adiantum pseudo-tinctum, 53; 65; 72; 99; 118; 151
 Alfavaca, 54; 65; 83
Aloysia citrodora Palau, 55; 70; 96; 103; 116
Aloysia triphylla, 96
 Amora-do-mato, 54; 90
 Amora-preta, 65
Anchietea parvifolia Hallier, 55; 66; 97; 99; 104; 113; 155
 Angico-vermelho, 22; 35; 40; 60; 65; 85
Apuleia leiocarpa (Vogel)Macbride, 54; 67; 84; 99; 112
Arecastrum romanzoffianum(Cham.) Becc, 88
Aristolochia triangularis Cham., 53; 66; 75; 99; 114; 151
 Arnica-do-mato, 53; 65; 78
 Arruda, 41; 55; 65; 68; 70; 91
Artemisia alba Turra, 55; 70; 78; 103
Artemisia camphorata, 78
 Avenca, 53; 65; 72

B

Baccharis anomala DC., 53; 68; 75; 99; 151
 Baicuri, 52; 54; 59; 60; 65; 90
Bauhinia candicans, 84
Bauhinia forficata Link., 54; 68; 84; 99; 112; 114
 Beldroega, 54; 65; 90
Blainvillea biaristata DC., 53; 66; 77; 99; 151
Britoa guazumaefolia, 87
Bromelia balansae Mez, 53; 66; 79; 99
Brunfelsia cf. *australis* Bentham, 55; 68; 93; 99
Bulbostylis capillaris (L.)C.B.Clark, 53; 68; 81; 99; 152

C

Commelina virginica auct. non L., 80
Cabralea canjerana (Vell.)Mart., 54; 65; 87; 99; 118; 154
Cabralea glaberrima A. Juss., 87

Cabreúva, 40, 54; 59; 62; 65; 66; 67; 68; 85; 166
 Cafézinho, 61; 82
 Camboatá-vermelho, 54; 65; 92
Campiloneurum major (Hieron. ex Hicken) Lellinger, 54; 69; 89; 99; 154
Campomanesia guazumifolia (Camb.) Berg, 54; 69; 87; 99
 Cana do Brejo, 62; 84
 Canchalágua, 54; 65; 83
 Cancorosa, 53; 59; 65; 67; 79
 Cangerana, 54; 65; 87
 Capim-cidró, 55; 70; 89
 Caraguatá, 53; 66; 79
Carica dodecaphylla, 79
Carica spinosa, 79
 Carne-de-vaca, 55; 66; 94
 Caroba, 53; 66; 79; 159
 Carvalinho, 53; 61; 82
Carya illinoensis (Wangh)Koch, 55; 70; 83; 103
Casearia decandra Jacquin, 67; 82; 99; 118; 153
Casearia silvestris Sw., 53; 66; 82; 99; 117; 118; 153
Cayaponia martiana (Cogn.) Cogn., 53; 69; 80; 100; 152
 Cedrilho, 54; 66; 87
Celastrus spinifolius, 79
Celtis iguanea (Jacquin)Sargent, 55; 69; 95; 100; 155
 Chá-de-bugre, 61
 Chapéu-de-couro, 53; 66; 73
Chaptalia nutans (L.)Polak., 53; 65; 78; 100; 151
Chrysophyllum marginatum (Hook. et Arn.)Radlk., 54; 69; 92; 100; 117
 Cipó-de-pica-pau, 54; 66; 89
 Cipó-guaimbé, 42; 53; 66; 74
 Cipó-mil-homens, 39, 59; 61; 62; 66; 75
 Cipó-prata, 55; 59; 66; 76
 Cipó-suma, 55; 59; 64; 66; 97
Citrus sinensis Osbek, 55; 70; 92; 103
 Colhão-de-veado, 60; 66; 93
Commelina erecta L., 53; 69; 80; 100; 152
 Coqueiro-vermelho, 42, 54, 66; 88
 Cordão-de-frade, 55, 70, 84
Cordyline dracaenoides Kunth, 54; 69; 86; 100; 118
 Corona, 84
Coronopus didymus (L.)Smith, 53; 68; 80; 100
 Corticeira, 54; 66; 86
Cunila microcephala Bentham, 54; 68; 83; 100; 118
Cupania vernalis Camb., 54; 65; 92; 100; 112
 Cuvitinga, 55; 94
Cymbopogon citratus (DC.)Stapf, 55; 70; 89; 103; 116
Cyphomandra kleinii, 93
Cyphomandra corymbiflora subsp. *corymbiflora* Stendtn., 55; 66; 93; 100; 114; 118; 155

E

Echinodorus grandiflorus (Cham. et Schlecht.) Mill., 53; 66; 73; 100
Elephantopus mollis H.B.K., 53; 69; 77; 100; 152
 Erva-cidreira, 96
 Erva-cutia, 54; 67; 91
 Erva-de-bugre, 53; 66; 82
 Erva-de-lagarto, 54; 67; 91
 Erva-de-mingua, 53; 66; 77
 Erva-de-passarinho, 55; 61; 67; 97
 Erva-de-pica-pau, 41; 47
 Erva-de-Santa-Luzia, 80
 Erva-lanceta, 53; 67; 75
 Erva-mate, 53; 67; 74
Erythrina falcata Benth., 54; 66; 86; 100
 Espinha-de-carneiro, 53; 67; 78
 Espinheira-santa, 53; 79
 Espinho de Cristo, 50; 90
 Esporão-de-galo, 95

F

Foeniculum vulgare Mill., 55; 70; 74; 103
 Fumo-Bravo, 55; 67; 94
 Funcho, 47; 55; 60; 64; 66; 70; 74

G

Gervão, 55; 67; 96
 Gervão-da-horta, 96
Gleditsia amorphoides (Griseb.) Taubert, 54; 69; 84; 100
Gochnatia ramboi Cabr., 53; 70; 77; 100; 114; 118; 152
 Grápiã, 22, 54; 67; 84
 Guaçatunga, 62; 66; 67; 82; 157
Guarea lessoniana A. Juss., 87
Guarea macrophylla Vahl, 54; 66; 87; 100; 154

H

Herreria montevidensis Klotzsch ex Griseb., 54; 69; 86; 98; 100; 114; 153
 Hortelã-Branca, 55; 70; 84
Hydrocotyle leucocephala Cham. et Schlecht., 53; 68; 73; 100; 151

I

Ilex paraguariensis St. Hil., 53; 67; 74; 117; 133; 136; 139; 140

J

Jaborandi, 54; 91

Jacaranda intermedia, 79
Jacaranda micrantha Cham., 53; 66; 79; 100; 118; 139; 152
 Jacaratiã, 53; 67; 79
Jacaratia dodecaphylla, 79
Jacaratia spinosa (Aubl.) DC., 53; 67; 79; 101
 Jaguarandi, 54
 Japecanga, 54; 59; 67; 93
 Joá-manso, 67; 93
 Jumbaba, 94
 Jurubeba, 70; 94

L

Laranja, 55; 70
 Laranjeira, 92
 Laranjeira-do-mato, 67; 81
Leonotis nepetifolia (L.) R.Br., 55; 60; 70; 84; 103; 109
Leonurus sibiricus L., 55; 70; 83; 117; 153
Luehea divaricata Mart. et Zucc., 55; 65; 95; 101; 114

M

Macela, 53; 67; 77
Macfadyena sp., 53; 69; 79; 101
 Manacá, 55; 68; 93
Margyricarpus pinnatus (Lam.) O.Ktze., 54; 65; 90; 101; 114; 154
Margyricarpus setosus Ruiz et Pavon, 90
Maytenus ilicifolia Mart. ex Reissek, 53; 65; 79; 101; 104; 114; 115; 117; 127; 131; 132; 133
 Menstruz, 53; 68; 69; 70; 80
Mentha cf. *villosa-nervata*, 55; 70; 84; 103
Microgramma squamulosa (Kaulf.) De La Sota, 54; 66; 89; 101; 154
Myrocarpus frondosus Fr. Allem., 54; 65; 85; 101; 153

N

Nogueira, 55; 69; 70; 83; 168

O

Ocimum selloi Benth., 54; 65; 83; 101; 153
 Olho-de-pomba, 45; 54; 59; 68; 86
 Orelha-de-mico, 53; 68; 73

P

Paraguaia, 26; 42; 97
Parapiptadenia rigida (Benth.) Brenan, 54; 65; 85; 101; 112; 118
 Pariparoba, 54; 68; 88
 Pariparobão, 54; 68; 88

Parreirinha, 53; 68; 75; 161
 Pata-de-vaca, 54; 68; 84
 Pau-de-lança, 54; 87
 Pêlo-de-porco, 53; 68, 81
Philodendron bipinnatifidum (Schott) ex Endlicher,
 53; 66; 74; 101; 118
Philodendron selloum C. Koch, 74
Phoradendron holoxanthum Eichler, 55; 67; 97; 101;
 155
Phyllanthus niruri L., 53; 68; 81; 101
Pilocarpus pennatifolius Lem., 54; 68; 91; 101; 118;
 155
Piper gaudichaudianum Kunth, 54; 68; 88; 101; 154
Piper mikanianum (Kunth) Steud., 54; 68; 88; 101;
 154
 Pipi, 55; 93
Piptocarpha sellowii (Sch.-Bip.) Baker, 53; 66; 76;
 101; 152
Plantago ssp., 55; 70; 89; 103
 Poejo, 54; 65; 67; 68; 83
 Primavera, 55; 93; 164
Pterocaulon alopecuroides (Lam) DC., 68; 53; 76;
 101; 151
Pterocaulon polystachyum DC., 53; 68; 76; 102; 151

Q

Quebra-pedra, 53; 68, 81
 Quina-do-mato, 54, 68, 90
 Quitoco-branco, 53; 68, 76
 Quitoco-verde, 53, 68, 76

R

Rabo-de-arara, 54, 69, 89
Randia armata (Sw.) DC., 54; 68; 90; 102; 109
Richardia brasiliensis Gomes, 54; 67; 91; 102; 154
 Roxinha, 55; 97
Rubus urticifolius Poir., 54; 65; 90; 102; 113; 155
 Ruibarbo, 52; 54; 60; 62; 64; 69; 70;

S

Salsaparrilha, 54; 59; 66; 69; 70; 86
 Samambaia-seca, 53; 69; 72
 Santos-filho, 55, 70; 83
 Sete-capotes, 54; 69, 87

Anexos

Smilax campestris Griseb., 54; 67; 93; 102; 114;
 118; 155
Solanum cf. *paniculatum* L., 55; 70; 94; 103
Solanum mauritianum Scop., 55; 67; 94; 102; 155
Solanum sanctae-catharinae, 55; 67; 93; 102
Solidago chilensis Meyen, 53; 67; 75; 102; 152
Stachytarpheta cayennensis (Rich.) Vahl, 55; 67; 96;
 102; 115; 117
Strychnos brasiliensis (Spreng.) Mart., 54; 68; 86;
 102; 154
Styrax leprosum Hook. et Arn., 55; 66; 94; 102; 117;
 155
 Sucará, 54; 69; 84
 Suçuaia, 53; 69; 77
Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassm., 66; 88;
 102; 111; 113
Sysirinchium vaginatum Spreng., 54; 65; 83; 102;
 153

T

Taiuiá, 53; 69; 80
 Taleira, 55; 69; 95
Talinum paniculatum, 90
Talinum patens (Jacq.) Willd., 54; 65; 90; 102
 Tansagem, 55; 70; 89
 Trapoeraba, 53; 65; 69; 80
Trimezia sp., 54; 69; 82; 102; 153

U

Unha-de-gato, 54; 61, 69; 85
 Unha-de-raposa, 53; 64; 69; 79
Urera baccifera (L.) Gaudich., 55; 69; 96; 102; 155
 Urtigão, 55; 68; 69; 96

V

Varana, 54; 69; 86
 Vassourinha, 54; 69; 92
 Velame-branco, 53, 70, 77

X

Xanthium cavanillesii Schouw., 53; 65; 78; 102; 152
Xanthium spinosum L., 53; 67; 78; 102; 152

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE AGRONOMIA
DEPARTAMENTO DE HORTICULTURA E SILVICULTURA
Cx. Postal 776 CEP 91.501-970 Porto Alegre, RS
Fone 051 316 6020 Fax 051 336 1211
E-mail: DHS @ VORTEX.UFRGS.BR

PARECER

A dissertação " Plantas medicinais do Alto Uruguai - RS, conhecimentos de João Martins Fiúza, Sarampião", de Rodrigo Gastal de Magalhães, apresenta um texto de excelente qualidade. No entanto, considerando-se que foi uma pesquisa de certo modo pioneira, seria interessante que o autor tivesse feito algumas considerações sobre os métodos utilizados, dificuldades encontradas, necessidade de adaptações, etc. Por outro lado, na leitura da dissertação em apreço, em vários momentos, fica claro que algumas espécies não puderam ser coletadas e/ou identificadas. Acredito que seria interessante quantificá-las e listá-las, mesmo que só pelos nomes populares. Também mereceria um comentário do porque destes impedimentos: difícil acesso ? espécies muito raras ? exiguidade do tempo para coletas ?

Acima de qualquer comentário crítico, deixo claro que o trabalho é de inestimável valor acadêmico e científico.

Porto Alegre, 7 de maio de 1997.



Profª Ingrid B. I. de Barros

Plantas Medicinais na Região do Alto Uruguai -RS: Conhecimentos de João Martins Fiúza, "Sarampião".

Autor: Rodrigo Gastal de Magalhães

Parecer

A tese resgata o conhecimento etnobotânico, particularmente no que se refere as plantas medicinais, de um personagem de reconhecida fama enquanto curandeiro na região estudada. O trabalho é amplamente justificado, uma vez que tem sido reiteradamente enfatizada a necessidade de se cobrir as lacunas de registro sistemático de informações populares associadas à flora útil em geral, e medicinal em particular. Especialmente no Rio Grande do Sul, a ausência de registros científicos nesta área contrasta com a tradição em Botânica sistemática e consciência ambiental.

É digna de nota a conceituação e análise da evolução da disciplina de etnobotânica, refletindo o grau de envolvimento do aluno com o objeto de estudo. Destaca-se também o cuidado e a extensão com a caracterização da região e da formação cultural do informante. Visto que a compreensão do contexto cultural é essencial para quaisquer que sejam as análises feitas a partir dos dados levantados com informantes no contexto da etnobiologia, o esforço dispendido com a contextualização fica recompensado e reflete-se na qualidade da análise de dados. Cabe também destacar a diversidade de métodos usada para a coleta dos dados.

Assim a metodologia usada, a extensão e qualidade da revisão bibliográfica, a qualidade e trato dos dados coletados são amplamente satisfatórios e justificam plenamente a concessão do título de Mestre para o autor. A meu ver não resta nenhuma dúvida de que se trata de um trabalho de etnobotânica de excelente qualidade. Os resultados deste trabalho – com sugestões críticas para sua continuidade por outras disciplinas -- mostram drasticamente a realidade da perda cultural irreparável que se intensifica com descaso acadêmico em relação ao saber popular.

Em 30/04/97
Rodrigo Gastal de Magalhães



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

PARECER - DISSERTAÇÃO DE RODRIGO GASTAL DE MAGALHÃES

Prof. Dr. Vicente Wagner Dias Casali
Membro da Banca Examinadora

Com base na leitura e avaliação do texto da dissertação apresento o parecer que se segue:

1) Atualidade e consistência da Revisão Bibliográfica

A revisão possui conteúdo coerente com o tema, dá sustentação aos propositos do trabalho com referenciais de valor e pertinência aos objetivos da dissertação.

2) Uso de metodologia compatível com os objetivos propostos

Não menosprezando as demais partes do trabalho, a metodologia está muito bem assentada: documentada, oferecendo, inclusive, bases para uma nova tese exclusivamente sobre Percepção Diagnóstica, na área de Psicologia. É impressionante o relatório e o documentário objetivo e que estrategicamente ficam muito bem concretizado no apêndice da dissertação. É aconselhável que o autor faça uma comparação bem linear e textual do que se encontra escrito os objetivos com as conclusões para dar maior coerência e evitar a interpretação de que se idealizou é diferente do que foi concluído.

3) Análise de dados e interpretação de resultados

O trabalho está muito bem elaborado no que tange essa análise e interpretação de resultados. O autor explorou muito bem o conhecimento adquirido indiretamente via entrevista. A leitura da fala, sob o ponto de vista etnobotânico, foi cuidadosa, foi técnica e foi fiel aos valores do entrevistado que é rico de experiências culturais.

4) Relacionamento dos resultados com informações atuais e conclusões.

Novamente foi percebido que a dissertação contempla a ligação da fala com a escrita, dos fatos com a experiência e da publicação científica disponível com a cultura popular. Não foi uma tarefa fácil obter a consolidação do conhecimento popular com a experiência científica mas o autor teve escrito nessa etapa também. A leitura dos relacionamentos passa segurança e isso é muito importante para o trabalho.

As conclusões devem ser revistas para seguir mais de perto os objetivos propostos.

Casali



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

5) Qualidade de relação: Clareza, Objetivo e Seqüência.

O texto está bastante compreensível em termos de vocabulário, elaboração das frases e períodos, encadeamento dos parágrafos e sub-itens, e as divisões do conteúdo.

Não foi percebido nada que necessitasse reparos, exceto algumas distrações do autor ao ser pessoal como "destacamos", no lugar de "destaca-se" e/ou "pode ser destacado". As tabelas foram muito bem estruturadas e estão muito ricas de informações. As fichas das espécies estão cuidadosamente digitadas e organizadas revelando a responsabilidade do autor com a base botânica do trabalho.

6) Apresentação geral, qualidade de figuras e tabelas

O trabalho está muito bem apresentado com boa qualidade do texto, de figuras e tabelas. Não constatei nenhuma modificação, exceto a revisão das conclusões porém que sejam mais compatíveis com os objetivos.

Viçosa, 07 de maio de 1997.

A assinatura manuscrita de Vicente Wagner Dias Casali, escrita em uma caligrafia cursiva.

Dr. Vicente Wagner Dias Casali

RESPOSTA AOS PARECERES

Parecer da Prof^a Ingrid B. I. de Barros

Acerca das plantas utilizadas por João Martins Fiúza, Sarampião que não puderam ser coletadas e identificadas:

NOME POPULAR	TAXON PROVÁVEL	Uso Medicinal	HABITAT
Pau-amargo, Quássia	Cf. Simarub.	Disenteria, azia	Floresta/Entrecasca
Velame-vermelho		Depurativa	Campo/Org. subterrân.
Douradinha	Cf. Waltheria	Bronquite	Campo
Erva-tostão		Febre	Invasora em cultivos
Cipó-chumbo	Cf. Convolvul.	Insolação	Epífita na floresta
Sangue-de-Draco	Cf. Euphorb.(Croton)	Coração	Floresta
Jalapa		Infecção de feridas	Campo
Mamica-de-cadela	Cf. Rutaceae	Reumatismo	Floresta / Raiz
? (flor vermelha e amarela-campainha)	Cf. Malvaceae	Coração	Floresta
Samambainha-rosa		Para criança q. bebe água do parto	Epífita em açoita-cavalo / Planta toda
Orquídea-perfumada			Epífita na floresta
Lima	Cf. Citrus	Para emagrescer	Cultivada
Cardo-santo	Asteraceae	Catarro seco, pulmão	Ruderal /Flor e folha
Coentro	Apiaceae	Febre do tifo	Horta / Folha
Alevante	Lamiaceae	“Corrupção”, sono demasiado de fundo nervoso	Horta / Planta toda

Esta espécie de utilização comentada por Sarampião não foram possíveis de ser coletadas nas saídas a campo realizadas por nós devido as mais diferentes causas. No caso de espécies florestais se levanta a hipótese de que seriam espécies de floresta mais integras, áreas que não foi possível alcançar com a presença do informante. Em relação as espécies do campo seriam necessárias um maior número de saídas para este habitat que não se realizaram devido a que maior prioridade foi dada ao ambiente florestal, as espécies da horta não estavam mais sendo cultivadas.

Parecer da Profa. Dra. Elaine Elisabetsky

Só tenho de agradecer a professora Elaine pelo inestimável auxílio dado a este trabalho que muito facilitou a elaboração do mesmo.

Parecer do Prof. Dr. Vicente W. D. Casali

Quanto ao remodelamento das conclusões:

7. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito dos conhecimentos e práticas médicas de João Martins Fiúza e das plantas medicinais da região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul constatou-se:

Quanto as espécies, gêneros e famílias utilizadas por Sarampião:

- foram identificadas 86 espécies vegetais utilizadas, de 80 gêneros e 45 famílias botânicas diferentes, entre pteridófitas, monocotiledôneas e dicotiledôneas. Foram identificadas 74 espécies nativas e 12 espécies exóticas, entre cultivadas e ruderais.

Sobre a parte utilizada da planta, composição e preparo dos remédios:

- as parte mais utilizadas das plantas foram as folhas, seguidas da epiderme interna de árvores e arvoretas, a planta toda e as raízes. A principal forma de preparação dos remédios eram os xaropes que envolviam decocção lenta, aquosa e alcoólica, mais adição de açúcar e temperos (cravo e canela). Nestas composições entravam várias plantas (até mais de uma dezena) com diferentes finalidades e formas de atuação no organismo.

Quanto ao habitat e hábitos das espécies identificadas:

- a maior parte das espécies utilizadas (65spp.) é oriunda da Floresta Subtropical, sendo utilizados todos os estratos desta floresta. São utilizadas ervas, arvoretas, árvores, arbustos, cipós e epífitas. Esta amplitude indica um conhecimento aprofundado desta formação vegetal, o que remete à cultura Guarani e põe em relevo a importância do Parque Estadual do Turvo na preservação da flora medicinal desta formação vegetal. Outros habitats também merecem destaque, como a utilização de plantas do campo nativo. Sugere-se um trabalho com espécies medicinais deste habitat, que não é, até o momento, protegido por nenhuma unidade de conservação.

Sobre as percepções de saúde e doença, formas de consulta e diagnóstico utilizadas:

- as percepções de saúde e doença estão intimamente ligadas à época e ao local do aprendizado. Da mesma maneira que as formas de consulta e diagnóstico, elas remetem a influências reconhecíveis: a Guarani, no diagnóstico pelo pulso e nas plantas florestais utilizadas; influência dos imigrantes europeus nos livros, na formação de boticário e nas plantas cultivadas; influência ibero-americana na concepção de doenças e nas espécies medicinais de distribuição em todo o continente.

Sobre o grau de estudos das plantas nativas:

- das 74 plantas nativas utilizadas foram encontradas referências fitoquímicas para 39 delas. No entanto para muitas destas foram realizadas apenas "screenings" preliminares. Desta forma não é possível dizer que tenham sido estudadas suficientemente. Foram encontradas referências farmacológicas para 30 espécies das 74 nativas utilizadas. Apesar de iniciais estes estudos vêm comprovando ação biológica nas plantas e o acerto dos usos populares.

Sobre a utilização medicinal das plantas em outras regiões e países.

Para 62 das 74 espécies nativas, foram encontradas citações de uso medicinal em outras localidades. Destas, 46 são usadas no Brasil, 33 no RGS, 25 na Argentina, 14 no Paraguai, 10 no Uruguai, ocorrendo usos medicinais no Chile, Bolívia, Nicarágua, Guiana Francesa, México, etc...

Infelizmente, a urgência da documentação do profundo conhecimento de Sarampião se fez notar, pois este veio a falecer durante a execução do trabalho. Espera-se que este trabalho tenha documentado a altura o rico conhecimento desta figura ímpar e sirva de estímulo àqueles que desejem investigar a relação entre homens e plantas.

Acerca da pergunta feita no momento da dissertação:

Erva-de-lagarto – verônica – Picada de cobra

Aipo-salsa – Acônito – Tétano

Picão-do-reino – Arsênico – Congestão

Rodrigo Justel de Magalhães
Porto Alegre 02/10/1997